



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR SUPERINTENDÊNCIA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR, FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ELENILDA ALVES BRANDÃO

O ADOLESCENTE (DES) CONECTADO EM TEIAS DE RELAÇÕES

Salvador
2023

ELENILDA ALVES BRANDÃO

O ADOLESCENTE (DES) CONECTADO EM TEIAS DE RELAÇÕES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar, Família na Sociedade Contemporânea, para obtenção do título de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Linha de pesquisa: Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Dra. Gilca Oliveira Carrera

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Fornasier

Salvador
2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSAL. Biblioteca

B817 Brandão, Elenilda Alves

O adolescente (des)conectado em teias de relações / Elenilda Alves Brandão.–
Salvador, 2023.
216 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Família nas Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Gilca Oliveira Carrera.

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier.

1. Adolescência 2. (Des)conexão 3. Família 4. Escola I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Carrera, Gilca Oliveira - Orientadora III. Fornasier, Rafael Cerqueira – Coorientador IV. Título.

CDU 316.356.2-053.6

TERMO DE APROVAÇÃO

Elenilda Alves Brandão

"O ADOLESCENTE (DES) CONECTADO EM TEIAS DE RELAÇÕES"

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 23 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Gilcarrera

Prof.ª Doutora Gilca Oliveira Carrera (Orientadora – UCSAL)

Rafael Cerqueira Fornasier

Prof. Doutor Rafael Cerqueira Fornasier (Coorientador - UCSAL)

José Luis Sepúlveda Ferriz

Prof. Doutor José Luís Sepúlveda Ferriz (UCSAL)

Livia Alessandra Fialho da Costa

Prof.ª Doutora Livia Alessandra Fialho da Costa (UCSAL)

Jussara Almeida Midlej
Prof.ª Dr.ª Jussara Midlej

Prof.ª Doutora Jussara Almeida Midlej Silva (UESB),

Ana Kátia Alves

Prof.ª Doutora Ana Kátia Alves (UFBA)

Aos meus pais não alfabetizados, com todo o meu amor, Manoel Assis Brandão (*in memoriam*) Geny Alves Brandão.

Eis que aos 8 anos ele foi doado por seus familiares a um fazendeiro para ajudar na lida da terra e ela, cedida a ele em casamento pelos seus irmãos, meus tios, aos 13. Não tinham sequer documentos, mas deles nasceu a minha família.

Nenhum dos dois jamais tocou os pés numa escola, mas nenhum dos nove filhos ficou longe desta. Sendo eu, a quinta filha, na ordem das mulheres, ajudo a modificar essa história. Agora vou ser doutora. Por eles, por mim, pelas gerações que morreram sem a oportunidade de estudar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Autor da minha vida.

Ao meu Metre Jesus e sua mãe, Maria, pela permissão e proteção em todos os passos deste processo.

A minha família, pelas lições mais fortes e necessárias que desenharam o meu viver: coragem, dignidade e fé.

As minhas filhas Júlia Brandão; Cássia Brandão e Nelciara Jesus por me ensinarem tanto.

Aos meus irmãos e irmãs por jamais terem soltado a minha mão.

Ao meu esposo, Rosenildo Farias, por sua infatigável dedicação e amor.

A minha orientadora, Gilca Carrera, pela incansável dedicação, partilha e cuidado. Ao meu coorientador, professor, Dr. Rafael Fournasier por suas bençãos, apoio e amparo.

Aos colegas de classe de todos os tempos, pelas partilhas de materiais, ideias, emoções, gestos e palavras.

Aos meus colegas do doutorado, Agenor, Antônio José, Fenanda, Polly Resende, César, Celi e Aline, por não permitirem que essa caminhada fosse solitária.

A professora Jussara Medley por me dizer com um só olhar, vá!

A minha (des)orientadora do Mestrado em Educação, professora Dr.^a Helenise Cristina Pires de Andrade, pelo SIM que mudou a minha rota e me trouxe até aqui.

Aos diretores, funcionários e professores das escolas que formaram nosso campo de investigação pelo acolhimento e disponibilidade.

Aos meus colegas e amigos de trabalho pela troca, apoio e incentivo constante.

Ao meu AMIGO de toda vida, Ricardo Adeoblandino, pelas leituras, partilhas e cuidado.

Aos psicólogos (as) Jéssica Bacelar e Fredson Mendonça pelo apoio à minha pesquisa.

Aos meus amigos Thompsom, Edna, July e Georgelita Bacelar pelo amparo, acolhida, cafés e abraços.

A Cecilia Pereira (*in memoriam*) por sua vida dedicada à educação.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Leur Lomanto, por me fazerem quem me tornei.

A Rose Batista por seu amor extraordinário.

Aos diretores e colegas de profissão das escolas que compuseram o meu campo de pesquisa.

Aos adolescentes participantes da pesquisa e seus familiares por me permitirem adentrarem em seus mundos e encherem minhas mãos de riquezas em formas de palavras, olhares e silêncio.

A filosofia por (re) existir.

A Gilles Deleuze e Félix Guattari por não permitirem o esbarramento do fluxo do filosofia.

E a Paulo Freire por desenhar com suas palavras um modelo possível de educação de humanos para os humanos.

Elenilda Alves Brandão

“Entre o real e o ideal há um caminho que não está pronto [...]” (GILMARA BELMON, 2022).

“As telas podem ser asas podem também engaiolar enredam relações virtuais que podem nos desumanar sem os pulsares do coração da flor do laço do abraçar.” (MIGUEL ALMIR, 2022).

RESUMO

Esse estudo busca identificar e analisar as teias relacionais dos adolescentes em meio à conectividade na realidade contemporânea, procurando destacar as modificações que as TICs vêm interferindo na dinâmica das relações interpessoais construídas/ demolidas pelos adolescentes. Os participantes da pesquisa, adolescentes do sexo feminino e masculino e nenhum declarou ter outra orientação sexual. Foram estudantes de uma escola da rede pública de ensino (ERPU), e outra escola particular (EPR) de uma cidade do interior da Bahia. Buscou-se analisar, sob a tríade familiar-educacional-social, a intervenção das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) entre os espaços dialógicos ocupados/desocupados pelo adolescente (des) conectado, ou seja, que se desconectam da realidade e se conectam a outras, especificamente a partir do uso do instrumento mais utilizado por este público, o celular. Tomou-se por referência algumas demarcações teórico-filosóficas, cujas inserções contextualizam conceitos como: diferença, (Deleuze; Guatarri); adolescência(s) (Calligaris); família, TDIC, (Harari) relações, educação/dialogicidade, (Paulo Freire). Trata-se de uma abordagem qualitativa exploratória. Qualitativa quando ressalta as experiências humanas nos ambientes onde acontecem, englobando as suas complexidades no terreno das inter-relações experienciadas pelos sujeitos na vida real (MINAYO, 2008). Exploratória, pois, instiga um fenômeno pouco investigado, buscando salientar fatos ainda não revedo sobre o mesmo (GIL, 2002). O estudo aconteceu no recorte histórico contemporâneo no período pré-pandêmico e pandêmico, o que resultou numa leitura da realidade experienciada pelos adolescentes intrinsecamente relacionados nos eixos: relações, TICs e a pandemia da COVID-19. Participaram da pesquisa 14 adolescentes, 8 estudantes da (ERPU) e 6 da (ERP), com idade entre 14 e 17 anos. Por possibilitar a abordagem de questões objetivas e subjetivas e favorecer a expressividade livre dos participantes, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, o instrumento de pesquisa, o roteiro de entrevista com cerca de 14 perguntas objetivas e subjetivas, audiogravadas e transcritas. O tratamento dos dados coletados seguiu a análise de conteúdo sob a visão de Bardim (2002). Em seu conjunto, os resultados apresentam influências das TDIC como aproximações/distanciamentos nas relações instituídas pelos adolescentes no contexto pandêmico; contradições na realidade sociopolítica, tal como acessos aos bens tecnológicos.

Palavras-chave: Adolescência. (Des) conexão. Família. Escola.

ABSTRACT

This study aims to identify and analyze the relational webs of adolescents in the midst of connectivity in contemporary reality, seeking to highlight the changes that Digital Information Communication Technologies (DICT) have been interfering with the dynamics of interpersonal relationships constructed/demolished by adolescents. Our sample consisted of students from a public school (ERPU) and another private school (EPR) in a city in the interior of Bahia. We sought to analyze, under the family- educational-social triad, the intervention of DICT between the dialogical spaces occupied/unoccupied by the (un)connected adolescent, that is, those who disconnect from reality and connect to others, specifically from the use of the most used instrument by this public, the mobile phone. Some theoretical-philosophical demarcations were taken as reference, whose insertions contextualize concepts such as: Difference, (Deleuze; Guatarri); real/virtual, (Pierre Lévy); adolescence(ies) (Calligaris); family, DICT, (Harari); relationships, education/dialogicity, (Paulo Freire). It is a qualitative approach that emphasizes human experiences in the environments where they happen, encompassing their complexities in the field of interrelationships experienced by subjects in real life. The study took place in the contemporary historical frame in the pre-pandemic and pandemic period, which resulted in a reading of the reality experienced by adolescents intrinsically related to the axes: relationships, ICTs and the COVID-19 pandemic. The participants were 14 teenagers, 8 students from (ERPU) and 6 from (ERP), aged between 14 and 17 years old. By enabling the approach of objective and subjective questions and favoring the free expressiveness of the participants, we used the methodology of the semi-structured interview, the technique of the interview script with about 14 objective and subjective questions, audio recorded and transcribed. The treatment of the collected data followed the content analysis under the vision of Bardim (2002). As a whole, the results show DICT influences such as approximations/distances in the relationships established by adolescents in the pandemic context, contradictions in socio- political reality, such as access to technological goods.

Keywords: Keywords: Adolescence. (Dis)connection. Family. School.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa	103
Quadro 2. Número de participantes por escola, sexo, idade e série	111
Quadro 3. Etapas da Análise de conteúdo.....	112
Quadro 4. Tempo de Uso do Celular.....	115
Quadro 5. Quadro comparativo de crimes cibernéticos Brasil X outros países	152
Figura 1. Família e o uso das tecnologias.....	128

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

a.C	Antes de Cristo
ABED	Associação Brasileira de Educação à Distância
ADI	Ação Indireta por Inconstitucionalidade
CEE	Conselho Estadual de Educação da Bahia
CEP	Comitê de Ética na Pesquisa
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CF	Constituição Federal
ECA	Estatuto da Criança e dos Adolescentes
ENCE	Escola Nacional de Ciências Estatísticas
EPR	Escola particular de Ensino
EPU	Escola Pública de Ensino
ERPU	Escola da Rede Pública de Ensino
FORMATE	Formação Docente: Memória, Subjetividade e Territorialidade
GEC	Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias/UFBA
GEPES	Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Superior
GESTAR	Grupo de Estudos e Pesquisas em Experiências Estéticas e Formação Docente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NIC br	Network Information Center (Cede no Brasil)
NIC	Núcleo de Informação e Coordenação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCD	Pessoa Com Deficiência
PCDF	Polícia Civil do Distrito Federal
PDC	Pessoa Com Deficiência
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNE	Pessoa com Necessidade Especial
SEC	Secretaria Estadual de Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
UCSal	Universidade Católica do Salvador
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UIE	The Complete Collection Edition
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	União das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	O nó que nos provoca.....	17
1.2	Questão norteadora da pesquisa e os objetivos	21
2	RECORTES TEÓRICOS	23
2.1	Relações sociais em tempos de (des) conexões.....	23
2.2	Família: (Entre)laços de afetos.....	28
2.3	Retratos, Famílias, Bras(is)	32
2.4	Adolescência(s), adolescentes(s) um rol no território da diferença	36
2.5	Do roubo do fogo à chama da vida: tecnologia para além do techné.....	44
2.6	Falha no sistema: tecnologias(s) para quem? Contraste e desigualdades concluídas com sucesso!	48
2.7	Redes reais/virtuais: interferências nas linhas relacionais	52
2.8	Teias de relações: redes de mensagens e pessoas.....	54
2.9	Nos emaranhados das teias relacionais: fios esticados sob afetos tristes.....	57
2.10	As TDIC nos espaços escolares.....	67
2.11	Estudantes adolescentes (des)conectados.....	71
2.12	O celular tocou bem em meio à aula	73
2.13	Ele ainda está em casa? Adolescente <i>offline</i>	83
2.14	Puxando os fios dialógicos por entre teias interrompidas	87
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS: ITINERÂNCIAS, MAPAS, ESTRATÉGIAS E MUDANÇAS DE ROTAS - NAS LINHAS DA PESQUISA QUALITATIVA	91
3.1	Olhares à espreita: momentos de observação.....	93
3.2	Esculpindo registros, memórias: diário de campo.....	94
3.3	Preparando os momentos de escuta: entrevistas semiestruturadas.....	94
3.4	Garimpando e articulando: tratamento dos dados	96
3.5	Reorganizando estratégias minadas: ameaça de vírus no ar.....	98
3.6	O mapa da teia investigada: a cidade, os sujeitos, as escolas.....	100
3.7	Detalhamento dos procedimentos metodológicos	104
3.8	A Escola da Rede particular de Ensino (EPR)	105
3.9	A Escola da Rede pública de Ensino (ERPU)	108
4	SOBRE O PRISMA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: DISCUSSÃO DOS DADOS	114
4.1	Adolescentes <i>on-line</i> , <i>on-line</i> ... Desvendando os termos de uso do celular.....	114

4.2	Famílias Emaranhadas em Redes	126
4.3	Tempos pandêmicos, mais conexão	132
4.4	Eu posso até está viciado, mas meu irmão (ã) está bem mais...	136
4.5	Relacionamentos em tempos de conexões: amizade sim, já namoro...	141
4.6	Quando a relação é um risco	150
4.7	Bullying e Cyberbullying: destroçando relações.....	154
4.8	Uso do celular e a sala de aula	161
4.9	Aulas na pandemia: Não desliguem o celular!	167
4.10	Aulas Presenciais: Sob a Regência do Verbo Recomeçar.....	176
4.11	Fios dialógicos: uma conexão necessária.....	178
4.12	Quando não estou conectado à internet... Há vida fora das redes?	183
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
	REFERÊNCIAS	190
	APÊNDICES	211
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	212
	APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	214
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA A SER APLICADO COM ADOLESCENTES	216

1 INTRODUÇÃO

A humanidade, espécie falante, é também a raça que se veste. A roupa pacientemente tecida nos contém, nos delimita, forma uma interface colorida entre o calor de nossas peles e a rigidez do mundo (LÉVY, 1998, p.45).

Esta tese é um entrelaçamento de fios que se atravessam mutuamente nos espaços ocupados pelas teias¹ relacionais dos adolescentes (des) conectados, no universo invadido pelas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC)² na contemporaneidade. Trata-se de uma composição de linhas que parte de extremos diferentes, porém, se conectam pela teia humana das inter-relações no estágio florescente da vida: a(s) adolescência(s). O que aqui chamamos de (des) conectados traduz-se no limiar do que ocasiona a conexão ou desconexão dos sujeitos deste estudo em suas relações cotidianas de modo a aproximá-los, distanciá-los ou ambos os movimentos em simultâneo, das pessoas ou grupos os quais estabelecem relações.

Para ampliação da compreensão do fenômeno da influência das TDIC nas inter-relações de um grupo de adolescentes aqui investigados, buscou-se dialogar com conceitos engenhados no pensamento filosófico pós-moderno, presentes em alguns conceitos da *filosofia da Diferença* (destaque nosso) em Gilles Deleuze (1986) e Félix Guattari (1980). Alçamos ainda correlacionar a dialogicidade articulada por Paulo Freire (1996), frente à relação eu-outro na ‘pós-modernidade fluída’ presente nas inserções de Zygmunt Bauman (2011), entre outros autores presentes na literatura contemporânea, que vêm investigando aspectos deste campo sócio relacional.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, que aborda o fenômeno contemporâneo das (des) conexões relacionais, produzidas a partir da forte presença das TDIC nos cotidianos dos sujeitos, isto é, de um grupo de adolescentes, com os quais dispensa-se especial atenção aos processos nos quais tecem, constroem-se e reconstroem-se as suas teias relacionais. Este estudo tem como foco as relações familiares, escolares e outros grupos

¹ Em nosso texto, tomamos o substantivo teia como conjunto de relações que os indivíduos estabelecem com o outro em seu meio social. As teias relacionais as quais nos ocupamos, se estreitam aos vínculos estabelecidos nos ambientes familiares, escolares e sociais.

² Neste trabalho as TDIC, são tecnologias digitais da informação e da comunicação, termo que substituir TDIC, são abordadas, como tecnologias digitais, como também *hardwares*, os *softwares* e, portanto, as redes sociais e aplicativos de conversa (*facebook, Instagram, WhatsApp, Telegram*, etc.).

Tecnologia da Informação e Comunicação (TDIC/TICs) são definidas por Mendes (2008) como o todo complexo de instrumentos e mecanismos automatizados que, quando agenciados entre si buscam promover e integrar a comunicação entre pessoas, empresas, negócios, instituições científicas e de instituições de toda ordem, assim, são utilizáveis em inúmeros contextos e objetivos na vida moderna e fomentam uma nova forma de se pensar as coisas e a realidade.

sociais, especialmente mediadas pelos aparelhos *smart phones*³, os quais enunciamos em nosso texto, como sendo os aparelhos celulares.

O cenário sociocultural por onde caminhamos junto aos adolescentes, é aquele que cada vez mais vem sendo povoado pelas TDIC, que têm sido difundidas com uma velocidade ímpar nas últimas décadas, como Castells (1999) ressalta o quanto as interações possibilitadas por estas, vêm moldando e modificando a comunicação na vida concreta.

Nossa observação foca-se nas invasões tecnológicas nos cotidianos dos sujeitos, cuidando de evitar juízo de valor maniqueísta, mediante o fenômeno investigado, assim, externar o fato em si. Pensamos que tal tarefa, 'julgadora' caberá às gerações futuras. No momento, vivemos no olho do furacão mutativo da invasão tecnológica, que devora e modifica costumes, ideias, profissões, modos de se comunicar, ser, viver. É neste terreno que esticamos os nossos fios investigativos.

Nossas lentes se ampliam na direção das modificações e novos desenhos nos modos de se relacionar dos adolescentes, isto é, da 'teia' que empreende fios que se constroem entre os novos modos relacionais mediados pelo uso dos celulares e outros tantos dispositivos eletrônicos que vêm sendo substituídos ou rompidos. É nesta dinâmica de análises das teias relacionais dos adolescentes em meio à conectividade na realidade contemporânea que nos propomos compreender as possíveis modificações que as TDIC vêm impondo às relações construídas/demolidas por estes sujeitos adolescentes.

Embora empreendamos narrativas em alguns trechos da escrita, experiências de cunho pessoal, escrevo na primeira pessoa do plural, por considerar que ninguém escreve sozinho, as lembranças, as histórias, os traços do caminho que foram ficando em nós, sobretudo, o desenhar da escrita como uma composição de diálogos com leituras, experiências, itinerâncias formativas e, sobretudo, os processos de aprendizados com os sujeitos participantes da pesquisa, vão construindo cada traço dessa escrita.

Partimos de alguns questionamentos que nos afetam como professora de Filosofia que caminha junto a estudantes adolescentes e conseqüentemente com suas famílias, por mais de duas décadas de ensino a partir de compartilhamentos, aprendizados, o que me conduziu a perceber evidentes modificações na efetiva relação dialógica da tríade: adolescente/família/escola. Neste sentido, busquei observar sob prisma familiar-escolar a intervenção das novas tecnologias entre os espaços dialógicos ocupados/desocupados pelos adolescentes

³ Mencionaremos o termo celular ao invés de *smart phones* no corpo de nosso trabalho como modo de simplificação da linguagem, embora tenhamos ciência dos avanços tecnológicos e complexidade das funções que estes executam na vida diária dos seus portadores.

que são sujeitos que se (des) conectam, dentro da realidade social vigente. Ao buscar recortes para viabilizar os referidos estudos, tomei por referência, alguns conceitos teóricos epistemológicos e filosóficos das ciências humanas como: adolescências, (des) conexões e relações humanas.

As teias que abordo neste escrito, ocupam em nosso modo de pensar, um lugar de ligações, conexões, construções e, ao mesmo tempo, dado o grau de conectividade dos adolescentes na atualidade. É um termo por nós externado também, como supostos espaços de aprisionamentos da vida moderna. Apresento, aqui, as teias de relações como extensões relacionais possibilitadas pela presença das TDIC, especialmente as mediadas pelos celulares, termo que descreve o dispositivo eletrônico que nos interessa, e escolhemos utilizar.

Revisitando a minha própria história em tempos outros, eu, meus irmãos e irmãs, respeitávamos e obedecíamos aos nossos pais sem ‘questionamentos’. O diálogo, tanto na família quanto na escola era escasso, quase inexistente. Aprendíamos desde cedo a ouvir, repetir, respeitar e, *ai* de quem tentasse escapar às tais regras. Embora já ouvíssemos falar, as tecnologias presentes em nosso cotidiano, limitavam-se à presença de lâmpadas movidas por energia elétrica, ao rádio de pilha e algumas páginas de jornais que vinham embrulhando as compras.

Na escola, o quadro a giz reinava imponente. Livros? Alguns raros exemplares restritos ao uso da professora. A palmatória sobre a mesa da mestra garantia o aprendizado bancário e a gama de informações que decorávamos feito animais adestrados (FREIRE, 2004) efeito da pedagogia da *decoreba*, *da imposição* e do medo (grifo nosso).

Ainda assim, o universo escolar abria brechas para outros mundos e fui tecendo pensamentos e visões de que existiam diferentes modelos familiares, além do que eu e meus irmãos e irmãs vivenciávamos diariamente. A vida adulta, a saída de casa para estudar, trabalhar, também, apresentou-me múltiplas realidades, mas as minhas raízes permaneciam cravadas em mim. Os fluxos das experiências foram me colocando em contato com esferas que giravam em outras frequências e realidades projetadas diante de mim e de alguma forma todas elas confirmam: a vida é plural.

O ato de professorar já me seguia desde as brincadeiras de infância quando entre tamboretas de madeira e mangueiras, risos havia a modesta intenção de aprender e ensinar. Nestes tempos de *artistagens*⁴ infantis, convivências e aprendizados, fui me fazendo mulher,

⁴ *Artistagem* é um termo criado por Sandra Corazza, inspirado na filosofia da diferença, que se refere ao fazer intuitivo, a criação solta, espontânea impressas na vida dos sujeitos mesmo este não se reconhecendo como um artista. Trata-se da busca por fazer partindo do si mesmo. “O não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-

mãe e professora de filosofia. Ora em contínuos atravessamentos formativos, um pouco mais aperfeiçoados no mestrado em Educação, conferido pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), quisemos saber sobre as fomes e sedes dos estudantes adolescentes em relação à escola e à vida.

Nesta direção, a demarcação empírica que assumimos, coaduna com a intenção de se produzir ciência a partir da aproximação das experiências dos sujeitos e dos modos como estes se percebem em relação aos outros, por isso, torna-se necessário manter atenção ao que pode se apresentar como características comuns entre os sujeitos, mas também, às singularidades destes nos modos de pensar, viver, experienciar as relações sociais em meio à conectividade.

Posto esses traços marcantes da minha trajetória como mãe de adolescente, professoras e nos últimos anos, como estudante-pesquisadora, no âmbito destas experiências, destaco como incontestáveis as modificações que impactam nos modos como os adolescentes (des)conectados vêm se relacionando socialmente nos últimos anos. Compreendo que acessar tais dinamismos é uma tarefa que só pode ser empreendida a partir da apreciação das leituras que proporcionem acuidade no processo de escuta dos sujeitos presentes neste contexto, por isso, nossa escrita segue em pluralidades, inclusive na conjugação verbal oscilando entre o ‘eu’ e o ‘nós’ que conduz o nosso processo.

As formas relacionais na sociedade contemporânea têm sofrido constantes mudanças. Já não são mais os mesmos modos de nos mantermos informados. Mudou a nossa relação com a banca de jornal, a maneira de tomar um táxi, bem como comprar, vender, negociar e relacionar-se. Aplicativos de informações mediam relações das mais incomuns, juntam, afastam, adicionam, excluem, bloqueiam em simples toques compactados em segundos. A vida digitalizou-se numa onda de dimensão planetária.

Com a mesma velocidade, as modificações bateram à porta das famílias e das escolas, impondo novas configurações de se pensar esses espaços constitutivos da realidade dos sujeitos. Atentamos para as transformações presentes no território da compreensão dos conceitos de família e das novas definições de educação e escola na contemporaneidade e em como os adolescentes permanentemente conectados às TDIC, vêm tecendo suas teias relacionais por entre esses espaços.

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das informações e das comunicações. As relações entre os homens, o trabalho e a própria

produção do conhecimento dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturadas por uma tecnologia, que se espalha, se reinventa de modo cada vez mais dinâmico e avassalador.

Ao situarmos os sujeitos que buscamos pesquisar, demarcamos os adolescentes estudantes de escolas públicas e particulares do interior da Bahia, muitos destes, com famílias compostas e recompostas em diferentes contextos, membros e realidades. Destacamos em nossa amostra, dentre os participantes da pesquisa, constituições familiares formadas por netos e avós, outras apenas por irmãos. Famílias de filhos com mãe ou pai solteira/o. Também há famílias de segunda ou terceira união, formadas por padrastos, madrastas, irmãos, meio irmãos/irmãs; famílias habitadas por tios e sobrinhos, madrinhos, afilhados, enfim, famílias moldadas pela teia movente da contemporaneidade e suas circunstâncias.

Por este prisma, somos mobilizados a adotar o conceito de família como laço afetivo para além do consanguíneo (OLIVEIRA, 2017). As famílias dos sujeitos adolescentes desta pesquisa, em sua grande maioria, são constituídas por mães, pais e responsáveis trabalhadores informais; comerciários assalariados; trabalhadores domésticos; autônomos. São famílias do nosso lugar de pesquisa, do primeiro âmbito social o qual os participantes estão inseridos.

1.1 O nó que nos provoca⁵

No centro das (des) configurações da realidade em que se estende o escopo desse estudo, está a 'onda' tecnológica. Aparelhos sólidos de múltiplas cores e tamanhos, tornam abruptas as nossas informações e comunicações cotidianas. Outrossim, as pendências da vida podem ser resolvidas quase todas por celular, cujos desempenhos tecnológicos atualizam-se constantemente. Neste nível de eficácia do mais utilizado mecanismo das TDIC, observa-se que há quem olhe mais a tela dos celulares do que nos olhos dos próprios filhos/pais/professores(a)s/amigos e ainda há quem faça deste aparelho eletrônico multifuncional, 'companheiro' inseparável de todas as horas e, em muitos casos, isso não é mais opção.

Barrar o fluxo das mudanças, já anunciava o filósofo do *devenir*⁶ Heráclito (1993), não

⁵ As narrativas grifadas fazem parte de uma atividade de escuta na gênese do nosso pesquisar, iniciada na escrita da minha dissertação de mestrado em educação, defendida pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, "VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?": MOVIMENTOS (E)M CURRÍCULOS DE UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM IPIAÚ, BAHIA" e esticada para o período de pré-pesquisa do Doutorado em andamento.

⁶ Segundo François, ao estudar o conceito de devir em Deleuze, o acentua como tudo aquilo que escapa. Quando

algo que possamos intentar realizar. A presença das TDIC na contemporaneidade é um caminho sem volta. Pensar o mundo sem a presença destes aparelhos, quer sejam utilizados no trabalho, estudos, pesquisas científicas, comunicação, informação ou lazer, é imensurável, vez que as novas TDIC vêm avançando sobre os setores da vida contemporânea, promovendo reestruturações, condenando quase todas as organizações humanas à constante defasagem. (LEMOS, 2015; HARARI, 2015; 2020) e até mesmo doenças psicossociais (HAN, 2015).

Em nosso mapa de pensamentos projetado sobre a realidade atual, acomodamos linhas provocativas ocorridas em períodos que antecederam o nascimento desta pesquisa, que de algum modo, instigaram a pergunta disparadora que deu origem a esta investigação. São experiências que incluem principalmente o despertar da nossa curiosidade epistemológica, a partir das leituras de Paulo Freire (1983; 1993; 2004), alimentadas também pelo marco da nossa caminhada acadêmica quando assistimos uma das suas últimas palestras⁷, realizadas no auditório da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna, FESPI, em 1991, hoje atual UESC, onde estávamos como estudantes do terceiro semestre do curso de Filosofia, acontecimento marcante que nos ajudou a decidir para sempre pela escola e pela professoralidade (PEREIRA, 2013) como ato de ser, existir, resistir e estar no mundo.

Em nossos cotidianos escolares, ora no entra e sai das salas de aulas, ora nos intervalos prosaicos que acontecem na sala de professores – momentos de encontros pedagógicos, eventos onde estamos sempre juntos a planejar, diagnosticar, direcionar, avaliar as atividades direcionadas ao estudo, ensino, bem como também em reuniões entre pais e educadores – presenciamos conversas relacionadas ao uso excessivo dos celulares pelos estudantes em salas de aula.

O mesmo evento, também, tem se tornado comum, no depoimento de mães, pais e responsáveis das escolas por onde transitamos e, ainda, a partir das vozes dos próprios estudantes que em conversas que ocorrem nas entrelinhas dos currículos, em que o papo ‘escapa’ aos assuntos pedagógicos, é notória a centralização da temática: o celular conectado à internet e suas infinitas novidades e possibilidades de preenchimento do tempo e da vida dos sujeitos adolescentes.

Assim, as expressões tanto dos colegas professores, quanto dos pais e responsáveis, as intermináveis queixas, preocupações, acusações, confissões de descontrole ou do não ‘saber

pensamos ter compreendido algo, este, escapa aos nossos sentidos e torna-se outro, de novo e mais uma vez. “O todo é repetido de outro modo.” (ZOURABICHVILI, 1997, n.p).

⁷ Referimo-nos aqui a uma das últimas palestras que Paulo Freire realizou antes de sua morte. Na época, iniciávamos o curso de Filosofia e isso produziu uma marca imprescindível na decisão pela educação e pela profissão de professora.

lidar' com a situação, incômodos, angústias, têm sido um assunto comum nos cotidianos familiares, escolares, sociais.

Remediados nas imersões das memórias do que fomos, estudantes do curso primário na década de 1980, em meio aos papéis de cartas que enfeitavam e adoçavam sonhos, diálogos, correspondências, a ânsia por uma resposta ao poema enviado pelos correios, batia junto aos passos do rapaz vestido de amarelo que trazia em suas mãos a tão esperada resposta. No final dos anos 1990, os telefones, aparelhos que enfeitavam uma pequena banca de madeira nas salas das casas, chegando até os nossos cotidianos quando nem era mais novidade para o resto do mundo, permitiam a audaciosa capacidade de encurtar a distâncias continentais. Seria isso mesmo proximidade? Estaríamos mais conectados uns aos outros?

Abrindo outras janelas da minha história já se passaram alguns anos das conclusões da graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) as três especializações em Didática, Antropologia e Filosofia Contemporânea, mas as inquietações continuaram a passar como cristais que crescem pelas bordas, feito o Acontecimento⁸ posto por Deleuze (1980). Este é um dos conceitos da filosofia deleuzeana que nos ajudaram na travessia da escrita dos nossos caminhos acadêmicos antes no mestrado e, em seguida, no doutorado.

O nosso momento agora é marcado por reuniões periódicas como o Grupo de Estudos e Pesquisas em Experiências Estéticas e Formação Docente (GESTAR) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação Docente: Memória, Subjetividade e Territorialidade (FORMATE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), nos quais experimentamos o contato com leituras voltadas para a formação de professores, como processos de produções de subjetividades, acendendo múltiplas perspectivas das relações professor em formação, auto formação e nas inter-relações que vem desenvolvendo com o outro em si.

O Mestrado em Educação na UEFS nos veio à custa de muitos estudos, participação em eventos e de algumas publicações acerca de temáticas como educação, filosofia, produção de subjetividades. A defesa da dissertação, em março (2017), trazia o 'fruto', trabalho produzido a partir de diálogos com estudantes: “VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?": MOVIMENTOS (E)M CURRÍCULOS DE UMA ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM IPIAÚ, BAHIA. Mais uma vez, promovemos o diálogo filosófico imerso em produções intersubjetivas dos adolescentes a partir da atividade de escuta mediada pelas entrevistas.

⁸ Acontecimento, segundo a filosofia de Gilles Deleuze se encontra no que se passa e está se passando, mas não pode ser marcado segundo as dimensões convencionais temporais. Acontecimento seria o que ocorre entre os fatos, porém, não são expressivos, mas são incessantes (DELEUZE, 1998).

Retomando a inquietação que nos é inata, ligada à insaciável fome de saber, buscamos junto à Universidade Federal da Bahia, no programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia, estudos que se integrassem ao nível de leituras e abordagens presentes no programa de Mestrado e Doutorado em Família na Contemporaneidade da Universidade Católica do Salvador (UCSal), por isso, buscamos em 2018, como alunos especiais, estudos na disciplina “A questão da Subjetividade”.

Na contemporaneidade, assistimos as relações sociais familiares e escolares dos estudantes adolescentes, com quem trabalhamos, mudarem diante das inserções das novas TDIC. O aviso de proibição em papel impresso, com a imagem de um aparelho celular atravessado por um traço em vermelho, pregado nas paredes das áreas de convivências das escolas, junto ao discurso dos diretores, coordenadores e educadores, nem de longe proporcionaram que os aparelhinhos-companheiros, predadores da atenção e dos diálogos (BAUMAN, 2015)⁹, se ausentassem deste e de outros espaços.

É por essas vias que intentamos investigar o que é, para nós, uma busca por respostas às questões que levantamos como educadores em contínuo processo estético¹⁰ de (form)ação e observadores dos processos dialógicos que se produzem diariamente no contexto familiar e afetam diretamente as nossas práticas em salas de aula.

Instigar as teias relacionais do adolescente (des) conectado nos parece ser um campo que exige constantemente pesquisas e aberturas para pensar questões de modo contundente, quiçá, possibilitar, questionamentos, reflexões-intervenções que envolvam os principais interessados: os adolescentes, pais, responsáveis e professores. Embora o espaço escolar seja frequentemente pesquisado e revisitado por pesquisadores como Nicolaci-da-Costa (2004); Silva e Silva (2017); Abramovay (2012), dentre tantos outros, as produções que nos instigam a pensar tais questões, ainda enfrentam lacunas no universo acadêmico:

A produção científica contemporânea reporta às bases de constituição e sobrevivência de qualquer grupo social, em qualquer tempo e lugar, e se organiza com processos de criação e organização do conhecimento que desafiam nossa compreensão de como se relacionam os processos com a complexidade cultural de fatores que envolvem o compartilhamento [...] (ANDRADE; RIBEIRO; PEREIRA, 2009, p.293).

Nestes caminhos, nosso estudo busca unir pontos, questões, sujeitos, geografias

⁹ Em entrevista ao Observatório de Imprensa no ano de 2015, o sociólogo Zygmund Bauman afirmou ser o celular um dos responsáveis pela falta de concentração dos estudantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kM5p8DqgG80>.

¹⁰ Reconhecemos aqui os processos estéticos como modos de produções subjetivas e intersubjetivas do sujeito a partir das suas experiências, vivências que vão moldando o seu modo de estar no mundo.

socioculturais, mediante os fenômenos das TDIC, ainda, não suficientemente desenhadas no campo acadêmico, a saber, uma tentativa de elucidar territórios não visitados, e seus respectivos sujeitos, vozes e lugares, de um grupo de participantes composto por 14 participantes adolescentes, com idade entre 14 e 17 anos, estudantes de duas escolas de uma cidade do interior da Bahia, Ipiaú, sendo uma instituição da rede particular de ensino e a outra da rede pública. Para facilitar a compreensão das informações, ao mencionarmos a escola particular da cidade onde realizamos a pesquisa, utilizaremos a sigla (ERP) e a sigla (ERPU) ao nos referirmos à escola pública, adiante à seguinte questão.

1.2 Questão norteadora da pesquisa e os objetivos

Diante das diversas transformações sociopolíticas, culturais e econômicas que atravessam a vida dos sujeitos na contemporaneidade, nossa intenção de pesquisa visita o território das relações dialógicas dos adolescentes em tempos invadidos pelas tecnologias das informações e das comunicações, TDIC. Partimos da indagação: como o adolescente (des)conectado vem construindo e desconstruindo inter-relações no ambiente familiar e escolar, social, frente aos processos tecnológicos das TDIC, presentes na contemporaneidade?

Outras perguntas seguem a questão disparadora, o que nos ocorre indagar: Qual tem sido o lugar que as relações dialógicas na novas configurações familiares-escolares supostamente afetadas pelas novas TDIC? Quais implicações tais conectividade/desconectividade tem trazido nos modos de relações entre adolescente-família-escola? Quais aproximações/distanciamentos as novas TDIC têm promovido entre o estudante adolescente e seus professores? Em que ‘mundo’ o adolescente estudante se encontra conectado/desconectado?

No sentido de caminhar junto à questão levantada, é que propomos também considerar o vasto campo de conhecimento que nos desafia a compreender a complexidade do fenômeno investigado em muitos dos seus sentidos e direções. Sabemos, pois, de antemão, que mesmo se quiséssemos, não seria possível esgotar todas as vertentes que permeiam o objeto de pesquisa, mas buscaremos elucidar as nuances que destacamos o seguinte objetivo geral: Investigar como o adolescente vem (des)construindo teias relacionais em meio à realidade permeada pelas TDIC especialmente a partir do uso dos celulares.

Adentrando um pouco mais na teia relacional dos adolescentes (des)conectados estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Investigar as influências das TDIC no âmbito das relações familiares dos

adolescentes;

- Especificar como o adolescente lida com os usos-abusos dos celulares em seus cotidianos;
- Traçar o perfil das relações construídas pelos adolescentes mediante o uso *do* celular nas relações escolares;
- Identificar o nível de (des) conexão dos sujeitos adolescentes nos espaços familiares/escolares;
- Observar quais produções intersubjetivas e ou (est)éticas¹¹ têm sido produzidas a partir das relações sociais dos adolescentes mediadas pelas TDIC.

¹¹ Compreendemos aqui a experiência estética como as sensações, percepções, expressões de sensibilidade produzidas, a partir das experiências dos sujeitos em convivência com o outro, ou seja, os conhecimentos, aprendizados, modo em que se afeta e é afetado a partir das teias relacionais que constroem em seus percursos de vida (MACEDO, 2013).

2 RECORTE TEÓRICOS

“Pane no sistema, alguém me desconfigurou. Aonde estão meus olhos de robô? Eu não sabia, eu não tinha percebido. Eu sempre achei que era vivo. Parafuso e fluído em lugar de articulação. Até achava que aqui batia um coração. Nada é orgânico, é tudo programado. E eu achando que tinha me libertado. Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão fazer. Reinstalar o sistema.” (PITTY, Admirável Chip Novo, 2003).

2.1 Relações sociais em tempos de (des) conexões

Abordar a temática teia de relações implica também assumirmos o compromisso de compreendermos o que são as relações sociais que formam essa determinada teia. Quais fios unem ou desunem os sujeitos e quais as possíveis implicações de tais relações em suas vidas. Os estudos das relações construídas pelos seres humanos, sempre ocuparam interesse de teóricos e pesquisadores, mas continuam sendo um desafio compreendê-las através das mudanças dos tempos que acabam afetando a vida dos adolescentes e os modos de interagirem com o mundo.

Neste estudo, tratamos de observar as mudanças sociais ocorridas na contemporaneidade, e os modos como afetam as relações que se estreitam na teia relacional vivenciada pelos adolescentes (des) conectados.

As argumentações de Bauman (2001) são aliadas ao conceito de *modernidade líquida*, que assim chamou por considerar que os fenômenos que ocasionaram a modernidade não mudaram, por isso, é mais convincente falar-se de *modernidade-líquida* ao invés de pós-modernidade (destaques nossos). O filósofo chama a atenção para a engrenagem difusa de tais modificações:

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p.12).

As mudanças causadas pela continuidade do processo de “derretimento” da modernidade desencadeiam transformações que vão desde a esfera política, até as de ordem

individual, instruindo valores e posicionamentos.

Para Bauman (2001), a multiplicidade de ações que se dissipam na mesma velocidade dos fluidos acaba tornando a realidade fragmentada, individualista e difusa. Somando a isso, o advento das novas tecnologias e, conseqüentemente, a inserção de novos valores no mundo do trabalho, na família e na comunidade, é que ocasiona a fluidez dos espaços, tempos e relações.

Os processos de transformações sociais, salientados por Bauman (2001), não foram aleatórios, mas fazem parte de mudanças históricas anteriormente pontuadas por seus antecessores. Fragoso (2011, p.109) assim salienta:

Desde o século XIX, já com Marx e Engels, mas também com muitos outros pensadores, a modernidade era tida como um processo social, econômico, político e cultural amplo que ao longo de sua marcha histórica derretia todos os sólidos existentes.

Nesta mesma linha Bauman (2001, p.9) aduz:

O nosso desafio se encontra, então, em observar as teias de relações em tempos¹² de fluidez, condição instável que vêm permitindo cada vez mais novas formas de conexão. As relações no terreno social contemporâneo parecem escapar por entre os dedos da solidez e se (des) fazem num passo mais veloz do que o necessário para se consolidarem, o que não indica a ausência total desta, mas novas configurações relacionais correspondentes ao estado de coisas “[...] liquefaz”.

O filósofo brasileiro Ribeiro (2015), em observação às relações humanas, que são estabelecidas na atualidade, chama a atenção para o modo acelerado em que estas se fazem e desfazem. O pensador cita o casamento como exemplo que, outrora, era uma instituição praticamente indissolúvel e atualmente pode ser desfeito em cartórios sem qualquer ritual. Tudo isso pode representar um “avanço”, segundo o autor, mas a metáfora da liquidez aplicada às relações humanas está tornando os sujeitos incapazes de construir ou sustentarem laços.

É importante salientar que essa aparente liberdade de decisão dos indivíduos não passa de reflexo de um mecanismo político bem mais amplo no qual o Estado passa a defender o livre mercado e, com isso, se desobriga das garantias imprescindíveis à manutenção da vida coletiva.

¹² O conceito de tempo na filosofia de Zigmund Bauman (2001), especialmente na obra *Modernidade Líquida* (p.154), remete ao tempo um valor de “instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita, e, a capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento - por mais breve e "fugaz" que seja”.

Fragoso (2011, p.111) explicita:

No momento da modernidade líquida, os indivíduos foram justamente “condenados” a serem livres. A segurança da ordem social, dada na modernidade sólida, que poderia garantir um “seguro coletivo contra os infortúnios individuais” se liquefez jogando aos indivíduos a solitária responsabilidade pelos seus problemas.

O que se observa é a influência direta nas decisões de mercado no modo dos sujeitos se organizarem socialmente, aliada a uma aparente imagem de evolução. A modernidade líquida, vai solidificando o afastamento, medos, solidões. Os problemas criados pela coletividade política acabam por exigir posicionamentos individuais.

Outro aspecto relevante a ser considerado, a respeito da modernidade líquida, é a fragmentação do conhecimento dissipada pelo excesso de informação. Em palavras, o próprio Bauman (2015), voltou a salientar sobre a liquidez nos processos relacionais humanos e nos meios de comunicação abordando a estafa de disponibilidade de informações, infinitamente maiores do que a capacidade do cérebro humano de absorvê-las.

Nesse sentido, o que se tem a partir dos meios tecnológicos, mais explicitamente nos sites de pesquisas, não determina e não nos aproxima nem do conhecimento, nem da capacidade de construirmos relacionamentos de fato. “[...] A disponibilidade de informações nos afasta da totalidade do conhecimento e não resolve problemas antigos como a solidão e a ausência de conhecimento”¹³.

A “fluidez” observada em relação aos meios tecnológicos e digitais, sobretudo, os presentes nas redes sociais é materializada, dentre outros, por meio de “Sites na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação” (TORRES, 2009, p.113).

A inscrição ‘voluntária’ dos sujeitos nessas redes proporciona o favorecimento do que Hall (2006) denomina como identidade fragmentada, capaz de assumir faces múltiplas de acordo com o contexto ou desafio do instante presente. As relações que se estabelecem em meio à liquidez do mundo contemporâneo, atentam para a identidade dos sujeitos que as estabelecem.

O posicionamento de Hall (2006), relacionado à identidade na pós-modernidade, indica uma determinada disposição do sujeito às exigências do mundo contemporâneo. A

¹³ Fragmento da Entrevista de Zygmunt Bauman apresentada na TV Brasil, concedida ao apresentador Alberto Dines no Programa Observatório de Imprensa em 15 out.2015. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/oitv/entrevista-com-zygmunt-bauman/>.

realidade se assemelha a uma constante “dança das cadeiras” em que não se sabe ao certo o que fazer ou ser, diante de tantas modificações impressas na realidade.

É pertinente salientar que Hall (2006) traz uma abordagem das identidades em outros momentos da história quando se saberia mais acertadamente o que esperar ou como agir no âmbito das relações sociais. Quem buscasse, por exemplo, uma profissão em períodos anteriores na história ou um casamento, poderia estacionar plenamente sobre suas escolhas e decisões, pois estas o acompanhariam até o fim de sua vida. Na contemporaneidade, o marco é a insegurança, desencadeando o que salienta: “[...] sentimentos de segurança e de ansiedade existencial coexistirão de forma ambivalente.” (FILHO *et al*, 2012, n.p).

No campo social, profissional e dos relacionamentos a regra é a incerteza; tudo pode mudar de rota instantaneamente. O sujeito se vê obrigado a exercer outra profissão, mediante condição do desemprego; a dominar outro idioma, caso busque ou seja destinado a emigrar; a adaptar-se a outras culturas, vivências, mundos. Mesmo o sujeito sendo ele, é outro. “O sujeito continua tendo uma essência interna nuclear, qual seja, um ‘eu verdadeiro’, mas formado e modificado em contínuo diálogo com mundos culturais ‘externos’ e com as identidades que tais mundos oferecem” (HALL, 2006, p.275). O mesmo roteiro incerto segue à guisa dos relacionamentos, seja no campo presencial/material ou virtual. Neste jogo de identidade transitória, numa realidade igualmente fluída assenta-se sobre a negação de uma identidade fixa que se firme num determinado campo de valores. Viver a dança do ser-outro corrobora com relacionamentos fluidos que se atualizam no individualismo pautado no ser-não-ser. Deste modo,

Tornar-se “outra pessoa” significa, contudo, deixar de ser quem se foi até agora, romper e remover a forma que se tinha, tal como uma cobra se livra de sua pele ou uma ostra de sua concha; rejeitar, uma a uma, as personas usadas – que o fluxo constante de “melhores” oportunidades disponíveis revela serem gastas, demasiado estreitas ou apenas não tão satisfatórias quanto foram no passado (BAUMAN, 2009, p.99-100).

A palavra de ordem é desordem, tanto no âmbito social, relacional quanto nas questões individuais. Um estranhamento de fora que reflete o reordenamento do dentro, um desorganizar-se para ser um eu-outro, em meio à realidade fluída, de identidades igualmente moventes. Como o adolescente (des) conectado, se arranja em meio ao mundo relacional, a partir da comunicação e do diálogo nos ambientes visitados por este?

O autor Felczak (2015, p.61) adverte: “As relações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais vulneráveis na modernidade [...]”. Neste sentido, observamos que o diálogo

entre os sujeitos deixa de existir ou é substituído por configurações outras, nas quais são utilizados aparelhos midiáticos¹⁴. De alguma forma estes vão nos absorvendo e nos tornando em medida, um pouco máquinas, no cerne da racionalização instrumental; num jogo de coisificação humana (PESCE, 2014). Uma inserção importante neste campo é a obra poética de Carlos Drummond de Andrade, *Eu Etiqueta* (1984, n.p):

Eu, Etiqueta// Onde terei jogado fora/ meu gosto e capacidade de escolher/ minhas idiossincrasias tão pessoais/ tão minhas que no rosto se espelhavam/ e cada gesto, cada olhar /cada vinco da roupa/ sou gravado de forma universal,/ saio da estamperia, não de casa,/ da vitrine me tiram, recolocam,/ objeto pulsante, mas objeto/ que se oferece como signo de outros/ objetos estáticos, tarifados./ Por me ostentar assim, tão orgulhoso/de ser não eu, mas artigo industrial,/ peço que meu nome retifiquem./ Já não me convém o título de homem./ Meu nome novo é Coisa./ Eu sou a Coisa, coisamente.

A leitura do poema nos remete à observação da realidade imersa nos jogos mercadológicos, quase sempre, retirando-nos a condição de olhares mais aprofundados sobre a realidade, escolhas, pensamentos, reflexões. Talvez esses posicionamentos, que nos conduzam a distanciamentos cada vez mais intensos em nossa condição dialogal, nos torne incapazes de construir processos dialógicos, entre o eu/outro.

Pensamos então no desafio do sujeito adolescente (des) conectado, isto é, de construir espaços de dialogicidade em meio à realidade tecnológica contemporânea, ao mesmo tempo em que atentamos saber se as novas TDIC dissolvem tais espaços ou tratam de torná-los possíveis e até mesmo mais otimistas (LÉVY, 2010). Posto isso, a necessidade de acompanhamento das mudanças dispostas na realidade social a partir das novas tecnologias que ocupam lugar de destaque no cenário social.

Os avanços das TIC vêm-se refletindo em todo o mundo, embora com intensidade diferenciada em função do nível de desenvolvimento das sociedades ou de outros fatores (políticos, culturais etc.). Tendo em vista o impacto dessas tecnologias como fatores propulsores do desenvolvimento econômico e social dos países, cada vez mais se torna necessário acompanhar a sua evolução (IBGE, 2019, p.89).

É neste contexto, que seguimos buscando observar os impactos de tais evoluções no âmbito dos diferentes processos sociorrelacional vivenciado pelo adolescente, ao mesmo tempo em que analisamos o contexto histórico social destes seus ambientes relacionais, seja na família, na escola ou nas próprias relações pessoais.

¹⁴ Referimos-nos aqui aos aparelhos eletrônicos e digitais que fomentam presentes na contemporaneidade: computadores, tablets, notebooks, celulares, smartphones conectados à internet.

2.2 Família: (Entre)laços de afetos

São inúmeras as definições de família no âmbito das construções e investigações das ciências humanas, sobretudo, ressaltando o seu valor biológico e de parentesco. Por se tratar de conceitos que buscam explicar as associações genuinamente humanas, tais definições parecem carecer constantemente de ampliações e ou reformulações.

Nas últimas décadas, percebe-se no âmbito da literatura dos estudos do campo familiar, um determinado deslocamento da ideia de família situada apenas nas relações de parentesco historicamente instituída, para os processos interativos entre seus membros. Acentuando tal compreensão, “A família, como o mundo social, não é uma soma de indivíduos, mas sim um universo de relações” (SARTI, 2002, p.18).

As contribuições de Sarti (2002) são importantes para o cenário das nossas discussões, pois tomamos a família como primeira construção social dos adolescentes. Portanto, há uma relevância que está muito além da sua funcionalidade instrumental, mas a família situa-se como *locus* formativo destes sujeitos, onde se encontram, se constituem identitária e moralmente (SARTI, 1995). Neste feito, torna-se imprescindível compreender a família em suas dimensões afetivas, sociais, e econômicas na tentativa de situarmos o adolescente em meio às relações familiares mediante às TDIC.

É interessante salientar que as relações familiares estão presentes na vida dos sujeitos desde sempre. É neste contexto que os primeiros passos da existência humana são dados. É em família que se aprende as primeiras habilidades da existência, da comunicação, dos modos práticos de viver, sobreviver, existir. Também é na família que são atados e arrebitados os primeiros nós das relações humanas, onde se aprende a negociar espaços entre o eu-outro, onde se aprende a reproduzir, mas também, negociar espaços de alteridade, escolhas individuais, particulares. Então, a família está em constante mediação entre o mundo interno e externo; entre as escolhas individuais e os aprendizados coletivos forjados pela cultura do lugar dos costumes, mas também dos valores vivenciados por seus membros.

Em tempo, nos esforçamos em pensar as famílias do nosso convívio enquanto educadores de escola pública do interior da Bahia, cuidando em manter o distanciamento dos nossos próprios conceitos de família, vivências e as verdades construídas e defendidas por nós, ao longo das nossas vidas, para compreendermos como se articulam, se organizam ou determinam suas inter-relações a partir dos valores que defendem para além da especulação socioeconômica. Sobre este fato, Sarti (1995) destaca os estereótipos sociais destinados às famílias da nossa realidade similar a: “carentes”, “faveladas”, “vadias”, “subempregadas”,

“desempregadas”, “marginais”, “pobres”.

A autora chama a nossa atenção quando requisita dentro dos modelos investigativos familiares, a necessidade de mudança paradoxal de pesquisadores do campo familiar, o que deve sobrepor-se às rotulações socioculturais e privilegiar a observação dos modos como as famílias se organizam, vivem, resistem, amam, dialogam, enfrentam os seus dramas diários, sobretudo, nos provoca a observar as fendas que surgem nos novos modelos relacionais trazidos pelas novas TDIC.

É preciso entender a família como um núcleo que vai adiante do processo de socialização, das dificuldades instruídas pela realidade social, sobretudo, do modo de organização socioeconômica capitalista, promotor de exímias desigualdades sociais agravadas pelo desemprego, subemprego, ou seja, a família como marco central da vida dos sujeitos. “A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social” (SATI, 1995, p.61).

Na contemporaneidade, observamos os processos que desprenderam transformações no âmbito das organizações familiares: a revolução industrial (sec. XVIII) e os processos históricos culturais que a desencadearam produziram sérias transformações nas famílias dos séculos XVIII e XIX, junto às severas críticas direcionadas às mulheres que passaram a trabalhar fora de casa, sobretudo, sob o argumento de que deixariam de se interessar pelo casamento e criação dos filhos (RAGO, 1997); ou ainda, como uma acentuada desconfiança e temor: “Os conservadores temem uma desordem na família, as mulheres tornando-se homens e um transbordamento do feminino que levaria um crepúsculo da humanidade” (ROUDINESCO, 2003).

De modo ainda mais acentuado, as famílias do século XX e XXI também sofreram importantes modificações nos modos de se organizarem. Neves e Soares (2009, p.148) destacam:

[...] as diversas realidades familiares vão sofrendo profundas interpretações e modificações de acordo com a conjuntura social. No que diz respeito às características dessas na contemporaneidade, torna-se necessário destacar que com o processo de globalização, urbanização, revolução tecnológica, movimentos feministas, descobertas científicas, aumento da oferta de trabalho para as mulheres, exigência de maior nível de escolaridade e acesso às informações, entre outros fatores que merecem ser analisados com acuidade corroboram que é impossível se pensar em apenas um padrão e conceito de família como ideal e perfeito.

As influências que sofrem as famílias na contemporaneidade, além de serem frutos de

uma nova organização social, política e econômica pautada nas leis neoliberais, ocorrem por diversas mudanças socioculturais oriundas de lutas sociais e civis. Como exemplo, observa-se o crescimento de uniões estáveis desde a aprovação da lei de reconhecimento deste tipo de união, regulamentada pela Lei nº 9.278/96 estendida às uniões de pessoa do mesmo sexo. Outra ação importante neste âmbito foi a da votação da Ação Indireta por Inconstitucionalidade (ADI nº 4277/DF)¹⁵, que consolidava o pedido formulado pelo requerente de aplicação do regime jurídico previsto no artigo 1.723 do Código Civil às uniões entre pessoas do mesmo sexo com a intenção de instituir família.

É importante destacar que as inserções de novos modelos familiares na contemporaneidade não são fruto de “milagres”, nem de esforço individual ou isolado. Roudinesco (2003, p.181) destaca que: “[...] a partir de 1975, foram se multiplicando à medida que a luta em favor da descriminalização da homossexualidade ocupava espaço no seio de um vasto movimento de emancipação dos negros e das minorias ‘étnicas’”. Confirmando-se, então, luta por direitos e ou reconhecimento destes em várias esferas da organização da vida dos sujeitos, entre estas, o direito de organizar-se segundo as suas escolhas individuais, como família(s).

Áries (1981) expõe um denso e extenso campo e negociações, de lutas que vão ocasionando ampliações, descentralizações de poderes no interior da família que ocasionam modificações nos modos de organização destas, para que as multiplicidades de famílias formassem uma paisagem plural na contemporaneidade.

De fato, o mosaico que percebemos nas formações familiares em nossos dias é a desfragmentação dos poderes entre seus membros, uma maior abertura às decisões e responsabilidades na criação dos filhos, ou seja, uma maior horizontalidade nas relações, também, provocada pela ausência da figura masculina, historicamente marcada como provedora, “chefe de família”. Mesmo tendo de enfrentar incontáveis dificuldades externas e internas, de âmbito público ou privado, não deixamos de corroborar com o autor: “Não foi o individualismo que triunfou, foi a família” (ÁRIES, 1981, p.268); o que não indica que esta tenha superado antigos problemas, tampouco se fechado à chegada de novos.

Neste cenário, o adolescente (des)conectado que buscamos investigar é figura chave. Compõe o seu núcleo familiar ora junto aos seus pais, avós, mãe, enteados, irmãos, meio irmãos, padrastos, madrastas, primos, entre outros. A paisagem de modelos não nucleares de famílias em reconstrução (RONDINESCO, 2003) que ora passam pela experiência do

¹⁵ A ADI foi votada pelo Supremo Tribunal e aprovada por unanimidade em 11-05-2011. Informações na íntegra disponível em <jusbrasil.com.br> acesso em maio/2021.

recasamento (SAMPAIO *et al.*, 2020), cada vez mais frequente em nossos dias, ora obedecendo às formalidades civis ou apenas unido em laços de interação e afetos, se entendem e se compreendem enquanto família.

Consideramos aqui os afetos a partir da ética espinosiana (SPINOZA, 1997). Segundo o filósofo, os afetos não são apenas aspectos subjetivos relacionados aos sentimentos humanos, mas a arte de afetarmos e sermos afetados pelo outro. Os afetos seriam aquilo que o outro desencadeia em mim e vice-versa que podem aumentar ou diminuir a minha potência de agir, ser, existir, o *conatus*. Espinosa (1983, p.34) ainda explicita:

[...] quando encontramos um corpo que convém à nossa natureza e cuja relação se compõe com a nossa diríamos que sua potência se adiciona à nossa: as paixões que nos afetam são de alegria, nossa potência de agir é ampliada ou favorecida. Esta alegria é ainda uma paixão, visto que tem uma causa exterior; permanecemos ainda separados de nossa potência de agir, não a possuímos formalmente. Esta potência de agir não deixa de aumentar de modo proporcional, “aproximando-nos” do ponto de conversão, do ponto de transmutação que nos tornará senhores dela, por isso digno de ação, de alegrias ativas.

O conceito de potência dos afetos em Espinosa (1997) corrobora com o que nos aparamos e compreendemos com os afetos no âmbito familiar. De modo, ocupar um lugar num grupo familiar também representa uma troca de afeto. É na família que encontramos potência de ação a partir das muitas linguagens presentes no contexto dialógico. Também pode ocorrer destes afetos não encontrarem o devido amparo, incentivo ou resguardo e com isso, diminuir a potência de vida dos sujeitos.

Neste estudo é importante se observar as configurações das famílias em recasamento, não como proposta de se estudar o fenômeno social em si, mas por se compreender que estas também são famílias transitadas pelos adolescentes (des) conectados, de modo que não nos escape ou deixemos de observar as peculiaridades de cada família que esteja presente na realidade investigada, excepcionalmente, nos afetos presentes na teia relacional em meio às TDICs.

Entre as imagens panorâmicas das famílias na contemporaneidade, nos amparamos nas teorias que acolhem como lugar de apoio e investimento efetivo para os planos idealizados pelos seus membros. (ROUDINESCO, 2003). A família contemporânea parece caminhar para adotar faces múltiplas e ideais cada vez mais incertas e solúveis, porém, sem perder o aconchego do “ninho”. “Eles rejeitam o nó, não o ninho” (PERROT, 1993, p.81). As inserções de Roudinesco (2003), ao evidenciar sobrepor o ninho ao nó, mais uma vez vêm colaborar para o entendimento da família enquanto lugar dos afetos, da não neutralidade ou

negação dos sujeitos enquanto seres de ação.

O nó pode ser pensado como a difícil convivência entre o individual e o coletivo, mas o ninho representa o cuidado, o aconchego, o olhar, a comunicação o estado de afetar e ser afetado pelo outro, ou seja, a capacidade de acolhida, mas também de lidar com as tensões. Mãe (2010) explicita a afetividade como marco dos estados de composições e recomposições das famílias ao destacar que: “Acreditou que o afeto verdadeiro era o único desengano, a grande forma de encontro e de pertença” (MÃE, 2013, p.11).

De sorte, o conceito de família que elegemos trata das configurações refletidas em nossa realidade, algumas destas sem a presença dos pares convencionais: pai, mãe, filhos e filhas, mas dotados da forte compreensão de que são família, legitimados na estima, na comunicação e cuidado entre si.

2.3 Retratos, Famílias, Bras(is)¹⁶

No que tange aos traços da realidade das famílias brasileira, observamos o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Há menos famílias constituídas por casais com filhos hoje, do que havia no início dos anos 1990. Ao mesmo tempo, aumentaram as famílias constituídas por casais sem filhos e as unidades domiciliares formadas por uma só pessoa. Do mesmo modo, aumentou também o número de casamentos e arranjos familiares que se distanciam da norma heterossexual, com casais e pais, formados por pessoas do mesmo sexo. Cavenaghi e Alves (2018, p.30) explicitam: “[...] o Brasil também está passando por uma mudança na composição dos domicílios e das famílias, pois os arranjos domésticos estão ficando mais plurais e diversificados”.

No Brasil de 2010 existia cerca de sessenta mil indivíduos que compartilhavam as responsabilidades pela vida doméstica, com ou sem filhos, com um cônjuge do mesmo sexo (IBGE, 2010). A família nuclear tem perdido espaço nas últimas décadas. A família monogâmica ainda predomina, mas os rearranjos são cada vez mais constantes. “O Brasil passou por grandes transformações sociais, demográficas e familiares no século XX, [...]. Isso possibilitou a diversificação e uma maior pluralidade dos arranjos familiares, em um claro processo de despatriarcalização” (RETRATOS, 2017, p.39).

As constituições familiares que despontam feito ‘mosaico’²⁰ no cenário social

¹⁶ Utilizamos o termo Bras(is) enfatizando o plural, por compreendermos as realidades difusas e divergentes presentes em nosso país, no mesmo território geopolítico, representado pela pluralidade de imagens, culturas, conceitos, realidades sociopolíticas.

brasileiro são formadas por casais com filhos oriundos de uniões anteriores, famílias unilaterais, casais sem filhos, avós e netos, entre outras. Retratos (2017, p.3) ainda destaca:

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que, desde 2005, o perfil composto unicamente por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria nos domicílios brasileiros. Na pesquisa de 2015, o tradicional arranjo ocupava 42,3% dos lares pesquisados. Uma queda de 7,8 pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50,1% das moradias. Por outro lado, novas tendências ganharam força. Em 2015, por exemplo, quase um em cada cinco lares era composto apenas por casais sem filhos (19,9%), enquanto que em 14,4% das casas só havia um morador.

O Censo do IBGE (2010) explicita as mudanças ocorridas na constituição das famílias brasileiras. Cerca de 54,5% são formadas por casais com filhos, mas 1/3 destes são apenas de uma das partes do casal. Os dados apontam para as recomposições familiares e a presença cada vez maior, do aumento de enteados em novas configurações.

Outro evento relevante é com relação às famílias chefiadas por mulheres que chega a quase 38% (IBGE, 2010). Contudo, a contribuição destas para o sustento da família é de 62,7%. Cavenaghi e Alves (2018) mostraram que entre 2001 e 2015 o número de famílias chefiadas por mulheres mesmo estas enfrentando imensos desafios, cresceu cerca de 105%; um total de 28,9 milhões de famílias chefiadas por mulheres até o ano de 2015.

As pesquisas confirmam que embora as mulheres estejam tendo menos filhos (1,8 por mulher) ainda recebem salários inferiores aos dos homens. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico, o Brasil de 2019, as mulheres ainda recebem salários 22% menor do que os homens. A mesma tendência é apontada pelo IBGE (2019), a diferença se acentua quando é observada com trabalhadores com ensino superior, 38%.

Embora as pesquisas apontem a crescente participação das mulheres no provimento, no cuidado das necessidades de suas famílias a diferença salarial entre os sexos persiste. Consideremos ainda os dados do Observatório do Terceiro Setor¹⁷ (maio, 2019) que mostram o crescimento das famílias chefiadas por mulheres em 105% entre 2001 e 2015. A pesquisa ainda enfatizou o crescente número de mulheres que criam seus filhos sozinhas. O censo escolar da educação básica do ano (2011) constatou que 5.494.267 estudantes não possuem o

¹⁷ O Terceiro Setor é um conjunto de organismos autônomos sem fins lucrativos que atuam voluntariamente na sociedade civil visando observação para aperfeiçoamento social. Os referidos dados apresentam em números diversos tipos de arranjos familiares na sociedade brasileira, como as famílias monoparentais e as chefiadas por mulheres. Mais informações: <https://www.escolaaberta3setor.org.br/>. Acesso em jun.2020.

nome do pai na certidão de nascimento (INEP, 2011)¹⁸.

Verificam-se configurações de famílias chefiadas por mulheres que são mães, tias, avós, parentes próximos, madrinhas e também as lideradas por pais, tios, avôs ou parentes próximos, ou ainda as constituídas por casais heterossexuais, homoafetivos com filhos provenientes destas uniões, naturais, adotados ou enteados, ou as com filhos de uniões anteriores as uniparentais, formadas por mães solteiras que criam seus filhos, sobrinhos ou outros. Neste mapa, ainda pode-se pensar na presença de famílias constituídas por tios, padrastos, madrastas e seus cônjuges, filhos e enteados com algum ou nenhum grau de parentesco.

Sobre os muitos modelos de família que se redesenham na contemporaneidade, os autores Cristiano e Nunes (2013, p.42) afirmam que “Esse modelo familiar tem uma ampliação do sentimento de família. Mais pessoas são acrescentadas no núcleo familiar como madrasta, padrasto, tios, primos, meio irmão, outras avós [...]”.

Qualquer que seja a configuração que a família assuma, esta continua sendo um importante centro socioafetivos dos seres humanos (SAVIANI, 2008). Toda e qualquer relação, quando se estabelece entre os membros de uma família, com ou sem filhos adolescentes, torna-se determinante para a ampliação aprofundamento e consolidação das relações consanguíneas de parentesco ou não.

Do ponto de vista legislativo, o conceito de família no Brasil apresenta a seguinte definição: segundo a Constituição Federal do Brasil (CF/1988):

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. [...]
§ 4º [...] a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (BRASIL, 1988).

A carta magna estabelece a legitimidade de laços consanguíneos sendo estes oriundos de um dos pais para com seus respectivos dependentes.

O novo Código Civil Brasileiro (2002) determina direitos de igualdade aos filhos concebidos fora do casamento, estabelece, ainda, o “poder familiar” compartilhado por pai e mãe, substituindo o “pátrio poder” direcionado à figura do pai. Neste ponto, verificamos que as mudanças presentes no meio social acabam por implicar as modificações culturais e jurídicas.

A lei ainda busca garantir proteção às mulheres contra a violência doméstica, mediante

¹⁸ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (*Inep*) é uma autarquia Federal ligado ao Ministério da Educação (MEC) que desenvolve pesquisas cujos resultados interferem diretamente na política educacional brasileira.

a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340 art. 5º, I, II)¹⁹:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas; II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa.

Neste sentido, percebemos que as atuais leis brasileiras ampliam os princípios constitucionais e oferecem ênfase aos laços de afetividade e consideração entre os indivíduos com ou sem laços consanguíneos, que buscam constituir uma família em tempos permanentes ou esporádicos (MIOTO, 1997). No caso da Lei Maria da Penha, mostra a intervenção do Estado nos conflitos familiares explicitamente presentes nas realidades das famílias brasileiras, o que expõe a face violenta, às vezes, subentendida no âmbito familiar.

Quando se define a família como “[...] núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e se acham unidas (ou não) por laços consanguíneos” (SZYMANSKI, 2002, p.9), enxerga-se a família como uma “associação de pessoas que escolhem conviver por razões afetivas e assumem um compromisso de cuidado mútuo, e se houver criança, adolescentes e adultos” (*Ibidem, loc.cit.*).

É importante salientar a existência de esforços muito mais socioculturais que políticos na denominação do conceito de família em constituições plurais. O que seria a confirmação da responsabilidade de admissão dessas famílias nas esferas tanto sociais quanto civis e, quiçá, a abolição de estratégias de superação dos preconceitos bastante presentes nas formas de se compreender as famílias não convencionais: “destroçadas”, “distorcidas” “mancas”, “desestruturadas”.

O conceito de família parece encontrar-se diante das transformações, das construções sociohistóricas que permeiam a existência dos sujeitos, oriundos dos mais diversos meios sociais, culturais, políticos. A família como alerta Biroli (2014), enfrenta o constante desafio de resignificar-se.

Nesse estudo, nos apropriamos do conceito de “[...] famílias no plural buscando compreender a multiplicidade étnico-cultural que embasa a composição brasileira” (NEDER, 1994, 26). A família brasileira contemporânea está sofrendo as influências externas oriundas

¹⁹ Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

das transformações sociopolíticas ocorridas no meio social. “[...] deixando de ser apenas um padrão para transformar-se em outros modelos familiares” (CRISTIANO; NUNES, 2013, p.34).

É importante salientar que as transformações destacadas são produzidas num meio social compreendido por nós como constituído pelos aspectos educacionais, econômicos, geográficos, políticos culturais e humanos presentes em nosso local de investigação, tendo como relevância aspectos da diversidade sociocultural dos sujeitos de diferentes classes sociais, raças, opções religiosas posicionamentos políticos, orientações sexuais diversas.

Segundo Roudinesco (2003) há modelos de família que se organizam em torno do prazer e do amor, sem as padronizações do ‘para sempre’. Esses são traços das individualidades sobressaindo-se ao ideal comunal da família moderna, o que para a autora, soa como “[...] transformar a família em uma fortaleza afetiva restrita a interesses privados”. (ROUDINESCO, 2003, p.106). Assim, as configurações familiares mais atuais se tecem em multiplicidades de modelos; algumas vezes marcados pelo amor romântico, outras pela viuvez, recasamento, solidão. São famílias afetadas pelos reflexos das políticas neoliberais pautadas na ideia do indivíduo que vive, produz e consome.

A família não acabou ou tampouco faliu. A família que se firma como um lugar de cuidado, afeto e resistências às interferências internas oriundas das exigências sociais ideológicas ou não, também é lugar de potências tristes, múltiplas violências que diminuem o *conatus*²⁰. “A família é um mal necessário. É o lugar do turbilhão de todas as distorções, mas também é o lugar onde o sujeito se constitui, no trágico” (ROUDINESCO, 2004, p.12).

2.4 Adolescência(s), adolescentes(s) um rol²¹ no território da diferença

“[...] algo intensivo, instantâneo e mutante, entre uma criação e uma destruição” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.63).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a adolescência como uma fase biológica da vida que vai entre 10 e 14 anos e, neste período, ocorre transições significativas de ordem estruturais da vida física e psíquica dos sujeitos, abrangendo desenvolvimento cognitivo e estruturação da personalidade. Neste ponto de vista, apontam-se processos de

²⁰ *Conatus* a palavra de origem latina que significa força, impulso, é utilizada na filosofia de Spinoza *Ética III* (1979), como uma propulsão que ativa a potência de vida nos sujeitos, assim, o *conatus* é a força para existir. (SPINOZA, 1979).

²¹ Utilizamos aqui a expressão *rolé* que na linguagem adolescente de algumas regiões do Brasil aparece como sinônimo de passeio descontraído.

desenvolvimento de uma etapa da vida dos seres humanos salientando o sujeito como um todo complexo biofísico e psicossocial.

No Brasil, encontramos no Estatuto da Criança e dos Adolescentes (ECA) as seguintes definições: “Considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade” (BRASIL, 1990). O ECA salienta a condição dessas pessoas que se encontram nessas faixas etárias “Levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela [a lei] se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento” (BRASIL, 1990).

Por estes contextos jurídicos, o adolescente é considerado um ser em desenvolvimento, por isso, deve ser protegido e orientado pela família e por um sistema de garantias de direitos que envolve a sociedade através de suas estruturas civis e sociais. Ressalta-se nestas concepções características biopsicossociais e do desenvolvimento peculiar que estabelecem uma determinada padronização de um conjunto de características que influenciam no desenvolvimento físico, social e psicológico destes sujeitos. Cria-se então uma concepção de “identidade adolescente” (COIMBRA, 2005, p.2).

Erickson (1976), ao definir a adolescência, apontou determinadas características especiais, desse grupo etário, vivenciadas nesta fase com explícita confusão de papéis, ou seja, dificuldade para firmar uma identidade própria. “[...] um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (ERICKSON, 1976, p.128). Tais ideias, ainda, sofrem o reforço da teia sociocultural presente nas literaturas, nas artes, nos aparelhos midiáticos, nas composições e até mesmo no cinema.

De sorte, “A adolescência tem sido descrita como um dos marcos mais importantes no processo de desenvolvimento humano, inserindo-se como transição entre a infância e a idade adulta, quando são estabelecidos hábitos de conduta e modelos de socialização” (ABRAMOVAY, 2015, p.122). Contudo, apesar da importância e contextualização histórica onde esses conceitos se desenvolveram, não encerram os modos de se compreender a adolescência.

Bock (1998; 2007) ao estudar os conceitos de adolescência voltados para as características da psicologia bionaturalista, observa o distanciamento, o desinteresse em outros aspectos determinantes para a conceituação da adolescência como as relações sociais, formas de sobrevivência e produção socioeconômica. Aspectos culturais que recolocam tal conceito no centro do debate, ressaltando, pois, na perspectiva sociohistórica, um modo de pensar a adolescência, para além das disposições biologizantes e busca centrá-la no plano das

realidades socioculturais. Em atenção a tais observações:

[...] não supõem um desenvolvimento natural, do qual a adolescência é consequência; segundo, a diversidade que se apresenta como riqueza humana é construída pela humanidade por meio de sua ação transformadora sobre o mundo e, sendo assim, nada que se apresente em nosso mundo nos deve ser estranho; terceiro, se a humanidade é transmitida e apropriada pelo indivíduo a partir de seu contato com os instrumentos da cultura, fica evidente que as diferenças sociais, que implicam diferentes graus de acesso a ela, serão produtoras de diferenças no desenvolvimento psicológico dos homens (BOCK, 2007, p.31).

A descrição da adolescência como uma fase de mudanças físicas, biológicas, psicológicas, emocionais, ou seja, de incontáveis transições, continua a marcar as referências e discursos na contemporaneidade, no entanto, o alcance das construções sociohistóricas na contemporaneidade, suscitam reflexões sobre os muitos modos de se pensar e se compreender a(s) adolescência (as).

Tais perspectivas salientam a complexidade das relações sociais que se intensificam no período de transição da infância para a vida adulta: a descoberta das próprias emoções, dos sentimentos relacionados às vivências da sexualidade, e, ainda, a formação da identidade dos sujeitos, as escolhas e experiencições particulares de cada indivíduo que se tornam como constitutivas e determinantes para as suas vidas. Nesse sentido:

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele grupo que fica mais afastado do trabalho), e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, como possibilidade de ser; há uma adolescência como significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas (BOCK, 2007, p.42).

A adolescência é um conceito historicamente criado na modernidade. Junto à intensificação do processo de industrialização oriunda do século XIX, mas não se deve projetar determinismos nisso. Para Bock (2007, p.20):

[...] no mais, é um fenômeno das sociedades modernas surgidas no final do século XIX e início do século XX com o incremento da urbanização e industrialização, emergindo entre a infância e a vida adulta como um período intermediário.

Desta forma, percebe-se que a construção cultural em torno do consumo e da mercantilização deixou suas marcas no modo de se compreender a adolescência, inclusive com fortes respingos da cultura americana ocidental. “Na contemporaneidade, a figura do

adolescente costuma remeter a uma tendência ditada pelos *teens* estadunidenses - modelo de todo um estilo de vida a ser consumido pelo restante do mundo” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2005, p.2).

Coimbra e Nascimento (2005, p.5) acreditam que:

[...] os conceitos de adolescência e desenvolvimento não são ingênuos. Servem aos propósitos dominantes de homogeneização e imobilização, retificando determinadas práticas e relações presentes na atual sociedade de controle globalizado. Os meios de comunicação de massa, por exemplo, estão entre os equipamentos sociais mais poderosos para difundir e reforçar a ideia de adolescência, oferecendo-a como produto a ser consumido, necessariamente, para se ingressar no mundo dos bem-sucedidos e dos que têm valor, tanto material como simbolicamente.

Nesta perspectiva, alguns modos de compreender a adolescência ainda se concentram em ideias oriundas do contexto capitalista, mercantilista e consumista da cultura moderna. Tal marco socioeconômico, no entanto, não dispensou a instigação de outros olhares para além da visão pautada no poderio da razão, da essência e da forma estabilizada pelas concepções que, de certa forma, dão sustento às bases sobrepostas sobre adolescências.

No campo da Psicologia, são grandes e relevantes os esforços para compreender as adolescências. A corrente cognitivista até a histórico-crítica e sociocultural apontam como critério de universalidade da adolescência características como: a carga genética, o crescimento orgânico e a maturação neurofisiológica. A ênfase na investigação da adolescência, também, contempla a dimensão histórica e social como fator determinante para que o adolescente se torne quem é. “A adolescência e o modo como é vivida está diretamente relacionada com a comunidade onde o adolescente está integrado” (FERREIRA; NELAS, 2006, p.160).

Assim, observamos que são bastante densas e complexas as abordagens e temáticas envolvendo os adolescentes enfatizando que “A definição do conceito de adolescência é pouco consensual e complexa” (FERREIRA; NELAS, 2001, p.144). Contudo, salientamos que “Quando definimos alguém como adolescente, podemos estar colocando em suspenso suas multiplicidades de existência e construindo uma definição que impede que desenhos de novos fluxos e de vida ganhem força e expansão” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2005, p.8).

Um movimento sociocultural a ser considerado no modo de se compreender a adolescência na contemporaneidade é o que aponta o site jornalístico (BBC News/Brasil 2021)²², destacando que no Reino Unido já se concebe a ampliação da adolescência até os 25

²² BBC News/Brasil é um departamento de notícias articulado ao jornal internacional British Broadcasting Corporation (BBC), responsável pela divulgação de notícias do jornal para televisão, rádio e internet.

anos já que os adolescentes estão cada vez mais permanecendo na casa dos pais devido aos aspectos educacionais, sociais e de inserção no mercado de trabalho.

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de “adolescente”, dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino (KEHL, 2007, p.51).

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) já identifica desde 2018 o adiamento da ‘saída de casa’ dos adolescentes e conseqüentemente a conquista de autonomia necessária e inserção na vida adulta, o que reafirma que, a depender dos aspectos socioculturais, o conceito de adolescência pode apresentar dessemelhanças, impasses, contradições. Neste sentido, o esforço na definição da adolescência parece refletir as modificações que este conceito sofre a partir dos aspectos demográficos e do desenvolvimento das ciências humanas como a antropologia, psicologia e sociologia integradas ao meio sociocultural no qual os sujeitos adolescentes se encontram inseridos (FERREIRA; NELAS, 2006). A conceituação da adolescência parece, então, ser um espaço de interferências, negociações, diferenças e influências.

Por essas considerações, concordamos com o que propõem Boco e Nascimento, (2005), quando possibilitam outros olhares na direção do conceito de adolescência, como uma forma de percebê-lo, para além das solidificações essencialistas, mas como conceito que se aproxima da diferença. Abagannano (2007) conceitua diferença como:

Diferença - Différence. Determinação da alteridade. A alteridade não implica, em si, nenhuma determinação; p.ex., "a é outra coisa que não b". A D. implica uma determinação: a é diferente de b na cor ou na forma, etc. Isso significa: as coisas só podem diferir se têm em comum a coisa em que diferem: p.ex., a cor, a configuração, a forma, etc. (ABAGANNANO, 2007, p.287).

O princípio confere o ser no sentido metafísico, contudo a filosofia da Diferença em Deleuze vai percorrer uma via para explicar a diferença como princípio e não apenas o que difere A de B, pois, afirma: “Na realidade, enquanto se inscreve a diferença no conceito em geral, não se tem nenhuma ideia singular da diferença, permanecendo-se apenas no elemento de uma diferença já mediatizada pela representação” (DELEUZE, 2006, p.54). Assim, buscamos, nesta discussão, aproximar o conceito de adolescência à luz da filosofia da Diferença presente nas ideias de Gilles Deleuze (1992) e Félix Guattari (1998).

A filosofia da Diferença que aqui buscamos articular à nossa pesquisa, encontra-se inserida no pensamento de Deleuze e Guattari (1992), onde são desenvolvidos alguns conceitos distantes do idealismo da forma - essencialista defendida por Platão. Assim, a mobilidade e o constante processo de defasagem podem ser articulados ao entendimento que se tem dos conceitos sobre tudo o que existe. A diferença, para estes filósofos é o que implica toda cinesia induzindo a uma constante (re)construção do pensamento sobre tudo o que vem sendo (GUATTARI, 2006; DELEUZE; GUATTARI, 1980). Muito embora esses filósofos sejam considerados pós-estruturalistas, algumas ideias de suas filosofias encontram-se ancorados no pensamento do devir em Heráclito (470 a.C.) e ainda outros filósofos como Nietzsche (1884) e Heidegger (1889).

Oposto à identidade fixa, a diferença é entendida, desse modo, como ponto de partida e movimento de tudo o que existe. Como se a existência encontrasse um processo constante de defasagem e o que é já não pode ser mais o que era. Diferença é ser, existência continua no ato de diferenciar-se, atualizar-se. A diferença para Deleuze (2006; 2018) está ligada ao processo de repetição, semelhante às imagens que, de tanto repetir-se numa tela de cinema acabam criando o movimento em relação a si, acabam por diferenciar-se. “A repetição é verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir e o que só se constitui ao se disfarçar” (DELEUZE, 1998, p.26). A diferença então, seria o princípio da existência. O que é no hoje, já não será. Instaura-se uma liberdade na construção dos conceitos que, segundo Deleuze (1980) devem ser constantemente inventados. Tudo pode diferenciar-se e “A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença” (DELEUZE, 1998, p.8).

Pensamos o conceito deleuzeano da diferença como princípio, para melhor situar o sujeito adolcescente na contemporaneidade (COUTINHO, 2005) e seus processos identitários em meio à realidade contraditória permeada por impasses que o circunda. A diferença para alinhar a adolescência com a defasagem que na presente filosofia é mais que mudar de fases e sim, abrir-se ao fluxo dos acontecimentos (DELEUZE, 1986). A diferença se aplica em nossa análise porque nem as adolescências nem os adolescentes são os mesmos para todas as culturas e sujeitos. Consideramos a diferença como princípio de distinção, porém, o que se diferencia do outro, como também de si mesmo, neste sentido, mas a diferença como propõe Deleuze (1998, p.37) “Mas, em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue [...]”.

A propriedade da diferença como afirmação daquilo que é a definição do ser, passa a tomar a dimensão do princípio do ser, que ao diferenciar-se constantemente já não é mais o

que foi, nem será o que é no agora. Segundo Paraíso (2010, p.592): “A diferença é o que vem primeiro; é o motor da criação; é a possibilidade de no meio, no espaço-entre [...]”. A matéria em si no âmbito da diferença, a legitimidade que necessita para diferenciar-se, ou seja, ontologicamente o ser define-se por *isso* e não *aquilo* (destaques nossos). Neste sentido, nasce o conceito, cuja definição, na perspectiva da filosofia da Diferença de Deleuze e Guatarri (1992) é algo que necessita ser constantemente recriado.

Em posse do movimento que constitui os sujeitos, cabe observar o espaço do outro com quem me relaciono. Sob a via da alteridade, do latim, *alter* (ABAGANANO, 2007), exige do expectador que diferencia a admissão de uma parte da sua humanidade fora de si. Ou seja, observar a condição do outro que também se difere de si e de mim, porém, resguarda princípios na igualdade existencial.

No nosso entendimento, a alteridade está entrelaçada à diferença, posto que, reconhecer-se nos princípios da humanidade requer estar situado em espaços de coexistência transitados pelo eu-outro e, reconhecendo o outro como diferente. “Sim, é possível pensar o outro como diferença [...]” (GALLO, 2008, p.6), seja qual for a imagem, lugar e/ou realidade que este outro habite.

Diferença e Alteridade são janelas que podem se abrir para paisagens adolescentes, não apenas na singularidade e individuação, mas na teia que, recorre à ética, aqui, na perspectiva espinosiana, que constantemente se produz, afeta e é afetado pelo outro. Em correspondência com a nossa interligação com os adolescentes, a diferença e a alteridade são evocadas para dar conta do movimento subjetivo, aberto e instável no processo de construção do outro e de si – conflitos – estranheza.

De certo, a diferença aparece como modo de saber, que se é, a partir da visão do outro. Num jogo, na vertente identidade-diferença, Castro *et al.* (2006, p.440), salientam: “A diferença não apenas contorna de fora a unidade do que é idêntico, ou ainda, não apenas define o que a constitui dialeticamente [...], mas consiste no que resiste ou excede ao fechamento da identidade”. Neste feito e, em medida, as autoras colaboram para o pensar da diferença no âmbito das relações de adolescentes e jovens com o outro, observando a construção das teias intersubjetivas de si para si e com o outro.

Enfatizamos o pensar da adolescência, segundo o prisma da diferença como a possibilidade da criação contínua, da posição não-estática, isto é, na contramão de percepções engessadas, a inquietação, a provocação. É a concepção da diferença dentro do próprio ser: o motor que edifica e ou ‘desedifica’ a própria coisa é a diferença.

Posto isso, corroboramos as ideias de que os processos físicos biológicos, e psíquicos,

na adolescência não são tão naturais (CALLIGARIS, 2000) pois, cada sujeito pode experimentá-los de modo distinto. Também a adolescência é mais do que uma avalanche de hormônios num corpo que não-sabe-de-si e ainda, que o viés sociocultural deve ser considerado nos modos de compreender os adolescentes (COUTINHO, 2005).

Um exemplo bastante contundente neste sentido está na observação relacionada aos estudos socioeconômicos da adolescência no Brasil. Segundo Frota (2007, p.148), salientando observações acerca de situações enfrentadas por algumas crianças e adolescentes: “Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade”.

As exposições do autor ajudam na compreensão do panorama social e as circunstâncias da realidade brasileira, pois, sob a perspectiva do nosso olhar a adolescência não e nunca será vivenciada e experienciada da mesma forma pelos sujeitos das mais diferentes realidades econômicas e socioculturais. Ressaltamos a necessidade de recortes segundo as produções das subjetividades dos sujeitos em meio ao contexto sociocultural aos quais pertencem.

Um adolescente, por exemplo, que vive num determinado centro urbano, pertencente às camadas econômicas mais favorecidas da sociedade, cercado por rotinas de estudos e entretenimentos, difere de um adolescente da mesma idade que nasceu numa tribo indígena, numa aldeia localizada no interior da região norte brasileira. Um adolescente que abandonou a escola há alguns anos pela necessidade de trabalhar para ajudar no sustento de sua família, certamente experiêcia a adolescência de modos e formas bastante distintas de outros.

Posto isso, torna-se necessário salientar que:

[...] se crê que a adolescência é natural; é uma fase do desenvolvimento, não sendo necessário se falar da gênese; a ênfase recai sobre a descrição das características que estão em potencial na natureza humana e vão se atualizando conforme há desenvolvimento e crescimento. Assim, não há leitura social alguma. As relações com o mundo social e adulto aparecem somente como interferência; interferem, mas não constituem (BOCK, 2007, p.75).

Partilhamos das ideias de Bock (2007) e outros estudiosos que nos fazem pensar as adolescências e os adolescentes de modo plural e estes sujeitos como seres que trazem em si a diferença como princípio. Com a ajuda do citado autor torna-se evidente, para nós, o desafio da compreensão da trama histórico social e política que envolve o conceito de adolescência, para alçar voos na tentativa de compreender melhor a teia relacional que constrói-não-

constrói, através das novas TDICs se as mantém em suspensão ou são totalmente deletadas.

2.5 Do roubo do fogo à chama da vida: tecnologia para além do *techné*

Ao visitarmos os diferentes contextos socioculturais que contribuíram com edificações/demolições das formas como as famílias se constituíram, e se constituem, até a contemporaneidade, bem como, tentando compreender a imagem do adolescente que ultrapasse as teorias físico-biológicas-naturalistas (ERICKSON, 1976), sobretudo, quando se ignora o entendimento do sujeito sob a luz da Diferença como, também, do contexto sociocultural em que vivem, é que buscamos adentrar o território bastante visitado pelo menos por 86% (IBGE, 2018) dos adolescentes brasileiros na contemporaneidade. Parfley e Grasse (2011) denominam esses sujeitos como *nativos digitais*. Na visão dos autores, recebem esta denominação por terem nascido em meio à era tecnológica dos anos 1980-90.

A teia relacional que destacamos parte das inter-relações subjetivas que os adolescentes estabelecem no meio social, que se desencadeiam pelos ambientes familiares e escolares. Tomamos o adolescente sob a travessia da indefinição, pois “de fato, não há uma definição aceita do que seja adolescência e muito menos uma teoria sobre ela” (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018, p.25). Contudo, na contemporaneidade, boa parte destes adolescentes vivem imersos na realidade virtual e nesta faz amizade, estudam, criam laços subjetivos, deletam outros, enfim, vivem na construção da teia real-virtual acionada pelas TDCI (NICOLACI-DA-COSTA, 2004, 2006). Assim, as tecnologias digitais da informação e da comunicação TDIC, não são tão novas assim. Povoam o mundo há décadas e se observarmos pelo prisma etimológico, a palavra tecnologia derivada de ‘técnica’. Segundo Abganano (2007) seu sentido aproxima-se da arte, da ciência e se encontra presente nas produções nas atividades e empreendimentos humanos.

Consideramos então a história do desenvolvimento humano marcada pela técnica, construída pelo mesmo tecido da arte e da ciência. A tecnologia mostra sua face na contemporaneidade, modifica pensamentos (NICOLACI-DA-COSTA, 2004), relações, modos de vida e sobrevivência dos sujeitos. Numa breve análise do conceito de tecnologia, percebemos não se pode ser pensado fora do contexto da realidade histórica e socioeconômica que o produz, por isso, passamos a observá-la como peça de um mecanismo complexo e bem implementado.

O conceito de tecnologia está associado a outras ideias que se aproximam e se distinguem ao mesmo tempo, a exemplo, da técnica e do domínio. Sánchez Mora (2006)

salienta a ambiguidade do termo tecnologia, o que para autora se prolonga a campo de ideias diversas, inclusive, a de poder. Os homens deram um grande avanço na história e no domínio da natureza quando tomaram posse do fogo. Utilizamos a analogia de Santana (2019), ao discorrer sobre tecnologias associada à narrativa mitológica, sobre o presente roubado dos deuses e doado aos humanos pelo deus Prometeu.

Prometeu, herói da mitologia grega. Seu nome, no idioma grego, significa ‘premeditação’. E é realmente o que este titã, um dos deuses que enfrentam o Olimpo e suas divindades, mais pratica em sua trajetória, a arte de tramar antecipadamente seus planos ardilosos, com a intenção de enganar os deuses olímpicos.. Muito amigo de Zeus, o ardiloso Prometeu ajudou o deus supremo a driblar a fúria de seu pai Cronos, o qual foi destronado pelo filho. O dom da imortalidade não o impediu de se aproximar demais do Homem, sua criação – de acordo com algumas histórias, ele o teria concebido com argila e água, depois que seu irmão esgotou toda a matéria-prima de que dispunha com a geração dos outros animais, e lhe pediu auxílio para elaborar a raça humana. Ele concedeu ao ser humano o poder de pensar e raciocinar, bem como lhe transmitiu os mais variados ofícios e aptidões. Mas esta preferência de Prometeu pela companhia dos homens deixou o enciumado Zeus colérico. A raiva desta divindade cresceu cada vez mais quando ele descobriu que seu pretense amigo o estava traíndo. O titã matou um boi e o fracionou em dois pedaços ambos ocultos em tiras de couro; destas frações, uma detinha somente gordura e ossos, enquanto a carne estava reservada para o pedaço menor. Prometeu tentou oferecer a parte mínima para os deuses olímpicos, mas Zeus não aceitou, pois desejava o bocado maior. Assim sendo, o filho de Jápeto lhe concedeu este capricho, mas ao se dar conta de que havia sido ludibriado, Zeus se enfurece e subtrai da raça humana o domínio do fogo. É quando Prometeu, mais uma vez desejando favorecer a Humanidade, rouba o fogo do Olimpo, pregando uma peça nos poderosos deuses (SANTANA, 2019, p.1).

A contribuição que o mito de Prometeu dera à humanidade pode ser traduzida como porções ardilosas de conhecimento em direção ao domínio do meio. O fogo como elemento determinante, surge como objeto de disputa entre os que o criaram e os que sabem e podem utilizá-lo. Da dominação à arte de pensar desencadeada por processos criativos que não reconhecem o estado de inércia, perpetua-se a esfera da criação, recriação a qual está assentada a evolução da humanidade.

Apesar da sua função pragmática e utilitarista (PINTO, 2005), a tecnologia insere-se nas codificações das linguagens que englobam disputas, domínio, auxílio e poder. A tecnologia detém a posse da invenção para a modificação do meio, carregada por uma forte dose de astúcia necessária à criação e evolução das condições de vida e sobrevivência da humanidade. Por assim dizer, “[...] a tecnologia não pode ser confundida como técnica, apesar de brotarem do mesmo tronco *téchné* representa uma ideia distinta” (DE PAIVA, 1999, p.44).

Embora esteja próxima da técnica, a tecnologia vai além da fabricação de ferramentas

e desenvolvimento de artefatos com propósito de auxílio nas diversas atividades humanas. A tecnologia pode ser determinada “[...] como conhecimento essencial do próprio processo evolutivo” (DE PAIVA, 1999, p.47). Por este prisma, a tecnologia ultrapassa o entendimento conceitual que a define como conjunto de técnicas e se insere de modo mais aproximado, como aparelho de efetiva produção de realidades econômicas, políticas e sociais, para além da evolução humana e é nesta linha de abordagem que a consideramos neste escrito.

Pinto (2005) traz a discussão sobre tecnologia para o centro de debates e importantes reflexões quando observa que a técnica presente na maior parte das engenharias humanas, desde os modos de produção mais simples, é o resultado do nosso modo de compreender e interpretar a realidade. Desta forma, técnica é uma ação humana intencional criada pelo homem a partir da sua propriedade e compreensão das coisas. “O homem produz a si mesmo” (PINTO, 2005, p.25). O conceito de técnica na visão do autor acaba por auxiliar o pensamento da técnica como co-criadora do mundo e da cultura. O homem torna-se agente da própria história. A cultura é uma criação propriamente humana efetivada nos processos dialéticos que apenas os seres humanos são capazes de produzir.

O século XX foi decisivo para a fecundação e proliferação das ideias tecnológicas oriundas dos processos de industrialização iniciados no século XIX. As efetivas evoluções ocasionadas pela descoberta da fibra ótica, criação e difusão do computador para fins de informação, comunicação, inicialmente no âmbito econômico, intensificadas especialmente na década de 70 nos Estados Unidos e, em seguida, ampliando-se para as demais partes do globo terrestre (CASTELLS, 1999), foi, sem dúvida, um caminho sem retornos para a história da humanidade.

A contínua evolução dos recursos tecnológicos está estreitamente relacionada ao processo de transição histórico-cultural da modernidade para a pós-modernidade, quando as tecnologias começam a ganhar importância (PAIVA, 1999). Nas concepções de Harvey (1992), incorpora-se numa visão fragmentada pautada na desconfiança dos discursos predestinados a fixar verdades e certezas que sustentavam o pensamento racional moderno. Na contramão destas disposições racionalistas está o pensamento pós-moderno que:

[...] em contraste privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição dos discursos culturais. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança em todos os discursos universais são o marco do pensamento pós-moderno (HARVEY, 1992, p.19).

Harvey (1989) salienta ainda certa destituição dos saberes que edificaram as

construções humanas durante séculos. A pós-modernidade instaura o incerto, ausência de certezas que servem de fortalezas para amparar conhecimentos fixos. “[...] Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida” (BAUMAN, 2001, p.3). É nesta paisagem fugaz que as tecnologias da informação e da comunicação, as TDIC, vêm produzir mudanças desestruturantes na vida dos sujeitos, inclusive, dos adolescentes.

É no cenário em que o mundo aprendeu a chamar de moderno que as tecnologias ganham força e tratam de ir modificando as realidades humanas. Ocorre-nos que a tecnologia é uma criação dos humanos que acaba por modificar a própria realidade.

É na modernidade que a ideia de tecnologia ganha importância uma vez que a ênfase na produção de bens e serviços passa a ser a mola propulsora do desenvolvimento. O mundo moderno gerou a civilização material que se instalou na Europa ao longo do século XVII e XVIII, expandiu-se numa escala planetária para o século XIX e, é em certa medida o que ainda preside na nossa atualidade (PAIVA, 1999, p.5).

Os processos de mudanças fazem parte, sobretudo, da ideia de tecnologia associada ao avanço dos recursos de produção, ou seja, da aplicação do conhecimento científico sobre os recursos materiais como forma de reduzir o esforço humano e aumentar a produtividade (LOBOS, 1976). Quando observamos as investigações da temática no campo econômico, encontramos o conceito de tecnologia engessado por estas indicações.

Observando escritos sobre estudos fundamentados em pesquisas realizadas com empresas americanas e escocesas, analisaram que o emprego das tecnologias não afeta apenas a linha produtiva, mas a articulação das pessoas e suas relações. Assim, Paiva (1999, p.4) explicita:

A Tecnologia de conhecimentos é assim concebida por Perrow como: [...] uma reação individual ao número de casos excepcionais encontrados no trabalho e à medida que estes são percebidos como familiares ou não familiares. B) Entende-se por tecnologia as ações que um indivíduo executa em um objeto, com ou sem os recursos de ferramentas ou dispositivos mecânicos, para fazer alguma mudança naquele. C) Portanto, rigorosamente definido, tecnologia de materiais consiste em: [...] Uma variedade de técnicas, cuja seleção, combinação e ordem de aplicação são determinadas pelo feedback do próprio objeto (ou matéria-prima).

Olhar sobre o universo da economia para compreender a tecnologia nos possibilita conferir o engajamento entre estes elementos: a dispensa do emprego da força física e a implementação de processos que aceleram a produção e, conseqüentemente, o lucro, bem como a interferência de tais mecanismos nas vidas humanas, uma grande artimanha em favor do capitalismo. No entanto, a tecnologia não se manteve apenas neste âmbito. A ampliação

para todos os outros setores da vida humana como comunicação, informação é o que mais se explicita na contemporaneidade. Silva (2003) discute o conceito de tecnologia levando em consideração:

[...] o desenvolvimento do produto como o processo de transformação de ideias, dados de mercado e tecnologias (já existentes ou novas), em novos conhecimentos para produção comercial. Na maioria das vezes uma “nova” tecnologia é a combinação de tecnologias já conhecidas (no mesmo ramo ou áreas diferentes), podendo estar incorporada em um produto ou em um processo de produção (SILVA, 2003, p.118).

Posto isso, julgamos necessário transitar por essas questões, observando suas principais causas e circunstâncias, intenções e processos manipuladores que colaboram com o domínio do capital sobre a vida das pessoas, com o propósito de melhor compreender as criações humanas e suas implicações. Silva (2013, p.852) destaca:

Na ideologização da tecnologia, não se consegue compreendê-la como a capacidade de o ser humano fazer-se a si mesmo, por meio da conquista e domesticação das forças que lhe são antagonistas e que o manteriam na condição de animal comum.

Silva (2013), ainda busca enfatizar não uma condição efetivada do processo da ideologização da tecnologia, mas uma proposta a pensá-la em todas as suas reais categorizações, fundamentações e conseqüente interposição no âmbito das inter-relações humanas. Ou seja, é neste universo de emaranhados entre fibras óticas, algoritmos, *mega bytes* é que buscamos situar o adolescente (des)conectado em teias relacionais.

2.6 Falha no sistema: tecnologias(s) para quem? Contraste e desigualdades concluídas com sucesso!

O caminhar do desenvolvimento tecnológico parece emendar artefatos e conhecimentos antigos com os mais atuais, numa elaboração de pensamento aliado à ideia de progresso e evolução; contudo, os processos tecnológicos na contemporaneidade não acontecem de forma homogênea em todas as classes sociais e localidades brasileiras, num exemplo contundente de ausência da acessibilidade democrática (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2021).

Quanto à utilização dos meios tecnológicos, especialmente os mais modernos característicos do ideal capitalista, a democratização do acesso ainda é uma realidade distante.

O que para uns tornam-se objetos comuns presentes nos cotidianos e instrumentos de informação, comunicação e trabalho (*home in work*)²³, para tantos outros, especialmente no Brasil, país que embora adote o regime político democrático é explicitamente desigual sócio e economicamente, uma barreira difícil de ser superada. Neste feito, concordamos com os estudos de Mattos e Gleison (2008, p.68) quando destacam:

[...] a implementação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) ocorre em um contexto marcado por acentuados e crescentes processos de exclusão social e de geração de assimetrias, decorrentes das características econômicas e geopolíticas do atual momento vivido pela Globalização Econômica capitalista.

Neste sentido, as TDCI também podem revelar a face da desigualdade e da exclusão social, uma vez que não são disponibilizadas a todos servindo apenas como engrossamento das formas de alienação e estratificação social e cultural da realidade. formas de alienação e estratificação social e cultural da realidade. No campo educacional, vivemos, sobretudo entre 2020 e 2022, a crise gerada pela pandemia da COVID-19:

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19 (OMS, 2020).

Quando foi decretada, a pandemia de coronavírus impôs a suspensão das aulas presenciais em todo Brasil, seguindo o exemplo de outros países do mundo, milhares de estudantes da rede pública²⁴ permaneceram sem aulas por não possuírem celular ou computadores com acesso à internet. Apesar de alguns esforços dos órgãos educacionais em manterem aulas através dos mecanismos das TDIC, muitos estudantes não tiveram como acessar as plataformas e canais virtuais de educação (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020), conseqüentemente, constatou-se um apagão na educação²⁵ brasileira em todos os níveis de

²³ Expressão inglesa, traduzida para o português confere a ideia de trabalho em ambiente doméstico ou trabalho externo feito em casa.

²⁴ Na Bahia as aulas presenciais foram suspensas no dia 17/03/2020 em decorrência da Pandemia da Covid-19.

²⁵ Pretto, Bonilla e Sena (2020) são os organizadores do livro do grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias GEC, da Universidade Federal da Bahia, UFBA, *A Educação em tempos de Pandemia*, e explicitam os agravamentos sofridos pelos estudantes de todas as idades e suas famílias desde as estruturas físicas das moradias bem como os indicadores de problemas relacionados à saúde, a questão da violência e do desemprego e, principalmente, o grave problema de conectividade que atinge boa parte da população brasileira e sua

ensino.

A pandemia de Covid-19 desnudou a desigualdade digital revelando um impacto sobre a educação. De certo, essa divisão social digital sempre existiu. Para Ramonet (2001, p.145), tal fenômeno, explicitado na pandemia, é um processo em curso na lógica do acesso às tecnologias da informação e da comunicação:

Muitos estimam, com certa ingenuidade, que o volume cada vez maior de comunicação fará reinar, nas nossas sociedades, uma harmonia crescente. Ledo engano. A comunicação, em si, não constitui um progresso social. E ainda menos quando é controlada pelas grandes firmas comerciais da multimídia. Ou quando contribui para aprofundar as diferenças e as desigualdades entre cidadãos do mesmo país, ou habitantes do mesmo planeta.

Compreendemos ser o acesso às TIC um instrumento de inclusão e democratização social, por isso, a implementação é tão necessária entre as nações. A política de acesso a tais bens nem sempre é garantida a todas as pessoas. Segundo Pinto (2005), tais ‘dificuldades’ fazem parte do domínio característico do capitalismo uma vez que a organização do capital é devidamente articulada para que os seus bens produtivos fiquem exatamente retidos a grupos restritos.

Mesmo entre *Os Nativos Digitais* (PALFREY; GASSER, 2011), geração que transita com facilidade pelos ciberespaços e seus múltiplos instrumentos, tal mobilidade tecnológica não é uma regra, sobretudo, entre os adolescentes de classes menos favorecidas da sociedade. Uma pesquisa realizada pela Agência Brasil (2020)²⁶ entre março e maio daquele ano, revela:

No Brasil, 4,8 milhões de crianças e adolescentes, na faixa de 9 a 17 anos, não têm acesso à internet em casa. Eles correspondem a 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária. Os dados, divulgados na semana passada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), fazem parte da pesquisa TIC Kids *On-line* 2019 [...] (CGI.BR, 2020a).

A pandemia vivida pelo planeta em 2020/2021 externou ainda mais a falta de acesso aos bens tecnológicos, por isso, quando se fala em “nativos digitais” não significa que todas

implicância na educação. O livro publicado em maio de 2020 pela *Creative Commons*, traz balizadores que indicam importantes reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela pandemia Covid-19. Disponível em: <file:///D:/tese/educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20tempos%20de%20pandemia%20-%20livro%20UFBA.pdf>.

²⁶ O levantamento é feito pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). Os dados foram solicitados pelo Unicef para medir, em meio à pandemia do novo coronavírus, causador da Covid-19, quantas crianças e adolescentes estão sem acesso a aulas *on-line* e a outros conteúdos da internet que garantam a continuidade do aprendizado (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>. Publicado em 17 maio.2020 - 13:23, por Mariana Tokarnia - Repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro.

essas pessoas estão incluídas numa realidade digital. A pesquisa *Kids on-line* (2019) revela, sobretudo, a situação crítica vivenciada pelos estudantes do norte e nordeste do Brasil, exatamente onde se localizam os sujeitos abordados neste trabalho.

Outra vertente que vale a pena ser observada se encontra nas em Nejm (2015) quando coloca em suspensão o modo como é imposta a ideia de “nativos digitais” relacionada aos adolescentes, situando boa parte destes como indivíduos, principalmente no Brasil (CETIP, 2019), não acessam ou possuem habilidades limitadas em relação ao uso das TDIC.

Estudos feitos por Cavalcante *et al.* (2017), sobre o uso da internet pelos adolescentes para consultas de assuntos relacionados ao âmbito da saúde constataram que uma porcentagem expressiva destes sujeitos tem dificuldade de acesso à internet devido a problemas de conexão. Os autores ainda salientam a necessidade de ampliação da conectividade digital entre os adolescentes. A mesma pesquisa ainda revelou que mais de 80% dos adolescentes nunca acessaram uma plataforma digital de educação, informação que aponta na direção do *analfabetismo digital* (destaque nosso). Sobre isso, Rocchigiani (2020, n.p) salienta:

O analfabetismo digital é diferente da exclusão digital. Não está necessariamente relacionado com a pobreza; está relacionado à incompreensão ou ao desinteresse das novas tecnologias. A pessoa tem acesso à tecnologia, um celular, um computador, mas não sabe usar corretamente, ou não sabe tirar o melhor proveito desses recursos em seu próprio benefício. O analfabetismo digital ou tecnológico se define como a falta de instrução e de manejo com ferramentas tecnológicas para realizar atividades do cotidiano; ele se apresenta como uma falta de domínio nos campos das tecnologias de informação e comunicação (TDIC) e suas linguagens. O analfabetismo digital pode permanecer em estado latente por anos, sem nunca causar o mínimo problema, e de repente surgir uma mudança, como a promovida pela pandemia do Covid-19 e da necessidade de as pessoas usarem aplicativos de celular para obterem benefícios sociais do governo.

Em contrapartida, observamos o anúncio de interesse na aplicação efetiva das tecnologias aliadas à educação como uma prática que corrobora as diretrizes do Ministério da Educação (2002), cujo teor ressalta a inclusão digital como uma importante meta. No entanto, na prática, esse é um escopo que dificilmente será atingido a médio prazo, na maioria das escolas brasileiras. Em contrapartida, o acesso às TDIC ainda é um privilégio de determinadas classes. Estima-se que “[...] a população de regiões mais ricas, próximas aos centros urbanos, com nível de escolaridade mais alta e mais jovem tenha mais acesso à infraestrutura de telecomunicações e aos serviços de Internet” (BALBONI, 2007, p.85).

A democratização do acesso às TDIC continua sendo um grande desafio na contemporaneidade o que não significa apenas a possibilidade de acesso aos bens

tecnológicos, mas habilidade e reflexão crítica pertinente para navegar no oceano digital. Cavalcante *et al.* (2017, p.8), assim expõem tal questão:

Este desafio é uma responsabilidade governamental, política e também da própria comunidade escolar. Ampliar as possibilidades de acesso às tecnologias da informação, à internet e, por conseguinte a conectividade não deve ser apenas um interesse pessoal, uma responsabilidade do cidadão, mas uma política de estado, um conjunto de estratégias que envolvam as instâncias públicas responsáveis pela garantia do direito constitucional de acesso à informação.

Concordamos com as perspectivas apresentadas para salientar o abismo digital existente entre as muitas realidades sociais em que vivem, estudam, trabalham e se relacionam os adolescentes (des) conectados. Resguardamo-nos, no entanto, diante do exposto, que as desigualdades em relação ao acesso às TDIC sempre existiram. A realidade pandêmica, a qual comentaremos um pouco mais adiante, apenas externou um pouco mais esta que é um dos traços da desigualdade social brasileira.

2.7 Redes reais/virtuais: interferências nas linhas relacionais

Por essa perspectiva, reafirmamos que as tecnologias, enquanto criações socioculturais, são situadas não apenas como fim em si mesmas, mas nas condições que são criadas e negociadas dentro do campo evolutivo humano. Denomina-se, dessa forma, o espaço tempo constitutivo capaz de demarcar o que antecede e precede a existência dos sujeitos. Nicolaci-da-Costa (2002) destaca a vida guiada pelas grandes invenções tecnológicas que marcaram o circuito histórico da humanidade como a energia elétrica, geladeira, o telefone, o computador, o celular, a internet. Isso, no entanto, não foi um processo tão rápido, tão pouco tomou os espaços geográficos e sociais na mesma proporção e velocidade. De acordo com Levy (1998, p.62):

O primeiro computador, o Eniac dos anos 40, pesava várias toneladas. Ocupava um andar inteiro em um grande prédio, e para programá-lo era preciso conectar diretamente os circuitos, por intermédio de cabos, em um painel inspirado nos padrões telefônicos. Nos anos cinquenta, programavam-se os computadores transmitindo à máquina instruções em código binário através de cartões e fitas perfuradas.

No campo da informação e da comunicação, as TDIC, permanecem exercendo seu papel inquieto e inventivo. A prova disso está na evolução dos mecanismos e dos processos que tornam possível a comunicação e a informação dos sujeitos. Lévy (1997/1998) ressalta a

capacidade de se obter, produzir, compartilhar informações em nosso tempo atuais, o que o autor denominou de comunicação “todos- a - todos”.

O ver e o ser visto a partir da conexão do mundo atual parece-se criar a possibilidade, ligar e ligar-se num único espaço/tempo, contudo, esta é uma conquista da atualidade, nem sempre tais facilidades foram efetivadas veementemente, tampouco estiveram ao alcance de todas as pessoas, embora se confirme que a maior parte dos adolescentes navegam por estes espaços (PALFREY; GASSER, 2011) cuja instalação e funcionalidade já estavam prontas quando estes indivíduos nasceram.

Ancorados no terreno das inter-relações dos adolescentes em meio aos processos tecnológicos e salientando a implicação de tais recursos, nos modos que esse grupo social aproxima-se/distancia-se das outras pessoas, é que discutiremos o que se configura como presencial/material e virtual no vasto território das inter-relações.

Dolto (1990) salienta que o estado de constante mudança presente na adolescência, possibilita o fortalecimento dos laços de amizade fora do contexto familiar. Neste feito, quando se é adolescente a relação, sobretudo, de amizade em tempos de escola, parece oferecer “promessa de eternidade”, mas com o passar da vida, a pintura etérea vai ganhando outros tons. Já não é fácil cultivar manter e acirrar os laços relacionais, no entanto, na contemporaneidade, outras formas de relações vão sendo moldadas para além “do contato olho a olho”. As TDIC cumprem o papel de mediar inter-relações tanto como véis de aproximação quanto de distanciamento, obedecendo à formatação relacional que passeia entre o presencial/material e o virtual.

O virtual aqui é entendido como um estado em constante defasagem em relação ao atual (DELEUZE, 1999), bem como o que enfatiza Lèvy (1996, p.16):

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.

As constatações dos autores corroboram a ideia do virtual, que se propõe o enfoque às passagens dos movimentos constantes, o porvir, ou seja, virtualidades. O virtual apresenta-se então como potência criativa inseparável do movimento pulsante da existência. Este se configura também como um espaço onde as pessoas estabelecem maior interação (GONÇALVES; NEURNBERG, 2012).

É neste universo que o adolescente contemporâneo (re)constrói seus movimentos

identitários e, em tempo, elabora enfrentamentos diante das experiências de alteridade, que exige o entendimento do eu-outro e a humanidade presente em todos. Desse modo, experienciam sua(s) adolescência(s) em teia de relações, aproximações, distanciamentos, conflitos, estranheza consigo mesmo e com o outro.

2.8 Teias de relações: redes de mensagens e pessoas

Na contemporaneidade, as relações também passam a se estabelecer através da mediação das TDIC. Estreitamente conectadas pela rede mundial de computadores, *internet*, e estas explosões de conexões trazem novas formas de relacionamentos e acabam por afetar a vida das pessoas. A internet é o “pulo do gato” do mundo tecnológico e é sob a sua influência que estendemos o nosso olhar investigativo entre a família, a escola e os adolescentes (des)conectados em teias de relações. “A partir da década de 1990 a internet mudou o mundo, provavelmente mais do que qualquer outro fator [...]” (HARARI, 2018, p.16).

Pessoas se conectam e (des)conectam por meio dos seus dispositivos móveis, computadores, *tabletes* conectados à internet. Uma rede de pessoas atizadas pela curiosidade segundo Nicolaci-da-Costa (2006). Afinal, celulares não se conectam apenas a outros aparelhos. Celulares conectam pessoas às outras. Segundo a referida autora, nos momentos iniciais, a rede rompia em crescimento acelerado o que ocasionava inquietações e reações adversas.

Mesmo tendo sido criada em 1969 nos Estados Unidos, no Brasil, a internet só chegou em 1988, anos depois de sua efetivação, quando já surpreendia as mais convictas mentes da humanidade. O vai e vem da onda tecnológica, promove mudanças em múltiplos sentidos e direções, a produção subjetiva e intersubjetiva não se distancia disso. Nicolaci-da-Costa (1998) salienta exatamente o poder que a internet passou a exercer sobre a vida das pessoas. De acordo com a autora:

Em nítido contraste com a difusão da telefonia celular os primeiros tempos da difusão da internet foram marcados por um enorme susto. Era impossível não perceber o seu ineditismo e seu grande poder de subversão não somente das expectativas em relação às formas de comunicação antes existentes, mas também em relação à circulação do capital, do conhecimento, da informação e de tudo mais que pudesse ser convertido em bits e bytes (NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p.26).

O que já parecia surpreendente com a telefonia, o fenômeno da internet veio definitivamente tornar as dimensões de informações e comunicações para além dos limites

fronteiriços e tornar ilimitadas as formas dos sujeitos verem, perceberem e sentirem o mundo. Os ganhos significativos, bem como as problematizações nos mais diferentes espaços sociais econômicos e políticos, levaram a humanidade a um caminho definitivamente traçado em redes de pessoas e realidades, sobretudo, é necessário pensar tal realidade e suas inflexões. Da perspectiva Harari (2018, p.17) “[...] ninguém sabe ainda demarcar, ao certo quais são/serão as consequências. Humanos sempre foram muito melhores em inventar ferramentas do que em usá-las sabiamente”.

Neste campo, inicialmente a superação da comunicação rudimentar, o desenvolvimento da linguagem que se confunde com a própria evolução humana, seguido por técnicas de comunicação através da linguagem escrita, inicialmente por canetas de penas, passando ao primeiro jornal que se conhece na História, este, oriundo em Roma (52, a.C), a Acta Diurna. Em seguimento, noutras partes do mundo civilizado, surgem as máquinas de escrever, os telégrafos, os telefones, os fax, os computadores, os *tablets*, os celulares, os *smart phones* etc.

Apesar dos incontáveis avanços e benefícios que as TDIC trouxeram à vida humana, a problematização em torno das suas contradições ainda é inquietante. Há evidentes questionamentos sobre o preço moral, ético, nomeadamente, o perigo que essas tecnologias representam para segurança de crianças e adolescentes (DESLANDES; COUTINHO, 2020)²⁷. Outro ponto de questionamentos é o das invasões socioculturais que ocupam a maior parte do tempo dos adolescentes (OLIVEIRA, 2017a) e, ainda, a vasta exclusão que produz, principalmente entre os povos que não portam renda suficiente para adquiri-la. Perrenoud (2000, p.126) pontua:

[...] cétricos de má fé, talvez haja espaço para uma reflexão crítica sobre as novas tecnologias, que, de saída, não seja suspeita, de se pôr a serviço, seja da modernidade triunfante, seja da nostalgia de velhos e bons tempos em que se podia ainda viver no universo do papel e do lápis.

Novidades no campo tecnológico continuam surgindo e não cessam de produzir novos saberes, conseqüentemente, outros modos de ser, viver, trabalhar, pesquisar e de relacionar-se, inclusive, em consonância com o próprio atributo difusão do conhecimento. Podemos perfeitamente afirmar que a internet se tornou um mundo dentro no mundo atual, de difícil

²⁷ O ensaio de Deslandes; Coutinho, 2020, publicado em junho/2020, busca examinar o uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências, o que os autores denominaram de autoinflingidas. É um dos trabalhos mais recentes sobre a temática e aborda relevantes aspectos relacionados às ameaças à saúde da criança e do adolescente. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702479&script=sci_arttext. Acesso em: 8 jul.2020.

cálculo de sua dimensão, alcance e ou proporções.

A Internet é uma rede de redes, muito maior do que tudo aquilo que podemos acessar com aplicativos de celular, jogos ou mesmo através de sites de busca como o Google. A Internet possibilitou a criação de novos espaços de interação social que não podem ser qualificados apenas como opostos ao real, como mundo à parte, de isolamento e alienação para os quais fugiriam os adolescentes na atualidade (NEJM, 2016, p.48)

É nesta perspectiva que corroboramos ser este espaço incalculável, indomável, território tão movediço quanto convidativo a pesquisas e explorações.

A produção científica contemporânea reporta às bases de constituição e sobrevivência de qualquer grupo social, em qualquer tempo e lugar, e se organiza com processos de criação, organização, gestão e difusão e controle do conhecimento que desafiam nossa compreensão de como se relacionam os processos com a complexidade cultural de fatores que envolvem o compartilhamento [...] (ANDRADE *et al.*, 2009, p.293).

Tal fenômeno nos leva a concordar com Souza e Oliveira (2014, p.4) “Deslizar por entre estes conceitos e suas múltiplas possibilidades, se constitui como desafios deslocados em cadeias”. O olhar nas inter-relações entre a família e a escola, convida, também, a observar como se dão as virtualidades ainda mais disseminadas pelas TDCI. Os mesmos autores ainda destacam:

A Internet se tornou inerente às nossas relações, em proporções inimagináveis, quer sejam elas pessoais ou profissionais. Com isso, no auge da internet um novo tipo de usuário surgiu, crianças e adolescentes ávidos, que aceitaram esses novos desafios das inovações tecnológicas, usada através dos computadores e dispositivos móveis, principalmente para fins de comunicação e trocas de informações (SOUZA; OLIVEIRA, 2014, p.2).

O que nos parece evidente, no entanto, é que as mudanças oriundas dos/nos processos tecnológicos da contemporaneidade, aguçam ainda mais este universo naturalmente enviesado, desafiador e tão denso quanto a própria estética da existência posto como “[...] uma ampliação da capacidade dos sujeitos para orientar sua percepção e compreensão ante as infinitas possibilidades da existência” (PEREIRA 2012, p.183). As inter-relações mediadas pelas TDCI parecem ser uma proposta de ampliação de entendimento e ou ampliação da compreensão da realidade.

Diante do exposto, e, mesmo considerando que nem todos os adolescentes têm acesso de modo igual às TDIC, pois, a exclusão digital existente no Brasil é tão ferrenha quanto as de outras ordens, levamos em consideração a conectividade como fenômeno que abrange uma

boa parte deste público. O Brasil tem um dos acessos à internet mais caros do mundo.

Baseando-nos em afirmativas da Agência Brasil (2020), *Kids on-line* (2018) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2018)²⁸, existe uma vasta ampliação de acessos dos mecanismos de informação por crianças, adolescentes na contemporaneidade, como: redes sociais, *Facebook, WhatsApp, Instagram, Twiter, Telegram* sejam acessados por computadores, *tabletes, notebooks, smart phones*. Esses são alguns dos recursos que acabaram criando o que se denominou de ciberespaços transitados por pessoas de todas as idades, sobretudo, os adolescentes (LÉVY,1999).

Observamos que a investigação destaca a detenção do acesso às TDIC, tempo de uso e disponibilidade de variedade de aparelhos como celulares, tvs, smart phone , computadores e tabletes às classes A e B, enquanto a classe D e E continuam à margem dos recursos tecnológicos – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC/2020), o que compromete, segundo o mesmo estudo, a continuidade do aprendizado já que no período pandêmico, a única janela que continuou aberta à educação foi exatamente a mediada pelo acesso à internet, através do uso das plataformas digitais e mídias sociais.

Embora indicadores²⁹ apontem a ampliação de acesso à internet durante o período pandêmico, também se destaca a pesquisa da Cetic (2020)³⁰ que mostrou o aumento de 152% do uso da internet no Brasil no período da pandemia. No entanto, a falta do acesso às TDIC continua denunciando antigos problemas relacionados às camadas sociais menos privilegiadas da sociedade brasileira, ainda mais explícitos nas regiões norte e nordeste do Brasil, espaço onde acontece a nossa pesquisa.

2.9 Nos emaranhados das teias relacionais: fios esticados sob afetos tristes

Nejm (2015) mostra em destaque a face violenta da internet, que vem se manifestando cada vez mais, sobretudo, nas redes sociais, cujo teor acentua as críticas da exposição ‘descontrolada’ dos adolescentes e jovens’ nos ciberespaços. A pesquisa supracitada *kids on-line/2019*, realizada no Brasil, investigou variantes relacionadas aos adolescentes e alguns

²⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, atualização anual sobre condições de vida das famílias brasileiras, 2018.

²⁹ Alguns destes indicadores encontram-se no site Gov.br está vinculado ao Ministério das Comunicações do Brasil, divulgou pesquisa realizada pelo PNAD, 2019, sobre o aumento em relação ao ano anterior da internet no Brasil no período pandêmico. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>.

³⁰ A pesquisa intitulada TIC domicílios registrou um indicador inédito sobre o uso das TICs no Brasil.

abusos sofridos na internet.

Além de se confirmarem fatos, como discriminação relacionadas à orientação sexual, religião, aparência física, violência e exposição, mostrou que as meninas sofrem mais que os meninos.

As multifaces violentas, as quais os sujeitos e, também, os adolescentes, estão expostos na internet, têm ganhado a atenção de muitos pesquisadores no Brasil e no mundo, bem como fatos relacionados às formas de exposição que favorecem o *bullying*, o *cyberbullying*, cujas consequências desencadeiam uma gama de problemas como ansiedade, mutilação, depressão e até mesmo o suicídio (VEDANA, 2004; OAB/Goiás, 2021)³¹.

As configurações relacionais transformadas na contemporaneidade sob o uso dos mecanismos de comunicação tecnológicas parecem aproximar pessoas. As conversões de ajuntamentos relacionais capazes de criar laços, seguindo tempos e cuidados, como se experimentava até um tempo atrás, aos poucos, vão deixando de ser singulares e caminham para fundamentos outros, plurais, cujas facilidades de se adicionar pessoas a uma lista de “amigos” em redes sociais, é imediata.

De igual modo, a exclusão, o bloqueio, o *deixar de seguir* e até mesmo o “cancelamento”³² público da imagem do suposto “amigo” da rede é uma atitude simplória moldada pela não aprovação dos gestos, atitudes, ações de uma das partes constituintes da relação. Contudo, quando algo não acontece de modo como o esperado em relação às expectativas e até mesmo por desafetos ocasionados por motivos diversos no âmbito das relações humanas, as potências tristes³³ se manifestam, às vezes, de maneira brutal e tomam formas solidificadas das mais variadas expressões de violência.

Um número considerável de adolescentes, que participam da pesquisa *kids on-line* (2019), afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência verbal por meio da rede ou terem presenciado atos de violências direcionadas a outros adolescentes, o que nos desafia refletir sobre os danos causados a outrem virtualmente, de como escapam pelas janelas da vida dos sujeitos e, em tempos de *internet e* tomam dimensões difíceis de serem calculadas.

Os estudos de Duarte (2022) contextualizam a violência da exposição de vazamentos

³¹ A Ordem dos Advogados do Brasil, do estado de Goiás, divulgou em sua página da internet um artigo relacionado o suicídio ao uso de redes sociais pelos adolescentes. O texto encontra-se disponível em: <https://www.oabgo.org.br/arquivos/downloads/cc964ed851fe18-ainfluenciadasredessociaisnosc-1-1054196.pdf>.

³² Na imersão das redes sociais a palavra cancelamento vem significando a total anulação da imagem pública de uma pessoa, tanto no âmbito real quanto virtual após atitudes que caem na desaprovação pública dos seus seguidores.

³³ Utilizamos em diferentes momentos no corpo do nosso texto, o conceito trabalhado por Espinosa na Ética VII, onde elabora a ideia das afetações dos encontros que podem aumentar ou diminuir o poder do conatus. Os encontros tristes, segundo o filósofo diminui a nossa potência de agir, viver (ESPINOSA, 2007).

de imagens íntimas de mulheres na internet especialmente adolescentes, fato que tomou relevância, após o suicídio de uma adolescente do estado do Piauí, após ter vídeos íntimos divulgados na rede no ano de 2013. Longe de esgotar as várias faces e contextos que englobam tal problemática, vislumbramos mencionar tais acontecimentos, com o propósito de observar os desenhos que se formam nas teias relacionais dos adolescentes que, muitas vezes, se estendem para aniquilação da própria vida, como uma forma triste e definitiva de se resolver o problema.

Em julho de 2021, a revista *on-line* Crescer, por Ongaratto (2021), trouxe o relato de uma mãe de adolescente que deletou a rede social Instagram e Tiktok da filha que colecionava mais de 2 milhões de seguidores. A decisão da mãe tomou dimensão na rede e arrancou elogios de especialistas e, é claro, o desprezo de milhares de adolescentes. Após sofrer uma enxurrada de críticas a mãe divulgou a seguinte nota:

Decidi apagar a conta do Tiktok e do Instagram dela. Chata, eu sei, mas nossa função como mãe não é ser amiguinha", começou. "O carinho que vocês têm por ela é a coisa mais fofa, mas eu não acho saudável nem para um adulto e muito menos para uma adolescente basear referências de autoconhecimento em feedback virtual. Isso é ilusão e ilusão mete uma neblina danada na estrada do se encontrar", justificou. "Eu não quero que ela cresça acreditando que é esse personagem. Não quero ela divulgando roupas inflamáveis de poliéster made in China. Não quero minha filha brilhante, se prestando a dancinhas diárias como um babuíno treinado. Acho divertido... E mega insuficiente. Triste geração em que isso justifica fama", afirmou. "Saudade de quando precisava ter talento em alguma coisa para se destacar". A mãe continuou: "Não quero que ela se emocione com biscoitos (assim que fala?) e elogios. Nem que se abale com críticas de quem não conhece. Opiniões são só reflexos de quem está oferecendo e não de quem recebe. Você me acha linda porque você é linda ou está feliz. Você me acha feia porque você é feia ou teve um dia ruim. Eu não tenho nada a ver com isso. A fã número um dela sou eu e ela continuará dando as caras por aqui, se quiser. Quando ela tiver conteúdo interessante para dividir, ela pode voltar a ter conta", disse: "A vida só presta quando se é feliz *offline* primeiro" (ONGARATTO, 2021).

A atitude da mãe da adolescente parece ter dividido opiniões entre os seguidores que manifestaram seus apoios e críticas através das mesmas redes sociais. O fato chamou a atenção de especialistas que veem estudando fenômenos como o entretenimento das redes sociais, cujas influências, acabam fisingando os adolescentes a ponto de estes não acreditarem mais ser possível outro tipo de vida fora das redes (SOARES; CÂMARA 2016; SANTOS, 2021).

As redes sociais favorecem e, de certo modo, sugestionam a exibição da própria imagem e o constante 'aparecer', de outro modo, "A exposição de si é vista, pois, como parte do processo mais amplo, no qual as interações sociais modelam e são modeladas durante o desenvolvimento dos adolescentes" (NEJM, 2016, p.44).

A exposição da própria imagem, como consolidação de ritual de ser no mundo e, também, como forma de consolidar aproximações e relacionamentos afetivos; aponta, muitas vezes, para a fina barreira entre a vida pública e privada (OLIVEIRA *et al.*, 2017c). Há uma eminente contundência, no entanto, de que a presença dos adolescentes nos meios digitais pode favorecer o crescimento da autonomia.

Neste momento de amadurecimento e construção gradativa de autonomia, os contextos digitais podem ser espaços importantes de aprendizado sobre a expressão de si, incluindo aí a exposição de si entre pares. Na escolha de músicas, vídeos, imagens e principalmente na elaboração de comentários, o processo de expressão do *self* nas plataformas digitais pode ser permeado por exposições sutis ou explícitas, mas que buscam sempre determinados aportes e provisões sociais (NEJM, 2016, p.69).

O limiar parece mesmo está na problematização da utilização dos meios digitais junto ao tom apelativo que surge a cada nova “modinha” e a corrida dos adolescentes para cumpri-la, ainda mais, quando este adolescente se torna uma figura pública, uma celebridade.

A preocupação da mãe, que excluiu as contas da filha, parece denunciar o aparecimento constante de personagens que surgem no âmbito teatral das redes sociais, a partir da reação do público com curtidas, *likes*, críticas, “bajulações”, violências, ofensas verbais, que podem acarretar no comprometimento da saúde mental, de modo a causar dependência psíquica dos indivíduos ao suposto prazer produzido pelas reações dos seguidores.

O documentário *Dilema das redes* (2020), cujo teor crítico, fomenta a transformação das redes sociais que surgem nos anos 2000 como veículo de aproximação, resgata os laços sociais, entre amigos distantes e a inclusão de novos, até a utilização de dados pessoais por empresas que tornam seus utentes numa espécie de robô.

O referido documentário desenvolvido em tom de esclarecimento e denúncia expõe a condição dos usuários das redes que passam a ser manipulados por determinados comandos/sugestionamentos, direcionando às suas respectivas emoções, ações e consumo. De sorte, revela como os nossos dados são utilizados por algumas redes sociais para continuarem nos monitorando e nos sugestionando. Uma espécie de poder manipulador e negociador de dados que rege as vidas das pessoas, num jogo de manejo socioeconômico, bem como empoderamento de empresas em detrimento da liberdade dos seus usuários³⁴.

³⁴ Há uma discussão quanto ao uso do termo ‘usuário’ das redes sociais. Muitos teóricos e comentaristas salientam que a sua utilização se torna pejorativa pois tanto alude a nominação de dependentes de drogas quanto ao uso de redes sociais como o *facebook* e o *Instagram*.

No escrito “Máquinas de ser, modos de ver”, Bruno (2004) traz a abordagem da vigilância tecnológica que danifica o vícios da vida privada e torna as consciências alienadas num fluxo de dependência alimentado pelo contexto político social da vida moderna. O alerta presente nas inserções da autora torna-se significativa, uma vez que nos ajuda na compreensão das teias relacionais desenvolvidas pelos adolescentes no limiar da contemporaneidade.

Somando as instigações sociopolíticas, compreendemos ser necessário, mesmo sem nos aprofundarmos, observar os vários aspectos que têm preocupado os pais, professores responsáveis e estudiosos, como os aspectos relacionados à saúde mental, dependência psíquica, depressão, suicídio entre outras vertentes que dizem respeito às vivências dos adolescentes no universo digital.

Em face às consequências mais extremas relacionadas aos conflitos inerentes às interferências na saúde mental dos adolescentes, o estudo de Salles *et al.* (2021), que comparou dados investigados em artigos publicados no Brasil na Europa e nos EUA, alerta para a acessão de casos de suicídio relacionados ao uso e exposição às redes sociais, ao mesmo tempo em que solicitam a atenção de pais, professores e autoridades para os problemas que vêm se agravando conforme cresce o acesso e o tempo de conexão dos adolescentes.

O estudo *Kids on line* (2018) ainda salienta que apenas um por cento dos adolescentes comunicam ou conversam sobre essa problemática com seus pais, responsáveis e professores, o que aponta a necessidade de ampliação de diálogo entre os adolescentes e seus pares (PONTE, 2012; DESLANDES; COUTINHO, 2020). Também faz-se necessária o desenvolvimento de ações de aspectos relacionados à orientação do uso e resolução de conflitos que, embora ocorram por meio da rede, são construtos sociais avassaladores e, considerando o âmbito universal do alcance da internet, podem até mesmo superar os conflitos presenciais.

Deslandes e Coutinho (2020, p.2484) destacam a necessária orientação e as mudanças atitudes como:

O diálogo e a escuta sem julgamento culpabilizador ainda são as ferramentas mais efetivas para saber dos filhos quais atividades fazem *on-line*. A oportunidade de discutir os riscos das práticas digitais lesivas está dada no contexto de uso intensivo da internet que vivemos a partir da experiência sanitária de isolamento social. Por um lado, não banalizar como “jogo” ou brincadeira tais desafios é uma forma de ajudar aos adolescentes a problematizarem os riscos envolvidos e a discutir as marcas identitárias dessa sociabilidade digital infantojuvenil.

Os episódios seriados do filme *Ctrl Z* (2020)³⁵ vem externando a questão da violência, exposição e abusos sofridos por adolescentes na rede de computadores, e, muito embora as cenas que se passam em cenário escolar e familiar dos adolescentes sejam baseadas em ficção, não deixa de elencar aspectos relacionados à realidade tangente.

Não longe da ficção está o estudo de Deslandes e Coutinho (2020) que observa o crescente uso da internet pelos adolescentes no contexto pandêmico, mesmo considerando as nuances da desigualdade ao acesso entre as classes, destaca entre outros aspectos, os milhares de acessos a vídeos de “desafios” nos quais os adolescentes são desafiados a entrarem em brincadeiras, nas quais se expõem a riscos, inclusive, de vida, no caso do “desafio do suicídio”, por exemplo.

Os autores Deslande e Coutinho (2020) destacam a influência dos personagens dos *youtubers*³⁶, “microcelebridades”, que crescem com a ampliação da oferta da internet no território brasileiro e vão tornando-se figuras públicas capazes de ofertar conteúdos diversos em rede e adquirirem visibilidade de milhares de pessoas, chamadas de “seguidores”. Grande parte deste público é formado por adolescentes.

Em contrapartida, Nejm (2016) salienta que alguns adolescentes exercem determinada autonomia nas inter-relações que desenvolvem na rede, inclusive observando aspectos relacionados à exposição de si, considerando grupos, linguagens, ambientes, ponderando e selecionando conteúdos e pessoas.

Neste sentido, observa-se que as interconexões criam um determinado espaço específico por onde transitam informações processadas em tempo real a partir dos mecanismos instrumentais das TDIC.

Estes espaços, então, caracterizam não “[...] apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). Também pela amplitude e ou alcance da rede é que os adolescentes parecem filtrar as suas exposições.

São pré-adolescentes, adolescentes, jovens e até crianças que estão, cada vez mais, conectados ao mundo virtual em paralelo à vida. Palfrey e Gasser (2011, p.11) salientam: “O

³⁵ Filme seriado exibida na plataforma de streaming Netflix a partir de 2020, original do México, na categoria DramaCriado por Carlos Quintanilla, Adriana Pelusi, Miguel García Moreno. Informações completas sobre episódios disponíveis em <https://www.adorocinema.com/series/serie-26491/>.

³⁶ Além dos desafios citados pelos autores ‘que são lançados, muitas vezes por *youtubers* mirins ou por adolescentes que convidam seu público a ingerir água fervendo, inalar desodorante e prender a respiração, entrar em apneia por tempo indeterminado, se auto enforçar, tirar autorretratos (*selfie*) em situações de risco, engolir substâncias, se auto lesionar e até mesmo se matar, outros desafios ganharam dimensão alarmantes de acesso pelos adolescentes como o da Baleia azul (LOPES, 2018).

mais incrível, no entanto, é a maneira em que a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e o mundo que as cercam”.

Para além das estruturas físicas do universo da comunicação digital, que forma os ciberespaços utilizados e coabitados pelos sujeitos que neles transitam, está o limiar poroso entre o real e o virtual e “O debate sobre a relação entre ambientes reais e virtuais antecede o advento da internet” (ROSA; SANTOS; FALEIROS, 2016, p.263). Nos escritos de Lèvy (1996), observa-se que há uma indeterminação entre a realidade material e a virtual e a barreira destacada entre ambos na contemporaneidade é, na verdade, uma resistência ocupada pelas novastecnologias.

Salientamos, pois que, para Lèvy (1998), o universo virtual não se opõe à realidade material e pode ser pensado como extensão da mesma, de certo, um universo de possibilidades que se projeta à frente dos sujeitos numa atmosfera inserida na vida, compartilhamento de realidades. “O virtual não é de todo o oposto do real. É, pelo contrário, um modo poderoso e fecundo que expande o processo e criação, abre o futuro, injecta um núcleo de significado por baixo da banalidade da presença física imediata” (LÈVY, 1998, p.16).

Na percepção de Deleuze (1996), a oposição não é entre o real e o virtual, mas entre o virtual e o atual, pois, todos os seres se encontram em estado permanente de potência a ser-outra. “Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro e todos rodeando e reagindo sobre o atual” (DELEUZE, 1996, p.49).

Neste sentido, tudo o que existe está fadado ao processo de tornar-se outro. Adicionamos a teia relacional dos sujeitos adolescentes e estes próprios, como seres atuais desmontados em partículas de virtualidades.

Questões envolvendo presencial/material e o virtual encontram-se problematizadas nos estudos de Neves e Savassi (2018)³⁷, refletindo sobre as ideologias mescladas nas inserções tecnológicas presentes na contemporaneidade, especialmente no campo da tecnociência, bem como a ausência da reflexão dos seres humanos sobre a invasão tecnológica e a dinâmica que, a todo custo, busca transformar a vida condicionando-a à ação das TDIC. As autoras ressaltam ainda, o teor humano sobre a máquina e sobreleva as emoções que nos fazem humanos. Desse modo:

[...] Caminha-se para a transferência da consciência humana para a inteligência

³⁷ Trechos de transcrição da apresentação da pesquisadora no TEDx Savassi, Cecília Neves (2018), o humano na encruzilhada entre o virtual e o real. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tLd6bQNxd8s>.

artificial. Estaríamos assim transferindo tudo para a máquina, mas a plenitude é o que dar conceito ao humano. A perfeição mata o desejo. O que desejar se já somos perfeitos? Assim como a plenitude mata a perfeição. Haveríamos o que sonhar se tudo fosse perfeito? (NEVES, 2018, n.p).

Nesse sentido, como Pinto (2005) e Neves (2018) também fazem um importante alerta sobre a tentativa de maquinização do humano, fato que parece corroborar com as inserções de Oliveira (2017a), sobre a excessiva utilização do tempo pelos adolescentes conectados às TDIC. A dinâmica de tal realidade se apresenta num plano de contraste político ideológico presente nas TDIC, sobretudo, porque nenhuma tecnologia é neutra.

Os autores Rosa *et al.* (2016, p.263) destacam diferenças entre os espaços materiais/presenciais e virtuais, na visão dos usuários das TDIC que produzem, consomem e se relacionam por meio de rede sociais como o *Facebook*³⁸, e concluem: “Na internet, o virtual está vinculado a uma experiência de comunicação que envolve o visual, o tátil, o auditivo, o sensorio”. Por isso, o limite transparente entre o material/presencial e o virtual está principalmente nas condições da ausência do contato físico, *o olho a olho*. A pessoa que estou a me comunicar através do celular embora distante, existe, de fato e pode tornar-se presente. Assim, são presencial/material e virtual não partem a realidade, flutuam de modo complementar, não opostos presentes na vida dos sujeitos.

É neste universo de conceitos, famílias, relações sociais, adolescências em definições e, forjadas pela modernidade, bem como nas reflexões acerca dos ciberespaços projetados pelas mediação tecnológica, que se transida entre espaços físicos e não físicos, estabelece-se relações às vezes com pessoas relativamente próximas, outras vezes distantes, contudo, ambas presentes na realidade. Lentes apuradas sobre as realidades forjadas nas teias relacionais dos adolescentes ora conectados, ora desconectados que povoam os muitos “Brasis” que coexistem no Brasil.

Observamos, no entanto, que a convivência com as TDIC e, conseqüentemente, as relações interpessoais entre os sujeitos da educação não tem sido uma tarefa fácil, ora por ausência da democratização destes mesmos recursos, ora por dificuldades diversas que incluem: deslocamento da posse do conhecimento (RAMAL, 2003), conflitos de interesses gerados pela distração dos estudantes (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), posto ainda, a ausência de políticas educacionais eficazes que realmente implementem os projetos de

³⁸ *Facebook* é a rede social mais popular do planeta e desempenha um papel de fazer com que as pessoas possam ver e serem vistas em todo o mundo. Recentemente um filme oriundo dos Estados Unidos, *A Rede Social* (2010) dirigido por David Fincher, com roteiro de Aaron Sorkin, baseado no livro de não ficção *The Accidental Billionaires*, de Ben Mezrich, buscou dramatizar o surgimento do Facebook envolvendo drama que este pode causar na vida dos seus milhares de usuários.

inclusão digital e a formação profissional dos professores (MORAN, 2007).

O contexto familiar e educacional começa a sofrer o impacto das mudanças promovidas pelas inserções tecnológicas a partir do final do século passado. Ainda que de modo tardio, quando boa parte do mundo, e, uma pequena parcela da sociedade brasileira, já estava acostumada com uma linguagem tecnológica: Cds, *pen drives*, *software*s, computador, tabletes, notebooks e celulares. Ressaltamos então que esses instrumentos tecnológicos e seus impactos são produtos de uma sociedade e de uma cultura (LÉVY, 1999).

Por essas interações, observamos o modo como os adolescentes transitam por entre os espaços presenciais/materiais e virtuais presentes na realidade, as respectivas implicações deste movimento nas relações que os mesmos estabelecem no âmbito familiar, escolar, bem como, as transformações forjadas nos espaços relacionais. Se as mudanças existem e são aparentes, por certo, outras configurações relacionais se reestabelecem na chamada vida pós-moderna.

Consideramos aqui pós-modernidade o que destaca Bauman (1998) a superação do que Freud (2016) considerou modernidade como advento da conquista da civilização quando as liberdades foram negociadas em troca de uma vida “civilizada” com alguns elementos que garantiam uma vida mais organizada e confortável.

A Pós-modernidade avançaria, então, para a desconstrução de conceitos, pensamentos e ideias marcadas pelos princípios racionais estruturados em ideais essencialistas edificadas sobre idealismo platonista e neoplatonista. O movimento parece ser a constante que determina a condição pós-moderna em muitos segmentos da vida social que marcam reconfigurações históricas, socioculturais, econômicas e estéticas com meio à (des) ordem contemporânea em uma “[...] falta de coerência e direção e também pela vastidão das possibilidades que pressagia” (BAUMAN, 1988, p.33).

Neste sentido, os recursos tecnológicos que permeiam as teias de relações entre os adolescentes, família e escola parecem encontrar perfeita ressonância com as (des)construções pós-modernas. As TDIC, vem garantir a perfeita (des)ordem nos modos de arranjos e rearranjos relacionais. Apontamos para o movimento de pensar a realidade das relações dos adolescentes (des)conectados com a escola, que segundo Harari (2015) se assentam em modelos tradicionais e resistem ao estudante adolescente conectado.

As desconstruções inseridas pela pós-modernidade no terreno das relações, aparentemente podem configurar-se como caos, sobretudo, se consideramos os aspectos referentes às ideologias mescladas às TDIC conforme Pinto (2005), cujas inserções apontam para a maquinização do homem. No entanto, é imprescindível para nós lançar um olhar

aprimorado para esses outros modos-meios de relacionar-se buscando compreender as suas reais significações para os adolescentes.

Sobre tais aspectos, observamos o que afirmam os autores Palfrey e Gasser (2011, p.35):

Os jovens revelam informações sobre si *on-line* para construir uma relação de confiança com outros e como uma extensão de suas vidas *offline*. Quando alguém envia um convite por e-mail para uma conexão no *Facebook* ou no *StudiVZ*, uma garota de 16 anos pode checar quantos amigos eles têm em comum.

Por esta perspectiva, encontram-se postas para o campo das relações humanas, as amizades *virtuais*, mas as pessoas, as percepções e as emoções nelas dispostas parecem ser bem reais. O longo tempo em que o adolescente passa conectado, o coloca mais presente no ambiente virtual do que no material/presencial, contudo, é imprescindível salientar que a barreira entre estes espaços, segundo Lévy (2007), não é intransponível.

Retomamos aqui as ideias de relações virtuais interligadas aos encontros potentes, salientadas na filosofia de Espinosa (1983), já diluídas em outros trechos desta escrita, para salientar que, segundo o pensador, são estes encontros que acionam a nossa capacidade de afetar e sermos afetados³⁹, noutras palavras, os encontros que podem ocorrer entre coisas, pessoas, ideias, pensamentos é o que aumenta e/ou diminui a nossa potência de agir e existir.

Na filosofia espinosiana:

Cada *conatus* está perpetuamente relacionado com outros e cada um pode realizar uma verdadeira guerra contra os demais para poder preservar-se, e o mundo exterior surge como um conjunto de causas que podem aumentar ou diminuir o poder do *conatus* de cada um (ESPINOSA, 1983, p 14).

Talvez dependa das ações intencionais de cada um, buscar apropriar-se do que aumenta o *conatus* e, através das redes relacionais os adolescentes (des) conectados até possam experimentar tais afetações.

A nosso ver, a busca por conexões virtuais é, de algum modo, uma procura por encontros potentes. Um *like*, a curtida na foto, o envio de um *emoji*, um comentário positivo numa postagem, podem aumentar o *conatus* de cada um; e mais intensamente, as reações e interferências contrárias podem diminuir a potência de vida dos sujeitos, a exemplo do

³⁹ Afetações, *conatus*, encontros potentes, potência de vida, alegria são conceitos presentes na filosofia de Espinosa, (1983).

ciberbullying, crimes virtuais, violências, reações negativas e indiferença.

2.10 As TDIC nos espaços escolares

Empreendemos, pois, que para a análise das inserções das TDIC no âmbito relacional estudante/ adolescente e escola, “É preciso efetivamente recompor o todo para conhecer as partes” (MORIN, 2000, p.32). O autor defende a necessária compreensão da realidade como exercício de plena lucidez. Esse seria o compromisso principal da educação escolar com o qual buscamos dialogar.

Os conhecimentos teóricos filosóficos permeiam a educação como o lugar da crítica e de construção do sujeito, principalmente, como agente capaz de reflexão, crítica, ação e transformação da realidade (FREIRE, 1996; 1998; 2000). Neste sentido, a educação é compreendida como ação democrática em pleno exercício de cumprimento efetivo da sua função na vida dos sujeitos (MORIN, 2006; PERRENOUD, 2010).

Além disso, a educação faz-se como proposta reflexiva da realidade não fragmentada (FREIRE, 2000), ou seja, possibilita a necessária contextualização do real em sua totalidade (MORIN, 2000). A educação, ademais, é apontada como perspectiva de busca do conhecimento que recria, reinventa (DELEUZE, 1990). Além do mais, a educação é definida como promotora da emancipação humana (DEMO, 2000). São essas as trilhas que escolhemos caminhar ao atentarmos para as teias que são acionadas no limiar das inter-relações.

Quando Lévy (1998) afirma ser a técnica um dos principais agentes de transformações das sociedades atuais, compreendemos que respingos recaem diretamente sobre a família e a escola e, conseqüentemente, sob os modos de relacionamentos dos sujeitos presentes nestes espaços.

Compreender os processos que promovem a chegada destas tecnologias em sala de aula, as políticas educacionais que as viabilizam e ou aniquilam, bem como os dinamismos sociopolíticos presentes em suas entrelinhas é um exercício de responsabilidade, endereçadas especialmente a pais, responsáveis e professores. Visto que a responsabilidade pelo mundo em que se estuda, trabalha, aprende, se relaciona, vive, sobrevive é do sujeito (ARENDDT, 1961), que perpassa pela portabilidade de competências e habilidades capazes de conduzir ao lugar do conhecimento efetivamente humanizado e democrático e, na contemporaneidade, atento às transformações socioculturais ocorridas no meio social.

Os ideários que conjugam sociedade e tecnologia vêm sondando a educação brasileira

desde as últimas décadas do século passado⁴⁰. No entanto, torna-se necessário observarmos, se as competências e habilidades movidas pela inserção das TDIC na educação corroboram a efetiva evolução do ser enquanto humano e, especialmente, se os indivíduos produzem relações intersubjetivas mais próximas, éticas e solidárias. Sob este prisma, buscamos pensar a tecnologia diante dos processos deliberadamente humanos.

Intentamos realçar os modos estruturais ou desestruturantes forjados pelas tecnologias, que ressignificam as bases de uma sociedade pautada na ideia de “progresso”, buscando identificar o que fica entre as brechas do processo penetrante das TDIC, cujas inserções, quase tudo carrega, dissolve, desterritorializa, modifica paisagens, lugares e relações.

Valente (1999, p.144) destaca:

Como produto histórico do ser humano as tecnologias são objetos de apropriação num contexto de embate político, cultural e educacional. A economia interfere fortemente na difusão de suas qualidades e urgências. Os valores humanos são cotidianamente inseridos ou desencavados de suas propostas e finalidades, tudo como um desafio eterno ao ser humano de se apropriar da natureza, da sua inteligibilidade e de suas forças para seu serviço.

Segundo o autor, as tecnologias não são objetos soltos no tempo e no espaço. São criações resultantes de articulações e ideários políticos econômicos e, de muitas formas, acabam por influenciar as ações humanas e os valores que as sustentam. De acordo com Flirtz (2011, p.32), os “Indivíduos e organizações, cada vez mais fazem uso de tecnologias que evoluem e, algumas vezes, revolucionam as estruturas das relações existentes, seja no âmbito pessoal ou mercadológico”.

As inserções de Sancho e Hernandez (2006) ressaltam que a escola deve estar posta num projeto de reflexão e ação mediante a utilização das TDIC na contemporaneidade, inclusive como alternativa de ampliar direcionamentos do processo de ensino-aprendizagem e modos de explorar a diversidade de possibilidades que as tecnologias oferecem e, ainda, como sugerem ou impõem novos modos relacionais entre os sujeitos.

Nos estudos de Peixoto e Araújo (2012), as visões do emprego da tecnologia ora aparecem como construto social imputado pelo homem, ora como poder de configurar a cultura e a sociedade. Perrenoud (2010) verifica que no âmbito da educação escolar quando

⁴⁰ Referimo-nos aqui as correntes pedagógicas tecnicistas. Surge no Brasil na década de 50, mas é consolidada com maior eficácia pelas entidades escolares no final dos anos 1960 com culminância em 1978. As Leis 5.540/68 (ensino universitário) e 5.692/71 (ensino de 1º e 2º graus) são marcos da implantação do modelo tecnicista. O modelo pedagógico tecnicista relaciona-se com o sistema capitalista de produção e, para isso, a formação dos alunos deve atender a determinados requisitos exigidos pelo mercado. A educação tecnicista valoriza o ideal técnico de produção e de mão de obra voltada para o desenvolvimento do capital.

relacionadas às TDIC, cuja utilização indica a direção para se compreender o que são essas novas tecnologias em suas facetas, dinâmicas e processos constitutivos socioculturais.

O autorenfatiza e nos alerta: “Observa-se um movimento que oscila entre a visão da tecnologia como uma ferramenta ou meio flexível e adaptável ao uso imputado pelo homem, e a atribuição a tecnologia do poder de configurar a cultura e a sociedade” (PERRENOUD, 2010, p.141). No que consiste à interferência das TDIC nos processos inter-relacionais é necessário observar se os principais envolvidos nestes processos executam a reflexão, o debate, as negociações frente aos objetos em que política, cultura, projetos se misturam (LÉVY, 1999).

Na questão das inter-relações do adolescente no contexto escolar, salientamos que a reflexão torna-se um fator imprescindível. Ao contrário das relações mercantilistas e de consumo, as relações no terreno pedagógico são permeadas de significações, negociações, receptividades e rejeições Perrenoud (2010, p.151) destaca:

Saber analisar as relações intersubjetivas é uma dimensão importante da política reflexiva. Toda abordagem psicanalítica didática ou psicossociologias da classe, sugere que os agentes, inclusive os adultos, não sabem exatamente o que fazem. O vínculo educativo é muito complexo, pois mobiliza demasiadas camadas de sua personalidade para que o professor domine racionalmente o todo da relação que constrói com seus alunos.

Dada a complexidade dessas relações entre os sujeitos que permeiam a educação escolar, as interações sócioinstitucionais tornam-se o gancho para reconhecer os processos, entraves, fluxos que se inserem nestes territórios. Observamos que, enquanto os discursos apontam para uma suposta existência ou inserção das TDIC no contexto da educação, estamos interessados em saber quais TDIC, quais adolescentes, quais escolas e, neste eixo, como se dão as relações entre os sujeitos da educação e as TDICs.

As pesquisas recentes (KIDS *ON-LINE*, 2015; IBGE, 2018; PNAD 2017/2018) apontam que o uso do celular e dos *smart phones* conectados à internet parecem ter contribuído para o acesso à informação e à comunicação; no entanto, as referidas pesquisas não destacam as condições desses processos de comunicações. É por este prisma que demarcaremos o território das teias de relações dos adolescentes, sem, contudo, ignorar as realidades díspares e contraditórias presentes no Brasil.

Faz-se necessário pensar a sociedade brasileira, embora não em sua totalidade, como um espaço conectado movido a energias, fios cabos fibras óticas quase sempre invisíveis aos olhos humanos. Uma sociedade em rede que faz e desfaz continuamente seus espaços num

fluxo de mudanças incessantes (BAUMAN, 1999). Neste império das velocidades modernas, o celular se tornou herdeiro da modernidade, par inseparável do homem pós-moderno, capaz de realizar tarefas diversas com eficácia inquestionável: reduz distâncias continentais, traduz informações na velocidade da luz e impõe novas formas de trabalho, lazer, inter-relações.

Na perspectiva da universalização do acesso, evidencia-se o ‘poder’ de consumo que os adolescentes têm relacionado à internet, bem como, de co-criadores de conteúdos que circulam nas redes sociais. Torna-se cotidiana sinônimos de influenciadores digitais⁴¹ como *blogueiros(as), influencers, youtubers*; a isso ressalta Oliveira (2017a, p.288), “O excesso de tempo livre, conjugado a novas possibilidades tecnológicas, criou uma configuração social em que o que o usuário saiu do papel de mero ‘consumidor’ de informação, para participante da sua criação”.

As referidas mudanças não habitam apenas no território físico material, mas também invadem as estruturas psicológicas da sociedade (NICOLACI-DA-COSTA, 2004). O uso do celular confere sinônimo às relações líquidas na contemporaneidade. Na perspectiva de Bauman (2001), estas são relações efêmeras, fluídas, superficiais que se fazem e se desfazem num toque de milésimos de segundos, movimentam-se na direção de adicionar, bloquear, deletar, publicar, compartilhar, conhecer, desconhecer, amar, odiar, trabalhar, falsear, manipular, simular, persuadir, dissimular, criar, viver e até morrer. O uso do celular, então, vem se inscrevendo como incremento das inter-relações, e, em especial, dos adolescentes, sujeitos mais conectados de todo o planeta. E é neste cenário vivo, pulsante que a educação escolar se insere ou busca se inserir.

Em relação a este aspecto, estudos que consideram o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil (KIDS *ON-LINE*, 2010), afirmaram que tal conexão ainda não atinge em demasia adolescentes de classes mais baixas. Na escola, apenas 32% conseguem acessar a internet, enquanto na Dinamarca e no Reino Unido esse uso é de 80 e 88%. Segundo uma parte considerável acessa internet em *Lan house* ou na casa de conhecidos (BALBONI, 2007).

O abismo digital acompanha outros traços de desigualdade social no Brasil. Aspectos desta assimetria social torna-se mais evidente, inclusive em algumas universidades brasileiras, a exemplo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, no período da Pandemia ocasionada pela COVID-19, criaram

⁴¹ Expressão utilizada para personalidades digitais que exercem influência sobre seus seguidores divulgando algum tipo de conteúdo na rede. Também se popularizaram como *social influencer*.

programas de inclusão digital⁴² específicos para oferecer aulas *on-line* para os seus estudantes, embora boa parte destes não puderam acompanhá-las (MIRANDA, 2021).

Com tudo isso, um vultoso número de estudantes, principalmente da rede pública de ensino brasileiro, são considerados sujeitos (des) conectados. Dessa forma, pensar a presença das TDIC na educação e as inter-relações escolares mediada por estas é admitir que há um abismo digital entre inclusos/conectados e outros tantos ficam à margem. Também quando se observa avaliações como a do Programa Internacional de Avaliação, Pisa (2018; 2020) externam a exclusão digital na educação brasileira, salientamos que há necessidade de crítica, autocrítica mediante tais engendramentos excludentes e no âmbito das realidades educacionais. Tais processos reflexivos devem ser permanentes e fonte incessante para produções de reflexões (FREIRE, 1994; 1996; 2000).

2.11 Estudantes adolescentes (des)conectados

Partindo do pressuposto da condição de conectividade da maioria dos estudantes adolescentes, ciberespaços são visitados com naturalidade por este público (YOSHIKUNI; ALBERTIN, 2013) o que parece ser um território desafiador ainda maior para os professores.

Nossa experiência na educação escolar constata que nos últimos anos dispositivos móveis como celulares, *smart phones* conectados à internet, estão presentes em quase todas as salas de aula e, nem sempre são “permitidos” (situamos tal afirmativa na realidade presentes nas escolas, observadas no período anterior ao pandêmico, 2020/2021). Ainda assim, tal fato não representa empecilho de uso desses aparelhos pelos estudantes e, mesmo mediante às ‘proibições’, há sempre um jeito de driblar a regra instituída. Como cidadãos planetários, alguns estudantes mantêm as suas presenças físicas nas salas de aula, mas imersos na realidade mutante.

[...] milhões de pessoas ao redor do mundo passaram a despender horas à frente do computador, navegando por todo tipo de site, visitando museus, xeretando bibliotecas distantes e antes inalcançáveis, lendo jornais estrangeiros e consumindo todo tipo de informações. Mas, acima de tudo essas horas passadas frente à tela, eram despendidas a frequentar os ambientes de encontros, interagindo com estranhos e frequentando ambientes e construindo relacionamentos virtuais mais ou menos duradouros (NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p.30).

⁴² Entre outras ações os referidos programas vislumbravam , promoveram ações como fornecimento de chips e bolsas pecuniárias para a compra de equipamentos de informática como *tabletes e notebooks*. Informações sobre os programas de inclusão digital desenvolvidos pelas universidades citadas no texto (UFRJ/UFBA), no período da pandemia, podem ser consultados em <https://conexao.ufrj.br/> e <https://proae.ufba.br/>.

Em proporções nada equilibradas de tempo, atenção e sentidos, está o estudante adolescente (des)conectado nos ambientes escolares, simultaneamente nas salas de bate-papo virtuais, nos canais de *Youtube*, *Instagram*, que ora visitam, ora as administram, seja visualizando mensagens, baixando as últimas músicas, comentando *post*; assistindo mais um episódio da série preferida, consultando os últimos lançamentos de jogos, séries ou qualquer outra forma de conteúdos presentes neste universo.

Observamos aqui o fator motivação dos adolescentes mediante às TDIC o que para nós, não basta, apenas, destacar a curiosidade nata desta faixa etária, mas também, as formas que esses sujeitos encontram de adquirir atenção, proximidade, amizade e prazer (NICOLACI-DA-COSTA, 2004). Sem dúvida, a inserção no mundo virtual se inserem como subterfúgio dos cotidianos escolares/familiares/sociais e os seus desdobramentos, tais como, cobranças, exigências, violências, abandonos. Os ambientes virtuais permitem a fuga da realidade (OLIVEIRA, 2017c). O acesso ao universo digital pode representar um ato de ativação dada de destes sujeitos.

A interação em tempo real, num ambiente novo, que guarda certo distanciamento do real, às vezes, torna-se tão interessante que passa a substituir o contato físico para os adolescentes. São interações que se processam num ambiente silencioso, quieto, trancafiado numa espécie de “mundo privado” onde se passa a maior parte do tempo, ou seja, onde realmente é depositada a sua atenção e interesse, aqui, de fato, conectado. O cenário em que se desenvolvem essas novas inter-relações parecem dissolver determinados valores e destacar outros mais justapostos à convivência humana atual (GONÇALVES; NEURNBERG, 2012).

A ausência da presença física pode ensaiar o preenchimento da necessidade de relacionar-se dos sujeitos. São subterfúgios contemporâneos permeados por relações desmedidas, imediatas, fluidas que, em muitos aspectos, servem como instrumentos de disseminação tanto da simpatia, como da antipatia, de aproximações e distanciamentos ou ainda se tornam preenchedores dos profundos esvaziamentos das relações contemporâneas.

Nesse sentido, é como se:

A tecnologia providenciaria uma impressão de escuta permanente e de proteção contra a solidão e o desamparo, com três falsas certezas: a de que podemos colocar nossa atenção no que quisermos; a de que seremos sempre ouvidos; e a de que nunca ficaremos sós. Isso leva as pessoas, especialmente os adolescentes, a dizerem que, para se comunicar, preferem escrever a falar (OLIVEIRA, 2017, p.285).

Por essa perspectiva, observamos que, na contemporaneidade, a tecnologia encontra

receptividade entre as pessoas no lugar exato das suas necessidades de atenção, interação, reconhecimento, aparentemente num real exercício de ver e ser visto, numa tentativa de preencher as lacunas relacionais enfrentadas pelos sujeitos.

Na atualidade, por razões diversas, nem sempre as demandas adolescentes são consideradas pela família e pela escola. O celular representa abrigo, parceria, companhia as consequências do seu uso como subterfúgio da realidade, reflete com intensidade no âmbito das inter-relações sociais, familiares e educacionais.

2.12 O celular tocou bem em meio à aula

Já não se fazem mais salas de aulas como antigamente! Observamos os caminhos e descaminhos das relações escolares neste novo contexto envolto às novas TDIC e é, também, por este prisma, que alguns professores vêm buscando oferecer passagem ao novo, ou ainda, aprendendo a enfrentar a descentralização do saber, antes mantido à luz da pedagogia tradicional, sempre sob o seu controle (CATANI, 2004). Tais modificações da realidade, por vezes, provocam inseguranças, indagações, dúvidas; ou seja, sentimentos que levam os professores a saírem da chamada “zona de conforto” (PRADO; ROCHA, 2018, p.150).

Com a potencialização e inserção das TDIC no ambiente escolar, o conhecimento tornou-se descentralizado. A escola não é mais o lugar exclusivo de busca do conhecimento e o professor detentor do saber. De outra forma, podemos afirmar que as novas TDIC trouxeram um novo norte à democratização do conhecimento e a necessidade contínua de atualização de todos os envolvidos no processo educacional já que é preciso garantir o aprendizado constante para atender às demandas contemporâneas e a escola sofre fortemente tal reflexo, pois:

Os jovens que hoje frequentam a escola básica brasileira, ao vivenciarem um processo de socialização permeado pela cultura digital, experimentam mudanças radicais nas concepções de tempo e espaço e em suas dinâmicas de interação social, construindo um repertório de interesses diversos do que lhes é oferecido pelas escolas (FERREIRA; VILARINO, 2013, p.195).

Bauman (2015) discute essa questão tratando da realidade tornada em espetáculo presente na multiplicidade e atrações fornecidas pelos aparelhos midiáticos. As crianças, adolescentes e até mesmo jovens universitários inundados por este mar de possibilidades, passam a não perceber a escola e o conhecimento nela oferecido como interessantes, tratando-os com superficialidade e total ausência de concentração.

Logo, a escola, os professores e pais, segundo Bauman (2015), têm um imenso desafio pela frente: o de ensinar a concentração, a leitura o aprofundamento em questões que são julgadas ligeiramente e de modo fragmentado e, ainda, os milhões de informações disponibilizados na rede com pouca fundamentação ou nenhuma veracidade. Menos velocidade, mais cuidado é o que exige a educação em meio aos recursos tecnológicos.

Destacamos que o professor da educação escolar em todos os níveis e modalidades de ensino é desde sempre, aprendiz. Tal exigência torna-se ainda mais necessária nos territórios permeados pelas TDIC⁴³. Há uma exímia necessidade de atualização de conhecimentos e dos modos de transmiti-lo, uma vez que o conteúdo de interesse pode ser acessado em segundos pelo estudante adolescente que domina com facilidade as TDIC. Os estudos de Noman (2014) alertam que adolescentes e jovens de escolas públicas levantam expectativas que as tecnologias possam contribuir para os processos de ensino/aprendizagem.

Salientamos, no entanto, que existem diferentes posturas dos professores em relação ao uso dos dispositivos móveis pelos alunos em sala de aula (NAGUMOS; TELES, 2016) e até mesmo distintas posturas das escolas mediante a utilização de dispositivos, que vão desde a proibição total, perpassando pela liberação parcial, ou até mesmo tornam-se indiferentes à presença do aparelho para evitar conflitos com os estudantes.

Zuin e Zuin (2018) explicitam a existência de diferentes pontos conflituosos em relação à liberação do uso dos dispositivos móveis em sala de aula, seja para fins pedagógicos ou não. Salientam que as proibições sempre vêm justificadas devido ao desvio de atenção, desconcentração e pouco ou nenhum foco frente aos assuntos relacionados à aprendizagem. Em nossa pesquisa, conferimos estes argumentos em alguns documentos oficiais⁴⁴ analisados em diferentes partes do Brasil e do mundo.

Partimos da premissa de que a internet é uma fonte multirreferencial de conhecimentos de inestimável valor, sendo boa parte destes sérios e válidos para estudantes das mais diferentes áreas, níveis e interesses. O estudante adolescente tem então à sua disposição um vasto leque de instrumentos de buscas para viabilizar os seus estudos, salvo não fosse seduzido pelas distrações igualmente oferecidas pela internet. São uma gama de materiais de entretenimento oferecidos como jogos *on-line*, redes sociais, entre outros, segundo a visão de

⁴³ Na tentativa de manter as aulas no período da pandemia a Universidade Federal do Rio de Janeiro, divulgou em nota o oferecimento de um kit de conexão com chip, programas de computador e chips de celulares aos estudantes sem acesso à rede. Informações sobre edital de convocação e nota disponível em: www.ufrj.com.br.

⁴⁴ Projeto de lei n.º 2.246-A, DE 2007 (Do Deputado Federal Pompeo de Mattos) Veda o uso de telefones celulares nas escolas públicas de todo o país. Também constatamos que em leitura do Diário Oficial de São Paulo, 2018, Lei estadual do Estado de São Paulo, nº 12.730/2007, proíbe o uso de celulares nas escolas. Em direção semelhante o Parlamento Francês aprovou lei com a mesma finalidade alegando ‘desintoxicação’ contra a desconcentração dos estudantes (WELLE, 2018).

alguns professores, “distrações” que comprometem todo processo de aprendizagem (GOMES, 2014).

Apontamos para a admissão que a escola é um lugar de conflito por natureza, (LIBÂNEO, 1990), mas também espaço de interações, negociações, aprendizados, crescimentos. Isso porque a escola é construída com o mesmo tecido dos humanos, pelos humanos e para os humanos e o conflito parece ser algo bem próximo às organizações genuinamente, humanas.

A natureza social e política dos humanos pode ser um fator sob o qual se sustenta tal condição, segundo Aristóteles (399, a.C), do mesmo modo as negociações em torno de uma vivência mais ética e democrática. Nas entrelinhas da filosofia encontramos o conceito de conflito anunciado como:

Definido como uma contenda a respeito de valores, ou por reivindicações de status, poder e recursos escassos, na qual os objetivos das partes conflitadas são não apenas obter os valores desejados, mas também neutralizar seus rivais causar-lhes dano ou eliminá-los, o conflito pode ocorrer entre indivíduo ou entre coletividades. Os conflitos não são sempre, de forma alguma, "fatores negativos" a minar a vida coletiva. Em geral contribuem para a manutenção e o crescimento de grupos e coletividades, bem como para reforçar relações interpessoais (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.61).

A zona conflituosa que se insere nesta teia relacional adolescente-escola é acessada pelo conteúdo visitado pelos estudantes adolescentes que, quase sempre são especificamente distantes e não contextualizados com o conhecimento proposto pela escola. A justificativa para isso pode ser justificada ante o grande número de acessos dos estudantes adolescentes, o que “[...] decorre da necessidade de lidar com um intenso fluxo de informações, do desejo de estar conectado o tempo todo e da compulsão de emitir conteúdo, a fim de ganhar visibilidade ou interação nas redes” (ISMAIL, 2013, p.86-87).

Sobre a lei que proibiu o uso dos celulares nas escolas da França, verifica-se que a distração dos estudantes entre 15 e 18 anos, além disso, foi o motivo que fez o país adotar rígidas medidas de proibição. Em semelhante direção, o autor alemão Türcke (2010, p.266) atenta para o rapto da concentração das pessoas por meio dos recursos audiovisuais e o modo como esses imperam: “[...] num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições. O meio de concentração é, propriamente, o meio de decomposição”. Esse, no entanto, não é o único conflito entre a permissão /proibição de celulares nos ambientes escolares.

Existe uma inquietação das gerações anteriores com as mais atuais, *nativos digitais*

(PARFLEY; GARSEY, 2011) no que diz respeito ao domínio das novas TDIC. Em sentido semelhante destaca Winocur (2014, p.18): “[...] mas sim as diferenças que eles observam entre a sua relação com as TDIC e a dos jovens e adolescentes, o que provoca muitas vezes irritação e sentimento de inferioridade”.

O uso da internet como fonte de informações que facilitam o plágio de conteúdos disponíveis na rede levanta questões de inúmeras perspectivas desde a preocupação com o aprendizado e a seleção da veracidade de conteúdos até as questões de dimensão éticas relacionadas ao plágio etc. De sorte, esses aspectos elevam ainda mais os conflitos nas relações dos adolescentes com a escola.

Diante da descentralização do saber presente na realidade educacional contemporânea, e, a partir dessa, as novas exigências direcionadas aos profissionais da educação Silva (2011, p.1) expõe:

O professor não é mais aquele que detém um conhecimento absoluto e dogmático (que não admite questionamentos), mas aquele que organiza a articulação entre o saber e o aluno. Nessa direção, o professor é alçado à condição de mediador, deixando de lado a postura de transmissor de conteúdos e, por conseguinte, assumindo o papel de orientador e de estimulador na construção social do conhecimento do aluno.

Nesta perspectiva, o conflito é a abertura ao processo dialógico e, para que este aconteça, a unilateralidade é deixada de lado e a dialética deve prevalecer. Não ressoa mais uma única voz, mas as vozes dos sujeitos envolvidos. Ademais, deve-se considerar o jogo das emoções atreladas às relações no âmbito escolar, afinal como cita Morin (2000, p.20) “Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção [...]”.

Neste sentido, o conflito se apresenta como efêmera posse de maturidade relacional e uma efetiva oportunidade de alargamento das percepções de pensamentos individuais e coletivos, singulares e plurais. A tal propósito, a educação e todos os seus envolvidos jamais devem fechar-se, o caminho é sempre renovação. Arendt (1961, p.14) aponta de forma excelente tal processo:

A educação é também o lugar em que se decide se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, qualquer coisa que não tínhamos previsto, para, ao invés, antecipadamente as preparar para a tarefa de renovação de um mundo comum.

As novas tecnologias talvez não venham endossar conflitos relacionais na sala de

aulas, ou apenas tragam à superfície o que se tenta soterrar: a prevalência das relações pautadas em imposições e o naufrágio de um sistema unilateral e não democrático que quase sempre trata os alunos como invisíveis, ou seja, “A escola é concebida como um negócio, a inteligência é reduzida a instrumento para o alcance de um dado fim e o currículo é restrito aos conhecimentos e às habilidades empregáveis no setor corporativo” (MOREIRA; KRAMER, 2007, p.46). É a sociedade ligada às TDIC respondendo aos processos de criação evolutiva dos humanos, criando possibilidades de se abrir portas às novas formas de criar, comunicar e viver.

Demarcamos aqui os entretempos vivenciados durante a escrita desta pesquisa, quando passamos a observar as mudanças de cenários impostos pela pandemia da Covid-19 mediante a utilização dos aparelhos celulares no contexto escolar. Nos meses passados esses aparelhos eram vistos pela maioria dos pais e professores como objeto de distração, e, até mesmo de conflitos. No entanto, no momento de readaptação, a partir do ensino virtual e híbrido⁴⁵, tais dispositivos tornaram-se importantes mediadores do conhecimento e este fenômeno se torna relevante no nosso trabalho.

Decerto que as relações interpessoais entre os adolescentes (des)conectados e a escola e, mais precisamente, entre estes e os seus professores, não são apenas terrenos convidativos a muitos olhares, seja na dimensão pedagógica, psicológica, social ou qualquer outra que busque compreender os seres humanos na contemporaneidade. Gomes (2014, p.24) chama a atenção:

Apesar da penetração da Internet em todas as áreas da vida social, econômica e intelectual, não devemos esconder as enormes dificuldades que ainda permanecem e que têm de ser ultrapassadas (ou atenuadas) se quisermos que o seu papel na educação continue a crescer.

No prisma pedagógico, o domínio das TDIC reflete como uma espécie de descentralização dos conhecimentos, e, conseqüentemente, da autoridade e do poder. (RAMAL, 2004; LEMOS, 2015). Entretanto, como vimos anteriormente, a palavra técnica também significa domínio, poder, logo, quem a detém torna-se portador (a) de tal designo.

O adolescente que manipula com propriedade as TDIC, quando as utiliza como busca de conhecimento no ambiente escolar, acaba por inserir-se como aquele que tem um determinado poder, muitas vezes, até mais relevante que o adquirido pelo professor. Ramal

⁴⁵ A expressão ‘ensino híbrido’ popularizou-se no período pandêmico quando os estudantes de escolas públicas e particulares passaram a incluir-se nesta modalidade de ensino que concilia aulas presenciais e *on-line* em diferentes períodos de tempo ou ainda de modo síncrono e assíncrono.

(2003) salienta as relações de poder exercidas no ambiente escolar em torno do conhecimento das TDIC, observando as possíveis dificuldades relacionais que estas podem trazer às inter-relações dos sujeitos envolvidos:

Pela primeira vez na história, a tecnologia da dominação é mais conhecida pelo "dominado". Em outros termos: até hoje o professor trazia o saber, a norma culta, a escrita "correta", para os não-letrados, reproduzindo no contexto escolar (por mais que houvesse cuidado e respeito pelo aluno) as situações de imposição linguística vividas pelas culturas orais. Hoje, ocorre um paradoxo: aquele a ser educado é o que melhor domina os instrumentos simbólicos do poder, o aparato de maior prestígio: as tecnologias. O que ocorrerá na sala de aula? Parece-me que as parcerias e a aprendizagem em conjunto serão inevitáveis (RAMAL, 2003, p.186).

Por esta perspectiva, alimentamos a ideia de que as TDIC no cenário educacional têm se tornado um desafio contínuo para os professores, além de mobilizar lugares em relação à difusão do conhecimento, bem como, impõem novas formas relacionais entre os sujeitos, sugerindo novas éticas, trocas, parcerias e cooperação no âmbito escolar.

Neste contexto, as observações levantadas por Lévy (1999, p.130):

Quem ensina e quem aprende? Quem pede e quem recebe? Quem infere a partir de novos dados, conecta entre si as informações, descobre conexões? Quem percorre incansavelmente a trama labiríntica da rede? Quem simula o que? Indivíduos? Programas agentes? Grupos conectados por *groupwares*? Operadores de todos os tipos. Instituições. Negociantes cavalgando entre os dois mundos, passantes, coletividades transversais. Tradutores, interfaces e redes de interfaces. O universo digital anteriormente descrito certamente tem algo de ficção científica realista cognitiva; entretanto, talvez mais do que isto, seja uma imagem transposta da ecologia cognitiva. Por que há muito que o saber se acumula, cresce e fermenta, se altera e se estraga, funde e bifurca em uma grande rede mista, impura e fervente [...].

O efervescente universo digital modifica as esferas de produção e compartilhamento de saberes. Os sujeitos envolvidos compõem, igualmente, parte das modificações processadas nestes territórios. Há de se aprender as melhores estratégias de seleção e aproveitamento do vasto conteúdo oferecido pelo mundo tecnológico, bem como, reinventar os modos relacionais inadiáveis à vida dos seres humanos.

Um argumento não válido seria considerar a relação professor estudante totalmente livre de conflitos, ao contrário, a sala de aula sempre foi um espaço de negociações, chantagens, apelos, provocações, sofrimentos (PERRENOUD, 2010). Cada pessoa, cada situação de confronto e dificuldades, em especial quando se atua com adolescentes, são fatores intrínsecos no processo ensino aprendizagem; no entanto:

[...] é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características

de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez, reflete valores e paradigmas da sociedade (ABREU; MASETTO, 1990, p.115).

Seguindo linhas semelhantes e salientando os efeitos das inter-relações desenvolvidas nas aulas dos professores, Freire (1996, p.96) destaca:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

Situando o pensamento presente em algumas correntes pedagógicas na História da Educação, encontramos tanto nas tendências tradicionais, liberais ou progressistas, a relação professor-estudante, como sendo inquestionável autoridade do professor (LIBÂNEO, 1999). Na tendência liberal-renovada, em que a construção do conhecimento baseia-se nas teorias de Piaget (1975; 1976) e Decroly (1929), a relação acontece através da postura ajudadora do professor para com os sujeitos envolvidos no processo do educar. Nessas teorias, a relação professor/estudante é vista como uma ponte para a construção do conhecimento. Já na tendência tecnicista essa relação passa pelo objetivismo da transmissão do saber pelo professor.

O que destacamos é que, mesmo em meio aos pensamentos educacionais das últimas décadas: escolanovista, sóciointeracionistas, histórico-crítico, e, mais recentemente, construtivistas, em que a visão do estudante passou de receptor a construtor/protagonista do conhecimento, a relação professor-estudante ainda transita por ideias de autoridade e do saber atribuído ao professor.

Salientamos, no entanto, que, seja qual for a postura do professor frente a essas representações, esse ator sempre deixará suas marcas nas trajetórias dos estudantes (BRANDÃO, 2017).

Sobre as marcas que um professor imprime na vida dos seus educandos, Freire (1996, p 96) enfatiza:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

As configurações da relação entre adolescentes e professores em meio às TDIC ou, no caso do atual contexto educacional pandêmico, mediado por estas, parece ser um terreno

sinuoso marcado por contradições. Se por um lado os “aparelhinhos” chega a seremos vilões dos processos educativos, os responsáveis pelo desvio da atenção dos estudantes e, conseqüentemente, os responsáveis pela reprovação, por outro lado, alguns educadores salientam o estreitamento de laços com os seus estudantes a partir destes mesmos “amigos infernais”.

Nota-se que, mesmo com a adoção da proibição do uso de aparelhos celulares em salas de aulas, estes aparelhos continuam a atravessar as relações e a suggestionar mudanças nos modos de aprender, ensinar, relacionar-se. O uso da internet pelos adolescentes, entretanto, incita olhares de professores, familiares e comunidade escolar visto que:

As redes atraem os estudantes. Eles gostam de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas. Mas também podem perder-se entre tantas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas (MORIN 1997, p.114).

Morin (1997) ainda salienta o que vem se configurando como uma preocupação elementar para pais e professores, escola. A conectividade que se impetra no mundo contemporâneo e as relações entre as pessoas produzem modificações intensivas nos modos dos adolescentes relacionarem-se.

Como um fenômeno intempestivo, a internet também vem forçando escolas e universidades a se adaptarem aos novos modelos de se pensar e fazer educação. Também por isso, observa-se que a criação de páginas, projetos, *blogs* atrativos na rede tem se tornado cada vez mais usual nestes espaços.

A lida com essas novas configurações relacionais, pautadas pelo uso de computadores, *tablets* e, mais frequentemente, pelo celular, acelera processos, distancia geograficamente quem se encontra perto, e, em muitos casos, cria lacunas irremediáveis que vêm substituindo o diálogo e a convivência.

Neste aspecto, vem se reconhecendo em demasiadas áreas de estudos e pesquisas das ciências humanas, a necessidade de se pensar a nova cibercultura e se promover a reflexão aliada à ação pedagógica que também requer do professor mudanças atitudinais e aprimoramento em sua formação, que, segundo Sancho e Hernandez (2006), deve ser acompanhada de grande autonomia, além de prever currículos atualizados e critério profissionais capazes de atender às reais necessidades dos estudantes.

Não há como ignorar a avalanche de modificações que as TDCI despejam sobre a educação escolar e as relações entre os sujeitos que a constitui. Segundo Gomes (2014), a

escola é convidada a adaptar-se a um novo molde, distante das bases estruturalistas, modelo centrado em estruturas rígidas, engessadas ou centralizadas, para um modelo mais ativo, movente e de certo modo, aberto e democrático.

A escola estruturalista dos saberes prontos, definidos, acabados e descontextualizados será desestabilizada pelo descentramento, pela contínua produção e negociação de sentidos e de novos discursos, pelas construções abertas e as paisagens inusitadas. Os conteúdos deixarão de se percorrer como páginas de um livro, para se tornarem janelas de um hipertexto, em múltiplas dimensões que se interconectam e interpenetram. As janelas abertas deixarão entrar luzes imprevistas (RAMAL, 2000, p.21).

Percebemos tal desestabilização como um processo de aprimoramento e crescimento no todo educativo dos sujeitos, afinal a interação de saberes ocasionada pelo uso das novas tecnologias, multiplica janelas e paisagens, pois, “[...] não há nenhuma distinção real bem definida entre o homem e a técnica, nem entre a vida e a ciência, ou entre o símbolo e a operação eficaz ou a poíesis e o arrazoado” (LÉVY, 1998, p.23), tampouco, certezas invioláveis sobre as formas de conhecer. Morin (2000, p.19) salienta: “Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão”.

Estudos de Mancebo e Alves, (2006) corroboram que as tecnologias mudam não apenas os modos de produção de uma sociedade, mas também os processos de produção de subjetividade das pessoas. Mudam as relações porque muda o pensamento das pessoas e consequentemente seu modo de ser e estar no mundo.

Consideremos o que ressalta Nicolaci-da-Costa (2006, p.30):

[...] as mudanças que a internet introduziu nas nossas formas de pensar. O fato de nos ser possível ter acesso a todos os tipos de informação, interagir com todos os tipos de pessoas de praticamente todas as partes do mundo ou explorar aquilo que é diferente produziu o novo tipo de pensamento-ágil, integrado e relativizado – que é característico dos dias de hoje.

No atual contexto educacional, há um distanciamento emergente entre o sujeito e o objeto do conhecimento (MORIN, 2000). O desafio de aprender a pensar as novas tecnologias e suas influências, dentro e fora das salas de aulas, conduz estudantes, professores, pais e comunidade escolar, ao lugar de permanentes pensadores e aprendizes de um mundo tão amplo quanto assustador e promovem a não habilidade em negociações, ponderações e administrações dos possíveis conflitos. Tal necessidade, não se limita apenas ao professor, mas a todos os envolvidos no processo educativo.

Canário (2006, p.13) defende “[...] como ideia central, a tese de que uma reinvençãoda

escola e do ofício de professor supõe um questionamento crítico e a superação da forma escolar, ou seja, do modo como escola atual concebe os processos de aprender e ensinar”. Por essa razão, a aquisição de uma prática reflexiva no ato de ensinar, aprender e compartilhar na contemporaneidade, inclui necessariamente o papel das TDIC neste universo.

No contexto de ensino e aprendizagem, a TI se manifesta como ameaça em diversas situações: Quando os alunos se tornam mais dispersos; quando isso atrapalha as dinâmicas de sala de aula; quando utilizada pelos alunos para desafiar os professores; quando utilizada para plágio de trabalhos; dentre outras situações. A TI também pode se manifestar como oportunidade, ao passo que professores podem utilizá-la para melhorar seu relacionamento com alunos, bem como para atualizar seus materiais, para ilustração de casos práticos [...] (FLITZ, 2011, p.40).

A receptividade do uso das TDIC em sala de aula traz a nuance da dispersão dos adolescentes, que não parece ser um fato novo no que diz respeito às queixas de professores. As inserções propostas por Flitz (2011) releva o uso dos celulares conectados à internet para fins de diversão e não de busca de conhecimento como acesso às redes sociais, jogos, músicas, vídeos e inúmeros outros fatores que se destinam a este fim. Em contrapartida, o mesmo autor também salienta as infindáveis possibilidades que as TDIC podem trazer ao âmbito educacional. Para nós, um exímio exemplo de “faca de dois gumes” cujos cortes e benfeitorias podem ser ditadas segundo as escolhas dos usuários.

Os processos descritos até aqui tomaram dimensão no corpo desta pesquisa, uma vez que o momento histórico em que se desenvolveu esta pesquisa, se inseriu entre o antes, o durante e quiçá, o depois da pandemia da COVID-19, fenômeno que forçou escolas e universidades do mundo inteiro a oferecerem ensino remoto a boa parte dos estudantes (SOARES; COLARES, 2020) e terminou por promover a inevitável convivência diária com as TDIC.

Sob este prisma, o celular, que antes era objeto de proibições de muitas instituições escolares, como vimos discutindo, passou a ser a única janela possível de não suspensão das aulas presenciais. Do mesmo modo, as questões de exclusão digital também ganharam fôlego relevante nesse período já que as aulas *on-line*, ao menos na realidade educacional brasileira, abrangeram com mais eficácia os estudantes de escolas particulares de ensino do que os da escola pública.

No âmbito familiar, as relações parecem caminhar na mesma direção que a escola, vez que o domínio das mídias digitais sobre os sujeitos como apontam Zuin e Zuin (2011), em seus estudos, não afetam apenas adolescentes, mas adultos e até mesmo crianças. Intentamos saber como as TDIC têm desenhado as relações familiares contemporâneas sob as

demarcações não estruturantes que cercam os adolescentes(s) e as adolescência (a)s sob o prisma da filosofia da Diferença, das famílias (re)construídas na contemporaneidade e sobre as TDCI que projetam conexões/desconexões que ora convidam, ora impõem novos modos relacionais entre os sujeitos.

2.13 Ele ainda está em casa? Adolescente *offline*

A necessidade de se estabelecer relações dos sujeitos não mudou. O que vem mudando, diante das novas organizações sociopolíticas e humanas, a exemplo das famílias e inserções das novas tecnologias, são os modos dos sujeitos se relacionarem. “Indivíduos e organizações, cada vez mais, fazem uso de tecnologias que evoluem e, algumas vezes, revolucionam as estruturas das relações existentes, seja no âmbito pessoal ou mercadológico” (FLITZ, 2011, p.32).

A necessidade de atenção, escuta, amparo e a sensação de criação de proximidade continuam a permear as relações mesmo nos territórios virtuais. Além disso, essas novas formas relacionais configuram-se como um convite à reflexão e permanente atividade de escuta e, como enfatizam Oliveira e Souza (2016, p.81):

[...] exigem a análise do fenômeno em todas suas dimensões e entender a complexidade dessa nova realidade da prática virtual por crianças e adolescentes. Além disso, tem como finalidade fazer um convite para futuras reflexões sobre o uso e interação desse novo ambiente inédito e de natureza exponencial que pode levar os adolescentes ao isolamento e com isso o rompimento dos vínculos deles com a sociedade, entre outros riscos.

Quando endereçamos as reflexões das autoras sobre as teias relacionais dos adolescentes (des)conectados e suas famílias, percebemos que essa é uma rota que vem sendo percorrida por estudiosos na contemporaneidade (NEUMAN; MISSEL, 2019)⁴⁶. Tais instigações salientam infinitos vetores e direções articuladas por esses no território das inter-relações que vão desde a suposta “aproximação” entre os sujeitos até mesmo o total distanciamento entre estes.

Os autores buscam, outrossim, salientar as nuances proveitosas conquistadas a partir da inserção das novas TDIC, como acompanhar a localização dos filhos, a facilidade na comunicação; em contrapartida, ressalta os reais afastamentos que se dão para além da

⁴⁶ O recente estudo das autoras Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes, traz uma análise de conteúdos observando aspectos positivos e negativos do uso das TICs nas relações parentais.

presença física entre os membros que compõe a organização familiar.

Consideramos a afirmativa de que “A família e escola talvez sejam os cenários onde a reverberação do uso do celular pelos adolescentes seja mais perceptível e polêmica” (VERZA; WAGNER, 2008, p.1). A velocidade das mudanças incutidas na vida social e pessoal dos sujeitos na contemporaneidade são, comumente, incorporadas pelos adolescentes. Neste aspecto, Souza e Oliveira (2016, p.5) revelam:

Os adolescentes absorvem todas essas inovações que a Internet proporciona com a mesma rapidez com que elas são criadas e paralelamente vão tornando-se dependentes dessa tecnologia. [...] fluxo intenso de comunicação e trocas de informações, são criadas novas formas de relações e possibilidades de interação, seja no ambiente acadêmico ou na vida pessoal.

O posicionamento dos pais e responsáveis, as distorções, o agravamento e a produção de conflitos no território das inter-relações familiares ocasionadas pelas TDCI revelam que a relação entre os adolescentes e sua família nunca foi um terreno de fácil tramitação. Desse modo, vestem-se a(s) adolescência (MOREIRA; RABINOVICH; FORNAUSIER, 2019). A(s) que se constituem como experiencições novas, intensas, diferenças, identidades mutantes, bastante evidentes na contemporaneidade e que em diferentes formatos e contrastes acatam distintas formas de ser e estar no mundo.

Os adolescentes buscam laços socioafetivos externos, que antes eram oferecidos pela família (CARVALHO, 2005), e em tempos de conectividade, tais laços, podem alcançar dimensões planetárias o que, de certo modo, podem representar riscos às crianças e adolescentes (DIAS *et al.*, 2019); mas também oportunidades de ampliações da própria visão de si e do outro.

As redes sociais⁴⁷ se consolidam então, como um ambiente propício às narrativas de si. Segundo Couto (2014), as redes facilitam a passagem do público para o privado e vice-versa, conduzindo o anônimo aos espaços onde se vê e é visto. A dinâmica das redes sociais ressalta os ideários atuais, tanto de ‘celebridade’ quanto de ‘anonimato’, e qualquer criação de vídeo caseiro e ou produção de imagens pode levar um indivíduo à fama numa velocidade antes jamais experimentada na história. Neste viés, “[...] Negar, criticar ou desvalorizar esse modo de viver participativo e colaborativo, onde cada um é estimulado a falar de si, a revelar-se, tem sempre algo de hipócrita” (PORTO, 2014, p.61). Os adolescentes estão presentes, atuantes e se apropriando das redes sociais, às vezes, muito mais do que nos ambientes

⁴⁷ As redes sociais presentes nas TICs aqui por nós mencionadas são o *Facebook* e o *Instagram*. A escolha dessas se justifica por serem as mais utilizadas pelos adolescentes do nosso espaço de pesquisa, segundo as nossas observações prévias de investigação.

familiares, estão mostrando-se e conversando mais com os amigos virtuais do que as pessoas do seu convívio.

As referências aqui dispostas trazem importantes pontos de discussões engendradas pela repetição da postura ‘ausente’ do adolescente, no que se confere não apenas como afastamento físico, mas como afastamento afetivo de diálogo e escuta (NEUMAN; MISSEL, 2019). Tal comportamento é visto nas salas de aulas e se reproduzem também no ambiente familiar e, isso é uma novidade:

A rede de informações é um recurso extremamente potente e transformou as comunicações interpessoais, a começar pelas famílias, desde a inserção do rádio e da TV e, posteriormente, a invenção do computador e da internet, principalmente a partir do surgimento das redes sociais virtuais (SILVA; SILVA, 2017, p.89).

Na visão de Silva e Silva (2017), a família tem sido afetada em suas formas relacionais desde as primeiras inserções tecnológicas em seu interior e, ao que se pode constatar, quando mais as TDIC evoluem, mais lacunas vão se formando entre os membros familiares. O fone no ouvido do adolescente que parece já fazer parte do seu corpo, os olhos fixos na tela dos celulares são estratégias utilizadas para ausentar-se do ambiente familiar geralmente marcado por exigências e cobranças. Segundo Oliveira (2016), as relações, que já podem estar ruins em um âmbito familiar, agravam-se com a presença das TDIC, e estas se tornam um meio de escapar das relações “face a face”.

A nosso ver, os comportamentos “escapantes” dos adolescentes necessitam ser pensados, refletidos, problematizados mesmo que, considerável parte das famílias no cenário sociocultural não disponham de recursos tecnológicos, fenômeno já observado através das pesquisas aqui mencionadas. Cercados por essas realidades duais e contraditórias, enfatizamos a necessária observação dessas “fugas dos adolescentes”, a saber, porque e como acontecem.

Pais e educadores são chamados a organizar e reorganizar estratégias de enfrentamento para que as relações não se tornem tão mecânicas quanto as TDIC. “As mudanças estão ocorrendo em toda parte, ao redor de nós, mas também em nosso interior, em nossa forma de representar o mundo. É urgente que nos equipemos com ferramentas para poder pensar estas mudanças, avaliá-las, discuti-las [...]” (LÉVY, 1998, p.5).

Salientamos a qualidade das relações ‘preferidas’ pelos adolescentes, isto é, as promovidas pelas TDIC, as aproximações que podem trazer sensação de escuta, companhia, proximidade, intimidade, nem sempre são o que aparentam. Recorre-se ao “oco”, “vazio”,

denominado por Lévy (1998), para tentar pintar as imagens abstratas presentes neste modo relacional atravessado pela realidade que se mescla entre presencial/material e virtual.

A (des) conexão dos adolescentes é um fato, bem como o excesso de tempo dispensado a essa atividade. Gonçalves e Neurnberg (2012) afirmam já ser o universo virtual um lócus onde as pessoas na atualidade parecem manter mais interação. O isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 veio intensificar tais aspectos. O órgão de pesquisa NIC (2020)⁴⁸ divulgou em sua página o resultado de pesquisas nacionais que constataram um significativo aumento do uso das novas tecnologias no período da pandemia entre 2020/2021:

A pesquisa aponta que 83% dos brasileiros das classes AB fizeram compras pela internet no trimestre da pandemia, mas eles já eram 63% a julgar pela TIC Domicílios de 2018. Nessa mesma comparação, a proporção da classe C fazendo compras *on-line* passou de 37% para 64%, enquanto nas classes DE disparou de 18% para 44%. Vista como um todo, a compra *on-line* que há um ano era praticada por 44% dos brasileiros, virou realidade para 66%. Da mesma forma, o consumo de filmes e música pela internet aumentou de forma generalizada. Mas a exemplo das compras, já era mais comum entre os mais ricos e avançou significativamente entre os mais pobres. Assim, enquanto a proporção de usuários de serviços de filmes e séries *on-line* subiu de 50% para 53% nas classes AB, o salto foi de 29% para 41% na classe C e de 11% para 32% nas DE. Em serviços de música, as variações foram de 16% para 26% (AB), 8% para 14% (C) e 4% para 8% (DE) (NIC/BR, 2020).

Essa nova forma de comunicação parece transportar os adolescentes a lugares outros, para além dos espaços físicos que ocupam em suas casas. A internet passou a ser o mundo onde esses sujeitos ficam imersos mesmo quando estão *off line*. “Porém, o comportamento dessas pessoas fica limitado ao uso excessivo da internet e, sendo assim, como que se procede ao lado familiar, profissional, de lazer, *hobbies*, entre outros, onde o convívio, o olhar nos olhos e o toque ficam?” (GONÇALVES; NUERNBERG (2012, p.132).

Os prejuízos relacionais podem se configurar de várias formas, inclusive, no mundo do trabalho o que já leva grandes empresas a buscarem apoio e tratamento de seus funcionários quanto ao uso excessivo da internet e a conseqüente queda na produção e na baixa concentração (CAPELLOZZA; MORAES; MUNIZ, 2017), o que corroboram com a ideia de que, não apenas os adolescentes estão sendo capturados pela teia digital, mas indivíduos de diferentes idades também estão presos a ela.

No terreno das relações, torna-se necessário observar que, quando tudo vai ficando meio que do lado virtual, as deficiências relacionais do mundo real tornam-se ainda mais agravadas, pois, “[..] não é certo que o uso da internet, sua apropriação e a interatividade que

⁴⁸ Os dados da NIC/BR se encontram disponíveis na íntegra em: <http://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2019/domicilios/>.

possibilita, intensifique a interação social; pode, porém, levar à redefinição das formas de trocar, de ser e de estabelecer vínculos sociais” (FERREIRA; VILARINO, 2013, p.196). Sobre isso, os autores Gonçalves e Nuernberg (2012, p.166) salientam: “[...] o que deveria ser uma relação de afetividade e encontro com grupos do mesmo interesse, fica em alguns casos à mercê da era digital”.

As TDIC, neste sentido, aparecem como passagem à transição de uma fase de dependência dos adolescentes a uma maior independência em relação aos pais e isso vem acontecendo, cada vez mais, de modo mais precoce atingindo crianças e pré-adolescentes (BELLONI, 2010). Em nossa percepção, soa como tática de ausência desenvolvida pelos adolescentes, isto é, uma forma de promoção do abandono ao ambiente escolar sem fazê-lo formalmente. Um fato que reforça que vemos chamando de (des)conexão.

Logo, a internet, que traz o mundo para dentro das casas e das escolas, parece arrancar partes importantes das oportunidades de proximidades e relações dialógicas. Já no contexto pandêmico, 2020/2021, cabe-nos observar se essas mesmas relações resguardam a dialogicidade, se as TDIC sobrepõem-se à tal possibilidade, ou propiciam outras formas de fazê-la.

2.14 Puxando os fios dialógicos por entre teias interrompidas

Como vimos afirmando, as teias relacionais, que constituem a realidade dos adolescentes na contemporaneidade, parecem carecer da dialogicidade como fios que se esticam sobre espaços sociais, familiares, escolares. A dialogicidade, cujo âmago se inscreve no diálogo, e este, constitui-se de palavras que buscam sempre ampliar os limites da comunicação (FREIRE, 1987) são, em grande medida, a indicação para se percorrer caminhos, tão múltiplos quanto incertos entre as vias da conectividade.

Os avanços nos modos relacionas presentes na contemporaneidade, possibilitados pelas TDIC, não subtraem ou esgotam as possibilidades dialógicas entre os sujeitos, ao contrário, quando alinhadas ao pensamento freireano se fazem necessárias, como condição de entendimento, contradição, problematização da realidade, exercício de comunicação, reflexão, autonomia e exercício de alteridade (FREIRE, 1987; 1995). É necessário lembrar que as TDIC são mais uma invenção, para aproximação e comunicação entre as pessoas na contemporaneidade, portanto, uma colaboração indispensável quando pensada sob este prisma.

Deleuze e Guatarri (1980) colocam a Filosofia como criadora de conceitos. Assim,

sugerem o conhecimento intuitivo criativo como a fonte incessante da (re)criação de tudo o que é, ou no momento, vem sendo (PEREIRA, 2012). A partir destas denominações, esses filósofos arriscam a reinvenção do que é dado, das formas existentes e passam a anunciar a criação como atividade incessante que ocorre no âmbito das atividades humanas. Elegem a filosofia, as artes e a ciência como cenários propícios aos processos (re)criativos dos conceitos (DELEUZE; GUATARRI, 1992; BRANDÃO, 2017).

Em consonância com tais pensamentos, transitam os conceitos elaborados por Freire (1987), como princípios educacionais, mas que estão presentes nas formas como se constitui a base das relações entre os sujeitos, a dialogicidade.

O diálogo proposto por Freire (1987) sobre uma reinvenção em seu conceito, em grande medida, é comunicação. Freire (1980b, p.67) afirma que “[...] comunicar é comunicar-se em torno do significado, significante” e a “comunicação é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo”. Nesta perspectiva, aparece a dimensão do diálogo que, além de comunicar, ganha significado entre os sujeitos envolvidos. O diálogo não é a mera troca de mensagens e ou ideias, mas o ato de perceber-se e perceber o outro, num exercício de encontro, liberdade e criação humana. Outrossim, o diálogo se alinha entre a simplicidade e a complexidade das questões humanas.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 1987, p.46).

Assim, um ser que dialoga não se sobressai ou subtrai o outro. Num exercício de autonomia, mas também de alteridade, percebe-se enquanto ser que dialoga e/no/com o outro. Sem apelos hierárquicos ou subtrações da dignidade e existência, seja de si próprio ou do outro. Quando se nega ao outro o direito de falar, ouvir e ser ouvido, o diálogo é anulado (OLIVEIRA, 2017) e passa-se à condição de dominação. Apenas o diálogo percorre livremente a via da autenticidade e garante a conexão ética, ligação entre os sujeitos.

O diálogo em Freire (1987, p.13) também revela outras faces: “O diálogo é em si, criativo e recreativo”. É criativo, pois permite aos sujeitos se situarem reflexivamente ante a realidade, e é recreativo, porque busca nesta prática reconstruir e transformar a realidade que jamais será a mesma diante da ação. É dialógico, pois se opera num contexto de reconstrução, mas também de alegria e prazer.

O diálogo recreativo freireano não se põe, apenas, como atividade de lazer, mas

uma vez a dialogicidade presente na realidade dos sujeitos propõe um cenário de visibilidade, fraternidade, celebração e contínua transformação.

Posto isso, diálogo é condição de existência. Segundo Freire (1983, p.78), “existir humanamente é pronunciar o mundo e o mundo se volta exigindo do sujeito um novo pronunciar”. Desta forma, a realidade permeada pelas TDIC reordena os modos relacionais e exigem ainda mais um novo pronunciamento, dinâmico do falar, do ouvir, do perceber, do atuar e modificar. Entretanto, não dispensa o sujeito de pronunciar-se, ao contrário, possibilita que o proferir se reformule, se reinvente e se amplie constantemente. Neste ponto, a dialogicidade é um ato necessário e político.

A dialogicidade seria, então, um passo fundamental para a ransição do indivíco à condição de sujeito que reconhece a si próprio no meio social, um passo fundamental pra a constrção e transfomação de si e do meio, tendo a educação, um dos suportes indispensaveis neste todo constitutivo, inclusive, como viés “[...] de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, 2009, p.96).

Pereira (2019)⁴⁹, ao buscar articular as ideias de diálogo e dialogicidade em Freire, reconhece que o diálogo proposto pelo pensador não se constitui em simples troca de ideias a serem consumidas, mas na ação e criação de mundos. Assim, se as possibilidades de inserção de diálogos são ampliadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, também corroboram a (re) criação de mundos, conhecimentos, aberturas e dialogias.

A dialogicidade, então, situa os seres no mundo diante de si, do outro e dos desafios impostos pelas contradições presentes na realidade. É o ponto meio que se faz externar a palavra que constrói, multiplica, transforma. Sob esse prisma, “[...] o diálogo não aprisiona o ser humano e sim, o liberta” (OLIVEIRA, 2017b).

Na realidade social ocupada pela conectividade/desconectividade dos adolescentes há de se observar as formas outras em que o diálogo se manifesta entre os pares, uma vez que, “[...] o diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (FREIRE, 1986, p.14).

Não sendo individual, a coletividade no ato de comunicação dialógica explicitamente enfatizada por Freire (1986), faz-se tão necessária quanto atual. Freire (1987), enfatiza que a

⁴⁹ A pronúncia da professora Dr^a Elisabete Pereira da Universidade de Campinas (UNICAMP) foi extraída do vídeo do "Programa de Formação Continuada de Professores: uma ênfase cultural – PAULO FREIRE (EDU-0511)", produzido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Superior (GEPES) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k9YQ1O8ONs8>.

humanidade, homens, mulheres e crianças, fazem-se na palavra, mas não a palavra no vazio, no deserto, sem retorno ou percepção do outro.

Na contemporaneidade a dinâmica percorrida pelas TDCI corrobora com a expressividade de todos que acessam a rede num movimento de “estar aqui”, presente, participando, compartilhando, mas também percebendo e dialogando com o outro. Pensamos serem esses espaços capazes de possibilitar a dialogicidade através da sua práxis⁵⁰.

⁵⁰ A práxis salientada por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, (1987) é pautada na reflexão e ação, assim, a dialogicidade tal qual apresentada por Freire apresenta, sobretudo, um espaço político de interação entre os sujeitos, mas também de transformação do real em partilha e coletividade.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: ITINERÂNCIAS, MAPAS, ESTRATÉGIAS E MUDANÇAS DE ROTAS - NAS LINHAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Esta pesquisa se inscreve numa abordagem qualitativa, pois, propõe-se a observar aspectos relacionais genuinamente naturais e pertinentes aos seres humanos. Ocupa-se com a “[...] tarefa dinâmica de sondar a realidade e desvendar os seus segredos” (MINAYO, 1995, p.7). Na perspectiva voltada para explicitação dos fatos investigados, num contexto alinhado entre teoria e prática. Buscamos aqui muito mais do que instigar resultados numéricos ou marcadores, explicitar recortes da realidade dos adolescentes nas suas teias relacionais em tempos de conectividade.

Reconhecemos a pesquisa qualitativa como um processo metodológico que se debruça sobre o entendimento de como o humano vivencia os fenômenos socioculturais a partir das ações particulares e coletivas entre seus pares no ambiente natural em que convivem e se relacionam (MARTINS, 2004). Outrossim, a nossa perspectiva frente à pesquisa qualitativa “[...] tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT; BECKER; HUNGLER, 2004, p.201).

O foco nas inter-relações dos adolescentes desenvolvidas no âmbito da dinâmica das conexões pode possibilitar o entendimento de como as TDIC atravessam espaços da vida contemporânea, remediando ou ditando, outras teias relacionais.

A metodologia qualitativa de pesquisa apresenta uma determinada flexibilidade frente aos modelos estruturais, o que permite a maleabilidade necessária para dialogarmos com outras perspectivas metodológicas, e, ainda, admite-se utilizar a criatividade quanto à escolha de técnicas e instrumentos de coleta de dados, aliando mapeamento e intercruzamento entre estes (GODOY, 1995).

A natureza básica da pesquisa qualitativa se insere, segundo Godoy (2005, p.32), como:

[...] uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, em que se utilizam múltiplas fontes de evidência.

Por esta perspectiva, o nosso cuidado foi explorar aspectos relevantes das inter-relações dos adolescentes (des)conectados no âmbito de diferentes contextos e perspectivas de

forma concisa e clara.

O nosso olhar sobre pesquisa corrobora as seguintes concepções: “Do ponto de vista da investigação qualitativa, procura-se a compreensão das complexas inter-relações que acontecem na vida real [...]” (MEIRINHO; OSÓRIO, 2010, p.50). Desta forma, reforçamos nossa escolha pela pesquisa qualitativa, por possibilitar a leitura de diferentes olhares sobre o nosso objeto.

Amparamo-nos na pesquisa qualitativa em uma perspectiva exploratória, visando adquirir um pouco mais de compreensão sobre o universo adolescente em tempos de conectividade. Segundo Gil (2008), as pesquisas de ordem exploratória estão em busca de detalhar um pouco mais da realidade investigada desconhecida ou pouco explorada, e, muito embora, as relações alinhadas pelas TDIC sejam objeto de alguns estudos e pesquisas na contemporaneidade, ainda há muito a se descobrir, explorar contextualizar acerca da temática suscitada.

As contribuições de Gerhardt e Silveira (2009, p.35) concebem as pesquisas exploratórias como um “[...] tipo de pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Assim a partir do que vemos desenvolvendo em todas as etapas do nosso trabalho, desde o projeto de investigação até as considerações dos resultados, confirmamos a nossa proximidade pessoal, acadêmica e profissional com este modelo de investigação é qualitativa exploratória.

Gil (2002) ressalta como uma das intenções das pesquisas qualitativas exploratórias esclarecer, criar, elucidar ou ainda, ampliar conceitos investigados, acenando para o levantamento de outros problemas e hipóteses, acenando para futuras investigações e produções acadêmicas.

Deste modo, reconhecemos que o recorte relacionado à investigação sobre os adolescentes (des) conectados ainda carece de produções acadêmicas que elucidem determinados fenômenos em seus diferentes contextos, quiçá sobrelevem aspectos desta realidade e despertando interesse de outros pesquisadores, em novas propostas de investigações e ou intervenções.

Detalharemos nas seções seguintes, as concepções teóricas, as técnicas e instrumentos que utilizamos em diferentes momentos da nossa pesquisa, os modos como esses elementos foram pensados, escolhidos e ajustados às circunstâncias que foram surgindo no decorrer da pesquisa.

3.1 Olhares à espreita: momentos de observação

Utilizamos a observação para proceder aproximações entre o campo e os sujeitos investigados, contudo, o processo observatório já havia sido iniciado desde a formulação do nosso problema e recorte da realidade que idealizávamos investigar.

Apesar de sabermos o que buscávamos observar no campo, não fizemos ali uma observação participante, pois, procuramos coletar informações relevantes à nossa investigação sem, no entanto, interferir ou participar diretamente do contexto observado (GIL, 2000), sobrelevando o viés exploratório, o qual a nossa pesquisa se inscreve. Desse modo, conciliamos a técnica de observação não participante assistemática, pois não assumimos uma postura tecnicista, mas procedemos a coleta de informações relacionadas às questões de interesse do estudo sem renunciar a outras que poderiam surgir no decorrer do processo de investigativo.

Neste sentido, a observação como técnica empregada em nossa pesquisa nos permitiu viabilização e exploração prévia do campo, aqui formado por duas escolas sendo uma da rede particular e a outra da rede pública e dos adolescentes que são estudantes dessas instituições. A observação do campo nos possibilitou apurar o olhar sobre a realidade e o momento vivenciado pelas escolas e seus membros.

Tomamos a observação como técnica conforme sugerem Toledo, Gonzaga e Claro (2011, p.122):

A observação deve ser inteligente e sagaz, de modo a permitir clara distinção entre os fatos que são relevantes, para o estudo em causa, e os inúmeros outros que se apresentem concomitantemente. Por isso deve ser atenta, precisa e metódica. Deve ser pertinaz, completa, porém analítica.

Fizemos uso da observação como recurso investigativo, empregando-a no reconhecimento dos fatos, fatos, fotos, traços, acontecimentos, comportamentos, relações, interações, vozes, olhares, narrativas dos participantes em suas respectivas escolas. Servirmo-nos da observação em vários momentos da pesquisa, algumas vezes, direcionamos ao campo investigado, com o fim de os espaços e os sujeitos, planejar e reorganiza, outras submetendo o próprio movimento da pesquisa, quando nos foi exigido reformular rotas e repensar estratégias.

3.2 Esculpindo registros, memórias: diário de campo

No período em que antecedeu a nossa entrada de campo, aliada às nossas observações fizemos as nossas anotações no Diário de Campo, que para nós apresentou-se como instrumento de exímio valor, cujas informações registradas, colaboraram com a nossa escrita em diferentes etapas do processo.

O diário de campo se inscreve em nosso trabalho como um instrumento técnico imprescindível, pois, consolida as experiências do pesquisar, de modo que estas vão tomando dimensão documental capaz de preservar particularidades em tempo real fundamentais para orientação e direcionamento das produções e estudos.

Contendo anotações pessoais e detalhamentos observados no campo de pesquisa, e, alimentado por frequentes escólios, o nosso diário de campo foi se fazendo rente ao caminhar da pesquisa. Dessa forma, corroboramos, pois, com o que define Araújo *et al.* (2013, p.54):

O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término.

Assim, em muitos momentos, recorreremos ao diário de campo para registrar as nossas impressões diversas a respeito dos contextos e sujeitos investigados, sobretudo, os fatos que iam surgindo no decorrer do caminho e de modo ainda mais especial, no momento da escrita. Quase como um dispositivo que acionava as memórias do campo, retornamos aos nossos registros sempre que necessário revisitar a imagens do campo, suas peculiaridades, elementos e sujeitos.

3.3 Preparando os momentos de escuta: entrevistas semiestruturadas

Vimos ao longo das nossas pesquisas, buscando articular técnicas e instrumentos consoantes à pesquisa qualitativa exploratória, por isso, utilizamos a observação nos momentos que antecederam a entrada e durante o trabalho de campo. Visando alcançar os objetivos traçados, buscamos construir os roteiros das entrevistas semiestruturadas que seriam aplicados a “[...] um grupo controle para o grupo experimental a ser observado” (CARVALHO *et al.*, 2019, p.43). A técnica da entrevista foi por nós adotada por estarmos de acordo com as afirmações de que as entrevistas permitem “[...] conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica e da

observação” (JÚNIOR; JÚNIOR, 2011, p 239).

Diante do exposto, percebemos que esse modelo de entrevista garante que, apesar das indagações inseridas no roteiro previamente organizado, devidamente articulado com a pergunta da investigação e seus respectivos objetivos, comportou aberturas para que os sujeitos entrevistados pudessem expressar-se livremente acerca do que lhe fosse indagado.

É baseando-nos nestas inserções que escolhemos as entrevistas semiestruturadas, cujo teor, concebe a formulação de questionamentos básicos para a compreensão da abordagem investigada (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003); além de possibilitar aberturas para questões formais e informais às quais admitem a possibilidade de os participantes discorrerem livremente acerca dos questionamentos propostos (GIL, 1999).

Neste ponto, as entrevistas semiestruturadas apresentaram-se como uma forma de acessar aos participantes da pesquisa, em pontos que são capazes de trazer informações mais específicas como suas percepções, comportamentos, sentimentos sobre a temática abordada.

Assim, o roteiro de entrevista serviu-nos como importante instrumento em nosso processo de coleta de dados, o qual utilizamos para abordar os adolescentes previamente selecionados, como mencionaremos mais adiante. Tal ferramenta nos permitiu acessar diretamente os colaboradores desta escrita e ainda, nos possibilitou explorar recortes da realidade destes sujeitos, aprofundando o entendimento da questão previamente levantada, dos contextos, das experiências e vivências relacionais em meio à conectividade.

De acordo com os objetivos traçados e as observações que vimos fazendo no campo, elaboramos um roteiro de entrevista de natureza não estruturada, sobretudo, por ser recomendado quando ocorrem “[...] com a elaboração de um roteiro orientador ou de uma lista de tópicos previamente estabelecidos” (HAGUETTE, 1995, p.86). Buscamos construir perguntas capazes de conduzir a respostas curtas, mas também outras as quais os participantes fossem provocados a discorrerem livremente sobre o foco de nosso interesse.

Assim, o roteiro de entrevista por nós aplicado (anexo) traz questões vinculadas aos relacionamentos vivenciados pelos adolescentes sob a mediação das TDICs, mais precisamente, ao uso dos celulares. O referido material foi elaborado por nós com cerca de treze questões, sendo algumas destas compostas por alternativas de múltipla escolha, outras de livre expressividade. Utilizamos uma linguagem voltada para público adolescente e o engenhamos para ser aplicado num tempo de duração entre 50 minutos e uma hora.

3.4 Garimpando e articulando: tratamento dos dados

Os dados coletados no campo de pesquisa desde o processo de observação até as entrevistas gravadas na escola pública (ERPU) e na escola particular (ERP) foram fielmente transcritos e transferidos para arquivos restritos, de modo a assegurar o sigilo das informações. Esses passos seguem a orientação da técnica de interpretação de dados presentes em alguns referenciais (MINAYO, 2008; LÜDKE, M.; ANDRÉ, 1986; GIL, 2000).

Consideramos as nossas interpretações aqui postas, sob a luz da hermenêutica, como pressuposto adotado para interpretação da realidade, o que segundo Heidegger (2009, p.334) pode ser compreendida em outras áreas do conhecimento, não ficando restrito apenas ao campo da filosofia: “[...] o tema ‘hermenêutica da investigação’ é muito oportuno uma vez que se move no campo intermediário e não corre perigo de tornar-se muito filosófico”. Esse método interpretativo conduz o pesquisador/a, a observar como os participantes da pesquisa experienciam o fenômeno investigado salientando o devido cuidado em externar as vozes, pensamentos e expressões dos participantes, assim, “[...] ir às coisas mesmas” (MOURA, 1998, p.20).

Considerando ainda o que destaca Creswell e Clark (2015, p.22):

[...] coleta e analisa de modo persuasivo e rigoroso tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos (tendo por base as questões de pesquisa); mistura (ou integra ou vincula) as duas formas de dados concomitantemente, combinando-os (ou misturando-os) de modo sequencial, fazendo um construir o outro ou incorporando um no outro; dá prioridade a uma ou a ambas as formas de dados (em termos do que a pesquisa enfatiza); usa esses procedimentos em um único estudo ou em múltiplas fases de um programa de estudo; estrutura esses procedimentos de acordo com visões de mundo filosóficas e lentes teóricas; e combina os procedimentos em projetos de pesquisa específicos que direcionam o plano para a condução do estudo.

A hermenêutica, portanto, é entendida como viés norteador de uma prática mista de interpretação dos dados, pois, transita entre a literatura utilizada e as informações colhidas a partir dos instrumentos aplicados, de modo que nos ofereceu condições de conhecer os dados coletados a partir da análise de conteúdos, buscando uma compreensão ampla do fenômeno investigado. Neste sentido, nos amparamos no conceito de análise de conteúdo definida por Bardin (1997, p.42)

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nossa análise de conteúdo se estende para além da compreensão das falas dos sujeitos, mas também da apreciação das qualificações nas diferenciações das vivências dos fenômenos experienciados pelos participantes e, ainda, nos possibilitando o alcance dos traços que aparecem nas entrelinhas das preleções dos participantes como: expressões de emoções, significações, particularidades. Posto ainda como “técnica de suspeição das realidades” (GADOTTI, 2004, p.147-148).

Deste modo, nossas análises pretenderam tomar como significativas as inserções presentes nos dados coletados, na observação das atitudes, na compreensão dos pensamentos, nas interpretações das ações naturais dos participantes, como modos de subjetivação dos sujeitos longe de suposições deterministas, cientificistas ou pré-conceitos (HEIDEGGER, 2009).

Nestes aspectos, consideramos a análise do conteúdo aqui disposta inspirada na hermenêutica do *ser-aí*⁵¹, que é percebido pelo contato com o pesquisador e que vai tecendo *eus* traços a partir de suas brechas, o que Heidegger (1983) chamou de “indicadores formais”, capazes de proporcionar a compreensão a partir da experiência no contexto pesquisado. Em vista disso, a proximidade com os participantes da pesquisa, aliada ao *corpus* deste trabalho, nos nutre as condições para compreendê-los mediante o fenômeno investigado.

As análises dos conteúdos se constituem em um mapa das teias relacionais dos adolescentes participantes, ora traçadas sob linhas que os conectam, ora sob tracejo que ensaiam distanciamentos fomentados entre os espaços materiais/presenciais e virtuais, na dinâmica inovadora dos universos virtuais.

Por assim dizer, ainda nos cabe explicitar que os passos discriminados mais precisamente nos procedimentos em relação ao tratamento de dados coletados seguiram: a) transcrição das entrevistas audiogravadas; b) leitura e releitura do material coletado e transcrito; c) seleção do material por categorias de análise; análise articulada às referências trabalhadas e outras que vieram colaborar no entendimento dos resultados.

Ao utilizarmos a composição metodológica aqui descrita, compreendermos ser possível adentrar os universos do recorte sociocultural investigado seguimos observando, conhecendo, garimpando, escutando, perguntando, identificando olhares, expressões de confiança, comparando realidades difusas, mutantes no dinamismo peculiar da vida social. “A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva, com toda riqueza de

⁵¹ O ser-aí discutido pelo filósofo Heidegger afirma-se como o próprio ser em condição de existência. É o que existe de fato. (HEIDEGGER, 1983). Tomamos aqui tal conceito na intenção de situar o sujeito que experiência a sua condição de existir significativa e plenamente.

significados que dela transborde” (MINAYO, 2001, p.15).

3.5 Reorganizando estratégias minadas: ameaça de vírus no ar

Com a chegada da pandemia da Covid-19, a previsão para desenvolvermos os trabalhos decampo sofreu alterações e as nossas observações nas escolas só foram possíveis a partir de com os sujeitos em modalidades *on-line*, com amostras de alguns estudantes que já mantínhamos contatos em nossas redes sociais *Facebook* e *Instagram* antes do período pandêmico. As impressões que fomos coletando através de conversações virtuais com adolescentes estudantes acerca do cenário pandêmico, traduziam as incertezas do cenário educacional naquele. Tal fato nos possibilitou registrar importantes informações, sobretudo, voltadas para a oferta de ensino e as dificuldades de acompanhamento das aulas *on-line* pelos estudantes.

Cientes da complexa problemática, bem como das riquezas do material coletado a partir destas conversações, bem como da contextualização sócio histórica do momento para a educação e para a sociedade como todo, escrevemos um artigo o qual se intitulou “Na Era Tecnológica, em Vias do Esquecimento: Estudo da Atual Situação Educacional de Estudantes de Algumas Escolas Públicas do Interior da Bahia, no Período da Pandemia COVID-19”⁵² (BRANDÃO, 2022).

Consideramos que à medida que fomos adentrando os espaços sociais da pesquisa, observando os sujeitos participantes, percebemos que eram necessárias constantes atualizações de leituras acerca da temática investigada. Notamos surgirem novas linguagens associadas à temática, ora por conta da própria transitividade do tempo/duração dos estudos de uma tese, e, pela acelerada produtividade de materiais contextualizados com a nossa área investigativa, ora pela própria dinâmica do mundo da tecnologia e o modo como alguns aparelhos tecnológicos, sites da internet, páginas daweb, redes sociais digitais, antes vistos como inovadores, num breve intervalo de tempo, tornam-se obsoletos.

Transitar por estes terrenos movediços fez com que voltássemos constantemente ao texto com a intenção de atualizá-lo sem, contudo, perder de vista a nossa problemática investigativa. Por conta da realidade pandêmica aqui já mencionada, cuja durabilidade

⁵² O referido artigo foi aceito para publicação pela revista Humanidades e Inovação, em abril de 2022 e foi publicado em julho do mesmo ano. “A Revista Humanidades e Inovação, editada pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) tem por objetivo a difusão de estudos e pesquisas com especial enfoque para a linguagem e processos educativos, comunicação, educação e tecnologia, sociologia e processos de inovação gerenciais, sociais e tecnológicos.” Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/about>.

atravessou nosso tempo de pesquisa, tratamos de adaptar as técnicas de pesquisas acima mencionadas, em modelos que melhor atendessem às necessárias exigências do distanciamento social, caso não fossem possíveis aplicá-las. Mais uma vez as TDIC e seus aparelhos midiáticos, computadores *tabletes*, *smart phones* nos auxiliariam no alinhamento com a dinâmica do processo investigativo.

Além do próprio contexto tecnológico em constante mudança neste período, pesquisas de todo o mundo parecem enfrentar um idêntico desafio de se readaptarem ao que se convencionou chamar de ‘novo normal’. Na Pandemia de Covid-19, os nossos instrumentos investigativos sofreram ajustes para que fossem utilizados através dos recursos disponíveis como vídeo chamadas pelo *WhatsApp*; salas de reuniões da plataforma *google meet*, utilização do *google forms* e ligações por meio de aparelhos celulares.

Assim pensamos em ressignificar o nosso planejamento metodológico vislumbrando a possibilidade de utilização de um roteiro de entrevistas aplicado de forma *on-line*, na intenção de coletarmos dados de forma segura, ao mesmo tempo em que afiançaríamos a única possibilidade de, no contexto pandêmico, mantermos o movimento da pesquisa .

A aplicação do roteiro de entrevistas *on-line*, como instrumento para a realização das entrevistas, em nosso caso, a semiestruturada, se constitui num ponto possível em nossa investigação, pois tínhamos a intenção de garantir perguntas direcionadas mas também questionamentos abertos, nos quais, os sujeitos colaboradores pudessem expressar-se sobre pontos enfáticos destacados ou não no corpo das questões propostas nos instrumentos de pesquisa.

As entrevistas *on-line*, segundo Flick (2009), são uma forma diferenciada ou uma adaptação das entrevistas convencionais , isto é, um modo de entrevistar pessoas através de instrumentos de comunicação virtuais e podem ser realizadas de forma síncrona, quando pesquisador e colaborador estiverem *on-line* e/ou assíncrona quando as perguntas são disponibilizadas aos entrevistados *offline* e estes poderão respondê-las quando estiverem *on-line*.

Com a chegada de algumas vacinas no Brasil, seguida da exaustiva discussão político social sobre o retorno ou não das aulas presenciais, nos colocamos em permanente espreita e observação do campo a ser pesquisado, a partir de diálogos contínuos com os estudantes adolescentes, diretores escolares e pais, através de meios virtuais. Neste contexto de dúvidas e dependência de decisões dos órgãos nacionais competentes, governo federal, MEC, avaliamos a possibilidade de executarmos as entrevistas presenciais, como havíamos planejado anteriormente e seguimos organizando as observações no campo nas duas escolas, retomando

a possibilidade de realizarmos entrevistas presenciais caso a reabertura das escolas acontecesse em tempo oportuno ao nosso trabalho, o que de fato ocorreu.

Entendemos que mesmo diante da possibilidade de realizarmos entrevistas *on-line*, escolheríamos a entrevista realizada presencialmente, devidamente audiogravadas, com os participantes da pesquisa, as quais foram possíveis devido ao retorno das aulas presenciais a partir do mês de setembro de 2021.

Inicialmente o retorno ocorreu na (ERP) do nosso campo de pesquisa voltou a oferecer aulas ‘normais’ aos estudantes, em seguida, a (ERPU). Assim, as entrevistas presenciais foram realizadas nas duas escolas como havíamos planejado inicialmente a partir do mês de outubro de 2021.

A realização das entrevistas presenciais foi de fundamental importância, considerando que as entrevistas *on-line*, algumas vezes, não são capazes de captar o olhar, os silenciamentos, a emoção na voz, o não dito entre as palavras. Salientamos, no entanto, que qualquer contato pessoal com participantes da pesquisa, durante os processos de restrições impostos pela pandemia, seguiu de acordo com os protocolos de segurança indicados pela Organização Mundial de Saúde, OMS aqui já mencionados, com o propósito de assegurar a segurança de todos os participantes da pesquisa e também a nossa.

Nesta perspectiva, a técnica de pesquisa aqui empregada junto ao instrumento do roteiro de entrevista, foram diretrizes da investigação que nos asseguraram condições importantes no estudo do fenômeno por nós abordado (FERNANDES, 1959). No limiar da pesquisa qualitativa, esses recursos investigativos corroboram na afirmativa intrínseca existente na relação entre teoria e prática (FREIRE, 1982).

3.6 O mapa da teia investigada: a cidade, os sujeitos, as escolas

Diariamente transitamos por Ipiaú, a cidade onde estão situadas as escolas pesquisadas e os sujeitos participantes deste estudo. Esse território possui pouco mais de 49 mil habitantes, (IBGE, 2010) e está localizado na região do baixo sul do estado da Bahia. Os serviços de transporte público são escassos, pois disponibilizam apenas uma linha urbana com horários bastante espaçados. De modo geral, o transporte urbano se dá através de um grande número de moto taxistas espalhados em pontos estratégicos que oferecem seus serviços aos passantes, por preço acessível, a depender do deslocamento desejado.

Os bairros mais populosos estão localizados a alguns quilômetros do centro da cidade e é nestas comunidades que residem a maior parte dos adolescentes estudantes das escolas

pesquisadas. A cidade apresenta um movimento significativo em seu comércio, dependendo do horário e dia da semana, veem-se muitas pessoas na única praça central que nasceu em torno da igreja matriz, com sua torre alta e relógio central a marcar o passo e o tempo dos passantes. Ao fundo tem-se a BR 330-BA que liga o município a outros da região sul da Bahia e, a 366 km, está a capital, Salvador.

Na mesma praça da igreja em finais de semana, circulam jovens, alguns arranjados em grupos, ouvem-se os buchichos, murmúrios, risadas nas rodas de conversa; alguns grupos em torno de violões que chamam a atenção dos passantes, geralmente pais, avós de crianças pequenas que celebram o privilégio de levar seus filhos à praça entre sorvetes, pipocas, lanches prontos e carrinhos de controle-remoto; pula-pula, piscinas de bolinhas (alugáveis) que por alguns reais, garantem a diversão da molecada em minutos contados.

Distantes dos brinquedos, mas dividindo os mesmos espaços, circulam ali os adolescentes, geralmente oriundos dos bairros mais centrais da cidade, ajuntados segundo as suas tribos: quem é do skate, skate, quem é do violão, violão, quem é dos patins, patins entre outros grupos aparentemente formados pelo mesmo hall de interesses que vão desde os esportes até religião. Ali, e nem muito próximo, não há nenhum teatro, shopping center ou cinema. No entanto, não passamos por nenhum destes grupos sem percebermos embutidos entre estes, os aparelhos celulares luminosos, provas de suas conexões com o mundo.

Também se vê alguns bares e restaurantes em torno da praça geralmente com alguma atração musical garantindo a distração do público formado por adultos, alguns destes em família. Assim, a igreja que fica de fundos para a rodovia estadual que corta a cidade, banco de praça, comércio local, abrigam seus moradores nascidos ali e outros que chegam a buscar trabalho na mineradora que ajuda a movimentar a economia da cidade e região, que se instalou há alguns anos, num raio de 5 km do centro da cidade quase beirando o Rio de Contas, rio que corta Ipiaú e municípios vizinhos.

Entre as cidades que compõem a região do baixo sul da Bahia, o citado município é considerado um pequeno polo onde comunas próximas buscam serviços na área econômica, Observe como aqui cabe um ponto a seguir... atendimento à saúde e educacional. Tudo isso colabora para fazer girar a economia local. As Escolas também movimentam o lugar. Algumas públicas outras da rede particular de ensino, oferecem os níveis fundamental, ensino médio, técnico e superior, sendo esta última, um dos polos da UESB. As três escolas que oferecem o ensino médio, modalidade a qual desenvolvemos a nossa pesquisa, recebem estudantes do município e cidades circunvizinhas. Alguns estudantes viajam, entre 15 e 40km para entrarem na sala de aula, o que também alavanca uma rede de transporte escolar, assim, o

horário de início e término das aulas, acaba por movimentar o fluxo das vias urbanas e intermunicipais locais. É neste cenário que se divertem, estudam, trabalham e vivem os participantes da pesquisa.

Escolhemos para compor a nossa amostra, adolescentes que são estudantes do nosso lugar de pesquisa, mas não nossos educandos. Nossa intenção era mantermos o distanciamento necessário ao nosso olhar de pesquisadora. A escolha por esses sujeitos se justifica principalmente pelo fato de estarem na adolescência, mas também por se encontrarem em idade escolar, destarte, por estarem inseridos em ambientes públicos ou privados de educação.

Os participantes da pesquisa foram adolescentes entre 14 e 17 anos, estudantes da primeira e segunda série do ensino médio, que foram abordados por nós diretamente em seus ambientes escolares, no período de entrada no campo. Nossa intenção consistia em elencar participantes que transitam em idades e séries diferentes. A escolha por duas escolas de redes de ensino distintas (pública, privada), se deu pela possibilidade de se traçar algumas considerações comparativas entre as duas instituições de ensino, no limiar das questões e objetivos propostos; neste sentido, buscamos equilibrar o número de participantes das duas escolas a partir de critérios pautados em idade e sexo dos participantes.

Os critérios estabelecidos para escolha dos compartes da pesquisa foi pautado na livre aceitação destes, no engajamento na idade/série e no consentimento dos respectivos pais ou responsáveis, o que estaria consolidado após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por estes, além do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), de igual modo, lido e assinado pelos adolescentes.

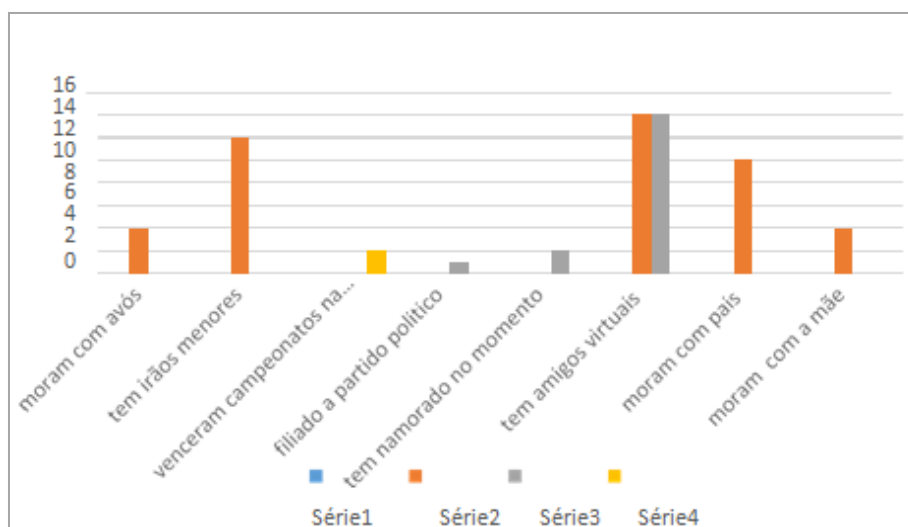
Continuando a seleção, ponderamos a aceitação dos participantes a partir dos que expressaram maior disponibilidade e ensejo de participação. Buscamos contato com doze participantes para que, caso houvesse desistência, buscássemos outros, a fim de que mantivéssemos o número estimado da amostra. De sorte, o número de participantes foi superior ao planejado inicialmente, 12, por verificarmos que mais duas participantes da (ERPU), além de atingirem os critérios, mostraram particular interesse em participar, mesmo depois de termos informados que o número de participantes almejado por nós, já havia se completado. Fechamos o nosso quadro de participantes com 14 adolescentes.

Num sucinto mapa da nossa amostragem, formado por 14 participantes, sendo seis do sexo masculino e oito do sexo feminino, sendo possível verificar características de perfis dos adolescentes, dos quais cinco afirmaram estarem namorando no momento da entrevista e apenas uma das adolescentes declarou ser casada. Oito destes afirmaram participar de alguma

religião e ao menos a metade dos adolescentes entrevistados, desenvolviam alguma atividade esportiva ou artísticas naquele momento. Dois participantes afirmaram ter participado e conquistado títulos de campeonatos de estudos ou jogos na internet. Nenhum dos participantes declarou-se Pessoa com Deficiência (PCD) ou Pessoa com Necessidades Especiais (PNE), no entanto, mais da metade afirmou ter, ou já ter vivenciado situações de ansiedade ou depressão⁵³. Dois participantes afirmaram serem extremamente tímidos e doze consideram ter bom nível de comunicação. No foram incluídas questões relativas à raça

Quanto à constituição familiar dos participantes, quatro moram apenas com a mãe e irmãos, um com o pai, um com a madrasta e o pai biológico e oito com os pais. 12 afirmaram terem proximidade com os avós e entre estes, dois afirmam que um dos avós reside com suas famílias. 10 participantes afirmaram ter irmãos menores, e não coletamos dados sobre a situação socioeconômica das famílias dos participantes.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Sobre os aspectos procedimentais, vale ressaltar que nenhuma das entrevistas realizadas necessitou ser refeita. Qualquer participante deixou de comparecer ou solicitou apoio psicológico durante ou depois da realização da entrevista como havíamos disponibilizado e demarcado no TCLE e esclarecido aos participantes no momento inicial da abordagem.

De modo a assegurar o sigilo da identidade dos participantes, substituímos os seus

⁵³ Os participantes que mencionaram em suas entrevistas as patologias ‘ansiedade ou depressão’ tiveram diagnóstico médico e já haviam passado por algum acompanhamento. Nenhum destes, porém, estava sendo acompanhados por equipe especializada no momento em que foram entrevistados.

nomes por codinomes de super-heróis e heroínas presentes na literatura juvenil das últimas décadas. As escolhas dos codinomes se deram por sugestão dos próprios adolescentes em momentos pré-entrevistas, além de estarem relacionadas à obediência de critérios éticos da pesquisa, de modo a preservar as identidades destes. Ademais, inspira-se na imagem que fomos montando dos adolescentes em suas teias de relações, e suas frequentes presenças nos universos de jogos, animes, personagem que trazem lutas e embates dos super-heróis/heroínas, cercados por conflitos, desafios, vitórias, derrotas e histórias.

3.7 Detalhamento dos procedimentos metodológicos

Após o exame de qualificação, seguimos algumas sugestões da banca examinadora antes mesmo de submeter o nosso projeto de pesquisa ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP). Com a publicação do parecer favorável à realização da nossa pesquisa, passamos a organizar os materiais para a entrada em campo. Entretanto, tratamos de iniciar o nosso processo de observação nas duas escolas que formam o nosso campo, ao menos dois meses antes do parecer final do CEP.

Semanalmente, visitávamos as duas escolas, coletando informações com colegas de profissão e funcionários destas instituições, sobre os seus funcionamentos internos, possíveis retornos das aulas presenciais, pois, neste momento a modalidade oferecida era de ensino remoto tanto para a rede pública quanto para a particular. Além disso, acessamos uma lista de número de telefones e e-mails de estudantes, para em caso das aulas presenciais não retornassem, mantivéssemos contato com os adolescentes para realização das entrevistas *online*. Este rearranjo metodológico já estava previsto em nosso projeto como já especificamos acima, embora neste momento, primeiro semestre de 2021, ainda não estávamos certos sobre os rumos que a pesquisa e os próprios cotidianos das escolas iriam tomar. Nesta ocasião, percebemos as escolas esvaziadas, as salas de aulas emudecidas. Alguns funcionários mantendo a limpeza dos prédios e um silêncio maior do que o de costume. Embutido a tudo isso, pairava um clima de incerteza do qual também fomos afetados.

Visitamos cada uma das escolas pelo menos quatro vezes antes do primeiro contato com os estudantes, iniciando conversas com os diretores e coordenadores pedagógicos, para isso, agendávamos nossa visita por meio do *WhatsApp* dos mesmos, com antecedência, às visitas presenciais.

Registramos nesta etapa da pesquisa os nossos próprios medos, receios e angústias acerca dos encaminhamentos que daríamos ao nosso trabalho. A sensação nítida de que

éramos ao mesmo tempo, pesquisadores e pesquisados, imersos convicção de que experienciávamos um momento singular na História, infelizmente, profundamente melancólico e incerto. O ar de incerteza sobre o futuro, o vírus que se propagava em uma velocidade crítica, desmontava certezas, contaminava esperanças e essa sensação se estendeu por quase dois anos nos forçando a reorganizar pensamentos e planejamentos sobre o nosso modo de entrada no campo.

Formam o nosso campo investigativo duas escolas de pequeno porte cujas composições já foram mencionadas anteriormente. A escola da rede particular de ensino (ERP) oferece educação fundamental II e ensino médio e ainda educação tecnológica. A escola da rede pública de ensino, (EPU) oferece o ensino médio e é uma das três instituições da rede estadual de ensino da cidade, nesta unidade, não há ensino noturno.

A escolha de tais instituições se deu a partir do nosso conhecimento prévio a respeito das suas dinâmicas internas, além da possibilidade de acolhida do projeto de pesquisa e do interesse dos seus atores institucionais em relação à promoção da pesquisa científica desenvolvida na região. Em relação à localização geográfica das escolas, ambas se situam em bairros centrais da cidade e recebem estudantes adolescentes, jovens e adultos.

3.8 A Escola da Rede particular de Ensino (EPR)

O retorno às aulas presenciais nesta instituição, que é uma escola da rede particular de ensino (ERP) aconteceu em setembro de 2021, um ano e seis meses depois do seu fechamento, e foi uma das primeiras escolas da cidade e da região a retornar às aulas presenciais. Neste novo modelo, as escolas voltaram a oferecer suas aulas a partir de protocolos que previam que os estudantes se mantivessem afastados uns dos outros, pelo menos 1,5m de distância, com tempos diferentes de entrada e saídas, com a intenção de evitar aglomeração devendo-se obedecer à obrigatoriedade do uso de máscaras faciais durante todo o período de aula e de álcool em gel nas mãos periodicamente.

Em conversa com coordenadores e diretores, já no período de observação, ficamos inteirados sobre o funcionamento da escola, horários, números de turmas, como também, o modo como se organizaram para manter-se em funcionamento no período da pandemia e, como estava sendo o retorno mediante a tantas incertezas que permeavam a comunidade escolar.

Neste processo, fomos colhendo no cenário desta escola, imagens dos seus cotidianos. Do lado esquerdo do portão principal mangueiras sinalizavam a chegada dos seus frutos

deixando cair sobre os bancos de cimento espalhados no pátio, folhas dissipadas pela brisa acolhedora.

Funcionários fardados em tons alegres misturados ao cinza, compunham o cenário junto à mesa de jogos de futebol manual (Totó) centralizada no centro do pátio, cercada por alguns adolescentes que, vez ou outra, revezavam-se na brincadeira. Havia um clima de entrosamento mesclado a uma liberdade velada, sobretudo, dos adolescentes. Uma atmosfera de alegria e coleguismo interrompida pelo som da sirene. Em poucos minutos, ninguém mais ocupava o grande pátio, todos em suas respectivas salas.

No térreo do amplo prédio que ocupa todo quarteirão do bairro de classe média da cidade, estão as salas do ensino fundamental próximas às da administração, setor pedagógico, cantina, quadra e outros serviços. No primeiro andar as salas do ensino médio ficam cercadas por profissionais encarregados dos cuidados e disciplina dos estudantes. Observamos os espaços, as rotinas, as vozes que escapavam por baixo da porta das salas de aula fechadas e refrigeradas por ar-condicionado. São os sons da escola que vão do silêncio aos murmúrios, vozes mais alteradas, risos, às vezes apenas uma voz ecoando, outras vezes, atravessando-se umas às outras entre palavras, gracejos, risos. Era o típico som da sala de aula, autêntico sinal de que a vida retornava por ali.

Neste período, apenas os profissionais da escola tinham acesso às salas de aula. Paise outras pessoas deveriam aguardar o contato com os estudantes por intermédio dos diretores e coordenadores pedagógicos; estes justificaram essa prática como meio de não ocasionar prejuízos de qualquer ordem aos andamentos dos trabalhos em classe durante o período de aula, além de evitar a contaminação pelo vírus da Covid-19. Essas e outras pistas observadas na (ERP), foi nos dando a imagem de uma instituição de ensino ampla, cuidadosa e organizada. Também foi a partir das nossas conversas com diretores, coordenadores e funcionários que tivemos acesso aos nossos primeiros entrevistados.

A diretora do turno matutino, já ciente de nossa pesquisa, dirigiu-se a uma das salas da primeira série do ensino médio e apresentou aos estudantes a proposta de pesquisa, lançando o convite para quem desejasse participar do processo. Muitos estudantes se manifestaram, mas como havíamos planejado a participação de seis sujeitos, para que pudéssemos explorar devidamente os dados coletados, consideramos como integrantes da amostra, os seis primeiros estudantes que se manifestaram de imediato, informando aos demais que, caso houvesse desistência de participantes, outros seriam incluídos na pesquisa, o que não foi necessário.

Então, nesta escola, tínhamos grupo de participantes com seis estudantes com idades entre catorze e dezesseis anos, estudantes da primeira série do ensino médio. A abordagem

inicial que mantivemos com os adolescentes foi de forma coletiva. Neste momento, conversamos de modo informal, nos apresentando e tratando das particularidades da pesquisa, esclarecendo dúvidas, lendo pausadamente o TALE e, em seguida, o TCLE divulgando nosso número de *WhatsApp* para posterior agendamento das entrevistas nos horários convenientes aos mesmos.

Nesta (ERP) entrevistamos seis adolescentes, todos estudantes da primeira série do ensino médio com idades entre 14 e 17 anos, destes, três adolescentes eram do sexo feminino e três eram do sexo masculino. Fizemos duas entrevistas por turno na própria escola e deixamos a ordem de participação a critério dos participantes. Entre um dia de entrevista e outro, recebemos dois telefonemas dos adolescentes selecionados, confirmando suas participações, o que nos trouxe grande alegria. Devido ao rodízio de estudantes nas aulas presenciais, conseguimos realizar as entrevistas em duas semanas durante o turno matutino. Recebemos os participantes em um ambiente restrito, limpo e arejado na própria escola, de forma que entrevistamos um por vez.

Uma das diretoras do colégio prontificou-se em avisar os participantes em suas salas de aula e encaminhá-los à sala onde os aguardávamos.

Não enfrentamos nenhuma dificuldade nessa etapa e recebemos sempre os entrevistados com simpatia, mantendo o cuidado de estabelecer uma conversa informal com estes, antes de começar a entrevista e a gravação, a qual utilizamos um gravador de voz digital devidamente instalado próximo à mesa. Alguns adolescentes faziam perguntas antes da entrevista, tais como: posso colocar meu nome? Que dia vou assistir ao trabalho pronto? Este momento de conversa prévia foi fundamental para manter um clima de segurança aos entrevistados que manifestaram estar à vontade para responder às perguntas contidas no roteiro de entrevista.

Cada entrevista durou em média cinquenta minutos e em alguns momentos foram feitas perguntas complementares para que o entrevistado explicasse melhor as suas respostas. Em nenhum momento interrompemos as falas dos participantes e, além da gravação, anotávamos em nosso diário de campo os detalhes que íamos apreciando durante a entrevista como gestos, mudança de voz, expressões emotivas, períodos de hesitação e/ou silêncio, demonstrações de incômodos ante às perguntas e/ou respostas.

Essas anotações, associadas às gravações foram fundamentais para as etapas de análises dos dados. Ao final das entrevistas ainda conversamos por alguns minutos com os participantes, para manifestar os agradecimentos e/ou mantermos uma conversa informal, neste último momento a interação já não estava sendo gravada.

3.9 A Escola da Rede pública de Ensino (ERPU)

A (ERPU) estadual, lócus da pesquisa, estava em funcionamento em regime híbrido no período de coleta de dados, sob o decreto do governo do Estado (Decreto nº 20 570 de 8 de junho 2021, cujo teor regulamentava tal modelo de ensino o estado da Bahia)⁵⁴. Percebemos neste aspecto, que a decisão tomada pelo governo também ocasionou reações do Sindicato de Professores do Estado da Bahia que tentava negociar um acordo que garantisse a conclusão do ciclo de imunização dos professores. Neste ínterim, a comunidade escolar se dividia entre a concordância ou não do retorno às aulas presenciais, no entanto, o decreto não oferecia a possibilidade dos estudantes continuarem assistindo aulas *on-line*. Em nota publicada em 14 de julho de 2021, o governador do Estado informou que os professores que não retornassem às aulas teriam os seus vencimentos suspensos, assim como os estudantes seus benefícios sociais⁵⁵. Neste clima de insegurança social e política, além das questões particulares de cada estudantes, professores e funcionários que perpassavam tanto por questões subjetivas (ansiedade, luto, insegurança) quanto objetivas como falta de transporte escolar; doenças crônicas etc. As (ERPU) foram retornando em todo o estado baiano.

Na unidade de ensino (ERPU) onde realizamos entrevistas com estudantes, logo após o retorno das aulas semipresenciais, uma turma foi suspensa por dez dias depois da confirmação do diagnóstico de Covid-19 em uma das suas professoras. A testagem havia sido realizada pela secretaria de saúde do município em novembro de 2021. As demais classes da escola continuaram a funcionar “normalmente”.

Definimos essa escola como um celeiro de vida. Sua estrutura se destaca por ser espaçosa e, quanto aos processos pedagógicos, é uma instituição dada aos projetos artísticos e culturais inovadores, que enriquecem o cenário cultural da cidade e da região, incrementando os processos formativos dos seus estudantes.

De volta ao campo de pesquisa, percebemos a realidade que encontramos depois da pandemia, bastante diferente. O jambeiro adolescente, à dieita do portão principal, quase adulto, já beirava seus dezoito anos, convidado à aflorar ali, quando as primeiras pedras começaram a formar o alicerce daquela escola, desta vez, não tingia o chão de rosa com sua chuva de pólenes, mas abrigava seus muitos moradores, compondo uma orquestra magnífica de

⁵⁴ O retorno às aulas presenciais sob o regime de rodízio da frequência de estudantes, semelhante ao seguido na escola particular mencionada anteriormente, só foi possível em 18 de outubro de 2021. Atribui-se o atraso ao aumento dos casos de Covid-19 no estado da Bahia.

⁵⁵ Durante o período pandêmico o governo ofereceu um vale-alimentação estudantil para os estudantes matriculados na rede estadual com créditos mensais no valor de R\$55,00 que deveriam ser gastos em gêneros alimentícios.

sabiás, pardais, bem-te-vis e cigarras.

Ainda assim, a pandemia tratou de demolir as certezas, os projetos culturais. As rodas de estudantes que se formavam em torno das árvores que circundam a grande área, lá não estavam. O vazio tomava conta de quase tudo e, por isso, a quadra esportiva parecia maior do que realmente era. Em nós, que conhecíamos aquele ambiente há alguns anos, ressoava como um cenário que comungava vida, mas também a morte nos rastros da pior pandemia da contemporaneidade.

Notávamos ainda faces e vozes ofuscadas pela presença das máscaras cobrindo rostos, escondendo sorrisos, em contrapartida, salvaguardando vidas contra o terrível vírus e suas variantes⁵⁶. Nos espaços em que visitamos na referida (ERPU), percebemos a presença dos estudantes adolescentes obedecendo a um tímido distanciamento físico dos seus colegas de classe; olhares atentos, ensaiando conversas, risos e tentativa de normalidade.

O grande prédio, que abrigava salas de aula no segundo e terceiro andar, tem um *design* moderno, inspirando amplidão com suas imensas rampas que dão para acesso ao segundo e terceiro andar onde ficam as salas de aulas. Um número significativo de estudantes, cerca de quatrocentos, circulavam entre os andares, alguns sozinhos outros ao lado de colegas, mas parecia haver certo clima de insegurança no ar. Percebemos isso a partir dos olhares, murmúrios dos estudantes que ora se aproximavam, ora se distanciavam das outras pessoas que comungavam o mesmo ambiente.

Em nossa percepção, era a vida escolar que vinha emergindo dentre os destroços causados pela pandemia, cuja força adiou e continuava a adiar sonhos e a provocar mudanças profundas no modo de se pensar e fazer educação. Entre as expectativas dos estudantes que vinham retornando aos poucos para as suas salas de aula, observamos o esforço de alguns professores para acolhê-los mesmo em tempos em que a ameaça do vírus ainda latejava insistência em todos os cenários da vida real.

Das visitas que fizemos à (ERPU), apuramos as nossas observações sobre os textos e contextos escritos em incontáveis linguagens, sobretudo, do que nos vinha a partir dos sujeitos que por ali transitavam. A experiência no campo como forma de nos aproximar, como pesquisadores, daquele ambiente que, para nós, já parecia familiar, contudo, permanecíamos atentas ao diferente, à diferença. Nenhuma escola é igual à outra e, por vezes, a mesma escola torna-se diferente de si mesma e isso nos soa como certezas.

Ainda na (ERPU), já quando acionamos a direção e os coordenadores, buscando

⁵⁶ O coronavírus apresentou durante a pandemia algumas mutações que a OMS alertou como novas e perigosas variantes, entre estas Ômicron e Delta.

auxílio para promover o contato com os estudantes, com o objetivo de esclarecermos sobre a pesquisa, ou para selecionar os entrevistados, obtivemos a permissão e seguimos para encontrarmos os participantes. Neste dia, subimos as rampas da escola quase eufóricas, sentimos aquele frio na barriga anunciando que a pesquisa de campo estava trilhando um dos seus lugares mais importantes: a rica e insubstituível experiência da escuta.

Ao caminhar em direção às salas de aula da (ERPU), passávamos por algumas mais ou menos organizadas, algumas com a presença de professores, outras não. Escolhemos uma das turmas da segunda série do ensino médio, cuja sala de aula estava localizada no segundo andar. Na ERP trabalhamos com uma turma da primeira série do ensino médio, tais escolhas reafirmam a nossa intenção em observarmos possíveis contrapontos ou diferenças nas respostas das questões abordadas no roteiro de entrevista no que tange às respectivas escolas e séries.

Não encontramos na (ERPU) nenhuma porta das salas de aula fechadas. Observamos janelas abertas e alguns poucos funcionários de apoio tentando ocupar o imenso espaço dos corredores transitados por estudantes remanescentes da mesma escola e outros que haviam sido transferidos há poucas semanas, atendendo a uma determinação da Secretaria Estadual de Educação (SEC), a qual uniu no mesmo espaço escolar, estudantes de uma escola técnica do município e os do ensino médio convencional. As coisas pareciam estar rumo à adaptação por ali. Foi nesse clima que iniciamos a seleção dos nossos participantes nossa pesquisa nesta (ERPU).

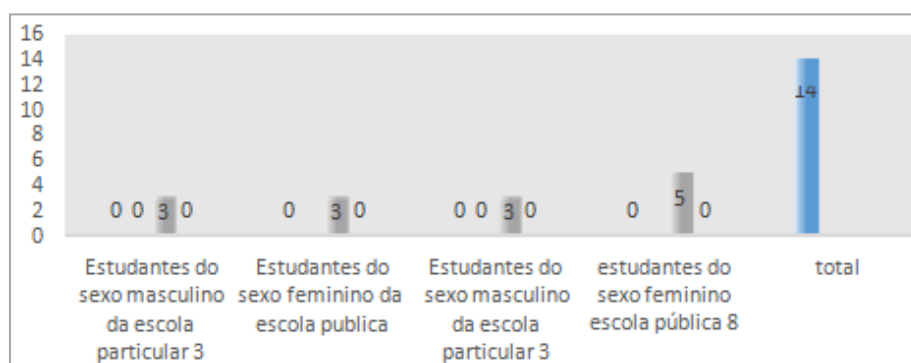
A conversa com os estudantes da segunda série do ensino médio desta escola fluiu de modo descontraído. Sob os olhares atentos, nos apresentamos e tratamos sobre o projeto de pesquisa, apresentando os seus objetivos, em seguida, estendemos o convite à classe para participar das entrevistas que se iniciariam na próxima semana. 08 estudantes sinalizaram interesse, aceitamos o número contando que pudesse haver alguma desistência, o que acabou não acontecendo. Agradecemos de imediato aos interessados e lemos pausadamente o TCLE e também o TALE direcionado aos seus respectivos pais ou responsáveis. Após alguns esclarecimentos, agradecemos a turma e marcamos nosso retorno para a semana seguinte. Ainda relembramos o nosso contato telefônico para caso elucidarem as dúvidas, ou se preferissem marcar a realização da entrevista noutro local, em horários convenientes.

Nesta (ERPU), também realizamos as entrevistas em duas semanas, contudo, um número maior de participantes foi abordado, pois, mesmo tendo atingido o universo planejado anteriormente (06); ainda assim, (02) participantes que integravam a mesma turma, compareceram à sala onde estávamos realizando as entrevistas no final da manhã, com os

termos assinados, demonstrando interesse em manter suas participações. Agradecemos as participações e agendamos o horário para a semana seguinte, pois, já era fim da primeira semana de entrevistas e a pesquisa acontecia.

No quadro abaixo, sistematizamos os dados relacionados aos perfis dos sujeitos participantes de acordo com a escola sexo, idade e série. Destes participantes, 04 se auto declararam negros(as), 04 brancos(as) e 06 pardos(as).

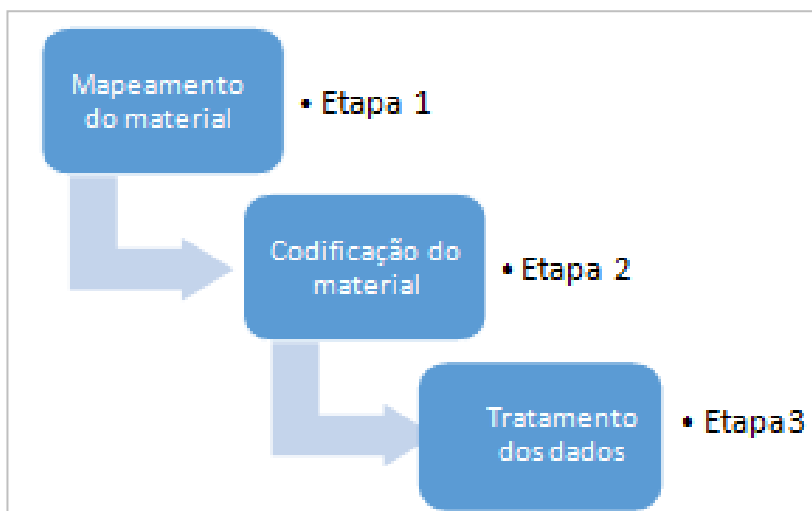
Quadro 2. Número de participantes por escola, sexo, idade e série



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As entrevistas, na (ERPU) foram realizadas numa única sala do segundo andar do prédio, em quatro dias distintos durante duas semanas. Chegávamos no primeiro horário de aula, por volta das 07h20min.. Após nos instalarmos na sala disponibilizada pela direção, descíamos até o primeiro andar onde ficava a sala dos participantes e os convidava a subirem à sala 12-A, onde estariam sendo aguardados. Solicitamos que escolhessem entre si a ordem e momento que gostariam de participar e tudo ocorreu dentro do tempo que havíamos planejado, sendo possível entrevistar dois adolescentes a cada manhã em que estivemos presentes na escola.

Entrevistamos dois estudantes por turno para que as transcrições das entrevistas fossem feitas quase de imediato, de modo que nenhum detalhe fosse esquecido. Ainda mantínhamos o diálogo com os adolescentes por alguns minutos. Concluindo-se as entrevistas, tivemos, pois, a ciência da riqueza dos materiais imersos nas entrevistas coletadas. Após o encerramento das entrevistas iniciamos os trabalhos de conclusão das transcrições e categorização dos dados. Neste processo, seguimos as orientações de Bardim (2016) elaborando passos determinantes para que a análise de conteúdo fosse satisfatória e eficaz. O processo da análise dos dados seguiu o seguinte desenho:

Quadro 3. Etapas da Análise de conteúdo

Na etapa 1, passamos a conhecer os materiais coletados em profundidade; neste processo, lemos, releemos e transcrevemos as falas dos participantes na íntegra, reproduzindo suas linguagens originais, portanto, não foram aplicadas correções às suas expressões. Neste momento, retomamos os objetivos da pesquisa para alinhar o corpo dos documentos coleados com a linha da pesquisa montando uma pré-análise a partir do mapeamento cuidadoso dos dados coletados.

Nessa etapa 2, nos demoramos um pouco mais, pois foi-nos necessário revisitar a literatura explorada até então, tanto no campo teórico quanto no metodológico, de modo a buscarmos a construção dos grupos de materiais contendo fragmentos de entrevistas e expressões que atendiam a um determinado tema. Neste sentido, elencar o conjunto de fragmentos das entrevistas atende a um processo de categorização dos elementos de modo a possibilitar a fluência da análise desenvolvida na etapa seguinte.

Na etapa 3, ainda em consonância com as leituras e objetivos, construímos o processo de análise pautadas nos grupos de dados, através de literaturas que colaborassem com o entendimento do que encontramos nos procedimentos dos participantes algumas já presentes no corpo do texto e outras que acionamos no processo de interpretação dos resultados. Neste processo, seguindo as inserções de Bardim (2016), elaboramos uma espécie de agenciamento de conjunto de expressões segundo o mesmo conteúdo organizando em blocos que foram dando origem as nossas seções presentes na redação do último capítulo do texto.

Acreditamos terem sido assertivos a escolha metodológica, técnica e dos instrumentos de pesquisas que alimentaram o nosso pensar/fazer investigativo, pois colaboraram na articulação entre teoria e prática, o que nos conduziu na direção da leitura da realidade,

consequentemente, da compreensão da teia relacional dos adolescentes (des) conectados. Adiante e por meio dos mecanismos postos acima, estão as inserções dos participantes, pedaços de suas realidades presentes em nossa amotra.

4 SOBRE O PRISMA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, buscamos articular fragmentos das entrevistas dos adolescentes, estudantes da (ERPU) e da (ERP) com as análises de conteúdo sugerida por Badim (2016), seguindo os critérios detalhados no capítulo II. No processo da hermenêutica dessa análise, convidamos alguns teóricos que vêm desenvolvendo os temas que foram surgindo nas expressões dos participantes, sendo alguns destes, já mencionados no capítulo teórico e outros que convidamos a colaborar no processo de elucidação do fenômeno das teias relacionais dos adolescentes em meio as TDIC na contemporaneidade. Nesta parte da escrita, retomamos a risca os objetivos inicialmente traçados.

4.1 Adolescentes *on-line, on-line...* Desvendando os termos de uso do celular

Neste capítulo, buscamos sistematizar os resultados obtidos na nossa investigação de campo, realizada em duas escolas, sendo uma da rede pública (ERPU) e a outra da rede particular de ensino (ERP), a partir das inserções dos participantes sobre o tempo em que estes utilizam seus celulares conectados à Internet, buscando identificar a ocupação desta atividade nos cotidianos dos adolescentes e suas possíveis implicações no decorrer da vida.

Os estudos de Oliveira (2017), ao abordarem questões sobre o excessivo tempo de conexão dos adolescentes relacionados à educação, identificaram que mais de 67% deste público se inserem em tal contexto. Tais resultados sobrelevam o fenômeno da conectividade, da democratização do acesso e da acessibilidade digital na contemporaneidade, referindo-se à vida cotidiana dos sujeitos, de modo a implicar no estabelecimento de limites entre excessos do uso do tempo e da priorização de tal atividade, dentre as ações cotidianas.

O “tempo de conexão”, a que se submete um adolescente, é um processo complexo e guarda particularidades quando analisado sob a ótica das suas rotinas, haja vista que esses indivíduos como pessoas em desenvolvimento são requeridos socialmente a responder por demandas que implicam na construção de projetos de vida futuros. Essa eventualidade vem sendo explicitamente notada por pais, especialistas e professores (GOÉS, 2013; NABUCO *et al.*, 2020).

No espaço-tempo em que se desenvolveu este estudo, considerando o período pandêmico, mas também os aspectos relacionados à realidade prévia à pandemia, não se imaginava que as atividades cotidianas como frequentar as escolas, praças, parques, visitar

amigos, ir à igreja, estar em seus grupos de escola, fossem interrompidas.

Em relação ao nosso grupo de participantes, que necessariamente compunha-se de adolescentes interioranos, habitantes de uma cidade com poucos meios de diversão e socialização - quando comparada, por exemplo, aos grandes centros urbanos, as capitais que para além dos shoppings centers e de amplas possibilidades de entretenimento, - quisemos saber dos participantes sobre o uso do seu tempo quando conectados aos seus celulares e as suas respostas sempre aludiam a um vasto tempo de conexão a esse tipo de aparelho:

Uso o dia todo praticamente. (risos) (MARY JANE).

Eu utilizo a maior parte do tempo[...]. Passo a maior parte do tempo jogando...Passo o dia todo jogando tranquilamente no quarto da minha casa que é uma biblioteca. Não tenho um tempo certo[...]. Acho que umas 10 horas por dia, por aí...A gente joga que nem vê o tempo passar e antes de dormir eu estou jogando ou assistindo... (HOMEM-ARANHA).

É muito tempo, véi, (risos). Fico fazendo ali no celular olhando besteira e a estimativa do celular é de 12h (MULHER-MARAVILHA).

Acima, apontamos apenas alguns dos fragmentos que esboçam as respostas dos participantes quando mencionavam o tempo que permaneciam conectados. Todos os entrevistados revelaram passar algum tempo por dia conectados. Consideramos, ainda, que 12 dos 14 participantes passam em média de 10h/dia, o que confere a maior parte do dia, noite e até mesmo da madrugada conectados aos seus celulares. As atividades que desenvolvem no tempo de conexão serão discriminadas um pouco mais adiante.

Sobre a preferência de horários de uso do celular pelos participantes da pesquisa, observou-se que a maior parte destes sujeitos, permanecem conectados nos turnos vespertino e noturno: No quadro abaixo, sintetizamos o tempo de uso do celular utilizado pelos adolescentes participantes da pesquisa:

Quadro 4. Tempo de Uso do Celular

Nº DE ADOLESCENTES	MANHÃ	TARDE	NOITE
14	11		
14		13	
14			12

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As informações apresentadas no quadro 4 demonstram que os adolescentes permanecem conectados praticamente durante todos os turnos em que se encontram

acordados, independentemente dos seus turnos de estudos, intensificando o uso nos turnos vespertinos e noturnos, ora por estarem em aula no período da manhã, ora por acordarem mais tarde nos dias em que estão em casa. Tal fenômeno nos revela que os adolescentes, também, vêm se confirmando como usuários tecnológicos em potencial, em consonância com o que afirma Parfley e Grayssey (2013, p.16), que a geração que se ratifica como nativos digitais têm o ambiente virtual como um “[...] lugar onde gostam de estar”.

Assim, Prioste (2013, p.8) salienta: “[...] os jovens são atraídos pelos ciberespaços principalmente pela possibilidade de exercitar fantasias virtuais e se sentirem aceitos pelo grupo”. Todavia, tão importante quanto afirmar a conexão de boa parte do público adolescente é buscar compreender as formas e os porquês da ocorrência de tal fenômeno.

Identificamos tanto através da observação, quanto no tratamento de alguns fragmentos de entrevista, que esses sujeitos reconhecem o excesso de tempo dispensado ao uso dos aparelhos celulares conectados à internet, prática que se destaca em relação ao uso de outros aparelhos eletrônicos como tablets e computadores:

Uso bastante, chego da escola fico, depois pra almoçar...Fico ali e só paro para assistir série (SHE-RA).

É aquela coisa dos algoritmos mesmo...Fica ali lhe prendendo...Sabe como é... (risos), cê abre um pouquinho explorar e daqui a pouco, só mais um vídeo, só mais um...E ai já vai meia noite, meia noite e meia...Eu deixo ligado pela questão do despertador (SENHOR DO DESTINO).

É interessante notar a preferência dos usuários adolescentes pelo celular, ainda que outros aparelhos ofereçam melhor conforto visual e definição de imagens, como por exemplo, os tabletes. No entanto, a comodidade, a versatilidade, a compatibilidade do aparelho celular parecem ser atrativas para esses sujeitos que são impulsionados por tudo que é imediato (OLIVEIRA, 2006).

A escolha pelo celular é compreensível, pois, o aparelho parece se ajustar à maioria das atividades que os adolescentes desempenham diariamente, o que em nossa análise, confere não como conexão espaçada ou eventual, mas como super conexão. Seja para se comunicar, estudar, se informar ou divertir-se, os adolescentes estão sempre conectados ao celular. É como se o aparelho celular ocupasse o corpo e a mente, como podemos observar nos conteúdos abaixo:

Muito estranho imaginar minha vida sem o celular...Praticamente minha vida toda está nele...Boa parte das amizades está no celular. Ficar sem o celular é ficar sem nada pra fazer. Tipo ninguém pra conversar, assim... gosto de desenhar, pintar, mas

ainda assim eu ia ficar sozinha (MULHER-MARAVILHA).

Quando falta energia mesmo... (pausa) Fico louco...Liguei pra minha mãe pra saber... quando ficou sem internet e depois fui dormir...ah eu fico dependente... (pausa)..., mas um pouco (BATMAN).

Sobre o acoplamento dos adolescentes com relação aos recursos tecnológicos disponíveis na contemporaneidade, Bauman (2015) salienta o termo ‘usuário’ das redes associado à dependência psíquica que estes recursos causam nos seres humanos, algo que, segundo o autor, se aproxima de outros tipos de dependências, inclusive as desencadeadas por substâncias psicoativas.

Alves (2014) explica a dependência da internet como um fato presente na vida dos sujeitos, causada pelo uso contínuo e ininterrupto do universo virtual, a ponto de comprometer atividades simples do cotidiano dos sujeitos como comer, estudar, dormir. A partir da identificação do quadro de dependência, o autor busca enfatizar os seus impactos sobre a saúde mental das pessoas.

Observamos, no entanto, que, no caso do grupo de adolescentes estudado, os adolescentes informaram a importância que o celular tem em suas rotinas, salientando, também, o que o aparelho lhes possibilita: companhia, ter alguém para conversar, para exercer algum tipo de troca, ser ouvido, estar atento e ter atenção com a conveniência dos pares, permanecer em seus próprios espaços.

Por diversos momentos, observamos os participantes relataram desespero por falta do celular. O medo de ficar sem conexão é, também, o medo de ficar de fora, só e consigo mesmo e isso pode ser, de fato, amedrontador. O elemento da superconexão já é considerado como um fenômeno contemporâneo de dependência tecnológica (MELO *et al.*, 2018).

Barros *et al.* (2021) observa a dependência tecnológica ou monofobia⁵⁷ na contemporaneidade, mais especificamente de crianças e adolescentes, não como a utilização dos aparelhos, relação do tempo de uso e possíveis excessos, mas nas modificações bruscas ocorridas no comportamento dos sujeitos em relação às atividades necessárias do cotidiano em detrimento do uso tecnológico, o que, segundo os autores, exige expressa atenção de estudiosos, profissionais de saúde, pais, responsáveis e comunidade escolar.

Todas essas questões podem estar relacionadas a uma gama de outros fenômenos sociais que não devem ser apenas salientados no cerne da dependência-não-dependência do celular. Sua análise exige fundamentação multidisciplinar acerca do fenômeno, que possibilite respostas sobre o uso em excesso, o autocontrole das tecnologias sobre a vida dos sujeitos,

⁵⁷ Medo causado pela possibilidade de ficar sem o celular (FIGUEIRA, 2011).

bem como os incentivos sociais e mercadológicos que induzem ao consumo exacerbado e fatores exógenos que cooperam para a sua ocorrência.

Interessa-nos observar o que a conexão com a Internet ou ausência desta interfere, molda ou influencia a teia de relações criadas, desenvolvidas e articuladas pelos adolescentes do contexto investigado. No entanto, observamos que outros aspectos, também, se destacam na realidade destes sujeitos. Por isso, salientamos que a ‘dependência de internet’ não acontece ou se expressa de modo igual para todos os adolescentes e pode estar relacionada a aspectos socioeconômicos dos participantes entrevistados, à organização familiar e de trabalho.

Do mesmo modo, o acesso às tecnologias está diretamente relacionado a determinantes sociais diversas. Um dos adolescentes participantes, residente na zona rural, próxima ao município onde desenvolvemos a pesquisa, afirmou ter acesso restrito às TDIC, limitando-se a utilização do celular para atividades de trabalho, pois o uso do aparelho contribui nas atividades de escoamento dos produtos agrícolas produzidos por seus pais, cuja comercialização garante o sustento da família. Apesar deste acesso, se estabelece no núcleo familiar o controle do tempo de uso pelo adolescente. Vejamos o seu depoimento:

Eu não uso muito, não, só uso uma ou duas horas por dia...É que meu pai deixa. Também só uso pra coisas de escola e do trabalho...É que a gente trabalha vendendo animais e a gente não pode ficar perdendo tempo olhando bobagens. A gente sempre usa para alguma coisa do trabalho...Bobagens, meu pai não deixa não. Também porque o celular é dele e não pode ficar mexendo muito pra não acontecer de quebrar, essas coisas... (HULK).

Apesar da conectividade ser um fator crescente no âmbito do território nacional (KIDS *ON LINE*, 2018; IBGE, 2021), muitos adolescentes formam um sem-número de desconectados por fatores que vão desde a ausência de recursos para o custeio dos bens tecnológicos até o compartilhamento de um único aparelho entre os familiares. Outro aspecto que corrobora com a dificuldade de acesso é, segundo o IBGE (2018), a baixa qualidade do serviço de conexão no Brasil, o elevado custo para instalação, manutenção e sustentação dos gastos com internet, que chegam 10,8% do salário mínimo.

A dificuldade e limitação de acesso, expressa no contexto vivenciado pelo participante “Hulk”, espelha a sua realidade e de muitas outras famílias no território brasileiro, e, com o panorama social pandêmico que encaminhou tarefas cotidianas para o plano tecnológico, a problemática do acesso à internet ficou ainda mais explícita.

O isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19 entrou na ciranda da

conectividade como uma obrigação, já que, como mencionamos em outro momento de nossa escrita, a janela possível de contato, aproximação, do trabalho e estudo foi viabilizado pelo uso dos aparelhos celulares, tablets, computadores, conectados à internet (CHURKIN, 2020).

Compartilhando a sua experiência pessoal, frente ao processo de isolamento social, Capitão América demonstra que o uso do celular foi intensificado na Pandemia de Covid-19 e o tornou desinteressado por outras atividades sociais e lúdicas: “No começo eu saía, mas com a pandemia parei e fiquei mais no celular... Parei de sair por conta da pandemia... Até a leitura parei mais na pandemia. Não consigo imaginar minha vida sem o celular. É uma necessidade” (CAPITÃO AMÉRICA).

Neste aspecto, estigmatizar o adolescente como aquele que usa e abusa das tecnologias, pode ser uma forma de ignorar toda trama que se impôs a realidade pandêmica embutida neste processo, suas dinâmicas e consequências particularizadas nos últimos dois anos. De sorte, o recorte da nossa amostra situa a necessidade de conectividade dos sujeitos envolvidos em seus lugares cotidianos, estreitada ainda mais pelo contexto pandêmico, ao mesmo tempo, externa aspectos históricos e socioeconômicos que dificultam o acesso aos bens tecnológicos necessários à acessibilidade.

Em exame de tais aspectos, o IBGE (2020)⁵⁸ revelou que:

12,6 milhões de domicílios, ainda, não tinham internet em 2018 e 2019. Os motivos apontados (pelos respondentes) foram a falta de interesse dos sujeitos (32,9 %), serviços caros (26,2 %) e o fato de nenhum morador saber utilizar a internet (25,7%).

Assim, a necessidade do acesso à internet imposta pela pandemia (2020/2021) encontrou uma gama considerável de famílias brasileiras parcialmente ou totalmente desassistidas.

Apesar da desconexão ser um fator a ser considerado, o que sobreleva um universo de sujeitos, cada vez, mais conectados, como salientado por Gonçalves e Nuernberg (2012, p.166), “Hoje em dia é comum deparar-se com pessoas que não conseguem mais conviver apenas com a realidade comum, pois estão inseridas nos espaços virtuais e, muitas vezes, dependentes das opções que o mundo virtual pode lhes oferecer”.

Desconexão do mundo virtual, que observa em recortes geográficos específicos, experimentada por indivíduos que têm acesso aos bens e serviços tecnológicos, em detrimento

⁵⁸ Pesquisa IBGE acesso tecnologias domicílio. Disponível na íntegra em <https://www.gov.br/pt-br/noticias/noticias/educacao-e-pesquisa/09/internet-chegou-a-90-dos-domicilios-brasileiros-no-ano-passado#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019%2C%20quando,%25%20para%2092%2C%25>.

de outros tantos que os têm parcialmente, como o caso do nosso participante e outros que estão totalmente desconectados, seja por suas condições socioeconômicas ou até mesmo educacionais, aparece na pesquisa como não ‘saber utilizar’ as TDIC. Assim, seguimos situando a dependência tecnológica, como um recorte de uma realidade social ampla, difusa e controversa.

No caminho da suposta dependência tecnológica dos adolescentes, Neurnberg (2012), seguimos buscado desvendar as experiências dos estudantes, com o acesso às tecnologias, na tentativa de compreender melhor a atenção que empregam ao mundo virtual em boa parte dos seus cotidianos e, como esses sujeitos se situam no contexto das suas relações sociais, nas quais um mundo virtual é concreto e está enlaçado ao acesso ao celular:

O celular fica carregando ligado ao meu lado... Não consigo imaginar minha vida sem o celular é uma necessidade (CAPITÃO AMÉRICA).

Eu de certo modo sinto que me dedico muito ao celular...De certo modo, temos o mundo a nossa frente que fica esquecido (HOMEM DE FERRO).

Os adolescentes seguem absorvendo as modificações oriundas no meio social. Os modos de organização cultural e socioeconômica que vão ditando e moldando a vida dos sujeitos em sociedade. De sorte, a inserção das TDIC nos cotidianos acaba sendo um reflexo da manipulação mercadológica capitalista que dita padrões de consumo e comportamento à vida, numa dinâmica essencialmente consumista (LÉVY, 1997; HARARI, 2015). A vida que os adolescentes, participantes da nossa pesquisa, não conseguem imaginar sem o celular é ditada pelo dispêndio. Estar conectado é, ademais, consumir um padrão de vida que se utiliza informações e produtos disponíveis na rede, programados para prender cada vez mais a atenção dos seus usuários.

Em nossa percepção, a dinâmica de conexão dos adolescentes, não alheia ao próprio sujeito. Alguns fragmentos de entrevista vão confirmar a compreensão dos entrevistados sobre suas próprias ações- atuações, não-atuações, neste processo de conexão e os modos como se posicionam ou resistem à lógica mercadológica vigente. “É aquela coisa do algoritmo... Você vai ficando ali, mexendo, mexendo... Quando vê o tempo já foi” (CAPITÃO AMÉRICA).

Aqui percebemos que o participante Capitão América parece compreender a dinâmica da manipulação tecnológica, a qual os usuários da internet estão submetidos, o que explicita a manobra intencional destes mecanismos de poder em prol de interesses particulares (LEMOS, 2000; LÉVY, 1998).

O que aqui observamos é o tolhimento da circulação livre dos usuários na rede, no caso dos adolescentes, em seus processos construtivos, enquanto, seres autônomos, ou seja, no desenvolvimento das tomadas de decisões necessárias que os tornam capazes de buscar e assimilar informações e fazer as suas próprias escolhas (PIAGET, 1932; KOHLBERG, 1922; FREIRE, 1997).

Sobre a “manipulação” dos algoritmos, remetemo-nos ao pensamento de Wolton (2012) que alimenta a discussão em torno das consequências desta prática comum entre as grandes empresas do mercado da rede mundial das TDIC. Segundo o referido autor, as táticas de mercado comprometem a lucidez de quem utiliza os recursos tecnológicos e, até mesmo quando os consumidores parecem reconhecer os jogos de manipulação, o que acarretaria domínio e dependência das TDIC em seus cotidianos. “Observa [-se] também que fazem críticas e reflexões, as quais, muitas vezes, emergem como auto denúncias” (TOCANTIN; WIGGERS, 2021, p.80).

Há, no entanto, no âmbito da realidade impetrada pelas TDCI, uma necessidade de pô-las em cheque, sobretudo, no que tange a se pensar as suas potencialidades, efeitos e domínios sobre a vida dos sujeitos. Lévy (1993) corrobora tal alerta quando propõe o pensar sobre o adágio humano, sobre as tecnologias, as suas implicações sobre a linguagem, a cultura e ainda como produto da criação humana e não como algo alheio a estes. A tecnologia não tem vida própria, é esta uma criação dos homens e, por isso, não se distancia dos seus pensamentos.

Ainda sob o véis filosófico sobre as tecnologias e os sujeitos que as produz, Oliveira (2005, p.57) salienta que:

[...] não há razão pura, nem um sujeito transcendental estável, nem os humanos-entre-eles, como pura agência, visto que desde o nascimento somos constituídos por meio de línguas, de máquinas, de sistemas de representação o que irão estruturar nossas experiências.

Desse modo, somos composições não estáticas, capazes de criação, recriação e elaborações de pensamentos sobre o que vimos sendo ou o que produzimos. Os seres humanos não estão separados das engrenagens. Produzimos e somos produzidos pelos mecanismos impressos na realidade.

Posto isso, vamos nos alterando e alterando as partes que compõem a dinâmica do real. A ideia de natureza humana está permanentemente atravessada pelo devir. Desta forma, vamos nos reconfigurando incessantemente e, destituindo as dubiedades extremas, marcadas pelo maniqueísmo, o que mais uma vez se propõe como dinâmica e necessidade de

pensamento sobre as tecnologias e seus processos conectivos que implicam nos modos de ser, existir e se relacionar na contemporaneidade.

Mediante as contribuições dos participantes, buscando externar como estes fazem conexões, ligações, revezamentos o modo como afetam em suas teias relacionais, separamos um fragmento do “Homem de Ferro”, que assim se apresenta:

Utilizo o zapp para conversar. O twitter uso como mecanismo de poder, externar o que sinto[...]. Meus pensamentos políticos[....]E aqui no interior a gente não tem muitos esses espaços. No Instagram e face pra conversar com a família e para externar algum pensamento que leio, essas coisas, lógico, sempre verídicas, porque vivemos hoje numa serie de fake news... Gosto de Maçonaria, apesar de não fazer parte, gosto de postar coisas sobre a maçonaria para quebrar tabus, quebrar paradigmas. O celular deve ter um uso libertador, para nos trazer satisfação...Eu tenho tentado fazer isso. Claro que hoje o meu uso é muito grande...um tempo absurdo, mas ainda assim, de certo modo é saudável. O uso é, o tempo é que não é. Acho que você me compreendeu [...] (HOMEM DE FERRO).

Neste fio da teia relacional do participante, encontramos o uso do celular conectado à internet, nas redes sociais mais popularizadas como o *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*. Apesar desta prática não se constituir exclusiva entre os participantes, a utilização dos *ciberespaços* como meio de exercício do protagonismo juvenil, parece ser usual na contemporaneidade. Nesses ambientes virtuais, os adolescentes se expressam, ora para manifestar anseios de ordem política, ora para produzir mobilização dos grupos aos quais se vinculam por variados interesses. Nestes aspectos, os espaços virtuais também vêm sendo cada vez mais visitados pelos jovens e adolescentes reconhecidamente seguros, acolhedores, democráticos e livres para o exercício da participação política (CRISTO, 2022).

Os autores Marques e Fernandes (2020) e Santos (2015), investigadores do campo socioeducacional, têm observado a participação política dos jovens, isto é, a mediação das TDCI no denominado ativismo político da juventude, ora para analisar os fundamentos que produzem despolitização, ora enfatizando a problemática das *fake news*. Esses estudos têm ocupado palco de debates e investigações no cenário das produções contemporâneas, nos aspectos relacionados à disseminação de ideias, nos modos como essas se organizam e se materializam no contexto da sociedade, nos movimentos sociais em torno do uso da rede e, mais atualmente, na disseminação das *fake news*.

Cristo *et al.* (2020, p.5) apresenta as seguintes contribuições sobre a disseminação das redes sociais:

[...] representa sérios riscos à saúde e sobrevivência das sociedades democráticas, por exemplo, uma vez que é capaz de potencialmente manipular os sujeitos,

promover o descrédito à Ciência, distorcer a realidade, naturalizar a cultura da desinformação, reforçar o monopólio das informações e suscitar a formação de sujeitos mais ou menos participativos na vida sociopolítica.

Tomaremos aqui, não as questões abordadas por Cristo (2020), mas a partir destas, buscaremos identificar a compreensão das atuações dos sujeitos adolescentes no território das TDCI.

Nesta trama dinâmica, a participação política dos adolescentes e jovens nos ciberespaços, implica para nós, na observação de aspectos referentes as suas teias relacionais, pois, observamos que tal cenário favorece a comunicação, e inter-relação permeadas pelas TDCI, bem como, a manifestação e patilha de ideários políticos, o que se constitui como manobra do poder expressar-se (LÈVY, 2000).

Neste sentido, manifesta-se como uma forma de interação e participação viabilizado pelo meio virtual. “Eu utilizo o twiter como uma forma de expressar as minhas ideias políticas” (HOMEM DE FERRO). Neste exemplo, o adolescente parece perceber o alcance das redes, ambiente que pode render teias infindáveis de relações criadas e modificadas pelas TDCI, inclusive como abertura à dialogicidade como ato político (FREIRE, 2009).

Sobre estes aspectos Mata, Silva e Amorim (2016, p.20) tornam-se enfáticos: “[...] está posto que virtualidade possibilita diálogo com as mais diversas práticas sociais e indivíduos, tendo o tempo e o espaço como ambientes das mais diversas possibilidades da manutenção dessa virtualidade”.

A conectividade é mesmo um território infindável de possibilidades. A maioria dos adolescentes parece saber explorar cada canto destes espaços. Os jogos eletrônicos, aparentemente, buscados por esses sujeitos, para diversão, apresentam-se como possibilidade de interação já que cada um em seu lugar, pode estar jogando e interagindo com o outro deveras distante geograficamente. “Fazer parte da rede é também fazer parte de comunidades que só existem quando as pessoas realizam trocas e estabelecem laços sociais” (BARRETO, 2018, n.p).

Nas redes sociais dos adolescentes, os jogos eletrônicos se manifestam como um fio robusto da teia relacional:

Uso o celular para jogar... A maioria jogo de tiro... Desestressa, tia (risos). Eu jogo com meus amigos cada um de um canto do mundo. Depende, primeiro eu faço as coisas que minha mãe manda fazer em casa e depois vou jogar. Na verdade, eu não faço nada além de jogar. Também assisto série, anime, filmes, desenhos... Japonês. É a mesma coisa de desenho animado, mas é japonês, é variedade. Tenho muitos colegas que ficam jogando durante a aula, você não faz ideia... Muitos mesmos” (MULHER-MARAVILHA).

[...] teve uma vez mesmo que entrei no jogo e não fiz atividade, mas mesmo assim dá vontade de jogar um pouquinho (HULK).

Vale destacar, que apesar da aparente facilidade de ‘inserção’, estabelecimento e manutenção de contatos a partir das TDIC, processos de interação como o contato físico, o diálogo, as aproximações físicas tão necessárias na adolescência ficam à mercê das telas dos aparelhos digitais.

Trancafiados em seus mundos tão reluzentes quanto privados, os adolescentes parecem adquirir novas formas de linguagem que vão se consolidando como meio de comunicação amplamente reconhecido: digitar ao invés de falar; enviar *emojis* ao invés de abraçar; compartilhar mensagens em lugar de dar as mãos.

Diante do exposto, observamos que nas, e, a partir das redes virtuais, firmam-se parcerias, criam-se grupos, supostamente de ‘amigos’ estreitamente no âmbito virtual, em uma dinâmica que produz ao mesmo tempo preenchimento/esvaziamento; interação e solidão. Observamos, porém, neste ponto, o excesso de conexões, atropelando atividades, ainda, necessárias ao mundo concreto, algumas vezes, tornando-os dependentes; restringindo suas ações apenas ao mundo virtual e à sua satisfação: “Na verdade, não faço mais nada além de jogar” (MULHER MARAVILHA).

Como vimos discutindo, a conexão à internet parece ser uma das coisas mais importantes da vida dos adolescentes, todavia, é preciso considerar os porquês. Por que a conexão se tornou algo imprescindível para a maioria desses sujeitos? Por que os adolescentes parecem preferir o mundo da conectividade aos espaços do mundo real? Talvez essas questões não tenham respostas imediatas ou até mesmo, uma única resposta, no entanto, é preciso enfrentar a realidade e, inclusive, fugir dos pré-julgamentos, a fim de que a problemática seja considerada em sua totalidade, aliada à responsabilidade e comprometimento necessários ao seu entendimento.

ABCMED (2015) arrisca afirmações pautadas em investigações sobre a saúde mental dos adolescentes que, a preferência pelo espaço virtual perpassa múltiplas possibilidades de interação, participação e circulação em outros espaços. Os autores ainda enfatizam que os adolescentes conectados criam outros mundos, outra realidade e este fato é irreversível. Eisenstein e Silva (2016, p.122)⁵⁹ ampliam essa discussão:

O uso excessivo e a não percepção da passagem do tempo; o desenvolvimento de quadros de abstinência, com alterações de humor e sentimentos de raiva e tristeza ou

⁵⁹ O referido artigo se encontra presente a coletânea publicada por *Kidson Line* Brasil, 2016.

frustração; a tolerância e a necessidade de mais horas de uso, como mecanismo de recompensa; e as repercussões negativas, incluindo conflitos, isolamento social, fadiga e desempenho insatisfatório nos estudos ou no trabalho são alguns dos sintomas que caracterizam a dependência.

Breda *et al.* (2014) afirmam: “O jovem dependente de videogame passa muitas horas jogando e termina por afastar-se da família e dos amigos, evoluindo com agravamento do isolamento social”. Neste ponto, observamos que este isolamento pode estar relacionado a determinados grupos e atividades, e, ao mesmo tempo, fortalece outros vínculos, a exemplo, os amigos virtuais. “Já tenho os meus parceiros de jogos, alguns moram até fora do Brasil. A gente marca o horário e começamos a jogar.” (MULHER MARAVILHA).

Aqui destacamos os novos sentidos que a ‘amizade’ vem tomando nessas aproximações por interesses comuns e ou afinidades, quase sempre, deixando do lado de fora o afeto necessário à construção dos laços relacionais (RAMOS, 2020). As rodas de jogos não são rodas de amigos, a troca existente gira em torno de objetivos comuns, da diversão e do entretenimento.

Ausenta-se nestas relações a aproximação física, a confiança construída no tempo e na troca de experiências presenciais, no entanto se estabelece outras formas de trocas, experiências e contatos entre os sujeitos.

Examinando o perfil de jogadores das redes em relação aos vínculos de amizades reais, virtuais, Lima (2016) esclarece que a parceria de jogos não se funda em relações de confiança necessárias para se estabelecer amigos; contudo, o contato, ainda, que pautado na superficialidade, pode se tornar um caminho para o desenvolvimento da amizade.

Outro aspecto a ser considerado é a péssima qualidade das relações familiares que vêm sendo produzidas na realidade social contemporânea alimentadas por elementos que vão desde a ausência dos espaços dialogais, o crescimento do individualismo, a cultura da aparência, as ausências ou negligência no ato de cuidar (LINO, 2009).

Observa-se, neste contexto, a preocupação de pais, educadores e estudiosos que identificam a problemática do uso excessivo das mídias digitais, nas quais a maior parte dos usuários estão conectados, acarretando consequências à saúde física e mental de crianças e adolescentes (ALVES, 2014).

O riscos de vícios em jogos por crianças e adolescentes, apesar desta discussão não ser recente, uma vez que o primeiro trabalho acerca destes estudos foi publicado em 1998⁶⁰

⁶⁰ Os estudos de Eisenstein e Silva (2016), na literatura científica contemporânea, apontam o trabalho de (ULIJASZEK *et al.* 1998) como um dos pioneiros a investigar os impactos das TDIC sobre o desenvolvimento sócia e a saúde física e mental de crianças e adolescentes.

(EINSTEIN; SILVA, 2016) e seguem até os dias atuais. Embora em configurações diferentes, os problemas demarcados no final do século passado continuam sendo um desafio atual.

Nestes contextos, Gonçalves e Nuernberg (2012, p.180) destacam:

Investigar a frequência e a intensidade que se utiliza a internet se torna indispensável, pois o grande uso pode levar a um comprometimento na vida social da pessoa, podendo as relações de convívio real, aos poucos diminuírem e, assim o convívio virtual se tornará uma dependência.

Em relação ao nosso estudo, salientamos as brechas e ressignificações apresentadas pelos adolescentes participantes e, além do estabelecimento de laços virtuais e aproximações com seus pares, inseridos em outros espaços geográficos, o contato com a produção e linguagem tecnológica com outras culturas digitais, a exemplo da popularização dos *animes*⁶¹ e demais jogos oriundos de diferentes culturas e lugares.

Para nós, tais aspectos se constituem como uma ampliação dos espaços transitados pelos sujeitos adolescentes na contemporaneidade acompanhado da expansão das suas redes de relações. Além disso, tanto o jogo como o jogador são produzidos no meio social no qual as crianças e adolescentes nascem, crescem, vivem e, se esses instrumentos obedecem a uma acelerada produção do real que gira em torno do lucro e do acúmulo do capital, não existem motivos para esperar que crianças e adolescentes contemporâneos reajam a estes de modo diferente.

4.2 Famílias Emaranhadas em Redes

As TDIC chegaram aos lares e fomentam o risco de ausência de diálogo, da estagnação da vida em movimento, da ausência de vivências e partilhas presenciais. Até mesmo a comunicação diária que até pouco tempo era feita cara a cara, agora, embora mais veloz, vem se tornando mais impessoal, padronizada e massificada, realizada através dos aparelhos celulares mesmo que os emissores e receptores das mensagens estejam a se comunicar dentro da mesma casa, separadas apenas por alguns metros (ABCMED, 2015).

Neste sentido, há um paradoxo proximidade-distanciamento, aparentemente agravado pelas TDIC. Mas estaria de fato a conectividade interferindo nas relações dos adolescentes com os seus familiares? De que forma? Quais abismos entre as pessoas que

⁶¹ *Animes* são animações em formato de desenhos animados de origem japonesa que se popularizaram rapidamente no Brasil nos últimos anos, especialmente entre crianças e adolescentes.

residem e comungam dos mesmos espaços as TDIC vêm provocando?

Procuramos problematizar os aspectos acima mencionados, Melo (2018) destaca a influência da tecnologia nas famílias contemporâneas e os abalos que estas têm provocado no contexto familiar, especialmente nos vínculos afetivos, corroborando o desenvolvimento de doenças psicológicas entre seus membros.

Buscamos uma aproximação dos contextos familiares dos adolescentes participantes do nosso estudo, a partir da apresentação de uma imagem (Figura 1) que demonstrava pessoas em várias fases do desenvolvimento (adulto, criança, jovem e idosos) conectados com vários tipos de aparelhos eletrônicos, completamente alheias umas às outras.

A nossa intenção, em socializar essa imagem no momento da entrevista, era provocar a discussão e a reflexão dos participantes, sobre os supostos atravessamentos tecnológicos nas suas teias relacionais no âmbito familiar, com isso, confirmar suas expressividades acerca da temática, e a partir da imagem motivando-os a falar livremente sobre o que percebiam, quiçá, associá-la ou reconhecê-la em algum contexto familiar, como sugerem (BAUER; GASKER, 2017).

Uma imagem em meio às palavras, pensamentos. Assim, apresentamos a gravura aos participantes. A escolha da figura não se deu de modo aleatório. Intentamos adicionar elementos em meio à entrevista, inicialmente para promover a dinâmica da conversação, de modo que as perguntas mudassem de configuração, especialmente, para possibilitar a abertura ao diálogo a partir de um ponto (FREIRE, 1996).

Dessa forma, nosso intuito além de problematizar o conteúdo apresentado na gravura, era promover a livre expressividade. E caso o participante se percebesse na situação apresentada, não evitaríamos as suas expressividades (MACEDO, 2006), o que de fato aconteceu quando utilizamos tal recurso nas entrevistas com os participantes.

Apresentando a imagem sobre a mesa, propomos: por favor, fale um pouco sobre esta imagem. Após ouvirem o comando, quase todos os participantes ao olharem de imediato a gravura, deixaram escapar: “a gente vive numa bolha”. Embora a imagem não represente diretamente uma única bolha, as pessoas que formam a composição, homem, mulher, criança estão próximas, com os olhos fixados cada um em seus respectivos aparelhos eletrônicos. Cada um no seu mundo.

Figura 1. Família e o uso das tecnologias



Fonte: Foto arte EM⁶².

Aqui, não buscamos destacar significados mais aprofundados relacionados à utilização de imagens em pesquisas qualitativas, como: evocação da memória, revivências de histórias familiares, entre outros aspectos, como orienta (BAUER; GASKER, 2017), no entanto, podemos afirmar que as inserções dos participantes ao reportarem axiomas sobre a imagem, corroboraram a compreensão do “indizível” (FILHO, 2013, p.264). Podemos asseverar que a experiência dos participantes em reportar a imagem, nos trouxe respostas mais longas, explicativas e até mesmo comparativas em face as suas próprias realidades, como pode ser observado nas sínteses abaixo:

Isso aqui é uma ilustração do que a sociedade se tornou...uma bolha social é algo real... Pode parecer hipocrisia, mas são pessoas que perdem momentos porque ficamos presos assim... Eu acho um absurdo... (HOMEM DE FERRO).

Ela diz muito sobre a realidade, quando a gente tá com algum aparelho a gente se prende numa bolha e fica lá, no mundo digital... É uma bolha que você entra ali e esquece do mundo... (VINGADORA).

Ah... A imagem... As pessoas podem até tá todo mundo no mesmo lugar, mas ainda tassin fica todo mundo no celular. Eu sempre percebo isso em todo lugar que vou nenhuma dá atenção para outra. Todo lugar, exemplo assim, quando tem uma saída, ficano celular Na minha casa, todo mundo. E a imagem tem muito a ver com minha família (MULHER-MARAVILHA).

Cada qual em sua bolha. Em nossa análise, a associação direta, a universos particulares construídos em meio à coletividade ou a sugestiva metáfora: ‘sozinhos em meio à multidão’ ou ainda “solidões coletivas”, sugere que os espaços são questionáveis. Estamos de

⁶² A imagem encontra-se disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/25/interna_gerais,532336/exagero-de-tecnologia-deixa-criancas-e-adolescentes-desconectados-do-mundo-real.shtml.

fato no lugar onde nossos corpos permanecem? Estamos de fato acompanhados? Somos de fato companhias? Em síntese, os adolescentes sugeriram que estarmos todos numa bolha, plenamente conectados e/ou absolutamente a sós de nós mesmos e do outro geograficamente próximo.

Ao contrário do filme de 1958, *A Bolha Assassina*⁶³, que partia em busca das pessoas para atropelá-las e devorá-las, a bolha contemporânea pregressa do uso dos celulares e *smartphones*, parece mesmo arrebatá-las silenciosamente a atenção das pessoas sem a necessidade de removê-las do ambiente onde estão. Também, não se assemelha às bolhas criadas pelos algoritmos que buscam controlar as atividades dos usuários da internet numa forma de adestramento que o induz a circular sempre no mesmo lugar (GUEDES, 2017).

A expressão “bolhas sociais” torna-se significativa ao buscar explicar a seletividade de indivíduos quando se integram em grupos, uma espécie de ‘comunidade’ que compartilham ideias e interesses comuns, evitando confrontos de comportamentos e opiniões, parece, assim, ser um retalho em meio à imensa colcha social (MORALES, 2020).

Há, no entanto, uma preocupação com a disseminação do conceito de “bolha social”. Souza (2017) colabora nesta discussão no sentido de evitar maniqueísmos, o que aponta para uma suposta apreensão do termo ‘bolha’ como espaço distante da totalidade no modo de apreendê-la como boa ou má. Neste sentido, o autor, salienta o pensar a bolha como uma espécie de escudo ou ambiente restrito, seguro, com o fim de evitar discussões, agressões, sobretudo, homofóbicas e extremistas que vêm ganhando forças através das redes sociais.

Logo, a ‘bolha social’ seria um isolamento proposital preventivo, ao mesmo tempo um modo de aproximação de pessoas ou grupos que corroboram determinadas ideias ou opiniões. A bolha seria, então, uma forma de autopreservação, evitando, a exposição à disseminação do ódio.

Entretanto, a associação feita pelos participantes à bolha projetada pela imagem conduz a outro campo de ideias, em que os sujeitos que compõem a família estão simultaneamente conexos e desconexos, compartilhando pouca ou nenhuma atenção com quem se encontra em volta, em detrimento de incontáveis números de interações e relações, no universo oferecido pela internet. Quando buscamos articular a bolha que produz distanciamentos entre os pares, salientada pelos adolescentes com o âmbito familiar na atualidade, recorreremos ao individualismo incitado pela realidade contemporânea (ALVES, 2014).

⁶³ A Bolha Assassina, filme dirigido por Irvin Yeaworth e Russell S. Doughten, lançado nos cinemas em 1958.

Alves (2011) alerta sobre a necessidade de acompanhamento dos pais e responsáveis na vida dos filhos, especialmente se estes, ainda, são crianças ou adolescentes. Essa prática de acompanhamento serviria como, uma preservação dos vínculos familiares ou até como uma forma de precaução de distanciamentos ocasionado pelas tecnologias: “[...] tornar a tecnologia uma aliada no estreitamento das relações familiares é mandatório para pais e mães que não desejam viver em mundos totalmente diferentes dos seus filhos no futuro” (ALVES, 2011, p.25).

Destacamos, no entanto, que as atitudes de distanciamentos às quais envolvem os sujeitos conectados em bolhas, não invadem os espaços familiares e se instalam sem permissão. Elas, na maioria das vezes, são convidadas, admitidas e vão ficando cada vez mais infladas à medida que os membros da família vão permanecendo alheios às suas presenças e os modos como estas, vão consumindo as pessoas, seus tempos, suas atenções e suas capacidades dialogais, escuta e envolvimento com o outro.

No campo da educação, Franco e Borges (2017) discutem na educação em tempos de bolhas, resguardados pela teoria de Pierce (2011)⁶⁴. Segundo os autores, manter-se num determinado universo de interações na rede, pode restringir os indivíduos a processos limitados e restritos, salientando a ‘teoria da informação’ como a necessidade de busca incessantes de conhecimento, noutros termos, a sabedoria da permanente inconclusão.

Desta forma, as produções dos autores mencionados acima desvelam a necessidade de se estender a função da informação para além das concepções fronteiriças, mensagem-receptor. Em tempos de individualismos, fragmentações e isolamentos dos sujeitos que criam e ou admitem bolhas em torno de si, até mesmo dos grupos onde encontram-se inseridos, a necessidade de rompimentos destas barreiras é, certamente, um mecanismo para que se criem ou se restaurem inter-relações entre os sujeitos.

No contexto familiar, as bolhas de isolamentos identificadas pelos participantes da pesquisa ao observarem a imagem, foram associadas às relações de distanciamentos, algumas vezes, associadas as suas experiências pessoais como: ausência de atenção e escuta atenta entre os membros de suas famílias, afinal, manter atenções simultâneas é um desafio para a maioria das pessoas.

Posto isso, boa parte das famílias contemporâneas as quais ousamos denominar de

⁶⁴ Charles Pierce desenvolveu a “teoria da informação”, observando a evolução dos signos. Segundo o pensador, a informação deixa de ser apenas um instrumento para troca de mensagens obedecendo os princípios da lógica e ganha dimensão tanto verbal quanto não verbal. A ampliação dos horizontes das informações, segundo essa teoria, a informação rompe as barreiras dos significados e ganha dimensão de comunicação (NORH; GURICK, 2011).

“Embolhadas”⁶⁵, parecem desenvolver menos as habilidades de escuta e atenção para com o outro. Vejamos os relatos de Mulher-Maravilha e Mulher-Gato:

Se você chegar em minha casa tá todo mundo no celular: meu pai no celular, minha mãe no celular, minha irmã no celular, até a minha avó que eu conversava tanto com ela, agora vive no celular... Esses dias tive de desligar o wi-fi porque ela estava vendo vídeos da internet em som alto e o dia todo (MULHER-MARAVILHA).

O que vejo, assim, é todo mundo assim... Todo mundo conectado em casa e zero comunicação...por exemplo eu tenho uma irmã e 8 anos e meus pais já acham que ela tem de ter um celular... Eu falo... Não gente, ela tá muito criança assim, tem coisas que eu não sei se cabe falar aqui, mas, assim, vou falar... (Intervimos: fique à vontade, se você quiser, pode falar) ... Assim, por exemplo eu comecei a perceber que minha irmã tava tendo acesso a alguns conteúdos, como site adultos... Assim e isso é um grande problema, e eu comecei a conversar com ela sobre alguns assuntos e comecei a conversar com ela porque meus pais não falam com a gente sobre esses assuntos, mas eu falo com eles de modo aberto porque acho que é importante em todas as idades, cada um com seu entendimento falar desses assuntos [...] (MULHER-GATO).

Parfley e Gresser (2011) destacam a ocupação dos membros familiares com o mundo *on-line* como uma imagem das famílias na contemporaneidade que, produzida em boa medida pelo excesso de atenção dispensada para os meios tecnológicos, vai deixando as atividades de convivência em segundo e terceiro plano.

As bolhas parecem subdividir-se de acordo com cada membro familiar confirmando as representações da imagem proposta aos participantes que aludem às realidades a que estão inseridos. O excesso de conexão desafia as relações familiares baseada no cuidado e percepção do outro e torna-se um agravante quando o outro ainda necessita de amparo, orientação, cuidados, como é visto na situação relatada pela participante Mulher-Gato ao referir-se aos conteúdos adultos acessados pela irmã menor, que se encontra exposta sem nenhuma orientação ou diálogo promovido por algum dos adultos da família. Nestes termos, o excesso de conexão desconecta pais-filhos-avós-responsáveis-vida.

Para nós, torna-se ainda importante salientar o fato que, embora os adolescentes estejam cada vez mais conectados, as crianças, os adultos e até mesmos os idosos, compõem o cenário deste excesso de conexão, o que Fernandes *et al.* (2019) denomina como o uso problemático da internet, pois, compromete o fluxo da vida, ora incluindo incontáveis novos elementos do campo da virtualidade em detrimento de pontos imprescindíveis da realidade, de sorte, estão afirmativamente, (des)conectados.

⁶⁵ No contexto em que estamos discutindo, as bolhas produzidas pelo uso das TDIC, usamos o termo ‘embolhadas’ em referência a construção de barreiras de isolamento que os membros familiares acabam construindo entre si.

4.3 Tempos pandêmicos, mais conexão

Entre os anos de 2020 e 2022, à medida que a pandemia foi avançando, os protocolos de afastamento social, impostos pela OMS, foram se tornando cada vez mais rígidos. O primeiro impacto sofrido em nosso lugar de pesquisa e, conseqüentemente, pelos participantes foi o fechamento das escolas⁶⁶, como já mencionamos em outro momento.

Com as escolas fechadas e a vigência da restrição de circulação de pessoas nas ruas a partir de determinados horários, sob a vigilância da força policial, a casa, unicamente, tornou-se o espaço de vida transitado pelos adolescentes participantes da nossa pesquisa, como também de muitos outros adolescentes habitantes de outras cidades no mundo. Com essa nova rotina, as mídias digitais tornaram-se o portal para o mundo lá de fora que traziam notícias quase inacreditáveis. Toda a realidade em si, parecia um sonho ruim prestes a acabar a qualquer instante, mas não acabava. Esse cenário demorou a passar e ainda representa uma ameaça real até o presente momento quando finalizamos esta tese em março de 2023.

Com o mundo de portas fechadas, a internet estabeleceu-se como uma janela possível para a nova realidade de incertezas na cidade interiorana que oferecia poucos recursos de entretenimento e lazer aos adolescentes. Coabitavam junto a estes, infundáveis incertezas e o distanciamento social. A conexão virtual que já era comum em determinados países, no Brasil se se intensificou em uma dinâmica acirrada. Esse contexto deu um novo sentido a conexão entre os adolescentes:

Eu utilizei muito mais a internet na pandemia (MULHER-MARAVILHA).

Porque das aulas virtuais, a gente ficava praticamente o dia todo conectado (WÖLVERINE).

Não tinha nada pra fazer, só tinha a internet mesmo pra ficar (SHERA).

Agora imagina se não fosse a internet, como iríamos nos comunicar, através de cartas? (MULHER-GATO).

Os adolescentes participantes vêm testar o que as pesquisas desenvolvidas em várias partes do mundo já enfatizavam desde o início do período pandêmico. No Brasil, a pesquisa TIC Domicílio (2020) do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br)⁶⁷ confirma que, em

⁶⁶ O fechamento das escolas de todo o Brasil, por orientação a OMS, ocorreu a partir de 18 de março de 2020.

⁶⁷ Pesquisa divulgada em 18 de agosto de 2021 constatou que 152 milhões de pessoas utilizam internet no Brasil, cerca de 81% da população. A pesquisa também divulgou as atividades que as pessoas mais desenvolvem quando estão conectadas. Pesquisa na íntegra em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia>.

grande parte, a utilização da internet ficou ainda mais evidente. As TDIC se confirmaram como instância constitutiva do atual meio social, igualmente, da interação social como uma necessidade básica das pessoas em nossa realidade.

Segundo Benjamin (1994), o sujeito contemporâneo é moldado pelo reflexo das transformações sociohistóricas da modernidade que organiza os coletivos em cidades. Assim, os sujeitos se constituem na experiência, nos coletivos. Somos coletividade. No entanto, a filosofia pós-moderna deleuzeana aponta o sujeito em processo de individuação num constante diferenciar-se de si mesmo, constituindo-se em constante devir. Deleuze (2002, p.33) afirma ainda: “Um indivíduo é antes de tudo uma essência singular, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica. A esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado”.

Desse modo, o indivíduo não é, está sendo. E o “estar sendo” no recorte histórico da nossa pesquisa, conduz em si, a capacidade de afetar e, mesmo entre seus pares, individualizando-se e tornando-se singular.

Por este prisma, traçamos o cenário pandêmico, quando a convivência plural foi abandonada por imposição da disseminação de um vírus, até aquele momento desconhecido, acionando os indivíduos a se adaptarem a uma realidade de isolamento, isto é, a um processo de solidão institucionalizada.

Para os adolescentes, idosos e crianças esse tempo influenciou diretamente nos estágios dos desenvolvimentos dos seus ciclos de vida, por isso, interrupções em etapas necessárias ao desenvolvimento humano ficaram estagnadas, ameaçadas, sofridas: “Eu sinto que a minha adolescência foi roubada. A pandemia roubou meu tempo. O que eu devia tá por aí, aprendendo, brincando, saindo, vivendo. Estou em casa preso sem poder sair...” (BATMAN).

Torna-se necessário questionar quais aproximações foram/são possíveis a partir da (des) conexão dos participantes da pesquisa. Uma parte considerável dos adolescentes concorda que a internet os aproximou das demais pessoas em tempos de isolamento social:

O celular na minha a visão, o celular juntou mais, cada um mora num lugar e acaba que com a pandemia a gente conversa pelo zap e assim, juntou mais... (BATMAN).

Penso que em parte, aproxima. Eu mesma ainda não conheço pessoalmente os meus sobrinhos, moram em outro estado. Mas nós acompanhamos tudo da vida deles desde quando nasceram. Se não fosse a internet isso não seria possível (MULHER-GATO).

Aproxima...por exemplo...eu na pandemia me aproximei bastante das pessoas pelo celular... Mas não sou do tipo que tô conversando com alguém e fico pegando no

celular. Cara a cara eu não pego o celular não. Tenho minha vida virtual e real e assim eu considero que ele me aproxima... quem é tímido também tem mais facilidade de se aproximar das pessoas pelo celular (CAPITÃO AMÉRICA).

Estar conectado à internet tornou possível realizar os encontros presenciais que foram cancelados pela pandemia e pela distância geoespacial entre os sujeitos. Cumprindo um papel histórico, a fibra ótica e mais recentemente os *chips* e *microchips* corroboram com a dissolução dos espaços, a inibição das distâncias e de certa forma aproximaram corpos visivelmente distantes, a partir de imagens, sons, por meio dos mecanismos digitais (PINTO, 2004; 2005). Neste aspecto, a tecnologia da comunicação e da informação, encerra o objetivo comum de conexão, aproximação, subtração de distâncias ainda que modo virtual.

Quando questionamos sobre aproximação/distanciamentos dos participantes a partir das TDCI, não identificamos unanimidade em suas respostas. Alguns dos entrevistados manifestaram posicionamentos positivos em relação aos meios digitais como estratégias que favorecem a aproximação entre pessoas, outros reconhecem que o mundo digital ora aproxima, ora distancia, numa dinâmica dual em que, ao mesmo tempo as tecnologias controlam os sujeitos e as suas relações e, por outro lado, são por estas controlados.

Um aspecto que se destaca entre os fragmentos das entrevistas é a particularidade que exprime as subjetividades, por exemplo, a timidez que impede proximidade dos pares, de sorte, a internet permite o “jogo do ser-outro” que se torna um passaporte para se iniciar uma conversa virtual que, talvez, nem fosse possível face a face. Mas como afirmamos, anteriormente, entre os adolescentes participantes há diferentes concepções sobre o assunto.

É pertinente salientarmos que não se trata apenas de observarmos a influência das TDCI nos processos de distanciamentos-aproximações dos adolescentes participantes, nem ao menos, as suas conclusões sobre este fato, pelo menos sem considerarmos o ambiente onde aconteceu a pesquisa, o contexto pré-pandêmico e pandêmico de onde esses adolescentes experienciam suas conexões.

Situamos o lugar da pesquisa, num território interiorano, em um município distante da capital em que se evidencia a ausência de meios de entretenimento como shopping centers, cinemas, parques, grandes centros esportivos, e até mesmo sem que haja ofertas de cursos de interesse dos adolescentes de cunho artístico com música, teatro, esportes em geral.

Além disso, a pandemia, através das regras de isolamento social que devora anos importantes do ciclo de vida desses sujeitos, trouxe prejuízos em seus contatos com as outras pessoas, inclusive as da mesma idade, o que, em parte, dificultou substancialmente o desenvolvimento das habilidades em se estabelecer relacionamentos, construir e reforçar

vínculos, processos determinantes do ser adolescente.

De sorte, as TDIC, que já se destacavam como meio importante de construções de relacionamentos (ainda que superficiais) se tornaram, neste momento um portal em que os adolescentes se inserem para serem vistos, adicionar e serem adicionados, seguir e serem seguidos, ou seja, um passo mais adiante na direção do estabelecimento de relações (ALMEIDA, 2020).

Costa *et al.* (2021) ao escrever a partir do ponto de vista das análises psicossociais sobre os efeitos da pandemia na saúde mental dos adolescentes, enfatiza as consequências do confinamento tanto em aspectos relacionados à saúde física quanto a interrupção no processo de amadurecimento saudável deste público, destacando, a sociabilidade, a troca e as experiências com seus pares e grupos.

Todos estes aspectos ressaltam modos de como melhor lidar com as próprias emoções e as emoções do outro. Diante disso, a internet pode ser uma ponte para o estabelecimento de relacionamentos, ainda, que caiba o problematizar da qualidade destas relações.

Assim, ao menos dez participantes, concordaram que a utilização das TDICs - estreitamente no que identificamos como excesso de conexão, atrapalham as relações tornando-as mais distantes, embora 08 dos adolescentes participantes concordem que os celulares também aproximam pessoas equiparavelmente distantes, o que aponta para o paradoxo: não são as TDIC responsáveis pelos distanciamentos e aproximações, mas os modos como se escolhem utilizá-las.

Há certa objetividade nas escolhas, conforme evidenciam as frases coletadas: “[...] lá em casa, todos já acordam com o celular” (MULHER-MARAVILHA) ou “Se você chegar na minha casa vai encontrar cada um de olho no seu celular” (HOMEM- ARANHA). E ainda “minha mãe não sai do celular[...]” (MULHER GATO).

Como já demonstramos a partir de estatísticas especializadas, as TDIC são livremente acessadas pela população brasileira, independente de classe social. No entanto, em outras sociedades, o uso do celular vem sendo investigado por seus efeitos sobre a juventude. Em um estudo realizado por pesquisadores da área de neurociência do instituto King's College, em Londres, 2019⁶⁸, constatou-se que uma em cada quatro jovens abordados, estão viciados no uso do celular.

Observamos o modo como os participantes parecem perceber diferenças nas formas

⁶⁸ O comentário sobre o presente estudo foi publicado na seção Ciência e saúde estudo pode ser acessado na íntegra no site oficial da instituição: <https://www.on-linestudies.com.br/universidades/Reino-Unido/Kings-College-London-On-line/>.

relacionais materiais/presenciais e virtuais e, também, da necessidade de manter a proximidade física com os seus pares, em meio à conectividade. Segundo Gonçalves e Nuernberg (2012, p.170), as relações de “[...] amizade via internet não exigem proximidade, isso pode fazer com que os adolescentes percam a relação com o outro através do toque, como um abraço, um beijo, um aperto de mão ou até mesmo um carinho”.

Observamos, no entanto, que o cenário sociocultural e o recorte temporal/pandêmico os quais realizamos a nossa pesquisa, o contato por meio da internet, se destaca como portal, janela aberta para outros mundos em que o adolescente podem projetar-se, conhecer, dialogar, trocar, por isso, as inserções propostas por Gonçalves e Neurnberg (2012) podem ser problematizadas.

Outra face do estabelecimento de contatos entre os adolescentes e o mundo virtual e o mundo real, se verifica na busca de outras perspectivas, uma vez que os participantes sinalizaram em alguns pontos da entrevista interesses e planos que conduzem a novos horizontes, a outros projetos de vida, já que as oportunidades disponíveis na cidade onde vivem não incidem em desenvolvimento de políticas públicas para a juventude, seja na inserção no mundo do trabalho, artes, esportes ou lazer.

Desta forma, estar conectado torna-se uma prática não limitante e, por isso, o celular conectado à internet se instala como uma suposta janela na vida destes sujeitos que sonham e veem possibilidades futuras.

4.4 Eu posso até está viciado, mas meu irmão (ã) está bem mais...

Em busca dos resultados, não focamos o nosso interesse nas particularidades da família extensa, como por exemplo, irmãos/irmãs menores. No entanto, os aspectos relacionados aos processos que envolviam, principalmente, as relações fraternais, não deixaram de surgir nos contextos das entrevistas que realizamos. A menção aos irmãos, sobretudo, aqueles menores que os entrevistados, foram aparecendo de modo natural e se repetindo expressivamente à medida que íamos avançando nas entrevistas, fato que nos incentivou a instigar os entrevistados um pouco mais sobre as relações de fratria.

No bojo das entrevistas destacam-se sempre as menções às crianças menores das famílias e aos contextos de conexão em que essas se inserem:

Minha irmã tem 6 anos já usa o celular há um bom tempo (MULHER-GATO).

[...] E também com minha irmã pequena que ficou muito tempo no celular e deixou

de fazer muita coisa na escola, fica em cima da hora... Ai mãe reclama, mãe se estressa mas chega a falar coisinhas se estressar, manda fazer, vai fazer uma coisa, comenta, comenta... Rola um estresse mesmo (WOLVERINE).

Eu busco ter mais o controle, mas minha irmã de 8 anos, fica mais no celular... Ela conversa com a gente um pouco...Assim, mas ela vai para o celular... Ela não brinca com ninguém na rua da idade dela... O celular é o amigo dela e isso eu acho que prejudica...Como ela vai crescer? e o celular cria crianças frágeis para o mundo, eu acho... Aos domingos ela vai para a igreja, mas quando ela chega vai para o celular... isso é horrível (MARY JANE).

Tenho dois irmãos pequenos eles têm 5 e 7 anos...Rapaz, boa pergunta... Eles usam sim, eles jogam...Sabem jogar sim! (HOMEM-ARANHA).

A naturalização da internet nos domicílios termina por integrar o cotidiano não somente dos adolescentes, mas, também, das crianças. É o que constata a pesquisa da TDCI Domicílios realizada em outubro de 2021 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR)⁶⁹: “O brasileiro fica 1/3 do tempo que passa acordado utilizando o celular. Deste tempo, mais de 80% é utilizado para acessar as redes sociais” (CETIC.BR, 2019). A pesquisa, além disso, informou que o Brasil e a Indonésia são os países que mais passam tempo na internet em todo mundo.

Se a população está mais conectada e as crianças estão inseridas neste contexto sociocultural, o reflexo torna-se evidente. Desse modo, os pequenos estão apenas respondendo aos aspectos da realidade produzida pelos adultos, afinal crianças não têm o poder de compra tampouco possuem acesso às condições de aquisição desses bens. Se a criança está utilizando o celular é porque em algum momento as gerações adultas possibilitaram ou facilitaram-lhes o acesso.

As crianças da minha casa são assim... Até a minha sobrinha de 1 ano é assim... Fica no tablete, cada uma tem um tablete e eu sempre tiro, porque penso que elas têm de aproveitar a infância dela.. Eu ganhei o celular com 11 anos, foi presente de minha mãe, mas era só para se comunicar. Lá em casa os meus sobrinhos jogam e tem redes sociais, a mãe quem fez. A mãe que fez... Isso, ela fez só as duas mais velhas, o de 1 ano não tem, mas vejo muita gente que faz, tem mãe que a criança já tem rede social já na gravidez... (VINGADORA).

Já, meu irmão menor, (10 anos) por exemplo, que tem no celular...ele passava a madrugada inteira no celular...Chega um momento que normaliza, todo mundo fica cego nessa relação...Ele tava ficando introspectivo agressivo...a vó foi que acordou “minha vó meu Deus, como vocês deixam esse menino fiar até essa hora no celular, aí eu comecei a falar com meus pais também...por que chega um momento que fica todo mundo no automático e a gente acaba não enxergando o que tá acontecendo à nossa volta, sabe ... (MULHER-GATO).

⁶⁹ Título da pesquisa: Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa da TICs Domicílios 2019/ Comitê Gestor da Internet no Brasil/CGI.br. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>.

Na nossa compreensão, os participantes demonstram atenção e preocupação mediante a conexão estendida aos seus irmãos e irmãs menores, mais uma evidência de que os adolescentes, ao contrário do que comumente se poderia pensar, não utilizam ou percebem as TDCI de modo totalmente alheio aos seus efeitos. Antes, esses sujeitos problematizam, em parte, e demonstram preocupação sobre os efeitos e excessos, da exposição dos irmãos menores. A participante, “Mulher-Maravilha”, expressa através da sua vivência pessoal:

Minha irmã tem 3 anos e ela já mexe no celular... Bom, mas eu sou totalmente contra isso, porque ela fica tanto tempo no celular que na vida real ela ainda nem fala direiro... fica aquela criança assim parada, sem criatividade, ela já vai fazer 4 anos agora em 1 de novembro e ela malmente fala então esse negócio tá prejudicando muito ela... Então ela fala o português embolado e pelos desenhos que ela assiste deste 1 mês ela já tem bastante conhecimento em inglês. Ela assistia na linguagem original, desde meses, mas ainda assim ela malmente sabe falar, só interage quando ela quer, ficou muito birrenta e tipo assim, quando ela começa a abusar um pouquinho a mãe já dá celular. (a madrasta) ela sabe contar de 1 a 10 em inglês, ela fala algumas frases emboladas, aí ela fala em inglês... Ela tem dificuldade e fala embolado tanto o português e inglês... acho que com o celular e meu pai também não liga, ele trabalha o dia inteiro... E deixa ela com o celular porque ela fica muito chatinha (MULHER-MARAVILHA).

As expressões da participante supracitada ressaltam a sua atenção às possíveis consequências ao desenvolvimento da linguagem ou a suposta omissão ou descuido dos responsáveis em relação ao acesso às tecnologias pela criança. A formação da consciência do dano do excesso de exposição às TDIC se faz presente em suas observações.

Salientamos que o ato de delimitar o tempo de uso, ou mesmo permitir o acesso das crianças à conexão, parece uma prática na rotina de boa parte das famílias contemporâneas, contudo, as negociações, limitações, orientações e diálogo demarcam um diferencial em relação à dependência, a valorização do espaço familiar, da convivência entre os pares. No âmbito privado, são as famílias capazes de tecer estratégias e melhor enfrentamentos aos problemas relacionados ao acesso e uso das TDIC (PINTO, 2008; MELO *et al.*, 2018).

Nas entrevistas, que realizamos, os adolescentes demonstram que nas suas relações familiares estão definidas regras mínimas de acesso e uso das TDIC. É interessante notar que, sempre são apontados entes adultos que ditam as regras de convivência com estas tecnologias:

Foi minha avó quem começou a falar: ‘como vocês deixam esse menino até tarde da noite usando o celular?’ (MULHER-GATO).

Assim, eu ficava observando as mulheres do Instagram, a perfeição delas e ficava mal comigo mesma, com minha imagem. Isso me dava muita ansiedade, muita mesmo, eu estava quase entrando em depressão... Foi meu pai que conversou comigo me orientou... Falou: “[...] Oh filha, essas coisas, não, não, você é linda... A internet é muita imagem, perfeição... Você é linda! E aos poucos eu fui ficando

melhor (SUPERGIRL).

Na minha casa ninguém pega o celular à noite porque minha mãe não deixa. Ninguém mesmo. Ela diz que prejudica as vistas. Nem ela pega (SHE-RA).

As negociações, diálogos, enfrentamentos das problemáticas instaladas a partir do uso das TDICs no âmbito familiar, parece ser uma trilha necessária. Eisenstein (2013) enfatiza a necessidade de atitudes dialógicas e negociações mediante à invasão das TDIC nos espaços familiares. Em direção semelhante, explicita Neuman e Missel (2019, p.89): “[...] é importante que os pais frequentem os mundos de seus filhos sejam eles virtuais ou reais”.

Percebemos que muitos conflitos disseminados no meio social dos adolescentes ganham mais projeção nas redes sociais, mas, parecem perder força quando se deparam com a orientação e acolhida dos familiares. A ausência desta rede de apoio e cuidado, sem dúvida, deixa os adolescentes “navegantes” à deriva das suas próprias sortes e emoções.

A partir das inserções dos participantes percebemos que as orientações dos familiares, pai, mãe, avós, sobre o possível excesso de uso dos aparelhos celulares chegam sob as mais diferentes justificativas, às vezes o horário “tarde da noite” ou “prejudica as vistas”, o que salienta, além da tentativa de controle dos familiares sobre o excesso do uso dos celulares por crianças e adolescentes, o cuidado sob o perigos que podem estar presente nas redes.

A problemática apontada por Machado (2021), ao enfatizar os impactos emocionais gerados pela ditadura da beleza, sobretudo, nas redes sociais, é apenas mais uma situação a qual o adolescente conectado está exposto, o que, em nossa percepção, mais uma vez se confirma como necessidades dialogais sobre as TDIC e as projeções que exercem sobre as vidas dos sujeitos, lançando à luz questionamentos inadiáveis, enfrentamentos necessários. A pronta orientação de pais e responsáveis são imprescindíveis, pois, a “super” conexão dos adolescentes, não significa que estes, necessariamente, saibam lidar com a infinidade de conteúdos e as respectivas consequências as quais estão expostas nos meios digitais.

É importante considerar que cada sujeito adolescente pode lidar com a realidade tecnológica no âmbito das relações que estabelece dentro ou fora da família de modo peculiar. Nem todos são ou se consideram afetados quando lidam com as relações mediadas pelas TDIC da mesma forma. “[...] Meu celular ficou quebrado 4 meses e nem dei muita importância pra isso” (BATMAN); “No ensino fundamental sofri bullying da minha turma quase toda...Mas não dava ligança, não” (WOLVERINE).

A leitura da realidade é expressa a partir dos encontros que cada pessoa experimenta (GENSLIN *et al.*, 1964), mas também os modos com que se portam ou reagem diante dos

acontecimentos da vida. Neste ponto, Deleuze (2006) questiona a essência do ser, bem como as ações e atitudes e experiências de cada um perante o mundo.

Desta forma, propõe-se que os determinismos sejam questionados, as certezas, revistas e faz-se necessário atentar-se a ouvir sem julgamentos as experiências plurais dos adolescentes mediante as aproximações das TDIC e as relações que desenvolvem através destas.

A aproximação do mundo real em que se inserem os adolescentes exige habilidades sociais, muitas vezes, mais complexas do que aquelas praticadas nos grupos das redes sociais:

Quando minha família se reúne eu não tenho muito assunto pra falar com eles, por isso prefiro ficar com o meu celular (HULK).

Minha mãe me obriga ir à igreja, mas eu prefiro ficar jogando. Não adianta ela me obrigar. Ir por obrigação, não significa estar na igreja nem concordando com o que se fala lá. Eu já escolhi outra igreja e irei começar a frequentar (MULHER-MARAVILHA).

De sorte, o que pode parecer dependência, alienação, distanciamentos, a opção pelo mundo virtual também pode ser uma forma de ressignificação do ser adolescente e sua forma estar no mundo.

Ao que nos parece, a construção de autonomia dos adolescentes gera dúvidas, inquietações, inclusive dos pais e responsáveis. Contudo, vale problematizar: seria o conflito de gerações um fato novo? Se os adolescentes entrevistados, embora sendo de gerações diferentes, reproduzem, em parte, os passos semelhantes aos dos seus pais ou responsáveis, dos tempos idos de suas adolescências, logo, os pais estão de acordo com a evolução e batalha por espaços, igualmente, novas percepção de mundo, linguagens, ser no mundo. Desta forma, assimilamos o que avulta Sarti (2004, p.19):

A tensão entre os distintos discursos familiares denota a singularidade da família no mundo contemporâneo: ela é, ao mesmo tempo, autor referida na sua construção do “nós” – nisto que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – público –, que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem que lidar. Assim, a família constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçando a abertura, mesmo quando persistirem as resistências.

Neste feito, seja por entre a esfera dos espaços públicos e privados ou no âmbito das identidades forjadas na contemporaneidade, em constantes modificações que se inserem nos espaços entre o eu e o outro, arriscamos afirmar que esses dinamismos produzem outras paisagens familiares com distintas formas de ser e conviver entre os seus membros.

Aproximando-nos um pouco mais sobre as inter-relações desenvolvidas pelos adolescentes(des) conectados.

4.5 Relacionamentos em tempos de conexões: amizade sim, já namoro...

Apresentaremos adiante às escolhas dos tipos de relacionamentos que os participantes buscam estabelecer por meio da internet, se amizades ou namoros. No primeiro tipo de relacionamento, intentamos observar as relações entre amigos no meio virtual, os valores presentes, as ressignificações e importância atribuída. No segundo tipo, o namoro, que aparece bem menos entre as declarações dos participantes, buscamos compreender a forma como estes relacionamentos se estabelecem e como os adolescentes lidam com os aspectos emocionais presentes neste tipo de relação, só que de modo virtual.

Buscamos saber dos participantes quais tipos de relações constroem ou estão dispostos a construir por meio da internet, se superficiais ou se encontram aberturas para relacionamentos mais sólidos. Assim, nos propomos a conhecer quanto à disponibilidade dos adolescentes em criar ou reforçar vínculos a partir das redes, ao mesmo tempo, compreender se estes se sentem seguros para investir nas relações virtuais ou se alimentam desconfianças, inseguranças, as quais servem de limites totais ou parciais no estabelecimento desses modos de relacionamentos.

Os valores tradicionalmente elencados em torno das relações de amizades estão sendo reformulados no campo virtual, acoplando espaços mais solúveis, às vezes, que se fazem e se desfazem obedecendo a interesses momentâneos dos sujeitos (BAUMAN, 2015; SOARES, 2018). Neste direcionamento, Soares e Stengel (2019, p.195) salientam:

Se as amizades perfeitas, que não comportam falhas, são sustentadas no tempo, pela eternidade, e no espaço, pois resistem à distância, as amizades novas não possuem tal pretensão. Jocosas enquanto modo de se apresentar, instantâneas e fluidas no tempo e misturando a presencialidade e a virtualidade dos corpos mediante um exercício calcado na ambiguidade da mobilidade e pontualidade do espaço, as amizades.

A partir das considerações do autor a respeito das amizades, torna-se pertinente “[...] repensar a noção de amizade, relação comumente naturalizada e universalizada no cotidiano, e sempre relacionada a interações entre vizinhos, colegas, cônjuges etc.” (BARRETO, 2018, n.p).

Bauman (2011), ao problematizar as relações humanas na contemporaneidade,

analisando-as frente o conceito “do derretimento dos sólidos”, contribui para o desmanchamento de ideias fixas que se elencam em torno da interação eu-outro. As inserções dos participantes vão tecendo diferentes imagens que, se distanciam, em parte, das tradicionais formas de ser e fazer “amigos”. Os amigos constituídos a partir dos meios virtuais, quando ultrapassam as linhas dos primeiros contatos, gerados pela confiabilidade mútua, parecem ressignificar o sentido da amizade.

Resguardamos aqui, o sentido da amizade no pensamento de Aristóteles (399, a.C.) que afirmava: “Um amigo se faz rapidamente, mas já a amizade é um fruto que amadurece lentamente” (ARISTÓTELES, 1989, n.p). A explicitação aristotélica alerta para o algo mais, que existe entre o imediato e a transição do ato de ser amigo à potência que é a amizade.

Entendemos que, atualmente, os adolescentes interagem entre si, muito mais por meio da internet e, algumas vezes, consolidam as ligações de amizade, companhia ou simplesmente contatos periódicos que surgem nas suas vidas. Foi comum ouvirmos: “Tenho amigos que fiz na pandemia, muitos amigos mesmo” (SUPERGIRL); “Jogo com pessoas de outros estados e até de outro país...” (MULHER MARAVILHA); “Eu gostaria de um dia conhecê-la pessoalmente...” (MARY JANE). “A melhor amiga que eu tenho foi feita pela internet” (ESTRELAR).

Neste sentido, buscamos identificar os modos como os participantes apreendem os modelos de relações desenvolvidas no mundo virtual, se elaboram estratégias de seleção para a construção de vínculos e o que estes de fato representam em seus mundos.

Em nossa amostra, observamos que, prevalecem as buscas por relações de amizade, sem necessariamente envolver vínculos mais íntimos e afetivos.

Amigos sim, mas namoro não, só pessoalmente...namoro há 5 anos e quando comecei a namorar eu também comecei no mundo virtual (MULHER-GATO).

Não...namoro não mas, amizade sim. Tenho amigos de outro estado... etc. [...] já rompi de vez, sim, mas se você pegar meu telefone, não tenho ninguém bloqueado [...], meu inta é aberto para quem quiser contato, mas não significa que eu dê a atenção devida (MULHER-MARAVILHA).

No contexto pandêmico, a manutenção das amizades, já existentes dentro e fora da escola, ficaram comprometidas devido ao distanciamento social. De sorte, fazer ‘amizade’ no mundo virtual parece ser mais cômodo, por não exigir aproximação real e alto grau de comprometimento e reciprocidade, já que se pode entrar e sair por necessidade ou desejo dos ciberespaços onde se mantém contato com o amigo virtual.

Ao que parece, existem facilidades para se estabelecer ‘amizade’ pelo meio virtual

com pessoas desconhecidas, pois, se pode assumir, caso se escolha, reformular a sua própria identidade diante do outro que não se conhece, de fato, evitando, desse modo, preconceitos, julgamentos, rejeição que as pessoas podem estar sujeitas ao tentar buscar laços amicais com um desconhecido.

Honorato (2006), em estudos sobre configurações de amizades no mundo virtual, sinaliza para a facilidade com que determinados vínculos se estabelecem, podendo migrar ou não para um relacionamento amigável, estabelecido por laços de afinidades e confiança. Soares e Stengel (2019), observaram as modificações que vêm ocorrendo no campo das amizades potencializadas pelas TDIC, especialmente, entre o público adolescente. Esses autores salientam que “[...] estão passando por processos de mudanças” (*Ibidem*, p.195).

Conferimos, em contrapartida, que quando se refere às amizades através das redes sociais a exemplo do *Instagram*, a interação é facilitada: “[...] meu insta é aberto para quem quiser contato, mas não significa que eu dê a atenção devida...” (HOMEM DE FERRO). Que as amizades no campo virtual, embora se registrem com relevância na teia relacional dos adolescentes, às vezes, se projetam com determinada superficialidade, distanciando-se de relações mais próximas, cujo aprofundamento demanda tempo e atenção.

Essas mudanças se verificam no cerne da comunidade a qual os adolescentes participantes estão inseridos. No período que antecedeu a pandemia, esses indivíduos costumavam se agrupar nas praças, igrejas ou clubes da cidade, com objetivos comuns que iam desde a prática esportiva, vizinhança, gosto musical, turma do colégio e grupos da igreja. No contexto pandêmico, todos esses modos e justificativas de associação foram suspensos.

Identificamos algumas plataformas digitais e redes sociais as quais os participantes revelaram estar inseridos como canais de *youtubers*, grupos de *WhatsApp* e outras redes sociais e as justificativas para as suas escolhas de participação vão desde o interesse comum em jogos, entretenimento, acompanhamento da vida e dos famosos de âmbito nacional e internacional. Também praticam consulta de assuntos relacionados à moda, música, cinema e séries. Espinosa em sua *Ética* (1979), atenta para as proximidades entre os pares, buscando relevar a necessidade dos encontros entre os pares, dos humanos com os humanos. Uma notória explicitação da necessidade de sermos uns com os outros, ou seja, a possibilidade dos encontros potentes.

Amizade é uma questão de percepção. Não é partir de ideias em comum, mas de linguagens em comum ou uma pré-linguagem em comum. Entender-se, falar a mesma linguagem mesmo que não se concorde com as mesmas ideias. Há algo de abstrato aí. Há mesmo um mistério em ter comunhão com alguém, sem que precise sempre voltar ao assunto (DELEUZE, 2015, n.p).

Na filosofia deleuzeana, a amizade ressoa não como uma determinação ou obrigação, o que a torna próxima da dinâmica de como os adolescentes buscam conectividade com o outro, algumas vezes, conduzindo as relações com os amigos virtuais para além da superficialidade das telas, colocando-a no caminho da partilha, da vida. É o que confere as expressões de alguns participantes:

A melhor amiga que tenho, foi feita através da internet (MARY JANE).

Eu converso com os meus amigos virtuais praticamente todos os dias, a gente marca para se encontrar na rede e ficamos ali até umas horas, na conversa, na resenha (MULHER-MARAVILHA).

Por estas linhas relacionais, Dutra (2017, n.p) enfatiza: “[...] toda relação requer paciência e tempo para ser construída”, entretanto, torna-se necessário enfatizar a emergência do tempo quando se trata das amizades estabelecidas por meio das redes sociais, uma vez que, no mundo virtual, quando ocorre a passagem do líquido para a coagulação em espaços tempos reais, virtuais, o atributo tempo-dedicação se constitui também como necessários, pois, “[...] quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e eles a mim” (DELEUZE, 2015, n.p).

Em seu pensamento sobre amizade, Deleuze (2015) evidencia o abstrato, o mistério que ultrapassa a mera vontade e ou disposição dos sujeitos em construir laços de amizade, sobrepõem-se a isso, a percepção, a notoriedade, o entendimento, a escuta, o olhar, a construção a partir da linguagem ou até mesmo da pré-linguagem do não dito, mesmo que não haja concordância de ideias. Noutros termos, a amizade é o entendimento, a atividade de atenção, percepção, o ver e ser visto; o ouvir e ser ouvido. “Há de fato algo de percepção. Algo que lhe convém, que lhe ensina, que abre que lhe revela alguma coisa. Decifrar signos” (DELEUZE, 2015, n.p).

Sobre a questão do “bloqueio das amizades”, essa prática comum nos meios virtuais, aparece como uma espécie de negociação ou reconhecimento de importância ou valorização da pessoa “bloqueada”, ou seja, da pessoa que se perdeu o interesse ou deixou de interagir, portanto, o não bloqueio acompanhado do esquecimento e indiferença em relação àquele “não mais amigo ou amiga” é a melhor estratégia de distanciamento, uma vez que, a amizade já não agrada a uma das partes da relação.

Eu não costumo bloquear ninguém não. Prefiro não dar importância (HOMEM DE FERRO).

[...] Se eu bloquear a pessoa vai se sentir importante, vai dizer assim, oh lá, me bloqueou... Prefiro esquecer (HOMEM-ARANHA).

A leitura de Bauman (2016) sobre as amizades desenvolvidas na rede social mais popular entre os usuários da internet, o Facebook, considera:

É fácil conectar e fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que o que você tem não são amigos *on-line*, conexões *on-line*, compartilhamento *on-line*, mas conexões off-line, conexões reais, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Assim, romper relações é sempre um evento muito traumático, você tem que encontrar desculpas, tem que se explicar, tem que mentir com frequência, e, mesmo assim, você não se sente seguro, porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é sujo etc., é difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona “delete” e pronto, em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos (BAUMAN, 2015)⁷⁰.

O autor parece observar as relações fluidas em que os sujeitos são levados a adicionarem/deletarem o outro nas suas redes sociais com deveras praticidade e superficialidade. Assim, os atos de adicionar, deletar, excluir, representam um lugar outro das relações na contemporaneidade, em que a afetividade, o diálogo e o cuidado com o “amigo”, dão lugar às satisfações, cada vez mais, individualistas, visto que, as amizades desenvolvidas de modo não presencial, têm ou deixam de ter um papel usual na vida dos sujeitos.

De acordo com as expressões dos participantes sobre o fazer, desfazer, refazer ‘amizades’, num movimento de descontinuidades no fluxo das relações, em parte, deixam visíveis os traços da fluidez das relações elaborados por Bauman (2016), mas também deixam espaços para se pensar outras decodificações, entendimentos sobre o fazer/desfazer amizades no mundo virtual.

Os participantes parecem construir espaços outros no âmbito dos relacionamentos virtuais, que ora alinham-se às suas próprias realidades, ora se mantem na possibilidade do *vir-a-ser* (destaque nosso) pertinente ao mundo virtual. O que se percebe é que o mundo virtual é dinâmico e permanece como porta entreaberta às novas possibilidades, às realidades relacionais construídas.

Tenho muitos amigos, mas não saio muito, geralmente a gente se encontra por vídeo chamada. Tenho muitos amigos inclusive de só que conheci pela internet. Ficamos da tarde até de noite nas chamadas (MULHER-GATO).

Eu prefiro as relações reais, mais diante da pandemia, não pode mais... (BATMAN).

A rede social mais frequentada do mundo, inclusive no Brasil, *Facebook*⁷¹, ao adotar

⁷⁰ Trecho de entrevista de Bauman (2015). Dados completos nas referências.

⁷¹ A pesquisa Panorama Político, 2022, vinculada ao Senado brasileiro informa ser o Facebook a rede social mais

como ‘convite de amizade’ a adição de pessoas nas redes sociais, dissemina a ideia de que ao adicionar um sujeito este automaticamente passa a ser um “amigo” virtual. Em nosso campo de pesquisa, algumas aproximações virtuais parecem desafiar o ideário da presença física, acompanhado de convivência diária, sem que cada um deixe o seu próprio espaço, alcançando importante lugar no âmbito das teias relacionais.

Por comportar tantos atributos, esse tipo de amizade se torna tudo na vida dos seus praticantes e, embora se revele como um sentimento capaz de resistir e superar a distância e a separação física, a prática dessa amizade eterna e perfeita parece estar preponderantemente circunscrita a um espaço (SOARES; STENGEL, 2019, p.202).

É importante salientar a qualidade ou aprofundamento das ‘amizades’ estabelecidas pelos meios digitais que ora parecem transcender a barreira do virtual, consolidando-se como amizades reais, outras vezes, não se sustentam sob comprometimento do tempo e interesses comuns, ou ainda, são destituídas pelo jogo de conveniência individualista quando deixam de corresponder aos interesses particulares de cada um, sem deixar rastros da sua existência. É necessário observar que a ação de adicionar conhecidos, supostos ‘amigos’ nas redes sociais, permite acumular números, na maioria das vezes, um ato sem aprofundamento sentimental, trocas, comprometendo a qualidade relacional, necessária ao aprofundamento de vínculos.

Destarte, as amizades virtuais podem ser ou não ser. Podem tornar-se permanentes ou momentâneas, fluidas ou profundas, tais como, as amizades construídas fora das redes que estão igualmente sujeitas às mudanças, contrastes, modificações. Assim, “[...] é preciso entender as diversas possibilidades e formas de amizade da cultura ocidental, globalizada [...]” (BARRETO, 2018, n.p).

A virtualização parece mesmo mover o campo das relações para um universo bem mais amplo do que as concepções que nos acostumamos a apreender. Tal influência propõe atualizações, não apenas, o que enfatizamos como ser amigo/amiga de outra pessoa, mas a própria concepção de presença, espaço, tempo de convívio⁷². Assim, ao menos, oito participantes alegaram preferirem estabelecer relações de amizades por meio da internet ao invés de relacionamentos afetivos:

utilizada no Brasil. também é nesta rede que os usuários mais buscam informações sobre política e outros assuntos, explica o mesmo informativo. A Pesquisa na íntegra, está disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/03/14/facebook-e-a-rede-social-mais-usada-por-brasileiros-para-se-informar-sobre-politica>.

⁷² Alguns teóricos do campo sociológico, psicológico e antropológico, defendem a amizade com um véis de reciprocidade e tempo de convivência. O trabalho de Santos (2001) retrata em seus estudos, aspectos históricos relacionados à amizade dos adolescentes e as modificações que tal conceito vem sofrendo na contemporaneidade.

Não... namoro não, mas amizade sim. Tenho amigos de outro estado que me comunico com frequência (HOMEM DE FERRO).

Não comecei a namorar pelo celular, porém com a pandemia fiamos mais juntos por meio do WhatsApp celular. Tenho uma grande amiga virtual, mas ainda não passou para o mundo real. No início era aquela empolgação, com um tempo ficamos só no ver status uma da outra, mas ainda tenho vontade de vê-la pessoalmente (MARY JANE).

As ‘amizades’ vão se destacando como linha principal das teias de relações do adolescente desconectado, em contrapartida, as relações de paquera, namoro, embora, tenhamos encontrado alguns adolescentes que afirmam já terem iniciado relacionamentos deste tipo a partir do mundo virtual.

Ao menos seis participantes afirmam não ter interesse nesse tipo de relação por meio da internet, seja por desconfiança, autopreservação, orientação dos pais, medo e até mesmo por receio de ridicularização dos pares:

Não tenho namorado... Aliás, quem se relaciona pela internet é muito resenhado nos grupos que participo... Ah vai levar chifre, essas coisas...(risos) (MULHER-MARAVILHA).

Eu já comecei amizade, mas com relacionamento nunca deu certo, sempre ficava com um pé atrás desconfiança no ar: “Oh você aí... Deve tá falando com outra pessoa aí...” Nunca deu certo. Você acaba se distanciando um pouco... Aí se distancia de vez... (VINGADORA).

Barbosa (2018), ao ouvir adolescentes sobre amizades virtuais, destaca a observação de um determinado zelo ou cuidado dos participantes em relação a relacionamentos mais íntimos pelo mundo digital, alguns sobre a orientação dos pais, outros por medo de enganos, desilusões, etc. Nesse sentido o participante “Hulk” destaca:

Nunca comecei amizade por celular, só pessoalmente. Pessoa pelo face (pausa)... Eu não confio não, porque pode não ser aquela pessoa mesmo que tá falando ou é ela mesma pode tá no pensamento de alguma coisa, talvez pensando numa estratégia mal para outra coisa, né? (HULK).

Muita amizade *on-line*, nos reaproximamos pelo celular... Paquera? Já, mas não valeu a pena e ficou só no virtual e o menino era muito insuportável (risos). Mas tem a possibilidade sim, mas não aconteceu comigo ainda... Eu tenho um pé atrás... De relações abusivas, assim, porque atrás do celular eu posso ser quem eu quiser, posso me mostrar uma pessoa extremamente legal, parceira, mas no real não ser nada disso... E quando você me conhecer eu posso fazer algo absurdo que você nem imaginava... Sabe... (BATMAN).

Mas há quem se arrisque em viver sentimentos e emoções mais íntimas por meio das

redes e assim, estando disponíveis para amizade, mas se acontecer (*rolar*) como ouvimos nas expressões dos participantes, *rolou*. Mas quando o lance escapa da tela?

Embora a maioria dos participantes afirmem utilizar a internet como ponte para firmar amizades, ao menos dois dos 14 participantes relataram ter estabelecido vínculos afetivos românticos a partir das redes. Consideramos, pois, uma manifestação tímida mediante o número de participantes, o que nos instiga saber como acontece a relação de namoro virtual, já que este fio, também, se estica sobre a teia relacional dos adolescentes.

Somos atizados a pensar, sobre quais valores, sentimentos, emoções são pertinentes nos relacionamentos virtuais visitados pelos adolescentes. No jogo de palavras, troca de mensagens, *emotions*, chamadas de vídeo, áudios, etc., o que sustém tais relações? Se são duradouras ou se dissipam-se na fluidez apontada por Bauman (2015). Também somos imbuídos a problematizar como o adolescente lida com as edificações e/ou desmontes destas relações virtuais e ainda, se cunham um véis sólido de ligações em suas vidas ou se essas se fazem/desfazem na mesma velocidade dos fluidos.

A historiografia a respeito da família no Brasil mostra que os casamentos arranjados foram uma prática comum na sociedade colonial até o século XVIII (ABRANTES, 2013). O contato através de cartas entre os pretendentes marcou tanto a história quanto a literatura inspirada em romances de época que contam a vida dos personagens e o desenrolar de suas sortes de sucesso ou insucesso de seus destinos convenientemente determinados por suas famílias e respectivos interesses.

Desse modo, a troca de mensagens entre pessoas com interesse em relacionamento amoroso tem lugar demarcado na história e, embora a comunicação por meio de cartas esteja desaparecendo na contemporaneidade, os meios digitais exploram, cumprem e ampliam este papel.

A comunicação não presencial entre pessoas desconhecidas é tão antiga quanto a popularização das tecnologias e é uma temática bastante investigada na contemporaneidade. A versão do amor nos espaços digitais faz parte das relações humanas contemporâneas e vem sendo analisado por diversos prismas por Bauman (2015; 2018).

Segundo este filósofo, o *Amor Líquido*⁷³ na contemporaneidade não foi feito para durar. São como fluídos, escapam aos dedos, aos controles, podem surgir e desaparecer na mesma velocidade dos líquidos desconstruindo as relações solidas embasadas em valores que parecem, em parte, não serem tão apreciados nas novas formas individualistas de amar na

⁷³ Título do livro de Zigmund Bauman escrito em 2004, *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Informações completas nas referências.

contemporaneidade.

Comecei o relacionamento virtual e tenho planos de conhecer essa pessoa pessoalmente...Como tá sendo? (Risos) É difícil, muito difícil (pausa).É uma coisa assim que eu não me imaginaria fazendo...Você já ouviu falar em **Discovery**? (grifo nosso). São comunidades na verdade ...Isso é uma coisa que eu estava ensinando aos outros a um tempo atrás, uma tese, uma coisa assim... Você vê que...Tipo assim, as pessoas que não...Entre aspas... “Não se dão bem na vida real e ficam procurando refúgio lá no Discovery...Fica assim, dependente de outras pessoas, fica assim na carência e 99% das pessoas só dura 2 meses e eu pensei que nunca fosse fazer e fiz...Mas quis unir o útil ao agradável...Porque ela é de Fortaleza e eu pretendo ir pra lá...Mas é muito, muito difícil você não saber interpretar o tom de voz e o contato físico...É difícil isso aí, é difícil...A questão do toque claro, sabe, sabe... Além disso, você vê a questão das limitações a gente briga a pessoa pode tirar da tomada e te esquecer...É muito líquido...Isso eu falo dos outros a minha não é tanto assim, converso com uma ou duas pessoas ...Sinto vontade de aproximação...E já tá passando do virtual para o real, tá nos planos ir conhecê-la (WOLVERINE).

O participante ao declarar estabelecer relação de namoro por meio da internet, parece dançar sobre a corda bamba das relações virtuais quando o campo é namoro. Ora não deposita confiança, ora entra na dança do ‘pega e não se apega’, termo muito comum e usual entre os adolescentes, jovens e até mesmo adultos na contemporaneidade; ora também, aposta nas relações que brotaram através da tela do celular e trouxeram brilho ao amor, em tempos de (des) conexões.

Quando o participante Wolverine expressa a sua preocupação com a continuidade do relacionamento iniciado a partir das redes sociais, com uma adolescente que mora em outro estado, deixa evidente o medo da fragilidade de estar envolvido em laços afetivos-virtuais.

Em sentido semelhante, está o relato de outro participante, que, também, mantém um namoro virtual há alguns meses. A preocupação se enquadra ao futuro de relacionamento e até mesmo da probabilidade de tudo terminar de repente sem deixar nenhum rastro aparente, traços característicos dos relacionamentos fluidos. Assim, o participante se expressa: “A pessoa pode cismar, cansar... Sei lá, sumir de repente e não te dar mais nem explicação” (BATMAN).

O receio do participante “Wolverine” ao imaginar que a namorada virtual pudesse retirar o aparelho da tomada e nunca mais aparecer; o temor de “Batman” em ficar sem nenhum aviso desprovido da ‘presença’ de sua enamorada virtual, representam claramente que as emoções cabíveis nos relacionamentos reais escorrem para o campo virtual. De certo, não se pode ignorar que tal fato não é determinante na realidade das conexões estabelecidas por meio da internet, contudo, nos recortes dos fragmentos por nós coletados, mostram-se que alguns adolescentes de fato se apaixonam, amam, se entregam e enfrentam riscos a partir das

relações iniciadas e mantidas por meio da internet.

As contribuições de Coleta *et al.* (2008) lança luz, sobre tais questões, analisando as possibilidades e dificuldades do amor através de sites de relacionamento, salientando a possibilidade do surgimento deste sentimento surgir a partir das redes, mas ressalta a exigência da presença física para a continuidade e aprofundamento dessa forma de amar. Tal aspecto foi constatado nas expressões dos nossos participantes, uma vez que os meios digitais serviram de pontapé inicial dos relacionamentos, mas sustentam a necessidade do contato quando a relação escapa da fluidez.

Enfrentar as dificuldades no campo relacional pode ser um imenso desafio para os adolescentes, já que a sociabilidade, a interação, a formação dos grupos, a troca que permeia as primeiras experiências afetivas como fundamento da formação identitária, favorece o exercício de alteridade, o reconhecer-se nas trocas afetivas e a autoafirmação de si em relação ao outro (CHAPMAN, 2013).

O reconhecimento do comprometimento de todos esses aspectos, devido aos novos modelos relacionais da contemporaneidade pode ser uma provocação a instigações na tentativa de se compreender como os adolescentes vêm lidando com o imediatismo que se desenha nas relações contemporâneas, sobretudo, se este adolescente apresenta dependência tecnológica, o que não favorece o desenvolvimento de habilidades necessárias aos relacionamentos reais (TERROSO; ARGIMON, 2016).

Diante do que vimos observando nos fragmentos coletados nas entrevistas, torna-se necessário problematizarmos: como lidar com as próprias emoções num ambiente onde o coração enche-se de esperanças em relação ao outro que se encontra do outro lado da rede e talvez esse outro nem exista ou não seja o que de fato afirma ser? E como resolver as próprias frustrações, o sentimento de rejeição? Como aprender a cair, levantar e acompanhar a onda fluida e veloz dos relacionamentos tecidos sob fios totalmente soltos, dado que “A mais básica das necessidades: sentir-se amado?” (CHAPMAN, 2013, p.10). Essa parece ser uma resposta que cada um que é capturado ou se prende a essa teia, deve por si buscar.

4.6 Quando a relação é um risco

A internet é um universo de pessoas conectadas com as mais variadas intenções. Algumas vezes a busca é por simples interações, conhecimento, informações, formações profissionais, pesquisa, trabalho. Outras vezes, a busca é por relacionamentos diversos, também por propaganda e *marketing*, atividades relacionadas à economia, religião, artes,

cultura, produção e difusão de conteúdo.

O interesse pela conectividade pode estar ligado a alguns destes elementos ou a soma de muitos destes. Algumas vezes, agregada às múltiplas intenções de conexões dos usuários, está a criminalidade e o crescente aumento de usuários das redes, torna o universo virtual um ambiente propício para a aplicação de golpes cibernéticos cada vez mais ousados e aperfeiçoados.

De fato, a internet é um mundo de possibilidades, inclusive para criminosos praticarem uma extensa lista de golpes e crimes, e as crianças e os adolescentes⁷⁴ são alvos constantes destas práticas. Barbosa (2020, p.8) destaca:

O predador sexual tem extrema facilidade de entrar em contato com vítimas, vídeos ou fotos de pornografia infantil, ele pode se esconder atrás da máscara de proteção que muitas vezes a própria internet lhe traz, como também pode comprar e comercializar essas imagens tranquilamente de dentro de casa ou de um cybercafé. Este ramo “empresarial” torna-se uma forte fonte de renda, já que as formas de pagamento são as mais variáveis possíveis, podendo até, como informa a matéria, a utilização de cartões de crédito, boletos bancários, depósitos em conta corrente, ou seja, estão transformando crianças e adolescentes em escravos das vontades [...].

Desta forma, a teia de relações estabelecidas pelos adolescentes desconectados também se encontra sujeita à exposição de práticas abusivas e aliciadoras e, embora, esta não seja uma abordagem de nosso trabalho, vale salientar a problemática como parte integrante da realidade virtual na qual nossa pesquisa encontra-se ancorada.

Wend e Jorge (2013) contextualizam as mais variadas práticas criminosas cometidas na internet a partir de interpretações empíricas que vão desde as diversas formas de aplicabilidade dos crimes cibernéticos, ou seja, os praticados através da internet, a vulnerabilidade das vítimas e suas consequências ou a investigação dos criminosos e aplicabilidade penal.

Os adolescentes conectados também são alvos de diferentes crimes praticados a partir da internet e os prejuízos são incalculáveis para as suas saúdes físicas e emocionais (MARRA, 2019). Muitas vezes, há sensação de impunidade, mesmo depois que as vítimas denunciam e os culpados são identificados e punidos é o que retratam muitos adolescentes que enfrentaram o problema (CRUZ, 2005).

Silva e Vieira (2021) contextualizam alta conectividade das pessoas com crimes

⁷⁴ O trabalho de Cavalcanti (2020) traz um estudo bibliográfico de dissertações e teses publicadas nos últimos dez anos pela CAPES, que abordam a problemática do ciber pedofilia que é a porta de entrada de crimes de pedofilia contra crianças e adolescentes publicados pela internet. O referido texto se encontra disponível para estudos na biblioteca eletrônica Scielo em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7342113>.

cibernéticos mais praticados no Brasil, em comparação outros países do mundo, partindo da análise da pesquisa *Cyber Secyry Insights*⁷⁵. As sanções penais aplicáveis no território brasileiro sugestionam uma política educacional preventiva. O quadro 2 abaixo, referente à pesquisa examinada pelos autores, traz as seguintes informações:

Quadro 5. Quadro comparativo de crimes cibernéticos Brasil X outros países

PRINCIPAIS RESULTADOS	BRASIL	GLOBAL (21 países)
Usuários afetados pelo cibercrime em 2016	42.4 milhões (39%)	689.4 milhões (31%)
Prejuízo financeiro gerado pelo cibercrime em 2016	US\$10.3 bilhões	US\$125.9 bilhões
Tempo gasto lidando com consequências cibercrime em 2016	16.9 horas	19,7 horas
Cibercrime mais comum	Roubo de dispositivo móvel: 25%	Senha comprometida: 18%
Entrevistados capazes de detectar corretamente os e-mails de phishing	68%	72%
Entrevistados capazes de avaliar se a rede Wi-Fi é segura	59%	48%

Fonte: Pesquisa *Cyber Security InsightsReport Brasil, 2016*⁷⁶.

Os dados acima demonstrados referenciam os crimes mais praticados na internet em países do mundo e as atuações no Brasil, o que chama a nossa atenção para alta confiabilidade que os brasileiros aplicam em relação à internet e o baixo número de campanhas preventivas nos próprios ambientes virtuais. É o que conclui a Organização não governamental, *Safer Net*⁷⁷. Além disso, segundo a Agência Brasil (2019), 34% das capitais brasileiras não possuem delegacias especializadas em investigação de crimes digitais⁷⁸.

O quadro de Silva e Vieira (2021) demonstra ainda que o Brasil sai à frente de muitos outros países em relação ao número de vítimas afetadas por crimes virtuais, excepcionalmente, os de ordem financeira que são as modalidades que ocupam destaque denotando frágil política de prevenção, excepcionalmente nos ambientes em que os golpes acontecem.

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) divulgou dados do crescimento de crimes

⁷⁵ A *cybersecurity report presents critical information about cyber secure tythre ats, risks within a digital ecosystem, gaps in secure ty controls, and the performance of security programs*. Disponível em: <https://www.bitsight.com/glossary/cybersecurity-repor>.

⁷⁶ A referida tabela corresponde à pesquisa realizada *pela Cyber Security Report Brasil, 2016*, disponível em: <https://www.nortonlifelock.com/br/pt/newsroom/press-kits/ncsir-2016/>.

⁷⁷ Segundo a ONG *SaferNet*, que é uma instituição de natureza civil não lucrativa que visa defender os direitos humanos das pessoas no contexto digitais ajudando as vítimas de crimes cibernéticos a identificarem e denunciarem crimes praticados na internet. Segundo o mesmo órgão, a informação ajuda as pessoas a denunciarem e buscarem providências legais. Informações disponíveis em: <https://new.safernet.org.br/>.

⁷⁸ A informação da Agência Brasil sobre delegacias que investigam crimes digitais encontra-se disponível em: https://busca.ebc.com.br/?q=crimes+cibern%C3%A9ticos+delegacias&site_id=agenciabrasil.

praticados na internet durante a pandemia da Covid-19, entre março e junho de 2020, que chegou ao aumento de 198,95% entre estes, o estelionato, tendo como referência o Distrito Federal. No âmbito nacional, o percentual multiplicou-se no período pandêmico. De fato, os crimes cibernéticos e as suas consequências parecem se disseminar na mesma velocidade com que as pessoas vão aderindo à conectividade.

Os adolescentes participantes da pesquisa, também, compõem parte do quadro crescente de vítimas dos crimes virtuais. A adolescente “Mary Jane” relatou um fato que vivenciou junto à sua família quando, quando ainda tinha 13 anos.

Eu conheci uma pessoa pelo Facebook há alguns anos e começamos a namorar. Eu ficava a madrugada inteira conversando com ele que era bem mais velho que eu. Como eu dormia com minha mãe, deitava no chão do quarto para ela não desconfiar. Eu me apaixonei de verdade (pausa). Teve um momento que eu não aguentava mais, queria viajar para encontrá-lo de qualquer jeito, porque ele morava em outro estado e me incentivava a viajar para encontrá-lo... Mas depois minha mãe e minha avó descobriram, começaram a falar, a me aconselhar... Aí a gente se afastou, mas foi bem doloroso pra mim...Hoje eu fico pensando se eu tivesse ido, o que poderia ter acontecido comigo (MARY JANE).

Esse tipo de ocorrência vem sendo problematizada em várias esferas de comunicação. O filme *Confiar* (2010), por exemplo, dirigido pelo cineasta David Schwimmer, narra o drama de uma adolescente que ganhou um *notebook* em seu aniversário de 14 anos e começa a teclar com um suposto adolescente de 16 anos e se apaixona perdidamente.

Aproveitando a viagem dos pais, a personagem marca o encontro e quem comparece é um homem bem mais velho com uma lingerie para presentear-lá. O homem utiliza muitos argumentos emocionais, elogios diversos e a convence. O estupro se consolida.

Após o encontro, o homem desaparece das redes sociais e da vida da adolescente deixando apenas o rastro de sofrimento para ela e sua família que descobre através da polícia que o golpe sofrido por sua filha já havia sido aplicado a dezenas de outras adolescentes de sua idade.

Embora a ficção seja um alerta para o que acontece na realidade a partir das redes, o assunto ainda carece de mais visibilidade tanto no âmbito familiar quanto no escolar e nas próprias redes sociais, lócus onde os adolescentes investem grande parte do seu tempo⁷⁹. A desconfiança expressa por alguns dos adolescentes participantes corroboram traçar um quadro de imagem da internet como um ambiente que guarda determinados riscos, mas também

⁷⁹ O jornal Correio brasileiro publicou em março de 2021, a ação da Polícia Federal brasileira que deflagrou uma operação em vinte estados brasileiros e no Distrito Federal, nomeada de LOBO II¹¹³. Nesta ação, a polícia cumpriu 104 mandado de busca, 8 prisões de investigados que cometiam aliciamento de menores pela internet (*Dark Weber*) e distribuição de materiais pornográficos de aliciamento infantil.

incontáveis possibilidades que vão desde amizades, relacionamentos, entretenimentos, conhecimentos, muito embora coabitem neste mesmo território, potências tristes que podem colocar em risco a integridade e dignidade da pessoa humana, inclusive, de crianças e dos adolescentes.

4.7 *Bullying e Cyberbullying: destroçando relações*

Rodrigues (2021) salienta que apesar da distância física, os relacionamentos virtuais podem formar laços sentimentais tão profundos quanto os relacionamentos experienciados na vida real. O fato é que o que se passa no mundo virtual não é irreal (LÉVY, 2000). Sendo as relações humanas presenciais ou não, estão sujeitas a emoções e sentimentos como dor, vergonha, desequilíbrio, amor, ódio; igualmente ações que podem desencadear uma infinidade de danos que exigem análises a fim de que sejam melhores explicados e compreendidos.

Nas linhas que seguem, teceremos, junto aos fragmentos das entrevistas dos participantes, o mapa das linhas relacionais dos adolescentes ao se depararem com a violência do *bullying* e do *cyberbullying*.

Assim, Lévy (2007, p.72) destaca que, “O mundo digital faz absolutamente parte da realidade”⁸⁰. Logo, seja através dos encontros presenciais ou por meio da conectividade, a capacidade de afetar e sermos afetados por encontros indesejados que afetam o emocional e provocam sentimentos como a tristeza, angústia e dor são solidificados na realidade dos indivíduos. O mundo virtual acaba por ser a continuidade justaposta à realidade (ROSA; FELEIROS, 2016).

Segundo Espinosa (2007), tanto os encontros tristes quanto alegres estão presentes na vida dos sujeitos e, deles resultam a construção dos conhecimentos que adquirimos durante a vida. Chauí (2011, n.p)⁸¹ considera que “a tristeza, pelo contrário, atua na diminuição dessa força de existir e agir”. Evitar os encontros tristes nem sempre é possível, mas sobrelevar aos encontros alegres é um exercício de liberdade que cabe a cada indivíduo realizá-lo.

Na contemporaneidade, um dos caminhos que desencadeiam potências no cerne das relações adolescentes é o *bullying*. Segundo Oliveira (2018), o *bullying* pode ser definido

⁸⁰ Vídeo fronteira do pensamento. O que é o virtual. Pierre Lévy, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U>.

⁸¹ Marilena Chauí é a filósofa brasileira que mais comenta e produz acerca da obra de Espinosa. O trecho do texto aqui mencionado, sobre a potência dos afetos em Espinosa. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Política/Marilena-Chauí-Liberdade-e-afastar-as-paixoes-tristes-/4/36877>.

como uma espécie de violência praticada por indivíduos que se consideram supostamente superiores aos outros, uma espécie de desequilíbrio de poderes entre os pares.

Desse modo, o agressor praticante do *bullying* busca uma forma de coagir a vítima, a partir de diferentes formas de violências seja física, verbal e psicológica. Semelhantemente, encontra-se o *cyberbullying*, fenômeno virtual que mantém as características do *bullying*, só que aplicado por meio dos ciberespaços. É sobre as possíveis potências tristes enfrentadas pelos participantes que os indagamos acerca das expressões de violências presentes no mundo virtual.

Os participantes que relataram não sofrer ato de violência a partir do uso das redes sociais demonstraram uma postura mais de expectadores e receptores de conteúdo do que de produtores, inclusive, como forma de se precaver contra assédios de todos os tipos. Vejamos:

Não posto muito no Instagram, sou meio que assim, desconfiado... (BATMAN).

Não. Nunca sofri violência pelo celular... Também não ando postando nada. Evito essas coisas (MARY JANE).

[...] Não posto quase nada... E só baixei o Instagram porque para trabalhar preciso né? Porque algumas empresas já pedem, né assim? E eu quero trabalhar, vou fazer faculdade de direito, mas quero UESC⁸². Não quero morar com parentes... (BATMAN).

O “desconfiado”, expresso na fala do participante; o evitar postar nas redes são evidências de forma de autopreservação diante das situações de violências existentes nas redes, prova de que nem sempre o ambiente virtual é acolhedor. Hostilidades, críticas e expressões que disseminam o ódio e o desrespeito, são alguns motivos mencionados pelos participantes, os quais alimentam as posturas de resguardos e autopreservação, afinal se deparar com comentários maldosos e depreciativos diante de uma postagem, não é algo fácil de se lidar.

Assim, o ‘cuidado’ que os participantes adotam em relação à exposição de imagens e ideias presentes em suas postagens nas suas redes sociais, torna possível a admissão do pensamento sobre a internet como território não universal, onde todos podem ver e serem vistos expressando livremente seus pensamentos e ideias.

Alguns sujeitos parecem inibir-se diante da exposição na rede, ora por opção pessoal que obedece a características de suas personalidades, como timidez; ora obedecendo a uma

⁸² Universidade Estadual d Santa Cruz – UESC, localizada há cerca de 140km da cidade de Ipiaú, onde a pesquisa foi realizada. A universidade é um importante polo educativo do eixo Ilhéus - Itabuna e recebe estudantes de toda região e demais partes do país.

determinada ‘lei’ silenciosa, fazendo, muitas vezes, que os indivíduos restrinjam seus espaços de circulação como forma de evitar exposições e, com isso, evitar a violência. Anda assim, seis adolescentes justificam a opção em permanecerem conectados em suas redes sociais, mesmo sem postar ou interagir com os ‘amigos’ adicionados, como forma de entretenimento, distração, observação das postagens de outros, especialmente, dos ‘famosos.’, ou seja, escolher ser apenas expectador como modo de estar nas redes.

Segundo Nehin (2015, p.84), a postura dos adolescentes trata-se de ponderar suas exposições nas redes “[...] estratégias que utilizam na coordenação dos limites [...] incluindo o acesso a informações pessoais, espaços pessoais e mesmo a parte do fluxo de pensamentos e sentimentos que compartilham em mídias digitais”.

O mundo digital ressoa, portanto, como lugar dinâmico, onde as relações estabelecidas estão sob o olhar sobre si e sobre o outro, nem sempre o expectador está disposto a mostrar-se, num fluxo que oscila entre o que se deseja externar ou manter privacidade. Ainda assim, nem sempre a violência do cyberbullying pode ser evitada, pois, algumas vezes, advém a partir de ambientes virtuais, onde o adolescente deveria sentir-se seguro, como grupos de escola e “amigos” o que colabora para a perda da confiança e sensação de insegurança.

No fragmento abaixo, destaca-se a emoção presente na voz, expressões e no olhar da participante observada pela pesquisadora ao ouvi-la narrar o fato ocorrido, muito embora já tenha se passado alguns meses, continua a ressoar como uma emoção forte.

Briga, não... Mas já aconteceu discussão no grupo de WhatsApp da escola e aconteceu umas coisas lá, eu falei umas coisas, foi até sobre ansiedade na aula pelo meet... Foi assim, algumas colegas falaram que estavam mal, que não estavam enfrentando bem essa questão da pandemia, aí eu falei que enfrentava de modo diferente, tentando manter a rotina, essas coisas... Elas acharam que eu estava diminuindo o que elas estavam sentindo, então...elas fizeram um grupo, me colocaram nele e me perguntaram como eu lidava com ansiedade, eu achei debochado da parte delas... Eu tentei ajudar, indicar alguns amigos que estudam psicologia, mas quando tentei falar com elas não aceitaram a ajuda, ou melhor...não responderam nada, me ignoraram... Tinha umas cinco colegas me perguntando, meio que me ridicularizando pelo que eu havia falado na aula... Mas fizeram o grupo por maldade...Acho que elas não entenderam bem o que falei ... Nesse dia meu controle que eu tinha foi embora, fiquei mal, muito mal.. (pausa). O grupo durou só no dia, depois elas saíram uma a uma e me deixaram sozinha ali. Depois que vi que tava somente só, eu sai também... Elas acharam desaforo disse que não era fácil lidar com ansiedade... Eu falei que tinha controle, mas em casa fiquei descontrolada, fiquei uns dias me maculando com aquilo na cabeça [...]. Quando você me perguntou, lembrei logo (MARY JANE).

Outro fator que deve ser salientado é a facilidade de se cometer a violência do *cyberbullying* uma vez que não se tem a presença física do outro, evitando confrontos diretos, além da facilidade que a rede oferece em se criar perfis falsos, o que geralmente facilita o

ataque, já que é mais difícil de se identificar o agressor (ARAÚJO; CALDEIRA, 2018).

No caso da situação enfrentada pela adolescente, “Mary Jane”, a hostilização veio de colegas de classe, situando a escola como um dos ambientes sociais onde mais ocorre o desencadear da prática do *bullying* e do *cyberbullying* (SHARIFF, 2016). A criação de um grupo virtual que integrou os colegas durou apenas um dia, o tempo suficiente para que a participante aprendesse a dureza da repressão do outro e quão difícil é (con)viver em universos plurais, sejam estes reais ou virtuais.

Eu já sofri violência pela internet. Claro, posso contar com tranquilidade...No ano passado foi no período eleitoral (2020) e eu sou ativo na política... E um cidadão proferiu xingamentos contra mim, com termos que nem vou falar aqui... Falou que eu era uma criatura baixa...Vagabundo, desocupado, comunista, aliciador... Ele me xingou e embaixo colocou uma charge atribuindo toda violência sexual para quem tem um posicionamento de esquerda. Já teve desentendimentos com colegas de escola também... São até piores essa agressão que sofri no grupo...Foi horrível... É complicado, você tá num grupo de mais de cinquenta pessoas e você ficar ali recebendo aquelas ofensas... Ali também tem pessoas do seu convívio...É complicado, ninguém gosta de ser violentado, envergonhado assim, ok? (HOMEM DE FERRO).

Já sofri violência pela internet, sim, muito...Porque eu era gorda, emagreci, e descobri que tinha cisto nos ovários e voltei a engordar. Sofri efeito sanfona e criou muita estria no meu corpo...E quando eu postava uma foto, pessoas maldosas não deixam de comentar e fala assim, “Ah, mas porque você posta essa foto? Você tá com muitas estrias, não tá legal!”. Comenta na foto mesmo...Eu já me senti pior, tive início de depressão...A gente vê muita pessoa preconceituosa, gordofóbica... Racismo. Pedi ajuda à psicóloga aqui da cidade, mas ao mesmo tempo que ajuda, também atrapalha...Quando contei um pouquinho o que sentia pra ela, falou que era coisa de adolescente e ia passar. Pensei: se vai passar, vou ficar em casa, não vou mais...Hoje eu converso muito com meu marido, ele é meu ouvinte (TEMPESTADE)

A partir dos fragmentos de falas dos adolescentes, compreendemos que as teias relacionais se esticam entre relações de ‘amigos’ virtuais, não tão amigos assim, ou seja, são adicionados enquanto tal, mas destilam posturas maldosas, críticas que maltratam, ferem. As inter-relações com essas pessoas, ora são frutos de escolhas particulares dos adolescentes, ora chegam com a necessidade de participação de grupos virtuais. Nesta teia de relações, enfrentam-se situações, às vezes, adversas que vão desde o *cyberbullying*, até as violências simbólicas manifestas de formas cruéis, como expressam os fragmentos acima.

A pesquisa⁸³ do instituto francês Ipsos⁸⁴ (2018) constatou que o Brasil é um dos países que mais pratica *cyberbullying* contra crianças e adolescentes no mundo. Já a ONG Plan

⁸³ A pesquisa encontra-se disponível em: <https://www.ipsos.com/en/global-views-cyberbullying>.

⁸⁴ Ipsos é um instituto de pesquisa de opinião pública que atua em diversos países que busca oferecer informações à população de modo geral sobre diversas temáticas sociais. Em 1975, a Ipsos foi fundada por Didier Truchot em Paris, França. Informações disponíveis em: <https://www.ipsos.com/pt-br>.

Brasil⁸⁵ demonstrou em resultados de sua pesquisa (2010), que 16,8% dos seus participantes foram vítimas de *cyberbullying*, 17,7% foram praticantes e 3,5% são vítimas e praticantes. Tal pesquisa salienta a presença do *bullying* e *cyberbullying* em meio às crianças e adolescentes e provoca reflexões, debates e adoção de estratégias e políticas públicas de contenção dessa prática, tanto no âmbito educacional quanto sociocultural.

Sendo os espaços escolares, ambientes propícios à disseminação destes tipos de violências, a legislação educacional brasileira busca regulamentar sanções importantes visando política de prevenção às vítimas e a punição dos responsáveis. Assim, a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira LDB alterada em maio de 2018, pelo Art. IX, para prevenir a violência nas escolas, explicitamente o *bullying* e o *cyberbullying*:

Art.4º [...] IX - Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*)⁸⁶ o âmbito das escolas; Art. X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (BRASIL, 2018).

A legislação em si, atenta-se à problemática da intimidação sistemática, na qual o *bullying* pode ser categorizado, com o fim de tornar notória a repulsa social frente a essa forma de violência. A alteração da LDB/1996 tem importância para a comunidade escolar, pois proporciona aberturas e debates frente à problemática da violência “silenciosa” do *bullying* e serve de parâmetro legal na luta para tornar o ambiente escolar seguro e livre de violências, sobretudo, as que ocorrem de modo implícito nos cotidianos escolares, como se caracteriza este tipo de violência (SHARIFF, 2016).

O *bullying* e o *cyberbullying* também podem ser um desafio para os professores, principalmente, por demandar tempo, dedicação e medidas colaborativas envolvendo toda a comunidade escolar (DAVID, 2018), no entanto, não tratar a problemática com a de vida importância pode acarretar problemas de ordem pessoal (às vítimas) e institucional ainda mais graves, isso porque esse tipo de violência, outrossim, se caracteriza como um dos fatores de evasão escolar (PISA, 2015).

Seja nos espaços materiais/presenciais ou virtuais, *bullying* ou *cyberbullying*são marcos que acionam encontros tristes, diminuindo a potência de vida dos sujeitos (ESPINOSA, 2007) e a internet vem sendo um ambiente onde essas violências vêm se enraizando. Segundo Tocantins e Wiggers (2021, p.79) “a Internet frequentemente é citada

⁸⁵ A ONG Plan Brasil é uma organização internacional que chegou ao Brasil desde 1997 e tem como objetivo colaborar no combate à fome, pobreza e exclusão social de crianças brasileiras, sobretudo, a meninas que se encontram em situação de vulnerabilidade social e humana. Mais informações em: <https://plan.org.br/>.

⁸⁶ Destaque do autor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm.

pelas crianças e pelos adolescentes como lugar real”. Posto isso, as violências sofridas, por meio dos ambientes virtuais, provocam inibições, tristezas, sequelas, às vezes, irreparáveis como nos relataram os entrevistados. “Eu senti um pouco” (WOLVERINE); Eu fiquei muito envergonhado (HOMEM DE FERRO); “Aquilo me doeu muito” (MARY JANE).

A identificação e o enfrentamento das relações abusivas, embora sejam previstas na legislação brasileira (Lei 13.709/18), que trata sobre a proteção de dados pessoais e limitações do seu uso, quase sempre não se tornam efetivas, contudo, oferecem meios de proteção a crianças e adolescentes quando se deparam com alguma forma de violência e embora este não seja um problema antigo, o desafio de enfrentá-lo continua sendo pontual. É o que ressalta Silva (2010, p.60):

Não há como negar que vivemos tempos difíceis, em que a violência e a agressividade infanto-juvenil são crescentes e ameaçam a todos nós. Seja como pais ou educadores, seja como membros de uma coletividade, de um estado ou de toda a sociedade, nenhum de nós está imune a essas circunstâncias. Direta ou indiretamente sofremos os efeitos desta forma de agir adotada por muitos jovens.

O autor assinala a responsabilidade das pessoas quando a violência se faz presente, pois, de alguma forma, somos penalizados pela situação, sobretudo, por permanecermos cada vez mais distantes de (con)vivermos em ambientes nos quais a ética e o respeito ultrapassem a obrigação e se instalem com naturalidade.

Em março de 2022, quando já havíamos encerrado as entrevistas nas escolas, fomos surpreendidos por uma mensagem, via *WhatsApp*, de uma das estudantes entrevistadas narrando um acontecimento de *cyberbullying*, envolvendo estudantes da (ERP) e um de seus professores. A adolescente enviou o *print* de um *post* que havia sido compartilhado nas redes sociais, com um conteúdo que hostilizava o trabalho deste professor, ocasionando um mal-estar generalizado. Como consequência, estudantes foram chamados à direção da escola para prestarem esclarecimentos. A estudante justificou, ainda, ter comunicado à pesquisadora sobre o ocorrido, por concluir que nos interessaríamos pelo fato.

O material se tratava de um *card* - que demonstrava um quadro preto, em letras grandes, na cor branca, centralizadas que continha a mensagem: “LUTO pela saúde mental dos alunos do professor [...]”⁸⁷.

Na mesma semana, agendamos uma conversa com um dos diretores da escola. Nossa iniciativa foi baseada por interesse na temática, enquanto pesquisadores, como a participante

⁸⁷ Não citaremos o nome do professor por não termos permissão, muito embora não o tenhamos solicitado devido ao constrangimento presente na situação.

da pesquisa já havia previsto. Outra mãe que também é nossa colega de trabalho, quis saber se poderíamos ir juntas, já que o seu filho foi chamado à direção e chegou em casa bastante triste e aborrecido pela conversa ‘dura’ que segundo relatou, o diretor havia tido com alguns estudantes da escola por terem compartilhado em suas redes sociais o referido *post*. Combinamos, então, em irmos juntas ao colégio dos nossos filhos, saber mais sobre os fatos e quais ações poderíamos adotar na intenção de ajudar na resolução do problema que se configurava como um claro caso de *cyberbullying*.

O diretor nos recebeu cordialmente, embora se apresentasse bastante aborrecido com o acontecimento, explicou para nós a situação, a mãe falou que o filho não havia feito o *post*, apenas compartilhado, que não reconhecia ali nenhuma ofensa ao professor, apenas uma resenha entre estudantes e que não reconhecia necessidade dos alunos terem recebido advertência verbal, completando que a escola deveria encontrar o responsável e não criar mais problemas ao invés de solucionar. O diretor discordou. Falou que o fato trouxe constrangimento ao professor, comprometia a sua imagem pessoal e profissional e que a conversa que havia tido com os estudantes havia sido em tom educativo. Não houve concordância entre a mãe e diretor. A mãe alegava ainda que o filho, segundo a mesma, um estudante bastante tímido e isolado, havia sido exposto enquanto os verdadeiros culpados, nada sofreram.

Tentamos emendar, em tom cordial, sugestões de projetos para abordar a questão de *cyberbullying* com o objetivo de promover discussões que possam prevenir que outros casos aconteçam, o diretor informou que estava tomando iniciativas junto à equipe pedagógica, buscando desenvolvimento de projetos e que, inclusive, havia convidado autoridade jurídica da cidade para ministrar palestras sobre crimes na internet.

Lamentamos o ocorrido, nos colocamos à disposição da escola caso pudessemos ajudar de alguma forma, nos despedimos e saímos dali mais pensativas do que quando entramos.

Matos e Costa (2016, p.33) observam que “Negar a existência da cibercultura, ou ignorá-la no espaço escolar, pode se transformar em um erro em virtude da tamanha relação que os jovens têm tido com a tecnologia”. É preciso problematizar, no entanto, que a atitude do criador do *card*, busca chamar atenção para possíveis dificuldades de um coletivo de estudantes, seus colegas, vinham enfrentando nas aulas do referido professor.

Embora a referida postagem não tenha deixado claro a natureza de tais dificuldades, se de aprendizado ou relacionais, para nós, uma expressividade de insatisfações que, ao que parece, não resolvida no âmbito escolar e, exposta de modo inconsequente nas redes sociais.

Reforçamos o pensamento sobre quão forte podem desencadear potências tristes o *bullying* e o *cyberbullying*. Mas também o quanto que se externa a necessidade de se buscar formas tanto de evitá-lo quanto de combatê-lo.

O diálogo parece ter sido uma estratégia utilizada pelo corpo pedagógico da escola em questão, criando situações que atijam reflexões sobre o uso maduro e consciente das redes sociais. Em tempo, a capacidade de desenvolver alteridade quando traz a questão do professor como pessoa que ri, chora, sente-se magoado, enfim, não apenas o agente mediador do conhecimento. O diálogo com os estudantes, adotado pelo diretor da escola até pode ser visto como um apelo à sensibilização em relação ao outro, suas emoções, dignidade, quiçá, evitando assim, que outras expressões de violência contaminem as relações, aqui mais especificamente entre os estudantes e seus professores (FREIRE, 1986).

Shariff (2016, p.16) reúne em seus escritos algumas orientações direcionadas à família e à escola para lidarem com a questão o *cyberbullying* e o acervo de problemas por ele elencados, o que a autora chama de “[...] respostas educacionais ao *cyberbullying* pautado em fundamentos éticos e juridicamente justificáveis”. Ainda assim, lidar com tal problema, parece ser mesmo um imenso desafio agravado pela “novidade” do *cyberbullying*, ocasionado pela popularização da internet no Brasil nos últimos anos, junto ao agravamento da violência quando essa é praticada num universo de dimensão incalculável, as redes.

Vale salientar que, em nossa compreensão, as escolas necessitam de apoio na prevenção e intervenção nas questões do *cyberbullying*, além do desenvolvimento de projetos educativos com teor de sensibilização, cujos contextos e implementações chamem à atenção de familiares, pais, professores, sociedade e comunidade escolar, pois:

O *cyberbullying* cria novas questões e desafios à escola, às famílias, assim como todos os que têm responsabilidades políticas, sociais, ou educativas, a realidade é que os contornos deste fenômeno ainda não estão visivelmente definidos e a investigação neste domínio é ainda recente [...] (FERREIRA, 2013, p.28).

Os adolescentes (des)conectados nem sempre sabem lidar com as violências expressas nos cotidianos das redes e, algumas vezes, para não enfrentarem a exclusão no meio escolar, acabam admitindo certos abusos, evitam a denúncia de situações de violência, principalmente nas escolas.

4.8 Uso do celular e a sala de aula

Segundo Harari (2015, 2017), a educação tecnológica é um caminho para a concretização e infindáveis formas de aprendizagens. As escolas, os estudantes, os professores devem em muitos sentidos, explorar tais recursos para enriquecer a dinâmica do aprendizado (MORIN, 2007), sem que isso comprometa as inter-relações presentes no ambiente escolar.

Salientamos a importância das relações que envolvam mecanismos de socialização, de integração e inclusão de modo a permitir que a escola seja um ambiente democrático e participativo em que se valorizem as diferenças, as contradições, que considere os conflitos e se estimule a alteridade. “Há muita coisa que podemos aprender sozinhos, mas educar-se só se pode fazer com o outro” (NOVOA, 2022)⁸⁸.

No entanto, há muitas pontas soltas nessa trama, pois, existem pontos conflitantes em relação ao uso didático dos aparelhos em salas de aulas e mediante a realidade difusa e complexa quanto à democratização tecnológica nas escolas brasileiras; talvez, lançar mão destes importantes recursos seja mais uma questão de âmbito político educacional do que decisões particulares de cada escola (GOMES, 2014).

Dessa forma, percebemos que se faz necessário a inserção de políticas educacionais que envolvam planejamento, legislação, currículos, trabalho pedagógico e didático, devendo-se não apenas reconhecer a necessidade da utilização das TDCI em salas de aulas, mas conduzir uma configuração que preveja a utilização de tais recursos tecnológicos de modo dinâmico, consciente e responsável, pois, este importante aprendizado também é e continuará sendo um dos propósitos da educação.

No âmbito das teias relacionais dos adolescentes (grifo nosso), propomos aos participantes, algumas perguntas relacionadas à utilização dos celulares em momentos de aula. Indagamos sobre a possibilidade de estes já terem testemunhado ou participado de algum conflito envolvendo o uso do aparelho⁸⁹. Formulamos outras perguntas acerca do ensino/ aprendizado, sobre inter-relações, entre estudantes e seus professores.

Nas respostas, a totalidade dos 14 participantes concordaram que o celular provoca

⁸⁸ Trecho de Antônio Nóvoa, jornada pedagógica da rede estadual da Bahia, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nzu7D-gCpR0>.

⁸⁹ A Escola da rede particular que compõe a nossa pesquisa não traz em seu regimento interno, nenhuma cláusula contendo proibição do uso do celular, contudo, no contrato de matrícula dos educandos traz a informação da proibição do uso durante o momento de aula, salvo por solicitação do professor, ou seja, o uso pedagógico. (Informação da direção da escola, dezembro, 2022) Já a ERP, não há na rede estadual da Bahia nenhuma designação publicada oficialmente, proibindo o uso dos celulares nas instituições de ensino. Relacionado a este assunto, encontramos um projeto e lei do deputado estadual Ângelo Almeida (PSB) em novembro de 2018. Disponível em: <https://agenciasertao.com/>. Acesso em: 15 dez.2022. Não encontramos informações oficiais sobre a situação do referido projeto no site oficial da Assembleia Legislativa da Bahia nem registro de publicações sobre o mesmo em D.O. dentre 2018 até dezembro de 2022.

distração e prejudica a sua concentração na aula. 11 foi o número dos que afirmaram utilizar celulares durante a aula e 13 declararam que ao acessarem o aparelho durante as aulas estão buscando entretenimento e não conteúdos relacionados aos estudos. Em nossa coleta, notamos que os entrevistados reagiam com muitos risos e frases entrecortadas quando das perguntas acerca do uso do celular em sala, nos ocorreu mais uma vez que o uso é, para os participantes, um ato de subversão às aulas que lhe são propostos aliada à dependência de conexão, já posta por nossos entrevistados.

Alguns participantes parecem reconhecer o celular como um grande vilão da atenção em relação aos conteúdos discutidos em suas salas de aula, mas também como uma forma de fuga ou resistência às propostas pedagógicas enfadonhas, cansativas, pouco atrativas:

Ninguém consegue ficar ali focado o tempo todo. Quando não existia o celular, havia sempre uma forma de dar uma fugida ali da ‘chaticice’ das aulas... Conversava com algum colega, desenhava. Essas coisas (HOMEM-ARANHA).

Quando a aula tá muito chata, dou aquela olhadinha lá no celular pra distrair um pouco a mente (CAPITÃO AMÉRICA).

Noutros momentos, mencionamos a questão da proibição do celular durante as aulas e questionamos os participantes, os quais 04 concordaram com a total proibição do uso do aparelho, salientando que é mais importante adotar o uso inteligente do que manter a proibição irrestrita que sempre acabaria, de alguma forma, sendo driblada.

Proibido, não, mas o uso inteligente do celular seria racionar o tempo porque vem problema de visão, coluna, tendinite e a saúde psicológica (BATMAN).

É a questão do meio termo o uso para coisas importantes, que não atrapalham o desenvolvimento do aluno (HOMEM-ARANHA).

Não deveria ser totalmente proibido porque precisa pra pesquisa (TEMPESTADE).

Prestamo-nos em observar a dinâmica da fuga das aulas promovida pelos adolescentes. Em nossa observação, parece ser este um problema apenas agravado pelo uso dos aparelhos.

Há uma corrente de teóricos do campo do currículo educacional (PARAÍSO, 2015; GALLO, 2007; CORAZA, 2012), cujas produções filosóficas e metodológicas, das últimas décadas, apontam para a necessidade de se buscar um currículo escolar mais dinâmico, relacionando-o à vida dos educandos, no que tange aos aspectos da sua formação, isto é, contrária aos engessamentos dos conhecimentos rígidos historicamente difundidos no âmbito escolar. Ao invés disso, defende-se um currículo feito com o mesmo tecido da vida

(CORAZA, 2012). Compartilhando de ideias semelhantes no campo das ciências da matemática, D. Ambrósio (2013) busca uma (des) estruturação, nos processos de ensino/aprendizagens, construindo uma educação matemática junto aos territórios socioculturais dos educandos.

Vale salientar, segundo a observação de ‘alguns’ participantes, que o celular conectado à internet, é um instrumento de aprendizado, desde que utilizado de forma correta e orientada para tal fim, e o período da pandemia, (como veremos mais adiante), apenas serviu para confirmar tal fato. As TDIC utilizadas na educação, em parte, provocam mudanças não apenas no modo de aprender e ensinar, como parecem desconstruir antigos valores autocráticos impondo dinâmicas de partilha e construção coletiva dos conhecimentos, fortalecendo as relações a partir de um verbo bastante usual nos ciberespaços: compartilhar (PERRENOUD,2000; HARARY, 2018.).

Salientamos, no entanto, que discutir os benefícios das tecnologias na educação não apaga as contradições existentes nas realidades das escolas públicas brasileiras que se manifestaram em nosso estudo. Nascimento *et al.* (2020) no relatório publicado pelo Instituto de pesquisa aplicada, IPEA, cita que 740 mil estudantes do ensino médio sem acesso à internet no ano de 2018 e ainda:

Ao serem adicionadas as crianças sem acesso matriculadas na pré-escola e os jovens sem acesso matriculados no ensino médio, chega-se aproximadamente a 5,9 milhões (de um total de 39,5 milhões) de crianças e adolescentes na fase de escolarização obrigatória que frequentavam escolas em 2018 sem que dispusessem de acesso domiciliar à internet (NASCIMENTO, *et al.*, 2020, p.8).

A condição socioeconômica dos estudantes, que não conseguem conectar-se à internet, e a ausência de condições sociopedagógicas que possibilitem a inclusão das tecnologias em salas de aula, parece dificultar a conexão não apenas frente à aquisição de conhecimento deste, mas também traz prejuízos em relação a sua autonomia (IBGE, 2019). Esse problema foi apontado por um dos participantes:

[...] nem todos tem o acesso ao celular e quando o professor manda fazer algo assim de usar o celular, quem não tem fica excluído...Sim deveria ser proibido em sala de aula porque chama muito atenção do aluno e não fica prestando atenção... mas para aqueles que quer estudar mesmo certo, mas muitos desses deixa de fazer atividade só pra ficar olhando... (HULK).

Atentamos, no entanto, que a situação exposta engloba vários fatores e responsabilidade sociais, econômicas e políticas que serão aprofundadas neste estudo e

produz o que o estudante *Hulk* aponta com o “Ficar excluído” e para as crianças adolescentes e jovens, tal exclusão pode representar a subtração das suas chances no futuro e na vida.

Assim, corroboramos as ideias de que as tecnologias podem e devem colaborar no trabalho pedagógico, como também, que boa parte dos participantes da pesquisa utiliza os celulares em sala de aula, em contrapartida, que há contradições neste contexto, pois, muitos estudantes são excluídos dessa realidade.

No que tange ao paradoxo aceitação/proibição dos celulares em determinados ambientes escolares, o trabalho de Oliveira (2017) traz o questionamento sobre o uso do celular em sala de aula: “Complicação ou contribuição?”. Os conflitos que surgem entre estudantes e professores, mencionados pelos participantes envolvendo o uso inadequado dos celulares, sejam advindos de problemas comportamentais ou disciplinares, parece continuar colocando em destaque as questões das distrações, limitações, uso inteligente, permissões-proibições, já que as TDIC vêm sendo cada vez mais utilizadas nas salas de aula (SILVA, 2010; 2011).

Dessa maneira, no contexto por nós pesquisados, são muitas as experiências dos adolescentes com os seus celulares conectados na sala de aula:

Já aconteceu na aula de espanhol que o professor tava explicando aí pediu para o colega guardar o celular e ele insistiu e aí foi todo mundo pra coordenação, a aula parou, foi mal, até chamou os pais (SHE-RA).

No outro colégio que eu trabalho, já vi muitos problemas em 2017, inclusive foi proibido a partir de uma lei municipal a proibição de celular em classe, mesmo assim, continuou o constrangimento em sala de aula porque eram áudios om conteúdo duvidoso, essas coisas, e isso causa constrangimento inclusive com relação ao professor que estava ali dando sua aula, eu por exemplo, estava ali para obter conhecimento e não para atrapalhar o serviço do professor que ali está. É cansativo [...] (HOMEM DE FERRO).

O professor tomou o celular do meu colega e só entregou aos pais. Eu não achei correto... (SUPERGIRL).

Os participantes expõem situações vivenciadas em algum momento de suas vidas escolares, relacionados ao uso do celular em sala de aula. A maioria concordou (10 participantes) que a discussão em torno do uso inadequado dos celulares desestabilizou as relações e acirrou o mal-estar entre os estudantes e os professores e até mesmo na turma, que não estava diretamente envolvida no assunto.

Deste modo, quando as inter-relações escolares mediadas pelos celulares no ambiente escolar, considerando o uso em momento inadequado, algumas situações podem levar a frustrações, desânimo, desentendimentos e até mesmo mal-estar generalizado ocasionado pela

falta de respeito entre os envolvidos. Em certa medida, até os pais são convocados a intervir no conflito quando o estudante é “reincidente”⁹⁰.

Na dinâmica do uso dos aparelhos em sala de aula sem fins pedagógicos, os participantes expressam:

Mas não é todo professor que briga não. Tem professor que é de boa. Teve um mesmo que falou esses dias: “melhor ele ficar aí quieto mexendo no celular do que ficar atrapalhando a minha aula” (SUPERGIRL).

Tem professor que se estressa porque ele prepara a aula, muitas vezes tá ali usando o material dele, que adquiriu com o dinheiro do próprio bolso e o aluno não tá nem aí... Não dá valor (MARY JANE).

Nesta teia, vamos identificando diferentes pesos e medidas, talvez não tão exatas por possibilitarem vazões para muitas outras questões relacionadas ao contexto. Poderíamos, inclusive, trazer à discussão, neste momento, as diferentes formas de posicionamentos dos educadores diante da problemática do celular, ou ainda, o que é uma aula? O que se espera de um estudante quando está participando ou ao menos “presente” na aula? Mas nos mantemos o nosso interesse em observar como as TDIC interferem nas inter-relações em ambiente escolares sem, contudo, deixar de observar as contradições que vão surgindo nas entrevistas, neste caso, os diferentes posicionamentos de professores, mediante o uso do celular pelos adolescentes durante a aula.

Segundo Duarte (2015, p.76), “O conflito surgiu junto com a humanidade. Faz parte da natureza humana e do processo de desenvolvimento de qualquer pessoa, grupo ou organização social. Logicamente, as escolas não estão isentas de conflitos”. Posto isso, a dialogicidade é o enfrentamento, um passo na compreensão de si em relação ao outro. Trata-se, entretanto, de uma construção que impera na coletividade e na visibilidade do outro (FREIRE, 1987).

Considerando que as inter-relações desenvolvidas nas salas de aula podem estar ameaçadas em suas qualidades pela persistente distração dos adolescentes por, onde, ora estão presentes/ausentes neste ambiente, há ali um espaço pertinente para a dialogicidade. Se o professor ou o estudante preferem a indiferença ou o embate ao invés do diálogo, ao nosso ver, perde-se uma oportunidade de autoconstrução e construção coletiva a partir das ações

⁹⁰ A questão do uso ou não dos celulares nas salas de aula, não são explicitadas nos regimentos das escolas às quais estudam os participantes da pesquisa. O que existe, no caso de proibições em (ERPU) é a Lei nº 22 46/07/ que proíbe o uso de celulares por estudantes e professores em sala de aula. No mesmo teor existe a Lei nº 12.730 do estado de São Paulo. Disponível em: <https://cd.jusbrasil.com.br/noticias/1204929/educacao-proibe-uso-de-celulares-em-escolas-de-ensino-basico>.

dialógicas, entre estas, a busca pela resolução de conflitos.

Nas entrevistas dos participantes, observou-se ainda que momentaneamente, as relações são afetadas negativamente ante as situações de desconforto, hostilidade e até mesmo de desrespeito entre estudantes e professores quando o celular interfere no bom andamento das aulas. Destacamos aqui que o uso indevido do celular que, muitas vezes, mina as relações entre estudantes e professores, tem sido na pandemia instrumento de dinamização e troca nos processos de aprendizagem, trazendo para o âmbito da complexidade desta relação, partilha, colaboração e respeito mútuo.

4.9 Aulas na pandemia: Não desliguem o celular!

A pandemia não avisou. Chegou. Impôs suas regras: reclusão ou morte e foram milhares em todo mundo. Até o mês de março de 2023, segundo a OMS o Brasil registrou 37, um milhões de casos e 699 mil mortes. Sem vacina, sem esperança, sem escola, um número considerável de estudantes da educação básica perdeu totalmente o contato com a escola, como já salientamos anteriormente, mas boa parte das escolas se viram diante do desafio de continuar oferecendo espaços de aprendizagens, e a tecnologia foi a única estratégia.

Mas a tecnologia tem seus custos e exige investimentos financeiros, técnicos e humanos. Nesta conta, uns ficaram à margem, outros tentaram seguir, buscando adaptar-se nos espaços educacionais, agora de modo não material/presencial, o que se registrou como uma tarefa desafiadora tanto para estudantes quanto para professores (MILIAUKAS; FAUS, 2020).

Neste contexto, propomo-nos a identificar a partir das nossas garimpagens entre os dados coletados, expressões e relatos dos nossos participantes da pesquisa como o uso das mídias digitais modificam e se modificam, a relação destes com a escola em plena adaptação e as demais relações desenvolvidas no ambiente escolar, mas não somente isso. Neste ponto da nossa escrita, deixamos um pouco mais dos dados coletados nas entrevistas por compreendermos que os participantes são protagonistas de um período que marcou a história contemporânea, portanto, abrupto com que a pandemia mudou as coisas de lugar. Neste sentido, estes sujeitos são testemunhas das dores de um tempo obscuro e ao mesmo tempo partes desta mesma dor.

O quadro que configurou no contexto pandêmico expõe situações que exigem alto grau de adaptação das pessoas, algumas vezes, para garantir as suas próprias sobrevivências. Para quem conseguiu calhar o trabalho em casa, confinamento. Nas famílias, indecisão,

desemprego, insegurança, reorganização da rotina familiar e engrossamento de conflitos entre os pares agravados por maior tempo das pessoas em casa (VIEIRA, 2020). Dada a realidade, os estudantes tentam de suas casas manterem contato com a escola, ora contado com recursos adequados para receber as aulas *on-line*, ora totalmente desprovidos destes.

Desse modo, os participantes expressaram-se os seus enfrentamentos, mediante o desafio de continuarem estudando em meio ao cenário pandêmico. No que tange a questão da dificuldade de conexão, os adolescentes da (ERPU) foram os que mais se queixaram. As plataformas digitais⁹¹ utilizadas pelos professores da rede pública estadual da Bahia, disponibilizada para os estudantes, exigiam acesso e qualidade de internet mais veloz e de custo igualmente elevado, a qual boa parte das famílias dos estudantes em dificuldades agravadas pela pandemia, não obtinham recursos suficientes para contratar.

Intentamos olhar através deste estudo, para saber o que foi e como foi este período que, ainda, se arrasta e assombra o mundo até o presente momento, fevereiro, 2023:

Foi bem ruim. As aulas eram horríveis... E a qualidade muito ruim. Ai da aula e se concentrar e a qualidade horrível. No começo até dava para se concentrar, aí mais depois de um tempo foi desconcentração total... Ia na rua fazer qualquer coisa assim e deixava a aula lá, (risos) (MULHER-MARAVILHA).

Consegui assistir aula *on-line* [...]. No começo era pelo Meet, meu celular não dava o celular ficava travando, a memória era pouca. Eu acho que não dava pra concentrar direito, a concentração não era a mesma, aqui já tem os colegas, o professor paratirar dúvidas... Não porque durante o dia meu pai minha mãe precisa de minha ajuda, saia de minha aula para ajudar eles... Eu fico na aula... Dou tenção à aula... (HULK).

A aula *on-line* foi muito prejuízo. às vezes eu tava lavando prato, brincando com alguém... E várias, várias mesma pessoas tem o mesmo relato... eu acho que voltamos mais conscientes porque perdemos e quando perdemos a gente dá mais valor (BATMAN).

“Mulher-Maravilha”, “Hulk” e “Batman” são participantes da (ERPU) e da (ERP) e não identificamos diferenças em suas expressões quanto às dificuldades de concentração e aprendizado nas aulas *on-line*, o que nos conduz a afirmar que o ensino *on-line* no contexto pandêmico, foi desafiador. Embora os participantes, aparentemente, tenham percebido a necessidade de manterem seus aprendizados, a dificuldade de fixarem suas atenções assistindo aulas em casa manifestou-se como um imenso desafio.

Além do custo efetivo para manter as aulas *on-line*, sobretudo, dos estudantes da

⁹¹ Um dos recursos mais utilizados para realização das aulas virtuais pelos participantes foi o *Google Meet* é uma plataforma digital que permite reunir virtualmente pessoas ao mesmo tempo numa sala de reuniões. Essa ferramenta foi bastante utilizada nas aulas da rede pública estadual da Bahia no período das aulas *on-line*.

(ERPU), educandos e educadores precisaram se adequar, como já foram mencionadas em pesquisas supracitadas (IBGE, 2020; IPSOS, 2021). Os participantes reforçaram aspectos da realidade ao mencionarem: “O meu celular não suportava o Meet” (BATMAN); “A minha conexão caía toda hora” (MARY JANE).

Há também a questão da saúde mental bastante salientada por estudiosos⁹², no âmbito nacional e internacional⁹³, a exemplo da ansiedade, depressão etc., mencionadas pelos participantes no contexto estudos/pandemia.

Oliveira *et al.* (2020) aponta para as causas destes problemas que pode estar relacionados à saúde mental dos adolescentes “Especificamente, as medidas de distanciamento social e o fechamento das escolas têm sido vivenciadas de forma negativa” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p.8). Tal fato parece ter colaborado para que muitos adolescentes buscassem ajuda na rede, como verificamos nos relatos de alguns participantes: “Eu busco ajuda na rede” (MARY JANE).

Consideramos as afirmações de Palfrey e Gasser (2013, p.126), de que “Há um abismo desnecessários entre os jovens e muitos dos seus pais e professores”. Nesse sentido, a ausência de diálogo e/ou aberturas para se expor emoções pode ser um dos motivos, os quais se busca orientações dos mais variados assuntos na internet. Estabelece-se então entre os internautas e os produtores de conteúdo uma relação além da necessidade de informação, também como exercício de escuta.

Neste ponto, buscamos em ampliar inicialmente o que vimos chamando de relação, posto aqui, em quase todos os momentos, como a interação estabelecida entre as pessoas, ou seja, de sujeito a sujeito, mediada ou não pelas TDIC. As relações na contemporaneidade parecem não caber mais apenas no conceitual, sujeito-a-sujeito.

A busca dos adolescentes por vídeos, orientações, ajuda a partir das redes sociais conferem, além disso, interação com pessoas de diversas áreas de conhecimentos, ou pessoas de senso comum, consolida-se como busca de informações numa fonte de circulação de anônimos, especialistas, políticos, celebridades.

⁹² Os trabalhos de Stanton *et al.* (2020) analisam os vários aspectos relacionados ao surgimento e agravamento de doenças mentais nas pessoas a partir do confinamento imposto pela pandemia da Covid-19. Em direção semelhante seguiu a pesquisa de Silva *et al.* (2020).

⁹³ Em 08 de abril de 2022, o Jornal Virtual *Diário do Nordeste* noticiou, na sessão de medicina, uma ocorrência, numa escola da rede pública do Recife, onde cerca de 26 adolescentes passaram mal ao mesmo tempo com crise de ansiedade demonstrada por dificuldade para respirar e mal-estar. Apesar de nenhum estudante ter sido levado ao hospital, os socorristas classificaram o fato **como crise de ansiedade coletiva** (grifo nosso). O fato que chamou a atenção do país, acendeu, mais uma vez, o alerta sobre as dificuldades psicológicas enfrentadas pelos adolescentes na volta as aulas presenciais. A referida reportagem encontra-se disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/>.

[...] da quarentena pessoas pra cá assisti várias pessoas coach⁹⁴ aqueles caras que... tipo te ajuda na autoajuda eu não acredito tanto nisso que eles pregam. é um padrão difícil de alcançar, tem no youtube... Muitos cobram pra dar por exemplo, você pode ser rico, ele fala coisas óbvias que a gente sempre soube e consegue capitalizar... mas tem coisas que a gente sempre precisa ouvir... (HOMEM- ARANHA).

De certo, os adolescentes, e são muitos, que buscam ajuda através dessas orientações pessoais e/ou aconselhamentos na direção de aprender dentre outros assuntos, a lidar melhor com seus vazios, existenciais, dúvidas e ansiedades.

Embora, em suas entrevistas, os adolescentes da amostra pesquisada não afirmassem ter mantido contatos presenciais com os produtores (*coach*) dos conteúdos acessados, não deixaram de sofrer os reflexos das informações apreendidas. Muitas vezes, essas são as únicas orientações com que os adolescentes podiam contar, ocasionando, assim, uma relação, aparentemente unilateral, na qual como seguidores dos conteúdos e pessoas, se sentem-se ‘assistidos’ e isso representa um fato importante na vida destes sujeitos.

Assim, a emergência do mundo digital, embora seus mecanismos pareçam dar conta da problemática apresentada pelos participantes, questões relacionadas à saúde, exigem investigação pertinentes pautada na ética e responsabilidade (CNP, 2022)⁹⁵.

Sinto que preciso de alguém pra conversar, falar dessa ansiedade que sinto... Bom, é que meus pais não acham essa coisa de psicólogo importante... Aí sempre busco vídeos no Youtube, Instagram que me ajudam (MULHER-MARAVILHA).

Ninguém tá 100% o tempo todo... Já abri vídeos de apoio, psicólogos no Instagram, Youtube e realmente me ajudou... (SUPERGIRL).

A internet tem sim essas ajudas... Eu mudei muito o meu modo de ser e posso dizer que isso ajudou também (HOMEM-ARANHA).

A pandemia e suas incontáveis faces, inclusive, a que revela a ‘ansiedade’ parece ter forçado o crescimento, tanto de oferta quanto de procura de ajuda ou orientação psicológica de profissionais da área ou outro de modo gratuito ou não, embora o público adolescente não seja o único a colaborar com aumentar das estatísticas. Tomamos a ansiedade no modo como é explicitada por (REGO; MAIA, 2021, p.1):

⁹⁴ Pesquisando o significado da palavra americana que vem se popularizando entre os adolescentes brasileiros encontramos a seguinte explicação na página da web <https://brazil.coach.com>: “*Coach* é treinador, instrutor, enquanto o verbo *to coach* significa treinar, preparar, instruir. Consequentemente, *coaching* significa o processo em que um profissional orienta o treinamento e instrução de uma pessoa”. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/coaching>. Conteúdo postado em 25 jun.2019.

⁹⁵ Conselho Nacional de Psicologia, 2022. Disponível em: <https://www.despatologiza.com.br/>. Acesso em: 12 out, 2022.

A ansiedade é conhecida como sendo uma condição emocional com componentes fisiológicos e psicológicos, integrando as experiências humanas no cotidiano e ainda alavancando o desempenho e ela passa a ser patológica quando é desproporcional à situação que a desencadeia, ou quando não existe um objeto específico ao qual se direciona.

O União das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)⁹⁶ divulgou, na campanha de prevenção ao suicídio, em setembro de 2020, o resultado de uma enquete⁹⁷ feita com cerca de 4 mil adolescentes, entre 15 e 19 anos e, destes, 72% afirmaram terem sentido necessidade de consultar alguém sobre questões de bem-estar físico e psicológico. Neste recorte, a ansiedade mencionada, incontáveis vezes durante as entrevistas com os participantes, que ora era autodeclarada, ora era direcionada a alguém próximo a estes parece, de sorte, ser alimentadas pela organização sociocultural da contemporaneidade movente e em constante mudança, cujo teor incerto, desestabiliza certeza, valores, ideias de vida e projetos futuros e espelha o caos exterior refletido no interior dos sujeitos.

Em observância as crescentes pesquisa que vêm buscando estudar a manifestação da ansiedade⁹⁸ nos adolescentes no contexto pandêmico, as pesquisas de Rego e Maia (2021, p.2) afirmam:

[...] adolescentes podem estar altamente expostos a estressores psicossociais gerados pela pandemia e, uma vez que medidas de contenção da população para reduzir a disseminação do vírus sejam necessárias, eles podem ser potencialmente afetados pela interrupção na rotina da vida diária.

Desta forma, a busca por ajuda, através da internet, endossada pela pandemia e ampliada na vida dos adolescentes, é mais uma possibilidade, uma brecha que se abre na direção do encontro de si, ou apenas, uma alternativa para encontrar pessoas dispostas à prática do exercício de escuta, cada vez mais raro na realidade marcada pelo individualismo.

Interrupções em rotinas, sonhos, projetos arremessam o adolescente a uma realidade inimaginável, pois se exige autoconhecimento, amadurecimento para lidar com expectativas e frustrações, muitas vezes, comungadas no coletivo. Pensando nas inter-relações sob tal prisma e observando o modo como vemos analisando as teias relacionais dos adolescentes até então, estas são, muitas vezes, endossadas pela insegurança e constante ressignificação da realidade de nós mesmos.

⁹⁶ Fundo das Nações Unidas.

⁹⁷ O resultado completo da referida enquete está disponível no endereço eletrônico: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa>.

⁹⁸ Os autores investigam as várias nuances e ou conceitos que vêm sendo discutidos na literatura atual.

Ao que tudo indica, a dinâmica da sala de aula presencial, mesmo acarretando algumas vezes, contrastes, desafios de convivência e uma certa ordem de problemas nem sempre fáceis de serem resolvidos, não é tão simples de ser substituída, sobretudo, pelos vínculos que se estabelecem entre estudantes, seus professores e colegas.

[...] foi difícil assistiram se concentrar, mas tá tranquilo esse retorno é até mais ... Como assim posso dizer, trabalha mais nossa relação com a humanidade, o ser humano precisa ter esse contato mesmo à distância... Por exemplo, essa conversa que estamos tendo agora... Para mim foi difícil, eu quase enlouquecia querendo sair de casa... (HOMEM- ARANHA).

O participante, “Homem-Aranha” parece perceber a necessidade de interação presencial, da convivência nos grupos de escola, das relações que desenvolve no contexto escolar e, em parte, dos prejuízos que a ausência deste conjunto de relações traz, ponderando a importância que estas têm em sua vida. Essas medidas de distanciamento social podem ter favorecido a ocorrência de violências ou comportamentos agressivos no contexto doméstico”. Cruz (*et al.*, 2020), ao observar um cenário propício de agravamento de doenças mentais na pandemia, escreveu em seu trabalho, orientações para que pais e responsáveis continuassem a prestar apoio aos adolescentes que já manifestavam algum transtorno e outros que poderiam os desenvolver. Miliukus e Faus (2020, p.4-5), ainda destacam:

[...] é preciso estar atento às possibilidades individuais de cada adolescente, assim como de cada núcleo familiar. Além de aspectos objetivos, acesso a computador e internet, local adequado para o estudo e sobrecarga doméstica, destacam-se as questões subjetivas, como motivação e interesse pelas atividades, que podem dificultar o aprendizado ou favorecer o adoecimento mental.

Tal tendência foi, inclusive, apresentada em cenários mundiais, como é mostrado na escrita de Stanton (2020). Em meio a tantos contrastes, o que percebemos a partir das entrevistas realizadas é que o adolescente que fugia da aula *on-line*, ao mesmo tempo fugia de si mesmo. Identificamos aspectos relacionados e essas e outras questões a partir do relato abaixo:

Inicialmente eu não me adaptei eu tive crise de ansiedade todos os dias... Eu não conseguia fazer nada... E ficava o dia todo no computador e aí me organizei... Fiz uma roteiro de estudos e outras atividades e fui tentando fazer por partes... E nissome descobri que amo pintar, pinto mandalas... Comecei a ter uma ótima relação com meu corpo, meu cabelo, tive mais conexão mais forte com meu corpo e com quem eu realmente sou... Mas agora que mudou tudo tá difícil.. (silencio, choro) Mas isso eu sei que vou conseguir, porque sou capaz disso.. (choro., silencio)... Continuou. Bom, como te falei estudar em casa me fez eu me desenvolver mais, as coisas são mais fluidas, meus trabalhos eram incríveis. Eu ainda estou muito

assustada comesse ensino integral... e sempre que me sinto assim, perdida de mim é porque tô fora do que realmente quero fazer, sabe... E fico me perguntando porque é que fico fazendo as coisas que eu não quero fazer mas infelizmente eu tenho que estudar... felizmente também, né... Porque tem coisa que não quero aprender, por exemplo... inglês, física, química... Mas sei que vou consegui... eu vou me encontrar, vou sim me reencontrar... Às vezes eu me esqueço de tudo, mas às vezes esqueço disso, perco meu chão e fico mal... Meu humor mudou muito na pandemia alterava legal, isso interferiu na relação com a minha avó começou a se sentir mal porque antes tínhamos uma relação muito boa... E eu ficava mal porque não sabia lidar com isso, mas hoje eu tô bem melhor com isso e já resolvi (MULHER-GATO).

No fragmento acima, a adolescente demonstra emoções confusas, mediante as transformações vivenciadas na escola e na vida. O esforço em se organizar, o desafio de descobrir-se, reinventar-se e novamente desorganizar-se para de novo buscar uma estabilidade de si, no modo de se colocar no mundo e seguir. O simulacro em si, como afirma Deleuze (2015) em um processo de semelhança e dessemelhança constante, o caos que se coagula em estados de ser sem estabilizar-se (DELEUZE, GUATARRI, 1980).

No caminho, os sujeitos esbaram-se com as cobranças externas, questionamentos internos e o movimento dentro fora a desorganizar-se constante, o encontrar a si para novamente perder-se e reencontrar-se. A existência efêmera, frágil se revela como ameaça às certezas, mas também, como infindáveis possibilidades de ser. Noutro momento a adolescente expressa:

Quando voltou as aulas presenciais meu rendimento caiu eu não conseguia mais me organizar como no período *on-line* aí vieram as cobranças...Os professores perguntavam: “O que tá acontecendo com você? Era tão boa?!... Eu começava a me cobrar mais e mais e isso só piorava a minha ansiedade” (MULHER-GATO).

O fato é que as formas, os modos essencialistas de pensar o mundo e a relação com o outro não deixa brechas para se pensar o outro como diferente de mim e ao mesmo tempo, em constante processo de autoconstrução. A exigência sociocultural a qual estamos inseridos é pela identidade fixa, padronizada, ou seja, corresponde a modelos engessados, que atendam padrões determinados socialmente, contudo, observamos o que salienta Arruda e Hussel, (2021, p.27) “[...] nas tensões e conflitos, os homens sofrem influência e também influenciam as questões da sociedade”.

Posto isso, ressaltamos, a partir da análise do olhar dos professores para com a participante “Mulher-Gato”, que não se reduz apenas às críticas e cobranças. As narrativas da adolescente, que é estudante da (ERPU) quando enfatiza as expectativas de alguns de seus professores, como uma possibilidade para a dialogicidade preconizada por Freire (2004) como exercício de percepção do outro, é aplicável mesmo no contexto pandêmico, no qual escola,

educadores, educandos, sofrem para reajustar-se e reinventar-se.

Ainda assim, as “exigências” externas parecem causar danos aos sujeitos, ocasionando um turbilhão de emoções geradoras de conflitos internos raramente percebidos por quem se encontra ao lado. Isso confirma o modo como cada um enfrenta/enfrentou as adversidades ocasionadas pela pandemia, mas também ressalta a necessidade permanente do exercício do olhar sobre o outro.

Quando situamos a problemática da ansiedade mencionada⁹⁹ pela participante, “Mulher- Gato”, de modo mais amplo, constatamos que a articulação da estudante tem ocupado lugar no âmbito das investigações acadêmicas, prova de que o fenômeno vem preocupando pais, responsáveis e comunidade escolar.

Soares e Martins (2010) registram que a proximidade de provas, vestibulares, conclusão de períodos, exigências externas; auto cobranças são motivos que podem colaborar com a ansiedade em estudantes jovens e adolescentes.

As aulas *on-line* e, em seguida, o ensino híbrido e presencial não afetam apenas os estudantes. De fato, as emoções confinadas na realidade de cada lar, de cada família, de cada sujeito elencam memórias e histórias de um tempo cinza, pandêmico. Dentro de cada casa, um mundo. Há entre as pessoas um movimento de levantar-se e incentivar o outro a fazer o mesmo, ainda que seja em um contexto de vazio e de dor.

Perdeu-se, e ainda se perde, no Brasil, muitas vidas para a Covid-19, mais de 699, mil¹⁰⁰, entre estas, familiares, amigos, conhecidos, estudantes, professores; mas perdemos em parte, muito de nós mesmos.

Segundo os relatos dos participantes, constatamos que atividades como se levantar cedo, acordar, assistir aula *on-line* para a maior parte dos adolescentes não parece ter sido apenas prejudicadas por dificuldade de concentração, mas se constituíram num desafio de buscar enfrentar o mundo à beira do caos, com o futuro incerto, com a perda do outro e de si mesmo.

Organizar-se e se sentar diante do computador ou do celular para assistir aula enquanto o mundo desaba dentro e fora de casa, parece ter sido um desafio grande demais apesar dos esforços individuais e coletivos que garimpamos entre as vozes trabalhadas. Neste ponto,

⁹⁹ A participante menciona a ansiedade em seus depoimentos, mas não afirmou ter um laudo médico confirmando o diagnóstico.

¹⁰⁰ Segundo o relatório do órgão de saúde internacional *Repository by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University*, até 23 de junho de 2022, 6.700 pessoas já morreram de Covid no Brasil, sendo que 334 mortes suspeitas aguardam confirmações. Gráfico completo disponível em: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>. Em fevereiro de 2023 este número já é de 696 mil segundo a referida fonte.

salientamos, muito mais, a relação do adolescente consigo mesmo em meio à (des)conexão da escola, do mundo e da própria vida.

A mudança constante que nos desestabiliza e voltava a nos estabilizar para novamente entrar em defasagem, como danças de fases constantes, são linhas que se esticam no pensamento de Deleuze (1986; 1980); a recriação dos conceitos, a reinvenção do si mesmo parece calçar, perfeitamente, a situação de um mundo que se perdeu das suas certezas. O vírus chegou, desmontou verdades. Do caos, à reinvenção, a reorganização, a vida que não cessa de acontecer como num plano de imanência (DELEUZE, 1996).

Bom, penso que não foi fácil pra ninguém, mas busco tirar proveito das aulas e da rede o máximo que eu puder. Agora que tenho outra olimpíada, quero passar também. Tô estudando bastante...Depois dou uma pausa, toco violão, assisto alguns vídeos e depois eu fico até umas 10h e depois vou pra o celular... Mas 90% das vezes estudo e tem dado certo (WOLVERINE).

As aulas *on-line* eu não tinha muita motivação. Digamos que eu tenha tirado proveito 50%, mas a internet quando usada de modo correto é fundamental, porque o livro que tô estado nos oferece pouco... É muito pequeno, limitado eu sinto carência, de conhecimento e desse debate em sala de aula... O uso do celular de maneira correta ajuda muito. Eu participei de vários seminários envolvendo história... O CONECTAR, seminário via Sapiens do Ceará, onde o mestre falou dos desafios no pós-pandemia... Tive oportunidade de debater a vida e obra de Dr. Euclides Neto; O congresso MDB¹⁰¹, eu faço parte de uma aula de trazer as origens da resistência democrática... do seminário da UESC, da UNEB, enfim, gosto de ficar informado (HOMEM DE FERRO).

Os participantes revelam um sentido da educação em vias tecnológicas, quando a busca pelo conhecimento junto à utilização de diversos meios possibilitados pela rede, tornam-se um incentivo ao desenvolvimento da autonomia dos sujeitos e autogestão da própria formação, em um vasto universo para se buscar e ampliar conhecimentos.

As medalhas conquistadas pelo participante “Wolverine”, o engajamento sociopolítico do participante “Homem de Ferro” são, em parte, possibilitadas pela internet e que ganharam maior dimensão em tempos de confinamentos. De sorte, cada um parece exercer uma determinada autonomia no modo de pensar, sobressair-se e participar, não participar das aulas *on-line* e de todo conhecimento possibilitado pela rede.

Alguns dos participantes parecem ter se readaptado aos novos modelos de aulas e aprendizados para serem outros, se reorganizaram, montaram roteiros, tentaram seguir, tiraram proveito, redescobriram mundos, ajudaram os seus professores, foram por eles ajudados.

Os enfrentamentos diários de alguns participantes diante da realidade pandêmica

¹⁰¹ Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

expressam esforços na direção de vencerem a si mesmos, algumas vezes, assumindo a responsabilidade pela própria formação utilizando os recursos tecnológicos disponíveis e os materiais didáticos que possuem (BRANDÃO, 2022). Diante de algumas colocações dos participantes, percebemos que os ciberespaços, se configuram como uma fonte significativa na tarefa da busca pelo conhecimento (LÉVY, 1999; LEMOS, 2002), ainda que estes, pareçam ser um exercício empreendido nas ações individuais e nos interesses particulares de cada um.

4.10 Aulas Presenciais: Sob a Regência do Verbo Recomeçar

Já era quase final de 2021, quando as aulas presenciais foram retomando por decretos¹⁰² oficiais, tanto na rede pública quanto particular. Mais de 18 meses se passaram e era o momento de retomada. Como acenamos no capítulo II, sobre metodologia, este momento foi decisivo para que as entrevistas presenciais acontecessem e somadas a essas, alguns verbos soavam entre as máscaras nos rostos dos estudantes e professores; as medidas de distanciamento social e a reabertura dos portões da escola: reaprender; reorganizar; readaptar.

Assim foi comum escutarmos dos participantes da pesquisa: “Nossa, eu não via a hora de voltar...” (BATMAN); “Aff!!!! Tomara que acabe logo esse rodízio e seja todo dia presencial” (SUPERGIRL); “Presencial é bem melhor!! (ESTRELAR). As afirmativas dos participantes, que foram de 11 dos 14 entrevistados, sobrelevam a importância das aulas presenciais. O afastamento súbito da escola por um período longo e ininterrupto, parece ter colocado os estudantes frente a uma confirmação da importância da escola e das aulas presenciais em suas vidas (BARBOSA, 2020).

A participante “Supergirl” manifestou o seu desejo pelo fim do rodízio de estudantes em classe que ora recebiam em dias alternados, aulas presenciais na escola (ERP), ora as aulas se davam através das plataformas digitais aqui já mencionadas, o que se caracterizou como ensino híbrido. A manifestação da adolescente pelo fim deste modelo de ensino ressoou a pouca receptividade deste público à essa modalidade, em tempo, uma consequência do modo emergente como esta foi implantada nas escolas públicas brasileiras, no período pandêmico, e ainda uma gama de outras questões envolvendo acessibilidade tecnológica; formação de

¹⁰² O contexto social de retomada das aulas presenciais nas escolas onde realizamos as pesquisas coincidiu com o início da realização das entrevistas. Descrevemos e contextualizamos este momento no capítulo II da metodologia.

professores; planejamento de ensino e política educacional eficaz (GATTI, 2020; BARROS, 2021).

O Conselho Estadual de Educação da Bahia (CEE) publicou no Diário oficial do Estado a resolução¹⁰³ que regulamentava o ensino híbrido na volta as aulas no período pós-pandêmico. Assim, a minoria dos estudantes da (ERPU) que compõe a nossa pesquisa, sobretudo, os residentes na zona rural da cidade, que dependiam de transporte escolar, continuaram a receber aulas pelas plataformas digitais ou módulos de atividades para serem realizadas em seus domicílios, no entanto, a maioria dos estudantes retornou às aulas presenciais.

O retorno em massa dos estudantes às salas de aulas ressaltaram a importância não apenas do ensino presencial, mas também, das tramas de relações que se estabelecem entre, a partir e através da escola. Assim, se a teia de relações dos adolescentes (des) conectados, apresentados até aqui favoreceu o desenvolvimento de amizade, aprendizagens, entretenimento, paquera, jogos, trabalho, conhecimento entre outros investimentos de tempo e energia, quando o assunto é escola essa teia parece, na visão de alguns dos participantes, ser um fio bem mais forte que os conecta com colegas e professores, ou seja, trata-se de uma proximidade real.

No retorno das aulas *on-line*, parece que voltamos mais conscientes, gostando mais da escola, eu acho. Parece que o tempo de afastamento serviu para isso (SUPERGIRL).

Presencial é bem melhor. A gente tem ali os colegas, os professores e se surgir alguma dúvida, fala ali naquele momento e todo mundo aprende junto. Eu acho bem melhor. E tem essa questão de que muitas vezes o aluno não tem celular, não tem internet em casa... E aí fica prejudicado (HULK).

Eu gosto deste contato olho a olho, porque conversando virtual você não sabe como é a reação das pessoas, eu queria ter essa aproximação mais real com as pessoas (TEMPESTADE).

Distantes de abordarmos a problemática que envolve aulas presenciais e aulas remotas¹⁰⁴, seus benefícios e implicações na formação dos sujeitos, consideramos o viés das

¹⁰³ O documento baseava-se principalmente na continuidade do aprendizado de estudantes que apresentassem algum tipo de dificuldade no retorno às aulas presenciais. “A Resolução CEE-BA nº 20/2021, publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) de 1º de julho, aborda o ensino híbrido no âmbito do sistema estadual de ensino, reafirma o artigo 4º da Resolução CEE-BA nº 50/2020 e apresenta os mecanismos de acompanhamento das atividades escolares de 2021” (CEE, 2021). Disponível em: <http://www.conselhodeeducacao.ba.gov.br/2021/07/680/Conselho-Estadual-de-Educacao-estabelece-normas-para-o-Regime-Especial-de-Atividades-Curriculares-de-2021.html#:~:text=A%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CEE%20DBA%20n%C2%BA,das%20atividades%20escolares%20de%202021>. Acesso em: 18 out.2022.

¹⁰⁴ O Ministério da Educação em 2020 a partir da portaria de nº 343 concede a substituição das disciplinas que

inter-relações desenvolvidas neste ambiente, noutras palavras, os processos, as relações intersubjetivas, o construir-se com e a partir do outro.

O panorama educacional, que se observa neste contexto socioeducacional pandêmico, são os dos estudantes sujeitos à educação mediada pelas TDIC:

Com o fechamento das escolas, as unidades passaram a adotar o ensino a distância (EAD) a partir do dia 30 de março de 2020. A adoção das atividades não presenciais, apoiadas pelo uso dos recursos oferecidos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) constitui-se, assim, num caminho para minimizar as perdas causadas, no campo da educação, pelo isolamento social. Dessa forma, as TDIC surgem como uma alternativa para evitar que os estudantes sofram prejuízos no processo de ensino aprendizagem (PEREIRA *et al.*, 2020, p.227).

Barbosa *et al.* (2020), salienta a eficácia das aulas *on-line* devido ao grande número de atividades realizadas, mas chamam a atenção para a baixa frequência de estudantes, tanto da rede básica quanto da rede superior de ensino. Os estudantes que conseguiram e, de alguma forma e em diferentes tempos¹⁰⁵ acessaram o ensino remoto, parecem necessitar não apenas de um processo educacional em que o conhecimento seja transmitido de modo presencial e estar presente implica em olhar, conviver, falar, duvidar, perguntar, problematizar e ver o outro como parte integrante da escola e da vida.

Brandão (2017) expõe que os estudantes do ensino médio gostam da escola, é nela que adquirem e trocam as mais diversas experiências de vida, de modo que os tempos da escola jamais se apagarão das memórias dos sujeitos.

A escola continuou a exercer sua importância na vida dos participantes, mesmo durante a pandemia (PEREIRA *et al.*, 2020). Na retomada das aulas presenciais, além das antigas lições escolares de cada dia, uma, especialmente, incorpora um ressignificando especial: reaprender a ser estudante em tempo real, sobretudo, com o outro que se constitui como importante fio na teia relacional destes sujeitos.

4.11 Fios dialógicos: uma conexão necessária

Como parte constitutiva do meio social a educação escolar, o ensino e o modo de percebê-los vêm acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas, muitas destas, oriundas da dinâmica político econômica neoliberal e, conseqüentemente, a

estavam sendo ministradas de modo presencial a partir de aulas remotas, ou seja, por meio das TDIC.

¹⁰⁵ Entre os estudantes participantes os que estudam na rede particular de ensino aulas remotas iniciaram um mês após o início da pandemia enquanto os da escola pública só começaram a acessar esta modalidade de ensino no ano de 2021, um ano depois o início da pandemia.

velocidade da inserção das TDIC em quase todos os setores da organização social.

De igual sorte, os modelos de inter-relações entre os sujeitos da educação vêm se modificando, acompanhando os processos que se alteram, no âmbito das práticas educativas. Já não se pode mais pensar a escola como uma instituição meramente hierárquica onde se estabelecem relações pautadas no autoritarismo, mas deve-se concebê-la como espaço de dialogicidade, o que pode colaborar convivências mais éticas e dinâmicas.

[...] esse modelo, a responsabilidade de garantir a boa convivência, não é relegada às figuras de poder da escola ou a um profissional especialista em mediar conflitos. Ela é tarefa de todos os atores do ambiente escolar sociedade e a toda comunidade escolar (DUARTE, 2015, p.79).

Para Freire (1987), o diálogo não é apenas o instrumento mais eficaz para resolver os conflitos ou até mesmo evitá-los, é o único caminho possível. O diálogo que, como já enfatizamos noutros momentos do nosso texto, não é apenas o ato de “falar e escutar”, a troca de mensagens entre emissor e receptor, mas uma ação na qual se vê e se percebe o outro, em que se faz e se constitui. Na perspectiva freireana, o “[...] o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p.42).

Não há avanço tecnológico, modos relacionais reais-virtuais que consiga ultrapassar a importância do diálogo, da dialogicidade, pois, este é um ato político, de existência e de resistência, um modo de ser e estar no mundo uns com os outros, ocupando espaços, mediando subversões, reformulando rotas, desestabilizando certezas, desvelando novos caminhos.

Propomos-nos pensar as relações construídas pelos adolescentes no ambiente escolar como pulsões dialógicas, mas também sob o véis das organizações rizomáticas, às quais permitem que as hastes dos rizomas se atravessem sem subtrair ou exaltar a outra. Nem maior, nem menor, apenas em confluência no fluxo incessante da existência (DELEUZE, GUATTARI, 1998).

Por estes caminhos, as teias relacionais na contemporaneidade, em nosso entendimento, traçam composição com a diferença sugerida por (DELEUZE, 2018), pois, são, em medida, significativamente dinâmicas, obedecendo a fluxos incessantes nos modos da percepção de si e do outro. Em imagens semelhantes aos rizomas, Deleuze e Guattari (1996), dado que não se solidificam no tempo e no espaço, mas fazem-se outras composições com outras hastes em um tecido constantemente em movimentos, exigindo dos

sujeitos, novas formas de ser, pensar agir e (con)viver. Nestes espaços, a dialogicidade é concebida como o fluido que perpassa as relações, os conflitos, os sujeitos, mediante as modificações manifestas na contemporaneidade.

A partir da ponte dialógica construída com os participantes acerca das suas teias relacionais mediadas pelas TDIC, quisemos saber quais formas poderiam ser consideradas como uso inteligente do celular. A vida conectada à internet tem ditado novos modelos de trabalho, relações (ABREU; EINSTEIN, 2013). Abordamos os adolescentes para saber se existe uma forma inteligente de utilizar a internet. Consideramos aqui a ‘forma inteligente’ o modo como os sujeitos poderão tirar o máximo de proveito das redes, sobretudo, no processo de construção de conhecimento sem serem fígados, noutras palavras, consumir sem se consumir; está em navegação, mas não à deriva.

O uso inteligente, primeiro não fazer coisa errada, né, atacar pessoas, enviar fotos pelo celular, fazer bullying. Usar estudar para estudar e para se preparar para o futuro (SHE-RA).

O uso inteligente seria primeiro, planejamento... se você não planejar o celular ele vai virar a rotina. Se não sobrar tempo você não faz nada... Ele não vai deixar... O que você tá usando e porque você tá usando... você tem de ter equilíbrio... Porque o que as pessoas fazem hoje em dia é só lazer e quando vai ver aquela coisa que você tinha de fazer já passou e acho que tem de ter esse equilíbrio (WOLVERINE).

Às vezes sim, às vezes não... quando busco coisa pra me ajudar e as vezes fico fazendo besteira e fico com muita raiva de mim pelo tempo que perco no celular. Eu fiz um dia de experimento de só pegar no celular depois que eu fizesse tudo o que era pra fazer e deu certo. E me senti ótima e já acordei assim com um sentimento diferente (MULHER- MARAVILHA).

As inserções dos adolescentes parecem traduzir ações assertivas em relação ao uso do celular pautadas nas experiências dos seus cotidianos, de certo, uma leitura sobre a realidade tangente e dos possíveis modos de fazer uso das TDIC, sem, com isso, permitir à mesma, total poder sobre a sua vida. Entre as indicações feitas pelos adolescentes, as que se assemelham aos dos especialistas na área de saúde e tecnologia (DUNKER, 2021), traduzem o reconhecimento da necessidade de as pessoas desenvolverem habilidades para consumir a tecnologia sem ser devorado por esta. As inserções de valores sugeridas pela participante “She-Ra” “[...] não atacar as pessoas, usar para estudar e se preparar para o futuro”, indicam que nenhuma criação humana poderá afastar-se do que é essencial para a convivência entre as pessoas: ética, cuidado, direção e respeito mútuo.

As sugestões proferidas pela maioria dos participantes vão direcionar o uso eficaz das TDCI exatamente para a busca de conhecimentos, impreterivelmente importante nos

processos formativos particulares e coletivos experienciados na vida dos sujeitos, especialmente na adolescência.

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada [...]. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado (KALINKE, 1999, p.15).

A sugestão apontada pelo participante “Wolverine” em torno do domínio do aparelho sobre a rotina das pessoas do seu lugar e, conseqüentemente, sobre as suas vidas. O questionamento e a problematização fomentados a partir do diálogo sobre o que se acessa e os motivos pelos quais se acessa o conteúdo que está sendo consumido, parece ser uma dinâmica de autocontrole e, ao mesmo tempo, assume-se o controle sobre o aparelho e do uso que se faz.

Destacamos a fala da participante:

A forma inteligente? As pessoas não ficarem tão doentes... Esses dias eu estava vendo notícias sobre os transtornos do uso em excesso que o celular causa...acho que usar só quando precisasse... E usaria o tempo que tivesse não para ficar ali em frente à tela... Tem dia que fica muito pra baixo e fico no celular ver coisas, olhar a natureza... O celular rouba muito meu tempo... Quando eu acordo e falo não, hoje eu vou controlar e meu dia rende muitoooo. Acho que a gente diz que o tempo tá passando rápido, mas na verdade é o tempo que passamos no celular que rouba o nosso tempo. E eu tenho tempo para fazer tudo o que quiser. O tempo que a gente tá passando no celular está diminuindo o nosso tempo. Não é o tempo que tá passando rápido, mas nós que estamos... As pessoas deveriam usar quando precisassem... e usaria o tempo... Têm dias que fico muito pra baixo e fico no celular... O uso inteligente vai nos dar tempo (MARY JANE).

As inserções da adolescente sobre os males que o uso excessivo do celular provoca à saúde expressam, também, uma preocupação de médicos, psicólogos, sociólogos, pais, educadores, especialistas de modo geral, mas também, dos próprios “usuários” da rede, como é o caso da fala de “Mary Jane”. Salientamos ainda o investimento inferido por esta adolescente no que tange ao autodomínio, auto-organização do tempo, o que nos é roubado não pelo celular, mas por nós mesmos, afinal, não é o tempo que está passando rápido, somos nós que estamos nos furtando.

A lucidez expressa nas inclusões da participante “Mary Jane” parece conduzir a uma administração do próprio tempo de modo que sobre tempo para viver, mais especificamente, para navegar fora das redes, afinal, “A vida é o que se passa entre um acontecimento e outro” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.6).

Dunker (2018)¹⁰⁶, fazem apontamentos semelhantes aos indicados pelo participante “Wolverine”, “É muito importante poder ficar consigo, num certo estado de desocupação e de descontinuidade entre uma atividade e outra, entre um discurso e outro” (DUNKER, 2018, *on-line*). A eficiência no uso parece estar mesmo transitar por práticas como ponderar, peneirar, observar, limitar, questionar, pensar o modo de se relacionar com as TDIC.

Conferimos uma evidência de que se os adolescentes (des)conectados não colocam em prática as ações que eles elencam em seus discursos, talvez de um maior autocontrole sobre seus próprios hábitos e/ou, reflexão sobre um fio importantíssimo desta teia o controle ou descontrole no uso dos celulares e/ou *smart phones* ou ainda, o ato de pensar dialogar entre os pares sobre tal problemática. Outro aspecto relevante com relação ao uso inteligente das redes se apresenta no que destacamos como - o adolescente conecto e proveito das redes.

Segundo a Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED), em 2018, cerca de 10 milhões de pessoas estavam matriculadas em cursos *on-line* no Brasil, enquanto, que o IBGE¹⁰⁷ aponta um crescimento de 13,5% em 2021 na busca por cursos de formação profissional na internet. Dada a realidade pandêmica, acompanhada pelo fechamento de milhares de postos de trabalhos em todo mundo e incalculáveis consequências para a vida das famílias, inclusive, dos participantes da pesquisa. Com tantas pessoas desempregadas, indicadores econômico sem queda livre, paralização das forças produtivas e do mercado de trabalho (LIMA; FREITAS, 2020). A busca por conhecimento e profissionalização a partir da internet representaria um aceno de esperança e importante instrumento na luta pela sobrevivência.

A participante “Xena” apresenta em suas teias de relações a partir das conexões admitidas no mundo virtual, a linha do que chamou de empreendedorismo e ou caminho de conquistar o seu próprio dinheiro.

Eu trabalho com doces, utilizo o Instagram para divulgar o meu trabalho, conquistar clientes. Lá eu pego encomendas, negócio... É assim, uma forma de ser vista. Também já fiz vários cursos de doces pela internet. Na verdade, muito do que sei sobre os doces que faço, aprendi lá (XENA).

Linhas semelhantes, cujo teor exploram atividades econômicas mediadas pelas TDIC, também foram manifestadas por “Hulk”: “A gente não usa muito o zapp pra conversar não, a

¹⁰⁶ Em outubro de 2018 a rádio USP levou ao ar entrevista com o psicanalista Cristian Duker que falou sobre as suas publicações acerca de ações que buscam driblar e evitar o diminuindo do celular na vida dos sujeitos. Entrevista completa com o psicanalista se encontra no site do Jornal USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cresce-preocupacao-com-o-uso-exagerado-de-celulares/>.

¹⁰⁷ Dados disponíveis em: ibge.gov.br.

gente usa mais pra pegar encomenda da carne de carneiro que vendemos”.

São inumeráveis as relações estabelecidas pelos adolescentes através dos dispositivos móveis conectados à internet, contudo, estas se apresentam como destaque às aproximações forjadas nos seus respectivos campos de interesses.

Durante a entrevista, o participante mostra com orgulho algumas postagens de vendas dos produtos produzidos e comercializadas na área rural onde trabalha e vive a sua família no status de *WhatsApp*¹⁰⁸. A rede social parece oferecer um canal e oportunidade de renda para a família, o que, para ele é a melhor forma de se utilizar a internet. Observando a realidade do participante e de sua família, percebemos que, de fato, a internet possibilita aberturas que sem a presença desta o desafio não seria possível.

Apresentar o produto, conquistar um cliente, entregar e receber o valor devido representa parte de uma engrenagem econômica¹⁰⁹ esticada sobre as linhas da conectividade e mais um fio esticado da sua teia reacional.

4.12 Quando não estou conectado à internet... Há vida fora das redes?

Mediante os resultados da nossa pesquisa, coadunamos a premissa de que o adolescente está cada vez mais conectado, mesmo considerando que os números denunciam que muitos brasileiros não têm acesso aos meios tecnológicos e este fator está correlacionado a fatores socioeconômicos, sabemos, pois, a partir dos dados da pesquisa que são inúmeras as atividades desenvolvidas por este público quando conectados; contudo, quisemos saber o que há fora da conexão. Quando o adolescente se desconecta o que cabe neste tempo-livre longe das redes?

Partimos do seguinte axioma: o mundo dos adolescentes são conexões, mas também (des)conexões. Neste aspecto, são muitas as atividades desenvolvidas por estes sujeitos, sem a presença do celular, ainda assim, mediadas por este aparelho, como: a pesquisa de uma receita, o som ao fundo, enquanto, se cozinha e, ainda, a pesquisa de uma letra cifrada de música a ser tocada no violão. Assim, a vida segue para além dos sinais de *wi-fi*. Logo, podemos afirmar a partir de alguns dos nossos participantes que o celular também é mediador

¹⁰⁸ *Status* do *WhatsApp* é um mecanismo contido nesta rede social, em que é permitido ao usuário fazer *posts* que podem ser visualizados por todos os contatos salvos no celular.

¹⁰⁹ O Jornal, O Estadão, SP, na Sessão Economia e Negócios (2021), informou que nos últimos 12 meses mais e 789 novas lojas virtuais foram abertas por dia no Brasil e o número de empresas que comercializam produtos na internet chegou a quase 1,6 milhões, no entanto, observamos que o comércio atividades informais ou não registradas como empresas na rede (MORAES, 2020), não foram considerados o que indica que este número é bem maior. Assim, uma série não contabilizada como a família do participante vende seus produtos pela internet e extraem deste uma possibilidade de serem e serem vistos.

da relação dos adolescentes com o mundo, mas não somente, o mundo destes.

Eu faço de tudo um pouco: pinto, escrevo, canto, toco, me comunico, danço, faço rituais assim retiros espirituais...coisa assim... Que fico em completo contato com a natureza... 100%, entende? (MULHER-MARAVILHA).

Eu jogo também xadrez, jogo até 1 vez no dia, faço cruzadinha, leitura, tenho dois pássaros trigueiros australianos, tenho um Rottweiler, caminho também pelo menos 3 vezes da semana... Eu gostaria de fazer mais coisas sem o celular [...] (HOMEM DE FERRO).

Eu faço atividade esportiva. Eu faço capoeira, corrida, academia... a corrida, só quando lembro de ir... Capoeira é três vezes de semana, mas não vou sempre (VINGADORA).

Percebemos, no entanto, nas expressões de alguns participantes, que existem dificuldades destes em desenvolverem atividades sem a presença do celular, ao mesmo tempo, em que reconhecem a importância das atividades *extra celulares* (destaque nosso) são importantes em para as suas vidas. O reconhecimento, de tal aspecto, parece vir acompanhado de processos reflexivos sobre o domínio do celular que vem tomando aos poucos dimensão e conquistando adeptos à não conexão¹¹⁰.

¹¹⁰ Um dos restaurantes da cidade onde a pesquisa foi realizada retirou o sinal de *wi-fi* e através de um comunicado(cartaz): “E prol da boa e antiga conversa, retiramos o sinal do *wi-fi*”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda tese tem as suas limitações e a nossa não foge à regra. No entanto, os nossos desejos de explanar a temática das (des)conexões dos adolescentes foram atendidos e, apesar de chegarmos do outro lado da margem dos nossos atravessamentos salientando determinadas (in)conclusões, em tempo sinalizamos para algumas questões que foram ficando pelo caminho como pontas soltas, acenando quiçá olhares de outros pesquisadores, mas também outras que nos servem de pano de fundo para traçarmos um mapa ditado pelas linhas relacionais dos adolescentes (des) conectados.

No porto em que agora ancoramos nossas bagagens, atualizamos nossa jornada nos conectando com a diferença contextualizada em nosso recorte investigativo, deixado à mostra pelos participantes. Há pluralidades no que se configura como singular, ou seja, há diferença e inexactidão no que parecia ser determinante. É neste contexto, e, sobre o espaço pesquisado, que colocamos as nossas inserções.

A nossa pesquisa nos leva na direção de afirmarmos que há uma considerável produção literária acerca da temática adolescentes e tecnologias. No entanto, o que tange à problemática da influência destas nos relacionamentos seja referente à família, escola ou grupos sociais, ainda parece ser um território a ser visitado. Salientamos ser estes espaços, ambientes consideravelmente novos e dinâmicos, nos quais parecem a cada instante surgirem novas questões, antes mesmo de se ter respondido às já destacadas. Configura-se um assoalho movediço, inovador, tal quanto o tecido em que se esticam as linhas desta escrita: as TDIC, os adolescentes, as adolescências.

Quando traçamos as primeiras linhas deste estudo, queríamos saber se as TDIC influenciavam a teia de relações dos adolescentes e fomos surpreendidos no decorrer do caminho dada a complexidade que exige tal análise, pois não se trata apenas de afirmar ou negar, mas de observar a disparidade de possibilidades que o território tecnológico vem trazendo à vida das pessoas, excepcionalmente dos adolescentes que afirmativamente são sujeitos (des)conectados.

Compreender a dinâmica das interferências dos mecanismos tecnológicos exigiu de nós considerarmos outras questões relacionadas aos modos de organização dos grupos familiares, escolares e sociais, as aberturas e os processos dialógicos que são possibilitados se a comunicação flui fora da presença das TDIC.

Estes mecanismos apenas reforçam o já instituído, trabalhado, de igual modo. Se há distanciamento abissais entre os membros do grupo, a porta entreaberta do acesso às

tecnologias, apenas endossa afastamentos pré-existentes.

Neste ponto, torna-se importante destacar que ‘a culpa’ dos distanciamentos não pode ser aplicada ao uso das TDIC. A ausência de diálogo quando progresso nos relacionamentos, as TDIC é o mecanismo que instiga um pouco mais tal fenda. Assim, os modos como cada família, cada escola ou grupo lidam com o excesso do uso das TDIC pode resultar em processos capazes de elencar novas possibilidades de comunicação e aberturas ou romper de vez as linhas relacionais entre estes e os adolescentes.

O mapa traçado sobre e a partir das linhas relacionais dos adolescentes indica que as TDIC estão muito mais presentes na vida destes sujeitos do que alguns pais, professores ou responsáveis. Apesar da liquidez presente em algumas relações, as amizades virtuais vêm se estabelecendo com importância na vida destes sujeitos. Há um mundo explorado pelos adolescentes a partir das TDIC, ao qual seus responsáveis são parcialmente ou totalmente alheios.

Observamos que na literatura na qual nossa pesquisa se apoiou, há uma exigência reflexiva ou problematização das questões direcionadas às famílias e educadores para abordarem a problemática da super conexão e, conseqüentemente, dependência das TDICs pelos adolescentes, sobretudo, indicadas por profissionais da área da saúde física e mental deste público. No entanto, nosso estudo apontou que não apenas os adolescentes estão sujeitos a tal fenômeno, mas também os adultos, idosos e principalmente crianças muito pequenas, especificamente os que apareceram ligados ao grupo de participantes de nossa pesquisa, ou seja, crianças entre três e oito anos.

Os resultados aos quais chegamos, ao percorrermos as produções literárias acerca da pesquisa empírica, induzem a um lugar fortemente marcado pela influência das TDCI nas relações que os adolescentes vêm estabelecendo na contemporaneidade. O que já vinha sendo demarcado nos últimos anos, estreitou-se com a necessidade de conexão trazida pela pandemia e segue escalando altos índices de conectividade em que se entrelaçam as relações no período pós- pandêmico, de modo a conduzir os adolescentes num jogo de estar-não-estar presentes nos espaços físicos os quais demarcam suas “presenças”. Tal fato vem se manifestando como um “problema” tanto no âmbito familiar, social quanto escolar.

Outro aspecto a ser observado, não menos importante, se encontra nos mecanismos instituídos a partir da organização político-econômica da contemporaneidade, que dita a dinâmicas que interferem na organização da vida moderna e ,de igual modo, acabam por sugerir o consumo de tecnologias, igualmente do uso que se pode fazer destas, no que tange aos relacionamentos.

Assim, a compreensão da complexa organização do todo é uma ação importante para que as relações dos adolescentes fossem analisadas, pois não há como pensar a influência das tecnologias na teia de relações dos adolescentes sem se pensar o tipo de sujeito que os sistemas político-econômicos neoliberais incitam a produzir, a partir do incentivo desenfreado ao consumo. Embora essas mudanças ocorram de diferentes formas entre povos e culturas, estão contextualizadas nos espaços de convivência, esculpidas no tempo, desmontando a sua solidez, corroendo antigos costumes, desenhando outros mapas nas formas de admitir o outro no cerne dos grupos de convivência humana.

Neste feito, constatamos que as TDIC traçam com mais forças linhas outras na dinâmica das teias de relações dos adolescentes participantes, seja pelos processos indutivos das políticas mercadológicas que investem cada vez mais nas TDIC, seja pelas modificações culturais que atravessam os modos dos sujeitos se relacionarem na sociedade contemporânea.

Constatamos, a partir do nosso estudo, que a adolescência e os adolescentes pareceram desafiar boa parte da literatura que vem sendo produzidas sobre eles, corroborando, em parte, que há modos diferentes de ser e experienciar a adolescência a partir das significações de mundos, realidades socioculturais e experiências intersubjetivas de cada sujeito. Neste aspecto, o diálogo com a filosofia da diferença potencializou a ideia de adolescência(s) plurais, devires-a-existir, cujo teor irreverente aliado ao pensamento pós-moderno rebusca sentidos outros, para além do pensamento essencialista, racional.

Essas discussões teórico-filosóficas sobre as adolescências, por sua vez, reverberam na multiplicidade com que os sujeitos adolescentes são apresentados, analisados e interpretados nas produções acadêmicas científicas da atualidade, haja vista que o próprio sentido e significado atribuídos à adolescência nas políticas para as juventudes vão se modificando no binômio espacialidade-temporalidade, pois cada adolescente é um sujeito de seu tempo, seguindo a dinâmica das realidades sócio-históricas, culturais, ideológicas e econômicas presentes.

Quisemos saber como os adolescentes vêm (des)construindo relações a partir da realidade inserida pelas TDIC. Encontramos em nossos participantes, cada vez mais conectados, o que confirma indicações de pesquisas nacionais e internacionais atuais neste campo. Assim, a conexão dos adolescentes participantes está vinculada às novas formas de se relacionarem com seus pares, geralmente pessoas do seu convívio social como colegas de escola, amigos, mas também expandem em seu-ciclo social, no qual passam a ter contatos com amigos virtuais de outros espaços geográficos culturais, apontando, assim, para a difusa hibridéz produzida por este universo.

A conexão adolescente, no entanto, não está apenas relacionada ao âmbito das redes sociais digitais, mas também para fins de aquisição de conhecimento, trabalho, entretenimento, interatividade política, orientações para assuntos relacionados à saúde física e mental.

As respostas dos adolescentes admitem, em parte, o descontrole sobre o tempo de uso dos celulares. E atribuíram a isso o grande número de atividades voltadas aos seus cotidianos que reivindicam o uso dos aparelhos. Em contrapartida, também ressaltaram o descontrole pessoal em relação à administração do próprio tempo.

Para nós ficou perceptível que, através e a partir das TDICs, os adolescentes empreendem a si mesmos, moldam-se e estabelecem formas outras de estabelecer relações, algumas vezes dessemelhantes das estabelecidas nos os contextos midiáticos; outras vezes, atendendo a velocidades e tempos distintos, (des)configurando modelos outros de relacionamentos estendidos em geografias e tempos diferentes. Mediante tal fato, salientamos, no entanto, que a dor codificada em emoções negativas, potências tristes, violências múltiplas em tempos de virtualidades, são igualmente duras, corrosivas e cruéis, espelhando-se à vida real. Assim, o mundo virtual e tudo o que nele resiste vem tornando-se uma extensão do real e não um universo alheio a este.

Concluimos que as relações empreendidas pelos adolescentes a partir das TDIC também parecem se aproximar das construídas no mundo real, pois envolvem uma determinada seletividade de aproximação de acordo com os interesses, mas também, a partir das suas escolhas, possíveis critérios de quem entra ou sai do seu hall de amizades. Tais aspectos se relacionam a processos de tensões que envolvem a complexidade entre a compreensão do público e do privado e os modos como os adolescentes lidam com a preservação das suas privacidades ou estabelecem critérios de autoproteção.

Há, no entanto, lacunas que necessitam ser instigadas no sentido de avançar na compreensão dessas relações e seus processos constitutivos e as significações na vida dos adolescentes.

No que tange à influência das TDIC nas relações familiares é predominante os processos de sobreposição das TDIC sobre os processos dialógicos, engenhando uma determinada superficialidade nos distanciamentos entre os membros que constituem as famílias. No entanto, há evidentes vestígios de que o diálogo e/ou predisposição de posicionamentos de limites do uso destes aparelhos ou regras claras e moderadas no ambiente familiar tende a diminuir os impactos nas relações entre pais, filhos e responsáveis.

É necessário salientar que os aparelhos midiáticos provocam distanciamentos entre os

membros da família, assim como endossam distanciamentos pré-existentes. Os adolescentes parecem perceber as lacunas dos relacionamentos familiares e utilizam os aparelhos como escudos, justificativa e, até mesmo, companhias extrafamiliares. Neste contexto, a ligação aos aparelhos e o mundo nele inserido pode representar uma escolha ou um modo de inserção em outros espaços ou ainda, fuga, manifestação de independência em relação à família, autonomia na direção de construir relações no fora familiar.

Assim, a problemática em torno do celular no seio da família é recorrente e continua atuando numa instância pautada de críticas e negativismos, muito embora conferimos que, em muitas famílias, pouco ou nunca se fala sobre o assunto.

No âmbito escolar, a teia relacional do adolescente se apresenta de modo pouco difuso, visto que o mesmo celular que provoca “distrações” é o que possibilitou situações diversas de aprendizados, o que ficou evidente entre diferentes posturas dos professores que ora impedem, ora facilitam o acesso. O que nos leva a salientar que o campo educacional também parece patinar na questão, promovendo raros diálogos na mediação dos conflitos desencadeados a partir do uso dos celulares. Nesse sentido, nosso estudo aponta para a necessidade de explorar mais os problemas ligados aos relacionamentos mediante a inserção das TDIC nas salas de aula.

A nossa pesquisa nos leva ao lugar de observar e entender a diferença na vida e nas relações que se desenham nas teias relacionais dos adolescentes que se proliferam sob infundáveis fios. Tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a empírica explanam a diferença nas teias de relações firmadas pelas TDIC, o que vêm produzindo experiências singulares de se apreender o outro enquanto pares que se relacionam de modo fluido ou não.

Assim, o verbo que se inscreve nestas últimas linhas não é ‘concluir’ e, sim, dialogar, pois, se os avanços tecnológicos dos últimos tempos vêm impondo às relações mais distanciamentos do que aproximações, talvez esteja na hora do homem reinventar o próprio homem. Nesta busca, talvez seja necessário ao invés de continuar exaustivamente empreendocriações tecnológicas de ponta a perder de vista, não se perde a si e o outro. Na difícil, porém necessária tarefa de desprender-se do imediatismo da vida contemporânea, aprender e ensinar, a partir do seu próprio exemplo, o exercício da escuta, do diálogo, do olhar, e, sobretudo, decifrar compreender que o ato de comunicar pode ser feito por meio de infundáveis formas. Mas, alcançar outro, sem dúvida, é um ação, embora aparentemente simplória, infinitamente maior.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABCMED. **Os adolescentes e o mundo virtual**. 2015. Disponível em: <https://www.abc.med.br/p/saude-da-crianca/804464/os+adolescentes+e+o+mundo+virtual.htm>. Acesso em: 16 out.2022.

ABRAMOVAY, M. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?**. Brasília-DF: Flacso, OEI, MEC, 2015.

ABRAMOVAY, M. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: FLACSO, OEI, MEC, 2012.

ABREU, C. N. *et al.* **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ABREU, C. N.; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. B. **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ABREU, C. N. *et al.* Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v.30, p.156-167, 2008.

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ABREU, R. A. S. “Cabeças digitais”: um motivo para revisões na prática docente. *In*: NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

ADORNO, T. W. **Educação Após Auschwitz**. Educação e emancipação, v.3, p.119-138. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

AGÊNCIA BRASIL. **UFMG mostra aprofundamento de pesquisas na infância**. 2021. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/ufmg-pesquisa-mostra-aprofundamento-de-desigualdades-na-infancia/>. Acesso em: 12 set.2022.

ALMEIDA, R. S. *et al.* Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. **Residência Pediátrica**, n.10, v.2, p.1-4, 2020.

ALVES, M. **Família Plugada: Tecnologia, Pais e Filhos**. São Paulo. 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13295. Acesso em: 15 out.2021.

ALVES, P. A. B. **A dependência da internet: efeitos na saúde**. Coimbra, 2014.

ANDRADE, C. D. **Obra poética**, Volumes 4-6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

ANDRADE, M. *et al.* Um estudo sobre a difusão e o compartilhamento do conhecimento na

cultura acadêmica. *In: Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento: actas del congreso.* p.937-985. Servicio de Publicaciones, 2009.

ARAÚJO, J. D. O.; CALDEIRA, M. R. **Bullying e Cyberbullying: ameaça ao bem-estar físico e mental dos adolescentes.** *AdolesCiência*, v.5, n.1, p.6-11, 2018.

ARAÚJO, L. F. *et al.* Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p.53-61, jul./set.2013.

ARENDT, H. **A crise na educação.** Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.221-247. (*Between past and future*): 1961.

ARIÈS, P. **História Social da Infância e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos.** Tradução de Mário da Gama Kury. 3.ed. Brasília: Universidade de Brasília, c1985,1989.

ARRUDA, H. P. B.; HESSEL, A. M. D. G. Da angústia à felicidade: caminhos tecnológicos de professores na pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, v.5, n.4, edição especial, 2021, p.24-50.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.

BALBONI, M. R. **Por detrás da inclusão digital: Uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à internet no Brasil.** Orientador: Prof.^a Elizabeth Nicolau Saad Correa 2007. 210f. Tese (Doutorado) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, v.25, n.51, p.255-280, 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: 1997, 2016.

BARRETO, M. C. R. Pensando a amizade no mundo virtual. **Educere et Educare**, [S. l.], v.13, n.30. DOI: 10.17648/educare.v13i30.21384, 2018. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/21384>. Acesso em: 22 fev.2022.

BARROS, C. C. A. *et al.* Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, v.2, n.2, p.1-23, 2021.

BARROS, E. C. B. M. *et al.* **O Impacto da Dependência Tecnológica em Crianças e Adolescentes no Processo de Ensino e Aprendizagem Escolar.** Campina Grande: Chefe, 2021.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações.** Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes Limitada, 2017.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. O. **Mal-estar da Pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BAUMAN, Z. Observatório da imprensa entrevista o sociólogo Zygmunt Bauman. Roberto Dines. **TV Brasil**. Duração: 52m.24s. Publicado em: 15 out.2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kM5p8DqgG80>. Acesso em: 8 maio.2022.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, p.224-225, 1994.

BIROLI, F. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BOCK, A. M. B. Adolescência: uma construção social; um olhar crítico sobre o conceito em livros destinados a pais e professores. Relatório de pesquisa de doutorado, **Psicol. Esc. Educ.** v.11, n.1, jun., São Paulo, 2007.

BOCK, A. M. B. Discutindo a concepção de adolescência. **RE-criação**, v.3, n.1,p.57-60, 1998.

BRANDÃO, E. A. **Você tem fome de quê?: movimentos (e) m currículos de uma escola do ensino médio em Ipiaú, Bahia**. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

BRANDÃO, E. A.; DOS SANTOS NETO, A. R. Na era tecnológica, em vias do esquecimento: estudo da atual situação educacional de estudantes de algumas escolas públicas do interior da Bahia, no período da pandemia COVID-19. **Humanidades & Inovação**, v.9, n.5, p.194-206, 2022.

BRASIL NO PISA 2015 – Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. Plano amostral, Brasília, nov.2016. **Fundação Santillana**. São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em: <https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/brasil-no-pisa-2015-analises-e-reflexoes-sobre-o-desempenho-dos-estudantes-brasileiros/>. Acesso em: 23 set.2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Desigualdades sociais por cor e raça no Brasil 2019. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 8 maio.2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf. Acesso em: 23 set.2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília:Ministério da Justiça, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 23 set.2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 13 set.2022.

BRASIL. **Lei nº 10.406**, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 8 maio.2022.

BRASIL. **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 8 maio.2022.

BRASIL. **Lei nº 13.709**, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, [2020].

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Microdados do censo escolar 2010**. Brasília: MEC/INEP, 2010.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da família e dos direitos humanos**. Brasília, DF, 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social PNAS**. Brasília, nov., 2005. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: 17 fev.2020.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **SDH elogia ação da PF de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/sdh/noticias/2014/outubro/sdh-elogia-acao-da-pf-de-enfrentamento-a-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 13 set.2022.

BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. **TIC Domicílios**. 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028->

TIC_dom_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 18 jun.2020.

BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Proteção de Crianças e Adolescentes na Internet**. 2002.

BRASIL. Uso de Internet, televisão e Celular no Brasil. **IBGE Educa.**, nov.2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 13 set.2022.

BREDA, V. C. T. *et al.* Dependência de jogos eletrônicos em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v.16, n.1, p.53-67, 2014.

BRUNO, F. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista Famecos**, p.110-124, 2004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3271>. Acesso em: 12 out.2022.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANÁRIO, R. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CAPPELLOZZA, A.; MORAES, G. H.S.M.; MUNIZ, L. M. **Uso Pessoal das Tecnologias no Trabalho**: Motivadores e Efeitos à Distração Profissional. Rio de Janeiro: RAC, v.21, n.5, art.1, p.605-626, 2017.

CARVALHO J. D. T. Política e Filosofia em Álvaro Vieira Pinto. **Pensando Revista de Filosofia**. v.8, n.15, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5492>. Acesso em: 13 maio.2021.

CARVALHO, L. O. R. *et al.* **Metodologia científica**: teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina-PE: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019.

CARVALHO, M. C. N.; GOMIDE, P. I. C. Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. **Estudos de psicologia**, Campinas, v.22, p.263-275, 2005.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. **A Sociedade em Rede**. v.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATANI, A. M. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. Unesp, 2004.

CAVALCANTE, R. B. *et al.* Inclusão digital e uso de tecnologias da Informação: a saúde do adolescente em foco. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n.22, 3-21, 2017.

CAVENAGHI, S.; ALVES J. E. **Mulheres chefes de família no Brasil**: avanços e desafios. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

CHAPMAN, G. **As cinco linguagens do amor para solteiros**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHRISTIANO, R.; NUNES N. R. A Família na Contemporaneidade: Os Desafios para o Trabalho do Serviço Social. **Em Debate**, 2013.2, n.11, p.32–56.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.57, n.1, p.2-11, 2005.

COLETA, A. S. M. D.; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet. **Psicologia em estudo**, v.13, p.277-285, 2008.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus. *In: Ensino remoto e teletrabalho*. 3.ed. São Paulo: CGI.br, 2020d.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. *In: TIC Domicílios 2019*. São Paulo: CGI.br, 2020a. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 22 dez.2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes no Brasil: *In: TIC Kids On-line Brasil 2019*. São Paulo: CGI.br, 2020b. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211125083634/tic_kids_on-line_2020_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 16 jan.2021.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2019. *In: NIC.br. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br)*. São Paulo: CGI.br, 2020c. Disponível em: <https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nas-escolas-brasileiras-tic-educacao-2019/>. Acesso em: 16 jan.2021.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br)/NIC.br. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br). Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros. *In: TIC Domicílios*, 2016. Disponível: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>. Acesso em: 13 maio.2021.

CONFIAR. Direção: David Schwimmer. Andy Bellin e Robert Festinger. Gênero: Drama. Duração: 1h41m15s. Youtube Filmes, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fkTyyRabWY8>. Acesso em maio 2021.

CORAZZA, S. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do Lav.**, Santa Maria, v.5, n.8, p.1-19, 08 mar.2012.

CORAZZA, S. M. Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. **Araucárias: Revista do Mestrado em Educação da FACIPAL**, Palmas, PR, v.1, n.1, p.7-16, 2002.

COSTA, A. Fragmentos. *In: Heráclito: Fragmentos Contextualizados*. Petrópolis Vozes, 1993.

COSTA, B. Paulo Freire: educador-pensador da libertação. **Pro-Posições**. v.27, n.1, v.79, p.93-110, jan./abr.2016.

COSTA, C. S.; MATTOS, F. R. P. **Tecnologia na sala de aula em relatos de professores**. Curitiba: CRV, 2016.

COSTA, L. C. R. *et al.* Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v.25, 2021.

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. Pulsional. **Revista de psicanálise**, p 13-19, ano XVII, n.181, mar.2005.

COVID-19. **Revista Humanidades & Inovações**. v.9 n.5, 2022, p.194-206. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/149>. Acesso em: 23 out.2022.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de Métodos Mistos: Série Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

CRISTO, H. S. **Entre a rua e a rede: percepções juvenis sobre as fakes news em seus processos de formação e participação políticas**. 2022. 231f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2022.

CRISTO, H. S. *et al.* Juventudes, formação política e fake news: vida ou morte da participação sociopolítica? **Research, Society and Development**, v.9, n.11, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10305>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347244461_Juventudes_formacao_politica_e_fake_news_vida_ou_morte_da_participacao_sociopolitica. Acesso em: 25 out.2022.

CRUZ, N.M. L. V. *et al.* Apoio psicossocial em tempos de COVID-19: experiências de novas estratégias de gestão e ajuda mútua no sul da Bahia, Brasil. **APS em Saúde**, v.2, n.2, p.97-105, 2020.

D'AMBROSIO, U. Tendências e Perspectivas Historiográficas e Novos Desafios na História da Matemática e na Educação Matemática. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v.14, n.3, p.336-347, 2012.

DECROLY, J. O. **Problemas de psicologia y de pedagogia**. Madri: Francisco Beltrán, 1929.

DELEUZE, G. **Conversações**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi. 2.ed., Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Espinosa, filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. 4.ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradutora: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE; G. **Mil Platôs**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

DEMO, P. **Professor/conhecimento**. Brasília: UNB, 2001.

DESLANDES, F. S.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da Covid-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25, Supl. 1, p.2479-2486, 2020.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DIAS, V. C. *et al.* “Adolescentes na rede: riscos ou ritos de passagem?”. **Psicologia: Ciência e Profissão** 39, 2019.

DUARTE, C. R. Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos – Um desafio para formadores brasileiros de Comunidade de Aprendizagem. **Atuações educativas de Êxito**, p.73-111, 2015. Versão *on-line*. Disponível em: <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/438/a610d2bcb93dc7074ebac8c651e73ffb>. Acesso em: 21 jun.2021.

DUARTE, G. M. Impactos psicológicos e sociais da divulgação de imagens íntimas na adolescência: um estudo de casos múltiplos. **Repositório Institucional UFSCar**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16055?show=full>. Acesso em: 14 jan.2022.

DUNKER, C. Cresce Preocupação com o Uso Exagerado de Celulares. **Jornal da USP**. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/cresce-preocupacao-com-o-uso-exagerado-de-celulares/>. Acesso em: 14 ago.2021.

DUTRA, A. Das relações e da amizade a partir de Spinoza. **Letra & Filosofia**, 2017. On line. Disponível em <https://letrafilosofia.com.br/relacoes-e-amizade-entre-os-homens-spinoza>. Acesso em: 18 jun.2021.

EISENSTEIN, E.; SILVA, E. J. Crianças, adolescentes e o uso intensivo das tecnologias de

informação e comunicação: desafios para a saúde. *In: Comitê Gestor da Internetno Brasil. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. TIC Kids On-line Brasil 2015.* São Paulo: Cetic.br, 2016.

EISENTEIN, E. Crescimento biopsicossocial virtual. *In: ABREU, C. N., EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. B. (orgs.). Vivendo esse mundo digital.* Porto Alegre: Artmed, p.214-219, 2013.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESPINOSA, B. **Espinosa.** 2.ed. São Paulo: Abril, 1983. (Col. Os Pensadores).

FELCZAK, E. F. A modernidade líquida e a vida humana transformada em objeto de consumo. **Vida Pastoral, Paulus.** Publicado em mar./abr.2015, ano 56, n.302. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/a-modernidade-liquida-e-a-vida-humana-transformada-em-objeto-de-consumo/>. Acesso em: 22 abr.2022.

FERNANDES, F. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FERREIRA FILHO, E. P. *et al.* Redes Sociais Digitais: uma Nova Configuração no Estilo de Vida da Contemporaneidade. **IX SEVeT 2012.** Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/26116207.pdf>. Acesso em: 17jan.2022.

FERREIRA, F. I.; VILARINIO, L. R. **Territórios Digitais: Dilemas e Reflexões Sobre Práticas de Adolescentes Na Cibercultura.** *Interações.* 26, p.191-214, 2013.

FERREIRA, M.; NELAS, P. B. Adolescências... Adolescentes... **Millenium on-line** – Revista do Instituto Politécnico de Viseu, nº 32, fev., 2006.

FIGUEIRA, H. *et al.* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa,** 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGOSO, T. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais Pelotas,** ano 1, n.1, p.109-124, mar.2011.

FRANCO, J. R.; BORGES, P. M. Educação em tempos de bolhas *on-line*: uma abordagem peirceana. **Dialogia,** n.27, p.53-64, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FRITZ, J. Paredes da sala de aula que falam: usando dados de atividades de cursos on-line de alunos bem-sucedidos para aumentar a autoconsciência de colegas com baixo desempenho. **A Internet e o Ensino Superior**, v.14, n.2, p.89-97, 2011.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**. [on-line]. 2007, v.7, n.1. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013. Acesso em: 16 jan.2022.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Recursos de TIC para Alunos -Tecnologia da Informação e Comunicação**. Brasília: Educação, 2021. Disponível em: <https://alunos.tic.fgv.br/>. Acesso em: 20 jan.2022.

GADOTTI, M. **Informação, conhecimento e sociedade em rede: que potencialidades?** São Paulo: Livraria Instituto Paulo Freire, 2004.

GALLO, S. Currículo (entre) imagens e saberes. *In: Congresso Internacional de Educação*. 2007.

GALLO, S. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. p.1-16, 2008. Versão *on line*. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso em: 13 jun.2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS Plageder, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GLOBAL VIEWS ON CYBERBULLYING. Global awareness of cyberbullying is increasing, however 1 in 4 adults globally have still never heard of it. **Ipsos.Digital platform**, 27 jun.2018. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en/global-views-cyberbullying>. Acesso em: 18 out.2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v.35, p.20-29, 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. São Paulo: Record, 2000.

GOMES, J. F. A tecnologia na sala de aula. Novas tecnologias e educação... **Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, p.17-44, 2014.

GONÇALVES, B. G; NUERNBERG, D. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. **Revista de Ciências Humanas**, v.46, n.1, p.165-182, 2012.

GRONDIN, J. **Introdução à Hermenêutica Filosófica**. Rio Grande do Sul: Unisinos. 1999.

GUARESCHI, P. A. Ética e relações sociais entre o existente e o possível. **Relações sociais e ética**, p.6-11, 2008.

GUEDES, M. S. Os impactos do efeito bolha causado pelos algoritmos do Facebook para o direito de resposta. **Boletim Científico ESMPU**, v.16, n.50, p.67-85, 2017.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4.ed. Petrópolis:Vozes, 1995.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução de... v.2. edições Loyola, 1992.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2009. HEIDEGGER, M. **Coleção os Pensadores**, SP, Abril Cultural, 1983.

HERÁCLITO, F. **Os Pensadores Originários**. Tradução de Emanuel C. L. e Sérgio W. Petrópolis: Vozes, 1993.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. 21.ed. São Paulo: Globo, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal PNAD contínua 2018: análise dos resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads>. Acesso em: 06 jul.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Famílias e Domicílios: Resultado de Amostras 2010. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 ago.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua TIC 2018**: Internet chega a 79, 1% dos domicílios do país.2021.

ISMAIL, I.; BOKHARE, S. F.; AZIZAN; S. N.; AZMAN, N. Teaching via mobile phone: a case study on Malaysian teachers' technology acceptance and readiness. **Journal of Educators On-line**, [Dothan], v.10, n.1, p.1-38, jan.2013.

KALINKE, M. A. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar**: Revista de debates mandato, v.5, n.6, p.44-55, 2007.

LANIER, J. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEMOS, A. **A crítica da crítica essencialista da cibercultura**. v.9, n.1, p.29-51. São Paulo: Matrizes, 2015.

LEMOS, A. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? **Revista Contemporânea**, v.2,n.2 p.9-22, dez.2004.

LEMOS, A. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY–STRAUSS, C. "A família". In: SPIRO, M. *et al.*: **A família**: origem e evolução. p.7-45. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

LÉVY–STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**, v.II. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998a.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu Costa. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, P. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. **Revista Famecos**, v.7, n.13, p.59-67, 2000.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2007.

LÉVY, P. O que é o virtual?. **Fronteiras do Pensamento**. Duração: 2m54s. Publicado em: 28 maio.2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U>. Acesso em 14 jul.2021.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIBÂNEO, J. C. Didática: teoria da instrução e do ensino. *In: Didática.* São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA, A. V.; FREITAS, E. D. A. A pandemia e os impactos na economia brasileira. **Boletim Economia Empírica**, v.1, n.4, 2020.

LIMA, M., (2016). Concepções de amizade reais ou virtuais dos jogadores de mmos. **Revista de Psicologia GEPÚ**, v.8, n.1, p.139-153, 2016.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. **Revista IGT na Rede**, v.6, n.10, 2009, p.2-13. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526. Acesso em: 14 jul.2021.

LISBOA, A. S. Almedina. Famílias e Redes Sociais Ligações fortes na produção de bem-estar" de Sílvia Portuga Lisboa. **Centro de Estudos Sociais.** Universidade de Coimbra, 2014.

LOBOS, J. Tecnologia e estrutura organizacional: formulação de hipóteses parapesquisa comparativa. **Revista de Administração de Empresas.** v.16, p.7-16, 1976.

LOPES, N. M. **O jogo “baleia azul”:** representações sociais do suicídio de jovens de Minas Gerais na mídia *on-line*. 2018. 91f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica.** Etnopesquisa-formação. Brasília: Liber-Livro, 2006.

MACHADO, M. S. *et al.* O impacto emocional imposto pela ditadura da beleza: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v.34, p.e8705-e8705, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354109257_O_impacto_emocional_imposto_pela_ditadura_da_beleza_uma_revisao_narrativa. Acesso em: 14 jul.2022.

MÃE, V. H. **O filho de mil homens.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. *In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (orgs.). Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial.* Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARRA, F. B. Desafios do direito na era da internet: uma breve análisesobre os crimes cibernéticos. **Journal of Law and Sustainable Development**, v.7, n.2, p.145-167, 2019.

MEDINA FILHO, A. L. **Importância das Imagens Metodologia de Pesquisa em Psicologia Social.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

MELO, D. G. *et al.* **Dependência Tecnológica: A Doença da Contemporaneidade no Contexto Familiar.** 2018.

- MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.30, p.e300402, 2020.
- MINAYO, C. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **RAE**, v.35, n.3, mai./jun.1995.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio de Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MIOTO, R. C. T. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade**. n.55, p.114-129. São Paulo: Cortez, 1997.
- MIRANDA, L. S. *et al.* Educação Inclusiva Digital em Época de Pandemia: Um Relato de Experiência de Alunos da Zona Rural. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v.2, p.89-99, 2021.
- MORALES, A. P. Bolhas de proteção: fim da pandemia de COVID-19? **Boletim P&D**, v.3, n.7, p.27-31, 2020.
- MORAN, J. M. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da informação**, v.26, p.146-153, 1997.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas SP: Papyrus,2000.
- MOREIRA, A. F.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.** v.28, n.100, out.2007.
- MOREIRA, L. V.C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. **Adolescentes & Adolescências**. Curitiba: CVR, 2018.
- MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- MORIN, E. **Sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v.97, p.356-371, 2016.
- NASCIMENTO, P. M. *et al.* **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 23 dez.2020.
- NEDER, G. Ajustando o Foco das Lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. *In*: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família brasileira: a base de tudo**. 2.ed., p.26-46.

São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

NEJM, R. Minha privacidade, nossas regras: estratégias sociais de manejo da privacidade entre adolescentes. CGI.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. **TIC Kids On-line Brasil**, 2015.

NETO, A. S. *et al.* **Relações Dinâmicas Intrafamiliares**. Curitiba: CRV, 2020.

NETO, J. *et al.* As novas caras dos rearranjos familiares brasileiros. **Revista RETRATOS, a revista do IBGE**. Produtor IBGE; CCS, n.6, p.2/28. Rio de Janeiro, dez.2017.

NEUMANN, D. M. C.; MISSEL, R. J. Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. **Pensando famílias**, v.23, n.2, p.75-91, 2019.

NEVES, C. O humano na encruzilhada entre o virtual e o real. **TDx Savassi**. Publicado em 11 set.2018. Duração: 15m.66s. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=tLd6bQNxd8s>. Acesso em: 12 jun.2021.

NEVES, M. S.; SOARES, A.C. N. Precarização do Trabalho no Brasil e os Seus Rebatimentos no Cenário familiar as Marcas Históricas da Violência. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v.18, n.1, p.136-153, 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Impactos psicológicos do uso de celulares: umapesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.20, p.165- 174, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: uma nova plataforma de vida. *In: Cabeças digitais: O cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede: os impactos íntimos da internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Quem disse que é proibido ter prazer *on-line*: identificando positivo no quadro de mudanças atual. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, DF, v.22, n.2, p.12-21, 2002c.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, A. Jornada Pedagógica da Rede Estadual da Bahia. Palestra. **Educação Bahia**. Duração: 1h28m.40s. Publicado em: 04 fev.2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=nzu7D-gCpR0>. Acesso em: 24 fev.2022.

NÓVOA, A. Jornada de Planejamento e Formação Pedagógica 2022. **Escola de Formação Paulo Freire**. SEC-BA. Duração: 1h28m.40s. Publicado em: 2 fev.2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IDO2AQdw8oA>. Acesso em: 24 fev.2022.

OBSERVATÓRIO Terceiro Setor. ONG. **Observatório Terceiro Setor no Brasil**. São Paulo, maio.2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/>. Acesso em 22 set.2021.

OECD, PISA. 2015. **Results** (Volume III): Students' Well Being, PISA, OECD Publishing, Paris, 2017.

OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. **Educar em Revista**, p.283-298, 2017a.

OLIVEIRA, I. A. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento-Revista de educação**, n.7, p.228-253, 2017b.

OLIVEIRA, J. A. M. ; SOUZA, D. Uso de tecnologias digitais por crianças e adolescentes: potenciais ameaças em seus inter-relacionamentos. **Gestão e Tecnologia: Reflexões e Práticas**, 2016. Disponível em:
https://www.poisson.com.br/livros/individuais/gestao_tecnologia/Gestao_Tecnologia.pdf#page=81 . Acesso em: 20 out.2022.

OLIVEIRA, P. M. C.; BARBOSA, L. N. V.; MOTA FILHO, J. H. C. Consequências da Pandemia da Covid-19 na Saúde Mental, Qualidade de Vida e Atividade Física De Adolescentes: Revisão Integrativa. **Revista CPAQV– Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**. v.14, n.1, p.2, 2022.

OLIVEIRA, R. M. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia & Sociedade**, v.17, p.56-60, 2005.

OLIVEIRA, R. S *et al.* **O direito à privacidade na internet: desafios para a proteção da vida privada e o direito ao esquecimento**-10.12818/p.0304-2340.2017 v70p561. Revistada faculdade de direito da UFMG, n.70, p.561-594, 2017c.

OLIVEIRA, T. C. S. C. **O uso do celular na sala de aula: o que pensa os docentes do ensino fundamental**. Orientadora: Ms. Maria Luciene Ferreira de Lima. 2017. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Pedagogia) - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

ONGORATTO, S. Mãe apaga redes sociais da filha de 14 anos com quase 2 milhões de seguidores: “Proteger a futura saúde mental”. **Revista Digital Crescer - G1**. 20 jul.2021. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/07/mae-apaga-redes-sociais-da-filha-de-14-anos-com-quase-2-milhoes-de-seguidores-proteger-futura-saude-mental.html>. Acesso em: 22 set.2021.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL (OAB). Goiás/Goiania, 2021. Disponível em: <https://www.oabgo.org.br/oab/servicos/>. Acesso em: 18 mar.2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial Covid-19**. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/pt/news/item/17-03-2021-who-statement-on-astrazeneca-covid-19-vaccine-safety-signals>. Acesso em: 17 set.2020.

OSÓRIO, L. C. Novos rumos da família na contemporaneidade. *In*: OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de terapia familiar: Volume II** (pp.19). Porto Alegre: Artmed, 2011.

OUTHWAIT, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Social do Séc. XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAIVA, A. R. **Juventude, cultura cívica e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

PAIVA, J. E. M. Um estudo acerca do conceito de tecnologia. **Educação & Tecnologia**, v.4, n.1/2, 1999.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Penso, 2011.

PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de pesquisa**, v.40, p.587-604,2010.

PARRY, S. A família brasileira diante de transformações no cenário histórico global. **Revista Antropológicas**, ano 9, v.16, n.1, p.217-242, 2005.

PEREIRA, M. **Estética da professoralidade**: um estudo sobre a formação do professor. Santa Maria: UFSM, 2013.

PEREIRA, M. V. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-posições**, v.23, p.183-198, 2012.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**: convite à viagem. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRENOUD, P. **A Prática Reflexiva no Ofício do Professor**: Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre : Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. **Aprender a Negociar a Mudança em Educação**. Novas estratégias de inovação. Curitiba: Melo, 2010.

PERROT, M. O nó e o ninho. **Revista Veja 25 anos**: reflexões para o futuro. São Paulo, p.75-81, abril.1993.

PETRY, L. C. **O conceito de novas tecnologias e a hipermídia como uma nova forma de pensamento**. p.110-116, 2006. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/854/1/cibertxt1_110-125_petry.pdf. Acesso em: 22 maio.2022.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PITTY, L. **Admirável chip novo**. v.12, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aXJ_Ub1xbhw. Acesso em: 14 out.2021.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. Tradução de Ana Thorell. 5.ed. Porto Alegre, 2004.

PONTE, C. Kids *On-line* na Europa e no Brasil. Desafios para a pesquisa comparada sobre as práticas de crianças e adolescentes na Internet. **Comunicação Mídia e Consumo**, v.9, n.25, p.13-42, 2012.

PORTO, C.; SANTOS, E. O. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PPALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zigmunt Bauman. Tempo social. **Revista da**

USP, São Paulo, v.16, n.1, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100015>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12427>. Acesso em: 12 dez.2022.

PRADO, M. E. B. B.; ROCHA, A. K. O. Formação continuada do professor no contexto da programação computacional. *In*: VALENTE, J. A.; FREIRE, F. M. P.; ARANTES, F. L. (orgs.). **Tecnologia e educação**: passado, presente e o que está por vir. Campinas: NIED/UNICAMP, 2018.

PRETTO, N. L.; BONILLA, M. H. S.; SENA, I. P.F. S. **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

PRIOSTE, C. D.; AMARAL, M. G. T. do. As fantasias virtuais das meninas e as vulnerabilidades na adolescência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.10, n.esp2, p.1673-1686, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v10i6.8343. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8343>. Acesso em: 8 set.2022.

RABINOVICH, E. P.; CARVALHO, A. M.; MOREIRA, L. V. C. Compartilhamento do cuidado parental. *In*: DESSEN, M. A. (org.). **Família no curso de vida**: compreendendo a família e seus desafios na contemporaneidade. Curitiba: Juruá, 2019.

RAMAL, A.C. "Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional." *In*: SILVA, M. (org.). **Educação On-line**: Teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, p.183-198, 2003.

RAMAL, A.C. **Ler e escrever na cultura digital**. Porto Alegre: Revista Pátio, ano, v.4, p.21-24, 2000.

RAMONET, I. **Geopolítica do Caos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RAMOS, F. Amizades reais, amizades virtuais. **Revista Coletânea**, v.19, n.37, 2020.

REGO, K.; MAIA, J. Ansiedade em adolescentes no contexto da pandemia por COVID-19. **Research, Society and Development**, v.10, n.6, e39010615930, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15930>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15930>. Acesso em: 15 nov.2021.

RIBEIRO, C. G. Representações Sociais do Casamento. Um Estudo Integracional. **XI Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidades**. Centro Universitário de João pessoa, 2015.

ROCCHIGIANI, J. Analfabetismo Digital na Era da Informação. **Artigonal**, 2020. Disponível em: <https://artigonal.com.br/2020/06/03/analfabetismo-digital-na-era-da-informacao/>. Acesso em: 12 jul.2020.

RODRIGUES, L. O. "Relacionamento Virtual". **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/relacionamento-virtual.htm>. Acesso em: 23 out.2022.

ROSA, G. A. *et al.* Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Psicologia USP**, v.27, p.263-272, 2016.

ROUDINESCO, E. A família em desordem (palestra). Instituto S. Sapiens., **Departamento de Psicanálise**, Londrina, 8 ago.2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HBlnPObnHyk>. Acesso em: 20 maio.2021.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALES, S. S. *et al.* “Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental”. **Research, Society and Development** **10.9**, 2021.

SÁNCHEZ MORA, A. M. **A divulgação da ciência como literatura**. Rio de Janeiro:Casa da Ciência, UFRJ, 2003.

SANCHO, J. M.; HERNANDEZ, F. *et al.* (org.). **Tecnologias para Transformar a Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTANA, A. L. Prometeu. **Info Escola Navegando e Aprendendo**, 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/prometeu/>. Acesso em: 15 maio.2022.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2.ed. rev. São Paulo: Cortez. 2002.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v.15, p.11-28, 2004.

SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. *In*: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A.C. T. (org.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira** (p.131-150). São Paulo: Loyola, 1995.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 10.ed., Campinas, SP: Autores associados, 2008.

SHARIFF, S. **Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Â. Educação e Tecnologia: Entre o Discurso e a Prática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.19, n.72, p.527-554, jul./set.2011.

SILVA, C. S. *et al.* Privacidade para crianças e adolescentes em redes sociais *on-line* sob a lente da usabilidade: Um estudo de caso no facebook. *In*: **Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos**. SBC, 2016. p.1245-1259.

SILVA, G. C. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto n.94, p.839-857. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 94, 2013.

SILVA, I. R. *et al.* Relacionamentos familiares no discurso de adolescentes escolares: Contribuições para a enfermagem. **Ciênc. C. Saúde**, v.11, n.1, P.121-128, 2012.

SILVA, J. C. T. Tecnologia: novas abordagens, conceitos, dimensões e gestão. **Production**, v.13, p.50-63, 2003.

SOARES, A. B.; MARTINS, J. S. R. Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v.20, p.57-62, 2010.

SOARES, L. V.; COLARES, M. L. I. S. Educação e tecnologias em tempos de pandemia no Brasil. **Debates em Educação**, [S. l.], v.12, n.28, p.19-41, 2020.

SOARES, S. S. D.; CÂMARA, G. C. V. Tecnologia e Subjetividade: Impactos do uso do Celular no Cotidiano de adolescentes. **Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v.1, n.2, p.204 - 223, 1 dez. 2016.

SOARES, S. S. D.; STENGEL, M. Entre as amizades perfeitas e virtuais, o sujeito adolescente. **Tempo psicanalítico**, v.51, n.2, p.195-223, 2019.

SOUZA, W. “**Bolhas sociais**”: uma crítica ao conceito vulgarizado. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://acervocriticobr.blogspot.com/2017/03/bolhas-sociais-critica.html>. Acesso em: 23 jun.2021.

SPINOZA, B. A Ética, *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1979.

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n.55, p.9-25. São Paulo: Cortez, 2002.

TAPSCOTT, Don. **Grown up digital**. Boston: McGraw-Hill Education, 2008.

TORRES, C. **A bíblia do marketing digital**. São Paulo: Novatec, 2009.

TOCANTINS, G. M. O.; WIGGERS, I. D. Infância e mídias digitais: histórias de crianças e adolescentes sobre seus cotidianos. **Cadernos CEDES**, v.41, p.76-83, 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

ULJASZEK, S. J.; JOHNSTON, F. E.; PREECE, M. A. **The Cambridge Encyclopedia of Human Growth and Development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

VALENTE, J. A. Por que o computador na Educação? *In: VALENTE, J. A. (org.). Computadores e conhecimento: Repensando a educação*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista brasileira de epidemiologia**, v.23, 2020.

WELLE, D. Parlamento francês aprova proibição dos celulares em escolas na França. **G1.com**. 31 jul.2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/31/parlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml>. Acesso em: 18 out.2021.

WINOCUR, R. Conflitos e diferenças geracionais no uso das tecnologias digitais. **Desidades**. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.18-24, mar.2014.

WOLTON, D. **Internet, e depois?:** uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

YOSHIKUNI, A, C., ALBERTIN, L. A. The impact of use of Information Systems and Competitive Strategy on Brazilian Companies Performance. **Decision Science Institute Annual**. Meeting 2013, Baltimore, nov.16-19, 2013.

ZOURABICHVILI, F. **Qu'est-ce qu'un devenir, pour Gilles Deleuze?** Conférence prononcée à Horlieu (Lyon) le 27 mars 1997. Disponível em: horlieu-editions.com/brochures/zourabichvili-qu-est-ce-qu-un-devenir-pour-gilles-deleuze.pdf. Acesso em: 21 out.2023.

ZUIN, V. G.; ZUIN, A. Á. S. Professores, tecnologias digitais e a distraçãoconcentrada. **Educar em revista**, p.213-228, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) seu (a) filho (a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário/a, de uma pesquisa intitulada: O ADOLESCENTE (DES) CONECTADO EM TEIAS DE RELAÇÕES, que será desenvolvida pela pesquisadora, Elenilda Alves Brandão, aluna do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como o adolescente vem construindo relações a partir da realidade ocupada pelas TDIC, especialmente a partir do uso do celular e smartphones. A participação do (a) seu/sua filho (a) no estudo consiste em responder questões elaboradas pela pesquisadora na forma de entrevista. O roteiro de entrevista inclui questões relacionadas às formas como os adolescentes vêm construindo suas relações a partir do uso das TICs pela família e terá duração aproximada de 40 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o (a) seu/sua filho/filha poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o (a) senhor (a) ou para a criança (Res. CNS/M 510/2016 S). Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o (a) seu/sua filho (a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo para ele (a) ou sua família.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação do (a) seu/sua filho (a) será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo (a) seu/sua filho (a), as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- A participação do (a) seu/sua filho (a) não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o (a) senhor (a) será ressarcido(a).
- O estudo apresenta benefícios, conforme o CNS RES .510/2016, e desta forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo (a) a refletir sobre a influência das tecnologias no seu modo de estabelecer relações com as pessoas próximas, além de esclarecer tal fenômeno para a comunidade acadêmica, pais e professores e pesquisadores.
- Há o risco de constrangimento em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdo da vida pessoal do (a) adolescente. Caso isso ocorra, o (a) senhor (a) receberá orientações para encaminhar o seu filho (a) para apoio psicológico com a Dra. Jéssica S. Bacelar Dias, centro de Ipiaú-BA, telefone para contato (73) 9 88391701.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o (a) senhor (a) e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone: – Telefone: (73) 981920722

Para esclarecimentos éticos, caso necessário, poderá manter contato com **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – CEP/UCSal Atendimento: Segunda à sexta: 8h às 12h e das 13 às 17h.** Endereço: Av. Cardeal da Silva, nº. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902 Tel: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente – de caráter consultivo, deliberativo e educativo - , criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento de pesquisas atendendo a padrões éticos.

Eu, _____ autorizo, voluntariamente, que meu/minha filho/a participe deste estudo, estando ciente de que ele/a está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____/_____/_____

Assinatura do responsável pelo participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, meu nome é Elenilda Alves Brandão e estou lhe convidando para participar da pesquisa que venho desenvolvendo para escrita do meu doutorado pela Universidade Católica do Salvador e que tem como tema “O Adolescente (Des) conectado em Teia de Relações”. Irei te esclarecer direitinho sobre a sua participação, mas se ainda ficar alguma dúvida pode me conectar pelo whatsapp (73) 988391701. Ok?

- Vamos conversar mais ou menos 40 minutos, mas você pode interromper a qualquer momento, se desejar.
- Vou lhe fazer algumas perguntas e você ficará livre para responder.
- Nossa conversa será gravada, mas ninguém saberá seu nome, nem dos seus pais, nem nenhuma informação que possa identificar você, pois a pesquisa é mantida em segredo.
- Se você não quiser responder alguma pergunta, pode pedir para pular sem problema algum.
- Para participar da pesquisa, você e seus pais não pagarão e nem receberão nenhum valor.
- Se você sentir vergonha de responder alguma pergunta e isso lhe fizer algum mal, estaremos à disposição para ajudá-lo/la. É só pedir aos seus pais ou responsáveis para liguem para mim nos telefones abaixo.
- Essa pesquisa é importante para que você e sua família possam pensar com as novas tecnologias vem influenciando as suas relações na família, na escola e com as pessoas do seu convívio.
- Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Meus dados estão logo abaixo.
- Sua participação é muito importante para ajudar as pessoas entenderem melhor a influência das TICs nas relações que os adolescentes estabelecem.
- Pode ser que você apresente alguma emoção não muito legal ao responder algumas das perguntas, se isso acontecer e você sentir necessidade de conversar com alguém, é só me avisar pelo celular (73) 988391701 que lhe encaminharei para apoio psicológico com Dra Jéssica S. Bacelar Dias, aqui mesmo em Ipiaú.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra
- comigo.
- Se você ainda tem alguma dúvida sobre a sua participação é só me contactar pelo celular (73) 988391701.

Se está de acordo com o que leu e entendeu tudo direitinho, assine abaixo:

Eu _____ aceito participar da pesquisa O ADOLESCENTE (DES) CONECTADO EM TEIAS DE RELAÇÕES. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e pediu autorização aos meus pais para que eu participe da pesquisa.

Recebi uma via deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de _____.

Assinatura do menor: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA A SER APLICADO COM ADOLESCENTES

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome _____, idade _____,
 sexo _____, escolaridade _____.

1. Qual tipo de TDIC mais utiliza? E Quanto tempo diário você as utiliza diariamente?
2. Em sua escola já houve desentendimentos ou discussões entre seus colegas e professores por conta do uso do celular? Se ocorreu, poderia contar como ocorreu?
3. Marque abaixo apenas as alternativas que você concorda:
 - () O celular prejudica a concentração dos estudantes
 - () Os conflitos e desentendimentos entre estudantes e professores por causa do uso do celular prejudicam as relações em sala de aula e causam um mal-estar.
 - () Muitos estudantes usam o celular em classe para distração e não para estudar.
 - () Os celulares deveriam ser liberados em sala de aula
 - () Os celulares deveriam ser proibidos em sala de aula
4. Você já sofreu alguma forma de violência (assédio, ataques, ameaça, xingamentos, etc, por meio do celular? Poderia esclarecer melhor?
5. Com que frequência você utiliza celular em sua casa? E para quais atividades o utiliza?
6. Já houve algum problema relacionado ao uso do celular com alguns dos seus familiares? Poderia contar como aconteceu?
7. O celular colabora ou atrapalha a relação entre você e seus familiares?
8. Você costuma fazer atividades onde não se utiliza celular? Como por exemplo, ler, conversar, brincar, praticar esportes, trabalhos manuais, tarefas domésticas, cuidar de plantas, animais domésticos etc.
9. Você acredita que o celular te afasta ou aproxima das pessoas? Porque?
10. Você consegue imaginar a sua vida sem o seu celular?
11. Já começou um relacionamento mais próximo (amizade ou namoro) com alguém virtualmente? Como foi?
12. Você já brigou ou rompeu com alguém virtualmente? Como você descreve essa experiência?
13. Na sua opinião, como seria fazer uso inteligente do celular? Você consegue fazer um uso inteligente do seu celular? Por quê?

14. Fale um pouco sobre a imagem abaixo:



15. Você sente falta de aproximações mais reais com as pessoas (amigos, familiares, professores)?

16. Com o período da pandemia você passou a utilizar ainda mais o celular? No que isso tem te ajudado?

Gostaria de falar algo mais sobre o assunto?

Ipiaú, 23 / 08 / 2021.

Assinatura:

Elenilda Alves Brandão